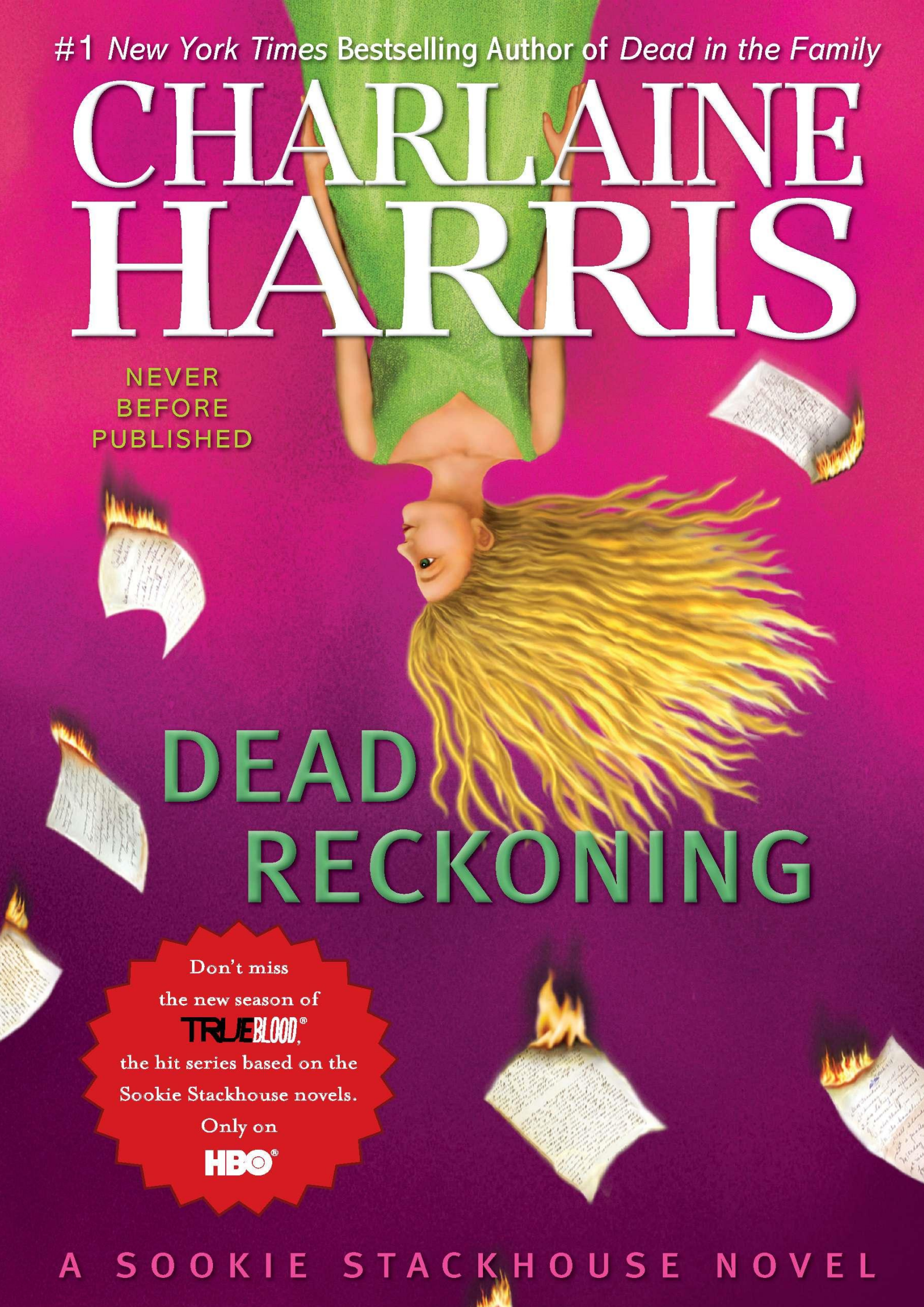


#1 New York Times Bestselling Author of *Dead in the Family*

CHARLAINE HARRIS



NEVER
BEFORE
PUBLISHED

DEAD RECKONING

Don't miss
the new season of
TRUEBLOOD®,
the hit series based on the
Sookie Stackhouse novels.

Only on
HBO®

A SOOKIE STACKHOUSE NOVEL



DEAD RECKONING

A SOOKIE STACKHOUSE NOVEL

CHARLAINE HARRIS



Sinopse

Com seu talento para se meter em problemas, Sookie testemunha um ataque criminoso ao Merlotte's, o bar onde trabalha. Desde que veio à tona que Sam Merlotte é um metamorfo, a suspeita recai imediatamente sobre os anti-shifters da área. Mas Sookie tem outros suspeitos, e ela e Sam trabalham juntos para descobrir o culpado – e o real motivo do ataque.

Porém, sua atenção está dividida. Apesar de não “ler” vampiros, Sookie conhece muito bem o seu namorado Eric Northman e sua child Pam — e percebe que eles estão conspirando para matar o vampiro que agora é seu mestre. Aos poucos ela é atraída para o plano — e é bem mais complicado do que ela imagina. Pega na política do mundo dos vampiros, Sookie irá aprender que ela é um peão tanto quanto um ser humano comum — e tem uma nova Rainha no tabuleiro...



Capítulo Um

O SÓTÃO VINHA SIDO MANTIDO FECHADO desde o dia depois que minha avó morreu. Eu tinha encontrado sua chave e o abri naquele dia terrível para procurar pelo seu vestido de casamento, com a ideia maluca de que ela devia ser enterrada com ele. Eu dei um passo para dentro e na mesma hora virei e sai repentinamente, deixando a porta destrancada atrás de mim.

Agora, dois anos depois, eu empurrei aquela porta novamente. As dobradiças rangeram de forma ameaçadora, igual como se fosse meia-noite de Halloween, em vez de uma manhã de quarta-feira ensolarada nos últimos dias de maio. As largas tábuas do assoalho protestaram sob meus pés quando eu pisei sobre a soleira da porta. Havia formas escuras em todo meu redor, e um ligeiro cheiro de mofo — o cheiro de coisas velhas há muito esquecidas.

Quando o segundo andar foi adicionado à casa original dos Stackhouses décadas atrás, o novo andar foi dividido em quartos, mas possivelmente um terço dele tenha sido relegado a espaço de depósito depois que a grossa geração de Stackhouses foi desbastada. Desde então que Jason e eu viemos morar com meus avôs depois que nossos pais morreram, a porta do sótão tinha sido mantida trancada. Vovó não pretendia limpá-lo depois que decidimos que o sótão seria um ótimo lugar para brincar.

Agora eu sou a dona da casa, e a chave estava em uma fita em volta do meu pescoço. Havia apenas três descendentes dos Stackhouses — Jason, eu e o filho da minha falecida prima Hadley, um garotinho chamado Hunter.

Eu balancei minha mão na penumbra melancólica para encontrar a corrente pendurada, agarrei-a e puxei. Uma lâmpada de teto iluminou décadas de objetos descartados pela família.

Meu primo Claude e meu tio-avô Dermot entraram atrás de mim. Dermot expirou tão alto que foi quase um resfôlego. Claude parecia desgostoso. Eu tinha certeza que ele estava lamentando sua oferta para me ajudar a limpar o sótão. Mas eu não ia deixar meu primo sair dessa, não quando havia outro homem em boa forma física disponível para ajudar. Por ora, Dermot ia aonde Claude ia, então eu tinha dois pelo preço de um. Eu não podia prever quanto tempo a situação se manteria. Eu repentinamente percebi que naquela manhã logo ficaria muito quente para passar o tempo no aposento do andar



superior. O suporte de ar condicionado para janela que minha amiga Amelia instalou em um dos quartos mantinha os espaços toleráveis para morar, mas é claro, nunca iríamos desperdiçar dinheiro colocando um no sótão.

— Como vamos fazer isso? — Dermot perguntou. Ele era loiro e Claude moreno; eles pareciam maravilhosos apoios para livros. Uma vez eu havia perguntado ao Claude quantos anos ele tinha, para descobrir que ele tinha apenas uma vaga ideia. As fadas não ficam de olho no tempo da mesma maneira que ficamos, mas Claude era pelo menos um século mais velho que eu. Ele era um garoto comparado a Dermot; cogito que meu tio-avô fosse setecentos anos mais velho que eu. Nem uma ruga, nem um cabelo grisalho, nem um abatimento em qualquer lugar, em qualquer um deles.

Já que eles eram muito mais fadas do que eu - eu era apenas um oitavo — todos nós parecíamos ser quase da mesma idade, nos nossos vinte e tantos anos. Mas isso mudará em pouco tempo. Eu irei parecer mais velha em comparação aos meus parentes antigos. Embora Dermot parecesse muito com meu irmão Jason, eu percebi dias antes que Jason tinha pés de galinha nos cantos dos seus olhos. Dermot poderia nunca mostrar nem mesmo aquele sinal de envelhecimento.

Agarrei-me de volta para o aqui e agora, eu disse, — Eu sugiro levarmos as coisas para a sala de estar. É muito mais iluminado lá em baixo; será mais fácil para ver o que vale a pena guardar e o que não. Depois que levarmos tudo do sótão, eu posso limpá-lo após vocês dois saírem para o trabalho. — Claude possui um clube de strip em Monroe e dirigia diariamente de um lado ao outro, e Dermot vai aonde Claude vai. Como sempre...

5

— Nós temos três horas, — disse Claude.

— Vamos começar a trabalhar, — eu disse, meus lábios curvando-se para cima num sorriso radiante e animado. Essa é a minha expressão de recompensa.

Cerca de uma hora depois, eu estava tendo dúvidas, mas já era tarde demais para desistir da tarefa. (Assistir Claude e Dermot sem camisa fazendo o trabalho era muito mais interessante.) Minha família viveu nesta casa desde que houve Stackhouses em Renard Parish. E isso tem sido ao longo de cento e cinquenta anos. Nós temos juntado coisas.

A sala de estar começou a encher depressa. Havia caixas de livros, malas cheias de roupas, móveis, vasos. A família Stackhouse nunca foi rica, e aparentemente nós sempre pensamos que poderíamos encontrar um uso para alguma coisa, não importa o quão destruídas ou quebradas, se as guardássemos por muito tempo. Mesmo as duas fadas quiseram fazer uma pausa depois que desceram manobrando uma escrivaninha de



madeira incrivelmente pesada pela escada estreita. Sentamo-nos na varanda da frente. Os caras se sentaram no parapeito, e eu me sentei no balanço.

— Nós poderíamos simplesmente amontoar tudo no quintal e queimá-los, — sugeriu Claude. Ele não estava brincando. O senso de humor de Claude era peculiar, na melhor das hipóteses, minúsculo no resto do tempo.

— Não! — Eu tentei não soar tão irritada quanto me sentia. — Eu sei que estes objetos não são valiosos, mas se outros Stackhouses acharam que deviam ser armazenados lá em cima, eu pelo menos lhes devo a cortesia de ter uma consideração pela coisa toda.

— Querida sobrinha-neta, — disse Dermot, — eu receio que Claude tenha razão. Dizer que esses restos “não são valiosos” é ser gentil. — Uma vez que você ouvia Dermot falar, você sabia que sua semelhança com Jason era estritamente superficial.

Eu olhei para as fadas. — É claro que para vocês dois a maior parte disso seria lixo, mas para os humanos isso poderia ter algum valor, — eu disse. — Talvez eu ligue para o grupo teatral em Shreveport para ver se eles querem algumas das roupas ou móveis.

Claude encolheu os ombros. — Terá que se livrar de algumas delas, — disse ele. — Mas a maioria dos tecidos não estão nem mesmo bons para trapos. Nós teremos que colocar algumas caixas na varanda quando a sala de estar começar a ficar intransitável, — e ele cutucou uma com a ponta do seu pé. A etiqueta dizia que o conteúdo eram cortinas, mas eu só poderia adivinhar o que elas pareciam inicialmente.

— Você está certo, — eu admiti. Empurrei-me com meu pé, não muito energicamente, e balancei por um minuto. Dermot entrou na casa e retornou com um copo de chá de pêssego com muito gelo. Ele me entregou silenciosamente. Agradei-lhe e fitei tristemente para todas as coisas velhas que uma vez alguém havia estimado. — Ok, vamos começar a queimar uma pilha, — eu disse, me submetendo ao senso comum. — Virando para trás, onde eu costumo queimar as folhas?

Dermot e Claude me encararam.

— Ok, aqui mesmo sobre o cascalho está ótimo, — eu disse. A última vez que minha entrada para carros foi coberta com cascalho, a área de estacionamento em frente da casa, delineada com madeira para jardinagem, teve uma carne fresca, também. — Não é como eu recebesse um monte de visitantes.

Até o momento em que Dermot e Claude pararam de trabalhar para tomar banho e se trocaram para o trabalho, a área de estacionamento continha um amontoado



considerável de itens inúteis esperando a tocha. As esposas Stackhouses tinham armazenado lençóis e cobertores extras, e a maioria deles estavam na mesma condição esfarrapada como as cortinas. Para o meu mais profundo pesar, muitos dos livros estavam mofados e mastigados por ratos. Eu suspirei e os adicionei à pilha, embora a própria ideia de queimar livros me deixasse enjoada. Mas, móveis quebrados, guarda-chuvas podres, descansos de mesa manchados, uma mala velha de couro com grandes buracos na mesma... ninguém jamais precisará desses itens novamente.

As fotos que nós tínhamos descoberto — emolduradas, em álbuns, ou soltas — colocamos em uma caixa na sala de estar. Os documentos foram postos em ordem numa outra caixa. Eu encontrei algumas bonecas velhas, também. Eu sabia da televisão que pessoas colecionavam bonecas, e talvez fosse algo que valesse. Havia algumas armas antigas, também, e uma espada. Onde estava o Antiques Roadshow¹ quando você precisava?

Mais tarde naquela noite no Merlotte's, eu contei ao meu chefe Sam sobre o meu dia. Sam, um homem pequeno que era na prática imensamente forte, estava espanando as garrafas atrás do bar. Nós não estávamos muito ocupados naquela noite. Na verdade, os negócios não tinham sido bons durante estas últimas semanas. Eu não sei se a queda se deveu pelo fechamento da fábrica de processamento de frango ou pelo fato de que algumas pessoas se opuseram a Sam por ser um metamorfo. (Os de natureza dupla tentaram imitar a transição bem sucedida dos vampiros, mas não tinham ido tão bem.) E havia um novo bar, Vic's Redneck Roadhouse, cerca de dezessete quilômetros a oeste fora da interestadual. Eu ouvi que a Roadhouse Redneck organizava todos os tipos de concursos de camisetas molhadas, torneios de beer pong², e uma promoção chamada "Traga o Amigão numa Noite" — uma porcaria assim.

Uma porcaria popular. Porcaria, que colecionava clientes.

Sejam quais forem as razões, Sam e eu tivemos tempo para conversar sobre sótãos e antiguidades.

— Há uma loja chamada Splendide em Shreveport, — disse Sam. — Ambos os proprietários são avaliadores. Você poderia ligar para eles.

— Como você sabe disso? — Ok, talvez isso não fosse tão diplomático.

¹ Programa de televisão britânico em que os avaliadores de antiguidades viajam para várias regiões do Reino Unido para avaliar antiguidades trazidas pela população local. Há versões internacionais do programa.

² É um jogo em que os jogadores jogam uma bola de ping-pong em uma mesa com a intenção de conquistar a bola em um copo de cerveja na outra extremidade.



— Bom, eu sei algumas coisas além de servir no bar, — Sam respondeu, dando-me um olhar de soslaio.

Eu tive que encher uma jarra de cerveja para uma das minhas mesas. Quando voltei, eu disse, — Claro que você sabe todos os tipos de coisas. Eu só não sabia que você estava por dentro de antiguidades.

— Eu não estou. Mas Jannalynn está. Splendide é o lugar favorito dela para fazer compras.

Pisquei, tentando não parecer tão desconcertada como eu me sentia. Jannalynn Hopper, que atualmente estava saindo com Sam há algumas semanas, era tão feroz que tinha sido nomeada como batedora da alcateia Dente Comprido — embora ela tivesse apenas vinte e um anos e fosse tão grande quanto uma aluna da sétima série. Era difícil imaginar Jannalynn restaurando uma moldura vintage ou planejando instalar uma cômoda em sua casa em Shreveport (Pensando bem, eu não tinha ideia de onde ela morava. Jannalynn tinha uma casa na verdade?).

— Tenho certeza que eu não teria imaginado isso, — eu disse, me forçando sorrir para Sam. Era minha opinião que Jannalynn não fosse boa o suficiente para Sam. Claro, eu mantinha isso para mim mesma. Casas de vidro, pedras, certo? Eu estava namorando um vampiro de quem com certeza estaria no topo da lista de morte de Jannalynn, uma vez que Eric tinha mais de mil anos de idade. Em um desses momentos terríveis que você tem ao acaso, eu percebi que todos que eu já tinha namorado — embora, de modo notório, era uma lista curta — eram assassinos.

E assim como eu era.

Eu tive que esquecer isso às pressas, ou eu ficaria numa medrosa melancolia a noite toda.

— Você tem um nome e o número de telefone dessa loja? — Eu esperava que os negociantes de antiguidades concordassem em vir a Bon Temps. Eu teria que alugar um caminhão de mudança para transportar todo o conteúdo do sótão para Shreveport.

— É, eu tenho no meu escritório, — respondeu Sam. — Eu estava conversando com Brenda, a sócia, sobre conseguir algo especial para o aniversário de Jannalynn. Já está chegando. Brenda — Brenda Hesterman — ligou esta manhã para me dizer que tinha algumas coisas para eu ver.



— Talvez possamos ir vê-la amanhã? — Eu sugeri. — Eu tenho coisas empilhadas por toda a sala de estar e algumas na varanda da frente, e o bom tempo não irá durar para sempre.

— Será que Jason quer qualquer parte disso? — Sam perguntou timidamente. — Eu só estou dizendo, coisas da família.

— Ele pegou uma mesa com borda circular cerca de um mês atrás, — eu disse. — Mas eu acho que deveria perguntar a ele. — Pensei sobre isso. A casa e seu conteúdo eram meus, uma vez que vovó a havia deixado para mim. Hmmmm. Bem, primeiro as coisas mais importantes. — Vamos perguntar a Sra. Hesterman se ela virá dar uma olhada. Se há peças que possam valer algo, estou inclinada a acreditar nisso.

— Tudo bem, — disse Sam. — Parece bom. Te busco amanhã às dez?

Isso era um pouco cedo para eu estar pronta e vestida já que eu estava trabalhando no turno da noite, mas eu concordei.

Sam parecia satisfeito. — Você pode me dizer o que pensa a respeito de tudo o que Brenda me mostrar. Vai ser bom ter uma opinião feminina. — Ele correu uma mão sobre seu cabelo, que (como sempre) estava uma bagunça. Ele cortou bem curto há algumas semanas, e agora o cabelo estava numa fase estranha de voltar a crescer. O cabelo de Sam tem uma cor bonita, uma espécie de morango aloirado; mas já que é naturalmente encaracolado ele não parecia escolher uma direção agora que o cabelo estava crescendo. Eu suprimi um desejo de sacar uma escova e mostrar o sentido do cabelo. Isso não era algo que uma funcionária deveria fazer na cabeça de seu chefe.

Kennedy Keyes e Danny Prideaux, que trabalham meio período para Sam como substituta de atendente de bar e segurança, respectivamente, chegaram e subiram em dois dos bancos altos vazios do bar. Kennedy é bonita. Ela foi vice-campeã do Miss Louisiana há alguns anos atrás, e ela ainda parece uma rainha de concurso de beleza. Seu cabelo castanho é todo brilhante e espesso, e as pontas não se atreveriam quebrar. Sua maquiagem é meticulosa. Ela recebe tratamento nas unhas das mãos e pés regularmente. Ela não compraria uma roupa no Wal-Mart se sua vida dependesse disso.

Há alguns anos, seu futuro, que deveria ter incluído um casamento no country clube da paróquia próxima e uma grande herança de seu pai, tinha sido descarrilhado para longe de sua trajetória quando ela passou um tempo na cadeia por homicídio culposo.



Junto com consideravelmente quase todo mundo que eu conhecia, eu imaginei que seu namorado teve o que merecia, depois que vi as fotos do seu rosto com hematomas e inchado nas fotografias de identificação policial. Mas ela confessou ter atirado nele quando ligou para o 911, e a família dele tinha pouca influência, então não houve jeito de Kennedy não conseguir assumir as consequências. Ela recebeu uma leve sentença e uma licença por bom comportamento, já que ensinou postura e aparência para as outras detentas. No devido tempo, Kennedy cumpriu sua pena. Quando ela caiu fora, alugou um pequeno apartamento em Bon Temps, onde tinha uma tia, Marcia Albanese. Sam a ofereceu um trabalho quase logo após ele a conhecer, e ela aceitou na hora.

— Ei, cara, — Danny disse para Sam. — Prepara pra gente dois mojitos³?

Sam pegou a hortelã da geladeira e começou a trabalhar. Entreguei-lhe os limões cortados quando ele estava quase terminando com as bebidas.

— O que vocês vão aprontar hoje à noite? — Eu perguntei. — Você parece muita bonita, Kennedy.

— Eu finalmente perdi quatro quilos e meio! — ela disse, e quando Sam depositou seu copo na sua frente, ela o levantou para brindar com Danny. — Para minha silhueta anterior! Tomara que eu esteja a caminho para tê-la de volta!

Danny sacudiu sua cabeça. Ele disse, — Ei! Você não precisa fazer nada para parecer bonita. — Eu tive que me afastar assim eu não diria, *aaaaaaaaaah*. Danny era um cara durão que não poderia ter crescido em um ambiente muito diferente do que Kennedy — a única experiência que eles tiveram em comum foi a prisão — mas rapaz, ele estava romanticamente interessado por ela. Eu podia sentir o calor de onde eu estava. Você não tem que ser telepático para ver a devoção de Danny.

Nós não tínhamos puxado as cortinas das janelas da frente ainda, e quando eu percebi que estava escuro lá fora, eu comecei a me apressar. Embora eu estivesse olhando para fora do bar luminescente para o estacionamento escuro, havia luzes lá fora, e algo estava se mexendo... se movendo rapidamente. Em direção ao bar. Eu tive uma porção de um segundo para pensar *Estranho*, e então capturei a centelha de chama.

— Abaixa, — eu gritei, mas a palavra não tinha sequer chegado até o fim para fora da minha boca quando a janela estilhaçada e a garrafa com a cabeça ardente aterrissou sobre uma mesa onde ninguém estava sentado, quebrando o suporte de guardanapo e espalhando o saleiro e pimenteiro. Guardanapos queimados chamejavam do ponto de

³ *Coquetel à base de rum branco originário de Cuba. Tem como ingredientes além do rum, açúcar, hortelã, limão e club soda.*



impacto à deriva até o chão, às cadeiras e às pessoas. A mesa se igualou a uma massa de fogo quase que instantaneamente.

Danny se moveu mais rápido do que eu já tinha visto um humano se mover. Ele arrastou Kennedy para fora de seu banco, se arremessou por cima da passagem sobre o balcão, e a empurrou para baixo atrás do bar. Houve uma breve obstrução enquanto Sam, movendo-se ainda mais rapidamente, pegou o extintor da parede e tentou saltar sobre o balcão para iniciar a pulverização.

Senti calor nas minhas coxas e olhei para baixo para ver que o meu avental tinha sido incendiado por um dos guardanapos. Eu fico envergonhada de dizer que gritei. Sam girou em círculo para me pulverizar e depois retornou para as chamas. Os clientes estavam gritando, se esquivando das chamas, correndo para o corredor que conduz além dos banheiros e do escritório de Sam até o estacionamento nos fundos. Uma de nossas clientes vitalícias, Jane Bodehouse, estava sangrando severamente, sua mão batendo no seu couro cabeludo ferido. Ela estava sentada perto da janela, não era o seu lugar habitual no bar, então eu percebi que ela tinha sido cortada por estilhaços de vidro. Jane cambaleou e teria caído se eu não tivesse agarrado o braço dela.

— Vá por aquele caminho, — eu gritei em seu ouvido, e a empurrei na direção certa. Sam estava pulverizando a chama maior, mirando na base dela da maneira autorizada, mas os guardanapos que tinham flutuado para longe estavam causando muitos pequenos incêndios. Agarrei a jarra de água e a jarra de chá do bar e comecei perseguindo metodicamente as chamas no chão. Os jarros estavam cheios, e eu consegui ser bastante eficaz.

Uma das cortinas da janela estava pegando fogo, e eu levei três etapas, mirando cuidadosamente, e atirando o chá restante. O fogo não chegou a morrer totalmente. Eu agarrei um copo de água de uma mesa e fiquei muito perto do fogo do que eu gostaria. Eu recuava o tempo todo, derramando o líquido na cortina fumegante. Eu senti uma esquisita centelha de calor por trás de mim e cheirava a algo repugnante. Uma forte rajada de substâncias químicas produziu uma estranha sensação nas minhas costas. Virei-me para tentar descobrir o que tinha acontecido e vi Sam girando para longe com o extintor.

Eu me vi olhando para o passa prato de dentro da cozinha. Antoine, o cozinheiro, estava fechando todos os utensílios. Esperto. Eu podia ouvir o caminhão do corpo de bombeiros à distância, mas eu estava muito ocupada procurando centelhas amarelas para sentir grande alívio. Meus olhos, escorrendo com lágrimas da fumaça e das substâncias químicas, estavam se movendo rapidamente em volta como bolinhas de pinball enquanto eu tentava localizar chamas, e eu estava tossindo como uma louca. Sam correu para



encontrar o segundo extintor de seu escritório, e ele voltou mantendo-o pronto. Movimentamo-nos de um lado para outro alternando nossos pés da esquerda à direita, prontos para entrar em ação para extinguir a próxima centelha.

Nenhum de nós localizou mais nada.

Sam mirou mais uma vez na maldita garrafa que tinha causado o incêndio, e então ele largou o extintor. Ele se inclinou para colocar suas mãos em suas coxas e inalou o pano esfarrapado. Ele começou a tossir. Depois de um segundo, ele se inclinou para a garrafa.

— Não a toque, — eu disse com urgência, e sua mão parou na metade do caminho.

— Claro que não, — disse ele, reprovando a si mesmo, e se endireitou. — Você viu quem atirou isso?

— Não, — eu disse. Nós éramos as únicas pessoas restantes no bar. Eu podia ouvir o corpo de bombeiros cada vez mais perto, então eu soube que nós tínhamos apenas mais um minuto para falar um com o outro sozinhos. — Pode ter sido as mesmas pessoas que estiveram na manifestação lá fora no estacionamento. Eu não sei para que os membros da igreja estejam interessados em bombas incendiadoras, de qualquer forma. — Nem todo mundo na área ficou satisfeito ao saber que havia criaturas como lobisomens e metamorfos após a Grande Revelação, e o Tabernáculo Palavra Santa em Clarice estava enviando seus membros para manifestar no Merlotte's de vez em quando.

12

— Sookie, — disse Sam, — sinto muito sobre seu cabelo.

— O que há com ele? — Eu perguntei, levantando minha mão para minha cabeça. O choque começou agora. Eu tive dificuldade para fazer minha mão se concentrar em meus manejos.

— O final do seu rabo de cavalo ficou chamuscado, — Sam respondeu. E ele sentou muito de repente. Aquilo pareceu uma boa ideia.

— Então é isso que cheira tão mal, — eu disse, e desabei no chão ao lado dele. Mantivemos nossas costas contra a base do bar, já que os bancos ficaram espalhados no tumulto da corrida pela porta dos fundos. Meu cabelo estava queimado. Senti as lágrimas correrem pelo meu rosto. Eu sabia que era estúpido, mas eu não conseguia evitá-las.

Sam pegou minha mão e a segurou, e ainda estávamos sentados do mesmo jeito quando os bombeiros correram para dentro. Embora Merlotte's esteja fora dos limites da cidade, nós temos os bombeiros oficiais da cidade, não voluntários.





— Eu não acho que você precise da mangueira, — Sam mencionou. — Eu acho que o fogo está extinguido. — Ele estava preocupado em evitar mais danos ao bar.

Truman La Salle, o chefe dos bombeiros, disse: — Vocês dois precisam de primeiros socorros? — Mas seus olhos estavam ocupados, e suas palavras foram quase distraídas.

— Estou bem, — eu disse, depois de dar uma espiada em Sam. — Mas Jane está lá fora com um corte na cabeça, de vidro. Sam?

— Talvez minha mão direita esteja um pouco queimada, — respondeu ele, sua boca comprimida como se ele estivesse sentindo dor exatamente agora mesmo. Ele soltou minha mão para esfregar sua mão esquerda sobre a direita, e ele definitivamente estremeceu desta vez.

— Você precisa cuidar disso, — eu o aconselhei. — Queimadura dói como o diabo.

— É, eu estou calculando isso, — disse ele, apertando seus olhos fechados.

Bud Dearborn chegou logo no momento em que Truman gritou, — Ok! — O Xerife devia ter estado na cama, porque ele tinha uma expressão de alguém que precisava de um planejamento e estava desprovido de seu chapéu, uma parte confiável de seu guarda-roupa. O Xerife Dearborn estava provavelmente na casa dos cinquenta anos agora, e ele mostrava isso a cada minuto. Ele sempre pareceu como um pequinês. Agora ele parecia como um pequinês grisalho. Ele gastou alguns minutos andando ao redor do bar, observando onde seus pés passavam, quase fungando a bagunça. Finalmente ele ficou satisfeito e veio parar na minha frente.

— O que você andou fazendo agora? — ele perguntou.

— Alguém atirou uma bomba na janela, — eu respondi. — Nenhum dos meus fizeram isso. — Fiquei muito chocada para soar irritada.

— Sam, eles apontaram para você? — O Xerife perguntou. Ele perambulou sem esperar por uma resposta.

Sam se levantou lentamente e se virou para estender sua mão esquerda para mim. Agarrei-a e ele puxou. Visto que Sam é muito mais forte do que parece, eu fiquei em pé em um instante.

O tempo ficou parado por alguns minutos. Eu tive que acreditar que talvez eu estivesse um pouco em choque.



À medida que o Xerife Dearborn completou o seu lento e cuidadoso circuito no bar, ele retornou na minha direção e de Sam.

Naquela altura tínhamos outro xerife para lidar.

Eric Northman, meu namorado e o xerife vampiro da Área Cinco, que incluía Bon Temps, entrou pela porta tão depressa que quando Bud e Truman perceberam que ele estava ali, eles pularam, e eu pensei que Bud fosse puxar sua arma. Eric agarrou meus ombros e se inclinou para espreitar meu rosto. — Você está machucada? — ele exigiu.

Foi como se sua preocupação me permitisse deixar cair minha bravura. Senti uma lágrima escorrer pela minha bochecha. Apenas uma. — O meu avental pegou fogo, mas acho que minhas pernas estão bem, — eu respondi, fazendo um enorme esforço para soar calma. — Eu só perdi um pouco de cabelo. Então eu não sei disso muito mal. Bud, Truman, eu não consigo me lembrar se vocês conhecem meu namorado, Eric Northman de Shreveport. — Houve vários fatos repletos de incertezas nessa frase.

— Como você soube que havia problemas aqui, Sr. Northman? — Truman perguntou.

— Sookie me ligou de seu celular, — respondeu Eric. Isso foi uma mentira, mas eu não quero exatamente explicar o nosso laço de sangue para o nosso bombeiro chefe e nosso xerife, e Eric nunca forneceu nenhuma informação aos humanos.

Uma das coisas mais maravilhosas, e mais terríveis sobre Eric me amar era que ele não dava a mínima para ninguém. Ele ignorou o bar danificado, as queimaduras de Sam, e os policiais e bombeiros (que ficaram observando ele pelo canto de seus olhos) ainda inspecionando a construção.

Eric me circundou para avaliar a situação do cabelo. Após um longo momento, ele disse, — Eu vou inspecionar suas pernas. Então nós iremos achar um médico e um cabeleireiro. — Sua voz estava absolutamente fria e estável, mas eu sabia que ele estava com uma raiva vulcânica. O vínculo ressoava através e entre nós, da mesma forma que meu medo e choque o tinham alertado para o meu perigo.

— Amor, temos outras coisas para pensar, — eu disse, me forçando a sorrir, me forçando a soar calma. Num canto do meu cérebro imaginei uma ambulância rosa berrando para uma parada expelindo cabeleireiros de emergência com estojos de tesouras, pentes, e spray de cabelo. — Pode-se esperar até amanhã para lidar com um pouco de cabelo danificado. É muito mais importante descobrir quem fez isso e por que.



Eric olhou furioso para Sam como se o ataque fosse responsabilidade dele. — Sim, o bar dele é muito mais importante que sua segurança e bem-estar, — disse ele. Sam pareceu espantado com esta censura, e raiva começou a vibrar pelo seu rosto.

— Se Sam não tivesse sido tão rápido com o extintor de incêndio, todos nós estaríamos em péssimo estado, — eu disse, prosseguindo com a calma e com o sorriso. — Na verdade, assim como o bar, as pessoas nele estariam em mais dificuldades. — Eu estava esgotando a falsa serenidade, e é óbvio que Eric percebeu isso.

— Estou te levando para casa, — disse ele.

— Não até eu falar com ela. — Bud mostrou muita coragem em se afirmar. Eric era bastante assustador quando ele estava de bom humor, muito menos quando suas presas correm para fora como fizeram agora. Forte emoção faz isso com um vampiro.

— Amor, — eu disse, segurando meu próprio temperamento com um esforço. Eu coloquei meu braço em torno da cintura de Eric, e tentei novamente. — Amor, Bud e Truman estão no comando aqui, e eles têm suas regras para seguir. Eu estou bem. — Embora eu estivesse tremendo, que é claro que ele podia sentir.

— Você estava com medo, — Eric disse. Senti sua própria raiva por algo que tinha acontecido comigo que ele não foi capaz de evitar. Eu reprimi um suspiro por ter que tomar conta das emoções de Eric enquanto que o que eu queria era ficar livre para ter o meu próprio colapso nervoso. Os vampiros são coisa alguma senão possessivos quando reivindicam alguém como deles, mas eles também ficam geralmente ansiosos por se misturar com a população humana, não por causa de quaisquer agitações desnecessárias. Aquilo era um exagero.

Eric era louco, com certeza, mas geralmente ele também era bastante prático. Ele sabia que eu não estava seriamente machucada. Eu ergui os olhos para ele, intrigada. Meu grande Viking não estava sendo ele mesmo há uma semana ou duas. Alguma coisa além da morte de seu criador o estava incomodando, mas eu não tinha coragem o bastante para lhe perguntar o que estava errado. Eu tenho sido tolerante comigo mesma. Eu queria simplesmente desfrutar da paz que tínhamos compartilhado por algumas semanas.

Talvez isso tivesse sido um erro. Algo grande o estava pressionando, e toda aquela raiva era um subproduto.

— Como você chegou aqui tão rápido? — Bud perguntou ao Eric.



— Eu voei, — Eric respondeu casualmente, e Bud e Truman deram um ao outro uma olhada arregalada. Eric tinha a destreza (dar ou tomar) de uns mil anos, assim ele ignorou o espanto deles. Ele estava concentrado em mim, suas presas ainda para fora.

Eles não podiam saber que Eric sentiu a elevação do meu terror no instante em que eu experimentei a imagem mental em curso. Eu não liguei para ele quando o incidente terminou. — Quando mais cedo tudo isso for resolvido, — eu disse, arreganhando meus dentes de volta para ele em um sorriso terrível, — mais cedo poderemos partir. — Eu estava tentando, não tão sutilmente, enviar para Eric uma mensagem. Ele finalmente se acalmou o suficiente para entender minhas entrelinhas.

— Claro, minha querida, — disse ele. — Você está absolutamente certa. — Mas a mão dele segurou a minha e a apertou com muita força, e seus olhos estavam tão brilhantes que pareciam como pequenos faróis azuis.

Bud e Truman pareciam muitíssimos aliviados. A tensão diminuiu em algumas escalas. Vampiros = drama.

Enquanto Sam estava recebendo cuidados em sua mão e Truman estava tirando fotos do que restou da garrafa, Bud me perguntou o que eu tinha visto.

— Eu peguei um vislumbre de alguém lá fora no estacionamento correndo em direção ao prédio, e em seguida a garrafa entrou pela janela, — eu disse. — Eu não sei quem a atirou. Depois que a janela quebrou e o fogo se espalhou por causa de todos os guardanapos queimados, eu não reparei em qualquer coisa senão nas pessoas que tentavam sair e em Sam tentando parar o fogo.

Bud me perguntou a mesma coisa várias vezes em várias maneiras diferentes, mas eu não poderia ajudá-lo mais do que eu já tinha ajudado. — Por que você acha que alguém faria isso com Merlotte's, com Sam? — Bud perguntou.

— Eu não entendo isso, — respondi. — Você sabe, nós tivemos aqueles manifestantes da igreja no estacionamento há algumas semanas atrás. Eles só voltaram uma vez desde então. Eu não posso imaginar qualquer um deles fazendo um - aquilo era um Coquetel Molotov⁴?

— Como você sabe sobre isso, Sookie?

— Bem, primeiro, eu leio livros. Segundo, Terry não fala muito sobre a guerra, mas de vez em quando ele fala sobre as armas. — Terry Bellefleur, primo do Detetive

⁴ Uma arma incendiária geralmente utilizada em protestos e guerrilhas urbanas.



Andy Bellefleur, foi um condecorado e prejudicado veterano do Vietnã. Ele limpava o bar quando todos iam embora e vinha ocasionalmente para substituir Sam. Às vezes só andava no bar observando as pessoas entrando e saindo. Terry não tinha muita vida social. Assim que Bud se declarou satisfeito, Eric e eu fomos para o meu carro. Ele tomou as chaves da minha mão trêmula. Entrei no lado do passageiro. Ele estava certo. Eu não deveria conduzir até que eu tivesse me recuperado do choque.

Eric tinha estado ocupado em seu celular enquanto eu estava conversando com Bud, e eu não fiquei totalmente surpresa ao ver um carro estacionado na frente da minha casa. Era Pam, e ela tinha um passageiro.

Eric guiou em direção aos fundos onde eu sempre estaciono, e me afastei para fora do carro para abrir a porta da frente da casa rápido. Eric me seguiu num ritmo vagaroso. Nós não tínhamos trocado uma palavra na viagem curta. Ele estava preocupado e ainda tinha que lidar com seu temperamento. Fiquei chocada com o todo incidente. Agora eu me sentia um pouco mais como eu mesma à medida que eu sai para a varanda para convidar, — Entre!

Pam e seu passageiro saíram. Ele era um homem jovem, talvez uns vinte e um, e magro ao ponto do definhamento. Seus cabelos estavam tingidos de azul e cortados numa maneira extremamente geométrica, de certa forma como se ele tivesse colocado uma caixa na cabeça, a montado em diagonal, e então aparado em torno das bordas. Que não combinava dentro das linhas que tinham sido raspadas.

Era visualmente chamativo, eu deveria dizer.

Pam sorriu para a expressão do meu rosto, que eu rapidamente transformei em algo mais receptivo. Pam tem sido uma vampira desde que Victoria⁵ esteve no trono Inglês, e ela tem sido o braço direito de Eric desde que a chamou por causa das suas andanças na América do Norte. Ele é o criador dela.

— Olá, — eu disse ao jovem quando ele entrou pela porta da frente. Ele estava extremamente nervoso. Seus olhos dispararam para mim, para longe de mim, pegaram em Eric, e em seguida, tipo que metralharam o cômodo para absorvê-lo. Um lampejo de desdém cruzou seu rosto bem barbeado conforme ele caminhava na sala de estar entulhada, que nunca mais foi confortável mesmo quando estava limpa.

⁵ Victoria do Reino Unido (24/05/1819 - 22/01/1901). O seu reinado de 63 anos e 7 meses foi o mais longo, até à data, da história do Reino Unido e ficou conhecido como a Era Vitoriana.



Pam bateu nele atrás de sua cabeça. — Fale depois que tiverem falado contigo, Immanuel! — Ela resmungou. Ela estava parada ligeiramente atrás dele, então ele não pode vê-la quando ela piscou para mim.

— Olá, madame, — ele me disse, dando um passo a frente. Seu nariz se contraiu.

Pam disse, — Você fede, Sookie.

— Foi o fogo, — eu expliquei.

— Você pode me contar sobre isso daqui a pouco, — disse ela, suas sobrancelhas pálidas se erguendo. — Sookie, este homem é Immanuel Earnest, — disse ela. — Ele corta cabelos na Death by Fashion⁶ em Shreveport. Ele é irmão da minha namorada, Miriam.

Foi um monte de informação em três frases. Eu lutei para absorvê-la.

Eric estava olhando para o penteado de Immanuel com hipnotizado nojo. — Isto é o que você trouxe para corrigir o cabelo de Sookie? — ele perguntou a Pam. Seus lábios estavam pressionados juntos em uma linha muito apertada. Eu pude sentir seu ceticismo pulsando ao longo da linha que nos ligava.

— Miriam diz que ele é o melhor, — Pam respondeu, encolhendo os ombros. — Eu não tenho tido um corte de cabelo em cento e cinquenta anos. Como eu poderia saber?

18

— Olhe para ele!

Comecei a ficar um pouco preocupada. Mesmo para as circunstâncias, Eric estava de mau humor. — Eu gosto das suas tatuagens, — eu disse. — As cores são muito bonitas. — Além do seu corte de cabelo extremo, Immanuel estava coberto com tatuagens muito sofisticadas. Nada de “MAMÃE” ou damas “BETTY SUE”⁷ nuas; desenhos elaborados e coloridos se estendiam dos pulsos até os ombros. Ele parecia vestido mesmo quando ficasse nu. O cabeleireiro tinha um estojo de couro liso dobrado sob um de seus braços magros.

— Então, você vai cortar as partes ruins? — Eu perguntei alegremente.

— Do seu cabelo, — ele respondeu com cuidado. (Eu não tinha certeza que eu precisaria de uma especial restauração da confiança.) Ele deu uma espiada em mim, então recuou para o chão. — Você tem um banco alto?

⁶ Morte pela Moda.

⁷ Pin-up's baseadas em Bettie Page.

http://fc04.deviantart.net/images/i/2002/11/0/2/bettie_page_tattoo.jpg





— Sim, na cozinha, — eu respondi. Quando eu reconstruí minha cozinha queimada, comprei um banco alto feito sob medida igual a um que minha avó ficava empoleirada enquanto ela conversava ao telefone antigo. O novo telefone era sem fio, e eu não tinha a necessidade de ficar na cozinha quando o usava, mas a bancada simplesmente não parecia adequada sem um banco ao lado dela.

Meus três convidados me seguiram, e eu arrastei o banco para o meio do assoalho. Houve espaço suficiente para cada um quando Pam e Eric se sentaram no outro lado da mesa. Eric estava encarando Immanuel de forma ameaçadora, e Pam estava simplesmente à espera de ser entretida por nossos transtornos emocionais.

Eu subi no banco e me preparei para sentar com as costas retas. Minhas pernas estavam doendo, meus olhos estavam irritadiços, e minha garganta estava arranhada. Mas eu me forcei a sorrir para o cabeleireiro. Immanuel estava muito nervoso. Você não quer isso numa pessoa com uma tesoura afiada.

Immanuel tirou o elástico do meu rabo de cavalo. Houve um longo silêncio enquanto ele observava o dano. Ele não estava tendo bons pensamentos. Minha vaidade se apoderou de mim. — Está muito ruim? — eu perguntei, tentando manter minha voz diferente de trêmula. A reação estava definitivamente dentro do controle, agora que eu estava segura em casa.

19

— Eu vou ter que tirar cerca de sete centímetros, — disse ele calmamente, como se ele estivesse me dizendo que um parente estava doente terminal.

Para minha vergonha, eu reagi da mesma maneira como se tivesse tido a notícia. Eu podia sentir lágrimas nos meus olhos, e meus lábios tremiam. *Ridículo!* Eu disse a mim mesma. Meus olhos giraram para a esquerda quando Immanuel colocou seu estojo de couro sobre a mesa da cozinha. Ele abriu o fecho e tirou um pente. Havia também vários pares de tesouras em presilhas especiais e um aparador elétrico com o cabo enrolado cuidadosamente. Tenha kit para cabelos, se for viajar.

Pam estava enviando uma mensagem de texto via celular com uma velocidade incrível. Ela estava sorrindo como se sua mensagem fosse muito engraçada. Eric me encarava, pensativo em muitos pensamentos sombrios. Eu não os podia ler, mas eu podia com certeza dizer que ele estava infeliz de um modo mais importante.

Eu suspirei e voltei o olhar para frente. Eu amava Eric, mas no momento eu queria que ele pegasse seu estado meditativo e o enfiasse. Eu senti o toque de Immanuel no meu cabelo quando ele começou a pentear. Pareceu estranho quando ele chegou ao final do



comprimento do cabelo, e um pequeno puxão e um som engraçado me deixou saber que alguns dos meus cabelos queimados tinham caído no chão.

— Está danificado além do reparo, — Immanuel murmurou. — Eu vou cortar. Depois você lava. Então eu corto novamente.

— Você deve largar este trabalho, — disse Eric abruptamente, e o pente de Immanuel parou de se mover até que ele percebeu que Eric estava falando comigo.

Eu queria jogar algo pesado em meu docinho. E eu queria bater bem na sua bonita cabeça teimosa. — Vamos conversar mais tarde, — eu disse, não olhando para ele.

— O que vai acontecer depois? Você está muito vulnerável!

— Vamos conversar mais tarde.

Com o canto do meu olho, eu vi Pam desviar o olhar, assim Eric não veria o seu sorriso malicioso.

— Não precisa de algo em torno dela? — Eric reclamou com Immanuel. — Cobrindo as roupas dela?

— Eric, — eu disse, — já que eu estou fedorenta, esfumaçada e coberta com material de extintor de incêndio, eu não acho que manter minhas roupas livres do cabelo queimado seja uma grande coisa.

Eric não bufou, mas ele chegou perto. No entanto, pareceu assimilar em meu sentimento que ele estava encontrando uma dor absoluta, e se calou e se controlou.

O alívio foi tremendo.

Immanuel, cujas mãos estavam surpreendentemente estáveis para alguém confinado na cozinha com dois vampiros (um consideravelmente irritável) e uma garçonete tostada, penteava meu cabelo até ficar tão macio como poderia estar. Então ele pegou sua tesoura. Eu podia sentir o cabeleireiro concentrado completamente na sua tarefa. Immanuel era um campeão na concentração, eu descobri, uma vez que sua mente estava aberta para mim.

Realmente não demorou muito. As partes queimadas se deslocaram para o chão como tristes flocos de neve.

— Você precisa ir para o chuveiro agora e voltar com o cabelo limpo, molhado, — disse Immanuel. — Depois disso, eu irei igualá-lo. Onde está a sua vassoura, sua pá?



Eu disse a ele onde encontrá-los, e então eu fui para meu quarto, passando para o meu próprio banheiro. Desejei saber se Eric iria se juntar a mim, visto que eu sabia por experiência que ele gostou do meu chuveiro. Da maneira como eu me sentia, seria muito melhor se ele ficasse na cozinha.

Tirei minha roupa fedorenta e deixei a água tão quente quanto eu aguentei. Foi um alívio pisar para dentro da banheira e deixar o fluxo de calor e umidade escorrer sobre mim. Quando a água quente atingiu as minhas pernas, elas arderam. Por alguns momentos eu não fiquei compreensiva ou feliz com nada. Acabei por me lembrar de como eu tinha ficado assustada. Mas depois que eu lidei com isso, eu tive algo na minha mente.

A silhueta que eu tinha visto correndo na direção do bar, uma garrafa na mão — eu não podia estar completamente certa, mas eu suspeitava que não tivesse sido humana.



Capítulo Dois

ENFIEI MINHA SUJA, E FEDIDA ROUPA dentro do cesto no meu banheiro. Eu teria que deixar de molho com um pouco de Clorox ² antes de tentar lavá-las, mas é claro que eu não poderia simplesmente jogá-las fora antes de estarem limpas para que eu pudesse avaliar os danos. Eu não estava me sentindo muito otimista a respeito do futuro da calça preta. Eu não tinha notado que ela estava um pouco queimada até que eu a abaixei até a altura das minhas coxas macias e descobri que minha pele estava rosada. Só então eu me lembrei de olhar para baixo para ver meu avental incendiado.

Ao examinar minhas pernas, eu percebi que poderia ter sido muito pior. As faíscas tinham pegado meu avental, não minha calça, e Sam tinha sido muito rápido com o extintor. Agora eu apreciei sua verificação anual dos extintores; sua ida até o corpo de bombeiros para levá-los para recarregar; e apreciei também os detectores de fumaça. Eu tive um flash do que poderia ter ocorrido.

Respire fundo, eu disse a mim mesma assim que toquei minhas pernas secas. *Respire fundo. Pense em como é bom se sentir limpa.* Foi maravilhoso remover o cheiro, ensaboar meu cabelo, lavar completamente todo o odor, junto com o xampu.

Eu não conseguia parar de me preocupar com o que eu tinha visto quando olhei para fora pela janela do Merlotte's: uma pequena figura correndo em direção ao prédio, segurando algo em uma mão. Eu não fui capaz de dizer se quem estava correndo era homem ou mulher, mas de uma coisa eu tinha certeza: o corredor era um sobrenatural, e eu suspeitei que ele ou ela fosse de dupla natureza. Essa suspeita ganhou mais peso quando eu adicionei a velocidade e agilidade do corredor e a força e precisão do arremesso, a garrafa tinha passado pela janela com mais força que um ser humano poderia ter arremessado, com velocidade suficiente para quebrar a janela.

Eu poderia não estar cem por cento certa. Mas vampiros não gostam de lidar com fogo. Algo sobre a condição vampírica faz com que eles sejam excepcionalmente inflamáveis.

Seria preciso um vampiro muito confiante, ou muito imprudente, para usar um Coquetel Molotov como arma.

² Produto para tirar manchas à base de Cloro, livre do descorante.



Só por essa razão, eu estava inclinada em apostar que o terrorista era um de dupla-natureza — um metamorfo ou lobis de alguma variedade. Naturalmente, há outros tipos de criaturas sobrenaturais, como elfos, fadas e duendes, e todos eles são mais rápidos que os humanos. Para minha tristeza, todo o incidente tinha acontecido rápido demais para que eu alcançasse a mente do ‘homem-bomba’. O que teria sido decisivo, porque os vampiros são um grande vazio para mim, um buraco no éter, e eu também não posso ler fadas, apesar de registrá-las de forma diferente. Alguns de dupla-natureza eu posso ler com bastante exatidão, outros não posso, mas eu vejo seus cérebros quentes e movimentados.

Normalmente, eu não sou uma pessoa indecisa. Mas enquanto eu me secava e penteava meu cabelo molhado (sentindo o quão estranho era perceber que meu pente completava sua passagem mais rapidamente), me preocupava com o compartilhamento de minhas suspeitas com Eric. Quando um vampiro te ama — mesmo quando ele simplesmente se sente seu proprietário — sua noção de proteção pode ser muito drástica. Eric adorava ir para a batalha; frequentemente ele tinha que se esforçar para equilibrar a esperteza política de uma ação com seu instinto de pular atacando com uma espada. Embora eu não acredite que ele cobraria dívidas da comunidade de dupla natureza, no seu atual estado de ânimo, parecia mais sensato manter minhas ideias para mim mesma até que eu tivesse alguma prova de uma forma ou de outra.

Eu coloquei minha calça de dormir e uma camiseta da “Bon Temps Falcons Lady”. Olhei para minha cama com anseios nostálgicos antes de sair do meu quarto para me juntar com o estranho grupo na cozinha. Eric e Pam estavam bebendo um pouco de sangue sintético engarrafado que eu tinha na geladeira, e Immanuel estava tomando uma Coca-Cola. Eu fiquei aflita porque não tinha pensado em oferecer-lhes nada para beber, mas Pam pegou meu olhar e fez um sinal. Ela tinha cuidado disso. Eu acenei a cabeça em gratidão e disse a Immanuel:

— Eu estou pronta agora.

Ele esticou seu corpo magro da cadeira e apontou um dedo para o banco.

Dessa vez, meu novo cabeleireiro estendeu uma pequena capa plástica fina para ombros e a amarrou ao redor de meu pescoço. Ele mesmo penteou meu cabelo, observando-o atentamente. Tentei sorrir para Eric para mostrar que aquilo não era tão ruim, mas meu coração não foi sincero. Pam olhou carrancuda para seu celular. Uma mensagem a aborrecera.

Aparentemente, Immanuel passava o tempo escovando o cabelo de Pam. A juba dourada pálida, reta e fina, foi puxada para longe do seu rosto com uma faixa azul.





Simplesmente não poderia ser mais Alice. Ela não estava usando um vestido azul com saia longa franzida na cintura e avental branco, mas estava vestindo azul-claro: um vestido justo, talvez dos anos sessenta, e saltos de quase 8 centímetros. E pérolas.

— O que foi, Pam? — Perguntei, apenas porque o silêncio em minha cozinha estava ficando opressivo. — Alguém está mandando uma mensagem ruim?

— Não é nada, — ela rosnou, e eu tentei não me encolher. — Absolutamente nada está acontecendo. Victor ainda é nosso líder. Nossa posição não progrediu. Nossos pedidos continuam sem resposta. Onde está Felipe? Precisamos dele.

Eric a fuzilou com o olhar. Uau, problemas no paraíso. Eu nunca os vi seriamente brigados.

Pam era a única “criança” de Eric que já conheci. Ela partiu por conta própria após passar seus primeiros anos como vampira com ele. Ela se saiu bem, mas me contou que ficou feliz o suficiente para voltar para Eric depois que ele a chamou para ajudá-lo na Área Cinco, quando a rainha anterior o nomeou para a posição de xerife.

A atmosfera tensa estava afetando Immanuel, que estava oscilando nos detalhes da concentração em seu trabalho... que era cortar *meu cabelo*.

— Acalmem-se, pessoal, — falei bruscamente.

— E o que é toda aquela porcaria largada em seu estacionamento? — Pam perguntou, seu sotaque britânico original se acentuando. — Para não dizer da sua sala de estar e da varanda. Você está fazendo uma venda de garagem? — Pode-se dizer que ela estava orgulhosa de empregar a terminologia correta.

— Quase terminado. — Immanuel murmurou, sua tesoura cortando freneticamente em resposta à tensão crescente.

— Pam, tudo aquilo veio do meu sótão, — respondi, contente por falar sobre algo tão mundano e (eu esperava) calmante. — Claude e Dermot estão me ajudando a limpá-lo. Vou ver um negociante de antiguidades com Sam pela manhã - bom, nós íamos. Não sei se Sam estará disponível agora.

— Aí está, vê! — Pam disse a Eric. — Ela vive com outros homens. Vai fazer compras com outros homens. Que tipo de marido é você?

E Eric se lançou sobre a mesa, as mãos estendidas em direção à garganta de Pam.



No segundo seguinte, os dois estavam rolando pelo chão numa séria tentativa de machucar o outro. Eu não sabia se Pam podia de fato iniciar um movimento para ferir Eric, já que ela era sua filha, mas ela estava se defendendo vigorosamente; havia um limite tênue ali.

Não consegui descer do banco rápido o bastante para escapar de algum dano colateral. Parecia inevitável que eles colidissem contra a banquetta, e é claro que colidiram num segundo. Caí com eles no chão, batendo o ombro contra o balcão no processo. Immanuel inteligentemente pulou para trás, e não largou a tesoura, uma bênção para todos nós. Um dos vampiros poderia tê-la agarrado como arma, ou a tesoura brilhante poderia ter se encravado em alguma parte de mim.

A mão de Immanuel agarrou meu braço com força surpreendente, e me puxou para longe. Disparamos para fora da cozinha até a sala de estar.

Paramos, ofegantes, no meio da sala entulhada, olhando para o corredor no caso da briga nos seguir. Pude ouvir coisas quebrando e batendo, e um ruído persistente que finalmente identifiquei como rosnados.

— Parecem como dois pit bulls se atacando, — disse Immanuel. Ele estava lidando com aquilo com espantosa calma. Fiquei feliz por ter alguma companhia humana.

25

— Eu não sei o que há de errado com eles, — falei. — Nunca os vi agir desse jeito.

— Pam está frustrada, — ele respondeu com uma familiaridade que me surpreendeu. — Ela quer criar sua própria criança, mas existe alguma razão vampírica que a impede.

Não consegui refrear minha surpresa. — E você sabe disso tudo — como? Desculpe, parece grosseiro, mas eu me relaciono com Pam e Eric há mais tempo, e nunca vi você antes.

— Pam está saindo com minha irmã, — Immanuel não pareceu ofendido com minha franqueza, graças a Deus. — Minha irmã Miriam. Minha mãe é religiosa, — explicou. — E meio maluca. O fato é que minha irmã está cada vez mais doente, e Pam realmente quer transformá-la antes que Mir piore. Ela será pele e ossos para sempre se Pam não se apressar.

Eu mal sabia o que dizer. — Que doença sua irmã tem? — Perguntei.

— Ela tem leucemia, — respondeu Immanuel. Embora mantivesse sua fachada casual, eu pude notar a dor por baixo, e o medo e a preocupação.





— Então é por isso que Pam o conhece.

— É. Mas ela estava certa. Sou o melhor cabeleireiro de Shreveport.

— Acredito em você, — falei. — E sinto muito por sua irmã. Eu não acho que eles tenham te contado o motivo por que Pam não foi capaz de transformar Miriam?

— Não, mas não acho que o impedimento seja Eric.

— Provavelmente não, — houve um grito agudo e um barulho na cozinha. — Pergunto-me se devo intervir.

— Se eu fosse você, os deixaria em paz.

— Espero que eles planejem pagar para pôr minha cozinha em ordem, — eu disse, me esforçando para soar zangada ao invés de assustada.

— Sabe, ele podia mandá-la ficar parada e ela teria que obedecer, — Immanuel soou quase casual.

Ele estava absolutamente certo. Sendo filha de Eric, Pam tinha que obedecer a uma ordem direta. Mas por alguma razão, Eric não estava dizendo a palavra mágica. Nesse meio tempo, minha cozinha estava sendo destruída. Quando me dei conta de que ele podia parar a coisa toda a qualquer hora que escolhesse, eu perdi minha própria calma.

Embora Immanuel tenha agarrado meu braço inutilmente, marchei com os pés descalços até o banheiro do corredor, peguei o jarro com alça que Claude usava quando lavava a banheira, enchi de água fria e fui para a cozinha (eu estava meio que mancando depois da queda do banco, mas dei um jeito). Eric encontrava-se em cima de Pam, socando-a. Seu próprio rosto estava sangrento. As mãos de Pam estavam nos ombros dele, impedindo-o de se aproximar. Talvez ela temesse que ele a morderesse.

Posicionei-me, calculando a trajetória. Quando tive certeza da posição, joguei a água fria nos vampiros brigões. Estava apagando uma espécie diferente de fogo dessa vez.

Pam gritou como uma chaleira enquanto a água fria encharcava seu rosto, e Eric disse algo que soou malcriado numa língua que eu não conhecia. Por um segundo, achei que ambos pulariam em mim. Parada com os pés firmes, jarro vazio na mão, lancei-lhes um olhar fuzilante em retribuição.

Então girei nos calcanhares e me afastei.



Immanuel ficou surpreso a me ver voltar inteira. Balançou a cabeça. Obviamente, ele não sabia se devia me admirar ou achar que eu era uma idiota.

— Você é doida, mulher, — disse — mas pelo menos eu deixei seu cabelo com boa aparência. Você devia aparecer para fazer umas luzes. Vou te dar um desconto no preço. Cobro mais caro do que qualquer outro em Shreveport. — Ele acrescentou aquilo de modo trivial.

— Oh. Obrigada. Vou pensar nisso. — Exausta pelo longo dia e por minha explosão de raiva — raiva e medo, eles te esgotam — pousei num canto vazio do sofá e sinalizei Immanuel para minha cadeira reclinável, o único outro assento na sala que não estava coberto com tralhas do sótão.

Ficamos em silêncio, ouvindo a briga recomeçar na cozinha. Para meu alívio, o barulho não retomou. Após alguns segundos, Immanuel disse: — Eu iria embora se Pam não fosse minha carona. — Ele se mostrou defensivo.

— Sem problema, — respondi, sufocando um bocejo. — Apenas sinto muito por não poder entrar na cozinha. Poderia lhe oferecer mais uma bebida ou algo para comer se eles saíssem de lá.

Ele sacudiu a cabeça. — A Coca foi suficiente, obrigado. Não como muito. O que acha que eles estão fazendo? Transando?

Eu desejei não parecer tão chocada quanto me sentia. Era verdade que Pam e Eric foram amantes logo depois que ele a transformou. Na verdade, ela me contou o quanto gostou daquela fase do relacionamento deles, apesar de ao longo das décadas descobrir que preferia mulheres. Portanto haja o que houver; de mais a mais, Eric estava casado comigo agora, numa espécie de condição vampírica sem caráter vinculativo, e eu tinha certeza que mesmo um casamento vampiro-humano excluía ter sexo com outro parceiro na cozinha da esposa?

Por outro lado...

— Pam geralmente prefere mulheres. — Falei, tentando parecer mais segura do que de fato estava. Quando pensei em Eric com outra pessoa, quis arrancar seus lindos cabelos louros. Pelas raízes. Aos chumaços.



— Ela é meio que omnissexual⁹,— Immanuel sugeriu. — Minha irmã e Pam tiveram outro homem na cama com elas.

— Ah, ok. — Levantei uma mão num gesto de “pare”. Algumas coisas eu não queria imaginar.

— Você é um pouco puritana para alguém que sai com um vampiro. — Immanuel observou.

— Sim. Sim, eu sou. — Eu nunca aplicaria esse adjetivo a mim, mas comparada a Immanuel — e Pam — eu era definitivamente moralista.

Eu preferia pensar nisso como ter um sentido de privacidade mais desenvolvido.

Finalmente, Pam e Eric vieram para sala, e Immanuel e eu nos inclinamos na borda de nossos assentos, não sabendo o que esperar. Embora os dois vampiros estivessem inexpressivos, sua linguagem corporal defensiva me deixou perceber que estavam envergonhados pela perda de controle.

Eles já tinham começado a sarar, notei com certa inveja. O cabelo de Eric estava desgrenhado e uma manga da camisa arrancada. O vestido de Pam estava rasgado, e ela carregava um dos sapatos porque tinha quebrado um salto.

28

Eric abriu a boca para falar, mas eu comecei primeiro.

— Eu não sei o que significou aquilo, — falei — mas estou cansada demais para me importar. Vocês dois são responsáveis por qualquer coisa que tenha quebrado, e eu quero que saiam dessa casa agora. Vou retirar o convite, se tiver que fazê-lo.

Eric pareceu revoltoso. Eu tinha certeza que ele planejava passar a noite em minha casa. Nesta noite, porém, isso não vai acontecer.

Vi faróis se aproximando da entrada e tinha certeza que Claude e Dermot estavam aqui. Eu não poderia ter fadas e vampiros na mesma casa ao mesmo tempo. Ambos eram fortes e ferozes, mas vampiros literalmente achavam fadas irresistíveis, como gatos e erva-de-gato. Eu não estava a fim de outra briga.

— Saíam pela porta da frente, — eu disse, quando eles não se mexeram de imediato. — Xô! Obrigada pelo corte, Immanuel. Eric agradeço por pensar em minhas

⁹ ou pansexual (atração por diversos gêneros, quando se aceita a existência de mais de dois gêneros). O termo omnissexual pode ser utilizado, ainda, para indicar alguém que tem uma orientação mais abrangente (incluindo, por exemplo, atração específica por transgêneros).





necessidades capilares. — (Posso ter dito isso com mais do que um toque de sarcasmo.) — Teria sido ótimo se você tivesse pensado um pouco mais antes de destruir minha cozinha.

Sem mais comoção, Pam acenou para Immanuel e eles saíram pela porta juntos, Immanuel parecendo levemente divertido. Pam me lançou um longo olhar ao passar por mim. Eu sabia que devia ser significativo, mas pelo amor de Deus eu não conseguia imaginar o que ela estava tentando me dizer.

Eric disse, — Eu a abraçaria enquanto dorme. Você se machucou? Sinto muito. — Ele parecia estranhamente embaraçado.

Em outra circunstância, eu teria aceitado essa rara desculpa, mas não esta noite. — Você precisa ir para casa agora, Eric. Conversaremos quando você conseguir se controlar.

Essa foi uma repreensão enorme para um vampiro, e suas costas se enrijeceram. Por um instante, achei que teria outra briga nas mãos. Mas Eric saiu pela porta da frente, finalmente. Quando ficou na varanda, ele disse, — Conversarei com você em breve, minha esposa. — Dei de ombros. Tanto faz. Estava cansada e irritada demais para evocar qualquer tipo de expressão amorosa.

Acho que Eric entrou no carro com Pam e o cabeleireiro para dirigir de volta a Shreveport. Possivelmente estava surrado demais para voar. Que diabos houve com Pam e Eric?

Tentei me convencer de que não era problema meu, mas eu tive uma sensação de desconforto de que era, realmente era.

Claude e Dermot entraram pelos fundos momentos depois, farejando o ar de modo pomposo.

— Cheiro de fumaça e de vampiros, — disse Claude, com um pronunciado revirar de olhos. — E parece que um urso veio procurar mel em sua cozinha.

— Eu não sei como você aguenta, — disse Dermot. — Eles cheiram amargo e doce ao mesmo tempo. Eu não sei se gosto ou odeio. — Levou a mão ao nariz dramaticamente. — E estou detectando um traço de cabelo queimado?

— Caras, acalmem-se, — falei cansadamente. Dei-lhes a versão resumida do ataque com bomba incendiária no Merlotte's e da briga em minha cozinha. — Então só me dêem um abraço e deixem-me ir para a cama sem mais comentários sobre vampiros. — Respondi.



— Quer que nos deitemos contigo, sobrinha? — Dermot perguntou, do jeito floreado de um fae antigo, aqueles que não passam muito tempo com humanos. A proximidade de uma fada com outra é tanto curativo quanto calmante. Mesmo com a pequena quantidade de sangue como eu tinha, eu achava a proximidade de Claude e Dermot reconfortante. Eu não havia percebido isso quando conheci Claude e sua irmã Claudine, mas quanto mais eu os conhecia e mais eles me tocavam, melhor me sentia quando estavam por perto. Quando meu bisavô Niall me abraçava, eu sentia puro amor. E não importa o que Niall tenha feito, ou o quanto suas decisões tenham sido duvidosas, eu sentia todo aquele amor novamente quando estava perto dele. Tive um momento de pesar pois eu poderei nunca mais ver Niall novamente, mas simplesmente não possuía qualquer energia emocional restante.

— Obrigada, Dermot. Mas acho melhor cair na cama sozinha esta noite. Vocês, durmam bem.

— Você também, Sookie. — me disse Claude. A cortesia de Dermot foi um incômodo para o meu primo rabugento.

Acordei pela manhã ao som de batidas na porta. Com o cabelo desgrehado e com a visão embaçada, me arrastei até a sala de estar e olhei pelo olho mágico. Sam. Abri a porta e bocejei em seu rosto.

— Sam, o que posso fazer por você? Entre.

Seu olhar flutuou sobre a sala de estar abarrotada, e pude vê-lo se esforçando por um sorriso.

— Nós ainda vamos para Shreveport? — Ele perguntou.

— Oh, meu Deus! — De repente, me senti mais acordada. — Meu último pensamento quando fui dormir ontem na noite passada foi que você não poderia ir por causa do incêndio no bar. Você pode? Quer ir?

— Sim. O oficial dos bombeiros falou com minha companhia de seguros, e eles começaram a papelada. Nesse meio tempo, Danny e eu arrastamos as mesas e cadeiras queimadas, Terry está trabalhando no assoalho e Antoine está verificando se a cozinha está em bom estado. Já me certifiquei para que tenhamos mais extintores de incêndio prontos para usar, — por um longo momento, seu sorriso vacilou. — Se eu tiver algum freguês para atender. Não é provável que as pessoas queiram voltar ao Merlotte's se acharem que podem ser incineradas.



Eu não culpava exatamente as pessoas por se preocuparem com isso. Não necessitávamos do incidente da noite anterior, nem um pouco. O incêndio pode ter apressado o declínio dos negócios de Sam.

— Então eles precisam pegar quem quer que seja que fez isso, — respondi, tentando soar positiva. — Então as pessoas saberão que é seguro voltar, e estaremos ocupados novamente.

Claude então desceu as escadas, carrancudo.

— Barulhento aqui embaixo. — Murmurou ao seguir na direção do banheiro. Mesmo andando desengonçado por ali em jeans amarrotado, Claude caminhava com uma graciosidade que chamava atenção para sua beleza. Sam deu um suspiro inconsciente e sacudiu sua cabeça de leve enquanto seus olhos seguiam Claude, deslizando pelo corredor como se tivesse rolimãs nas juntas dos quadris.

— Ei! — Eu disse, depois de ouvir a porta do banheiro se fechar. — Sam! Ele não tem nada sobre você.

— Alguns caras... — Sam começou, parecendo envergonhado, e então parou. — Ah, esqueça.

Eu não podia, é claro, não quando captava diretamente do cérebro de Sam que ele estava — não exatamente invejoso, mas pesaroso, a respeito da atração física de Claude, embora Sam soubesse tão bem quanto qualquer um que Claude era um pé no saco.

Tenho lido as mentes dos homens há anos, e eles são mais parecidos com as mulheres do que pensam, de verdade, a menos que se fale de caminhonetes. Comecei a dizer a Sam que ele era um bocado atraente, que as mulheres no bar o secavam mais do que ele pensava; mas no fim, mantive minha boca fechada. Eu tinha que deixar Sam ter a privacidade de seus próprios pensamentos. Por causa de sua natureza de metamorfo, a maior parte do que havia na cabeça de Sam permanecia na cabeça de Sam... mais ou menos. Eu conseguia captar a ideia, o humor geral, mas raramente algo mais específico.

— Vem cá, vou fazer um pouco de café. — Falei e, quando entrei na cozinha, Sam nos meus calcanhares, parei no ato. Eu tinha esquecido completamente da briga na noite anterior.

— O que aconteceu? — Perguntou Sam. — Claude fez isso? — Ele olhou ao redor consternado.



— Não, Eric e Pam. — Respondi. — Oh, *zumbis*. — Sam me olhou de modo estranho, e eu ri e comecei a juntar as coisas. Eu estava abreviando um dos praguejos de Pam, porque eu não estava assim *tão* horrorizada.

Não conseguia evitar de refletir que teria sido realmente ótimo se Claude e Dermot tivessem arrumado o lugar antes de retornarem da noite anterior. Tal como um brinde. Por outro lado, não era a cozinha deles.

Coloquei uma cadeira em pé, e Sam arrastou a mesa na posição correta. Peguei a vassoura e a pá, e varri todo o sal, pimenta e açúcar que se trituravam sob meus pés, e fiz uma anotação mental para ir ao Wal-Mart para substituir minha torradeira se Eric não me mandasse uma hoje. Meu porta-guardanapos estava quebrado também, e ele tinha sobrevivido ao incêndio de um ano e meio atrás. Suspirei em dose dupla.

— Pelo menos a mesa está boa. — Falei.

— E só uma perna quebrada numa das cadeiras, — disse Sam. — Eric vai consertar ou substituir essas coisas?

— Espero que sim. — Respondi, e descobri que a cafeteira estava intacta, assim como as canecas penduradas no suporte; não, espere, uma delas estava quebrada. Bom, sobraram cinco. Aquilo era o bastante.

Fiz um pouco de café. Enquanto Sam carregava o saco de lixo para fora, desviei até meu quarto para me aprontar. Tomei banho na noite anterior, então só precisava escovar meus cabelos e dentes, e vestir um jeans e camiseta “Fight Like a Girl”¹⁰. Não perdi tempo com maquiagem. Sam tinha me visto sob todos os tipos de condições.

— Como está o cabelo? — Ele perguntou, quando apareci. Dermot estava na cozinha também. Aparentemente, ele fez uma rápida corrida até a cidade, já que ele e Sam compartilhavam algumas rosquinhas frescas. Julgando pelo som de água correndo, Claude estava no chuveiro.

Olhei a caixa da padaria desejosa, mas estava consciente demais de que sentia o jeans apertado. Senti-me uma mártir enquanto eu derramava Special K¹¹. numa tigela, espalhava adoçante sobre o cereal e acrescentava um pouco de leite desnatado. Quando Sam pareceu querer fazer um comentário, estreitei meus olhos para ele. Ele sorriu para mim, mastigando um pedaço de um cheio de geleia.

¹⁰ *Lute como uma Garota.*

¹¹ *Special K é um cereal levemente tostado com baixa caloria fabricado pela Kellogg's.*
http://all4women.co.za/files.php?file=KELLOGG__S_PROMO_BOX_478950143.jpg



— Dermot, nós vamos para Shreveport daqui a alguns minutos. Se precisar do meu banheiro... — ofereci, já que Claude era terrível sobre monopolizar o do corredor. Lavei minha tigela na pia.

— Obrigado, sobrinha, — disse Dermot, beijando minha mão. — E seu cabelo ainda parece glorioso, apesar de mais curto. Acho que Eric estava certo ao trazer alguém para cortá-lo ontem à noite.

Sam sacudiu a cabeça enquanto entrávamos em sua caminhonete. — Sook, aquele sujeito a trata como uma rainha.

— Qual sujeito você quer dizer? Eric ou Dermot?

— Eric não, — respondeu Sam, tentando ao máximo parecer neutro. — Dermot.

— É, uma pena ele ser parente! E além disso, ele se parece demais com Jason.

— Isso não é um obstáculo para uma fada. — Sam disse seriamente.

— Você tem que estar brincando, — me senti séria rapidinho. Pela expressão de Sam, ele não estava brincando nem um pouco. — Ouça, Sam, Dermot nunca nem mesmo olhou para mim como se eu fosse uma mulher, e Claude é gay. Somos estritamente família.

Nós todos dormimos na mesma cama, e nunca houve nada exceto o conforto da presença deles já que, embora, é claro, eu tenha me sentido um pouco estranha a respeito na primeira vez. Eu estava certa de que fosse só a minha inibição humana. Por causa das palavras de Sam, agora eu fiquei me questionando como louca, desejando saber se eu captei uma vibração. Afinal, Claude gostava de andar por aí pelado, e me contou que de fato fez sexo com uma mulher antes (imaginei que houve outro homem envolvido, francamente).

— E estou dizendo de novo, coisas estranhas acontecem em famílias fae. — Sam me fitou.

— Não quero parecer grosseira, mas como você sabe?

Se Sam passou um bocado de tempo com fadas, ele manteve isso em segredo.

— Eu li a respeito depois que conheci seu bisavô.

— Leu a respeito? Onde? — Seria ótimo aprender mais sobre meu toque de herança fada. Dermot e Claude, tendo decidido viver separados de seus parentes fadas



(apesar de eu não ter certeza do quanto essas decisões foram voluntárias), permaneciam calados a respeito de crenças e costumes feéricos. Exceto os comentários pejorativos sobre trolls e duendes, de vez em quando, eles não falavam a respeito da sua raça de jeito nenhum... pelo menos, perto de mim.

— Hã... os metamorfos possuem uma biblioteca. Temos registros de nossa história e do que temos observado a respeito de outros sobrenaturais. Manter registros nos têm ajudado a sobreviver. Sempre houve um lugar onde podíamos ir a cada continente para ler e estudar a respeito de outras raças. Agora é tudo eletrônico. Estou jurado não mostrar a ninguém. Se pudesse, eu a deixaria ler tudo.

— Então não é legal eu ler, mas tudo bem você me contar a respeito? — Eu não estava tentando ser sarcástica; estava genuinamente curiosa.

— Dentro dos limites. — Sam corou.

Eu não queria pressioná-lo. Podia notar que Sam já tinha ultrapassado aqueles limites comigo.

Cada um preocupou-se com seus próprios pensamentos pelo resto da viagem. Enquanto Eric ficava morto para o dia, eu me sentia sozinha na própria pele, e geralmente apreciava a sensação. Não que estar vinculada ao Eric me fizesse sentir que estava possuída ou algo assim. Era mais como se, durante as horas noturnas, pudesse sentir sua vida continuando paralela a minha – eu sabia que ele estava trabalhando, discutindo, estava contente ou absorvido no que estivesse fazendo. Uma pequena gota de consciência, ao invés de um livro de conhecimento.

— Então, o homem-bomba de ontem. — Disse Sam abruptamente.

— É, — respondi. — Acho que talvez seja um dupla natureza de algum tipo, certo?

Ele assentiu sem olhar para mim.

— Não foi um crime de ódio. — Falei, tentando soar trivial.

— Não foi um crime de ódio humano, — disse Sam. — Mas tenho certeza que é algum tipo de ódio.

— Lucrativo?

— Não consigo pensar em qualquer razão lucrativa, — ele respondeu. — Estou segurado, mas sou o único beneficiário se o bar pegar fogo. Claro, eu estaria fora dos





negócios por um tempo, e tenho certeza que outros bares na área sairiam ganhando, mas não consigo ver isso como um incentivo. Incentivo suficiente. — Ele se corrigiu. — O Merlotte's sempre foi uma espécie de bar familiar, não um local da pesada. Não como o Vic's Redneck Roadhouse. — Acrescentou, um pouco amargamente.

Aquilo era verdade.

— Talvez alguém não goste de você pessoalmente, Sam, — falei, embora tenha soado mais severa do que eu pretendia. — Quero dizer, — acrescentei rapidamente — talvez alguém queira feri-lo destruindo seu negócio. Não você como metamorfo, mas como pessoa.

— Não me lembro de nada tão pessoal, — ele disse, genuinamente perplexo.

— Ah... Jannalynn tem um ex-vingativo, algo assim?

Sam ficou espantado com a ideia.

— Eu de verdade não ouvi falar de alguém que se ressentisse por eu sair com ela, — respondeu. — E Jannalynn é mais do que capaz de falar o que pensa. Não é como se eu pudesse coagi-la a sair comigo.

Foi difícil reprimir o riso.

— Só tentando pensar em todas as possibilidades. — Respondi, me desculpando.

— Tudo bem, — ele disse. Deu de ombros. — A questão é que não consigo lembrar quando deixei alguém realmente irado.

Eu mesma não conseguia lembrar-me de tal incidente, e conheço Sam há anos.

Logo a seguir estacionamos diante da loja de antiguidades, que se localizava numa antiga loja de tintas na antiga rua de comércio em Shreveport.

As enormes vitrines eram impecáveis, e as peças que haviam sido expostas ali estavam lindas. A maior era o que minha avó chamaria de aparador de caça. Era pesada, decorada e tão alta quanto meu peito. A outra vitrine apresentava uma coleção de jardineiras, ou vasos, eu não tinha certeza de como chamá-las. Aquela no centro, posicionada para mostrar que era a melhor, era verde-mar, azul e tinha querubins grudados nela. Achei horrenda, mas definitivamente possuía estilo.

Sam e eu olhamos para a exposição por um momento num silêncio pensativo antes de entrarmos. Uma sineta — de verdade, não uma campainha eletrônica — soou



quando abrimos a porta. Uma mulher sentada num banco atrás do balcão à direita ergueu os olhos. Ela empurrou seus óculos sobre o nariz.

— É um prazer vê-lo novamente, Sr. Merlotte. — Ela disse, sorrindo com a intensidade apropriada. *Eu me lembro de você, estou contente que tenha voltado, mas não estou pessoalmente interessada em você como homem.* Ela era boa.

— Obrigado, Sra. Hesterman, — disse Sam. — Esta é minha amiga, Sookie Stackhouse.

— Bem-vinda a Splendide, — disse a Sra. Hesterman. — Por favor, me chame de Brenda. O que posso fazer por vocês hoje?

— Temos duas missões , — respondeu Sam. — Estou aqui para ver as peças que você mencionou ao telefone...

— E eu acabei de limpar meu sótão e tenho algumas coisas que imaginei se você poderia dar uma olhada, — falei. — Preciso me livrar de algumas quinquilharias que eu trouxe para baixo. Não quero guardá-las de volta. — Sorri para mostrar boa vontade.

— Então você tem uma casa de família há muito tempo? — Ela perguntou, me encorajando a lhe dar uma pista sobre o tipo de posses que minha família possa ter acumulado.

— Nós temos vivido na mesma casa há cerca de cento e setenta anos, — contei-lhe, e ela se animou. — Mas é uma antiga casa de fazenda, não uma mansão. Mas pode ter algumas coisas pelas quais você se interesse, no entanto.

— Eu adoraria ir dar uma olhada, — ela disse, apesar do termo "adorar" claramente parecer um pequeno exagero. — Vamos marcar uma data assim que eu ajudar Sam a escolher um presente para Jannalynn. Ela é tão moderna, quem pensaria que estaria interessada por antiguidades? Ela é um doce!

Tive dificuldade para impedir de ficar boquiaberta. Nós conhecíamos a mesma Jannalynn Hopper?

Sam cutucou minhas costelas quando Brenda virou de costas para buscar uma argola de chaves. Ele fez uma cara significativa e eu suavizei minha expressão, piscando os cílios para ele. Ele desviou o rosto, mas não antes de eu perceber um sorriso relutante.

— Sam, eu reuni algumas coisas que Jannalynn pode gostar, — disse Brenda, nos guiando até um expositor, as chaves tilintando em sua mão. O gabinete estava cheio de



coisinhas, lindas coisinhas. Não consegui identificar a maioria delas. Inclinei-me sobre o vidro para olhar.

— O que é aquilo? — apontei para alguns objetos pontudos e letais com pontas decoradas. Imaginei se podia matar um vampiro com um.

— Pinos para chapéus e alfinetes, para xales e gravatas.

Havia também brincos, anéis e broches, além de caixas esmaltadas, de contas e pintadas. Todos aqueles pequenos estojos estavam cuidadosamente organizados. Eram caixas para rapé? Verifiquei a etiqueta de preço discretamente debaixo de uma caixa de prata oval no formato de uma tartaruga, e tive que apertar os lábios para reprimir meu ofego.

Enquanto ainda me fascinava com os itens que examinava, Brenda e Sam comparavam os méritos dos brincos de pérola em art déco contra um guardador de cabelos de vidro vitoriano com uma tampa em latão esmaltado. O que diabos fosse aquilo.

— O que você acha, Sookie? — Ele perguntou, olhando de um item para outro.

Examinei os brincos em art déco, pérolas no formato de gotas pendendo de uma rosa dourada. O guardador de cabelos era bonito também, apesar de eu não conseguir imaginar para que servisse ou o que Jannalynn faria com aquilo. Alguém ainda precisa guardar cabelos?

— Ela usará os brincos para exhibi-los, — respondi. — É mais difícil se gabar por ganhar um guardador de cabelos. — Brenda me lançou um olhar velado, e entendi pelos pensamentos dela que essa opinião me estigmatizou como uma filisteia.¹² Então que seja.

— O guardador de cabelos é mais antigo, — disse Sam, hesitante.

— Mas menos pessoal. A não ser que você seja vitoriano.

Enquanto Sam comparava os dois pequenos objetos com a formosura de um distintivo policial de New Bedford de setenta anos, eu perambulei pela loja, olhando a mobília. Descobri que não era apreciadora de antiguidades. Aquela era apenas mais uma falha em minha personalidade mundana, decidi. Ou talvez fosse porque eu ficava cercada por antiguidades o dia todo? Nada em minha casa era novo, exceto a cozinha, e isso apenas porque a antiga foi destruída pelo incêndio. Eu ainda estaria usando a geladeira

¹² No sentido figurado, segundo o Aurélio, "burguês de espírito vulgar e estreito" - que não tem cultura; grosseiro; incivilizado.



antiga de vovó se as chamas não a tivessem consumido (aquela geladeira era uma antiguidade da qual eu não sentia falta, com certeza).

Abri uma gaveta longa e estreita que a etiqueta descrevia como “baú de tesouro”. Havia uma folha de papel nela.

— Vejam isso, — a voz de Brenda Hesterman soou atrás de mim. — Achei que havia limpado tudo. Que isto seja uma lição, Srta. Stackhouse. Antes de irmos olhar suas coisas, certifique-se de verificar e remover todos os papéis e outros objetos. Você não quer nos vender algo da qual não pretende se separar.

Olhei ao redor para ver que Sam estava segurando um pacote embrulhado. Enquanto estive perdida na exploração, ele fez sua compra (os brincos, para meu alívio; o guardador tinha voltado ao seu lugar no expositor).

— Ela irá adorar os brincos. São lindos, — falei honestamente, e por um segundo os pensamentos de Sam ficaram emaranhados quase... púrpuras. Estranho, que eu pensaria em cores. Efeito retardado da droga xamã que tomei para os Lobis? Esperava que não.

— Vou me certificar de olhar tudo cuidadosamente, Brenda, — falei para a negociante de antiguidades.

Marcamos uma data para dali a dois dias. Ela me assegurou que poderia encontrar minha isolada casa com seu GPS, e eu a avisei sobre a longa entrada através da floresta, que levou vários visitantes a acreditarem que tinham se perdido.

— Não sei se eu irei, ou meu sócio, Donald, — disse Brenda. — Talvez nós dois.

— Ficarei contente em vê-los, — falei. — Se tiver qualquer problema ou precisar mudar a data, por favor, me avise.

— Acha mesmo que ela vai gostar deles? — Sam perguntou, quando entramos na caminhonete e colocamos os cintos. Voltamos ao assunto de Jannalynn.

— Claro, — respondi, surpresa. — Por que ela não gostaria?

— Não consigo me livrar da sensação de que estou no caminho errado com Jannalynn, — disse Sam. — Você quer parar e comer algo no Ruby Tuesday's em Youree?

— Claro, — respondi. — Sam, por que pensa assim?



— Ela gosta de mim, — ele respondeu. — Quero dizer, posso perceber. Mas ela está sempre pensando na alcateia.

— Você acha que talvez ela esteja mais concentrada em Alcide do que em você? — Isso foi o que eu estava captando da cabeça de Sam. Mas talvez eu estivesse sendo franca demais, no entanto. Sam corou.

— É, talvez. — Ele admitiu.

— Ela é uma ótima batedora e estava realmente animada para conseguir a tarefa. — Falei. Perguntei-me se aquilo havia saído neutro o suficiente.

— Ela estava. — Ele respondeu.

— Você parece gostar de mulheres fortes.

Ele sorriu.

— Eu gosto de mulheres fortes, e não tenho medo das diferentes. As comuns simplesmente não me interessam.

Retribui o sorriso.

— Eu que o diga. Não sei o que dizer sobre Jannalynn, Sam. Ela seria uma idiota se não gostasse de você. Solteiro, provê suas próprias necessidades, bonitão? E você nem palita os dentes à mesa! O que não há para amar? — Respirei fundo, porque estava prestes a mudar de assunto e não queria ofender meu patrão. — Ei, Sam, sobre aquele site que você visita? Você acha que pode descobrir por que estou me sentindo mais fada depois de andar com meus parentes fadas? Quero dizer, eu não poderia de fato me transformar numa, certo?

— Vou ver o que posso descobrir, — Sam respondeu, após um carregado instante. — Mas vamos tentar perguntar para seus colegas de quarto. Eles devem soltar alguma informação que pudesse ajudá-la. Ou eu posso arrancá-la deles.

Ele estava falando sério.

— Eles me dirão. — Soei mais segura do que me sentia.

— Onde eles estão agora? — Ele perguntou.

— Há essa hora, eles foram para o clube, — respondi, após uma espiada no meu relógio. — Eles resolvem todos seus negócios antes do clube abrir.



— Então é para onde vamos, — disse Sam. — Kennedy está abrindo para mim hoje, e você não está escalada até a noite, certo?

— Certo, — respondi, descartando meus planos para a tarde, que não eram tão urgentes para começar. Se almoçássemos no Ruby Tuesday's, não chegaríamos a Monroe até uma e meia, mas eu poderia chegar em casa a tempo de me trocar para o trabalho. Depois que escolhi o prato, pedi licença. Enquanto estive no toalete das senhoras, meu celular tocou. Eu não atendo meu celular enquanto estou no banheiro. Não gostaria de estar conversando com alguém e ouvir a descarga do vaso, certo?

Já que o restaurante era barulhento, caminhei para fora para retornar a ligação depois que acenei para Sam. O número parecia levemente familiar.

— Ei, Sookie, — disse Remy Savoy. — Como você está?

— Bem. Como está meu garotinho favorito?

Remy foi casado com minha prima Hadley, e eles tiveram um filho, Hunter, que começaria o jardim de infância no outono. Depois do Katrina, Remy e Hunter se mudaram para a cidadezinha de Red Ditch, onde Remy conseguiu um emprego numa madeireira através dos bons serviços de um primo.

— Ele está bem. Está se esforçando para seguir suas regras. Pergunto-me se posso lhe pedir um favor?

— Vamos ouvi-lo. — Respondi.

— Comecei a sair com uma moça daqui chamada Erin. Estávamos pensando em ir ao torneio de pescaria de robalo no interior de Baton Rouge, nesse fim de semana. Nós, hã, esperávamos que você pudesse ficar com Hunter? Ele fica entediado se eu pesco por mais de uma hora.

Hmmm. Remy agiu bem rápido. Kristen não foi embora há tanto tempo e já foi substituída. Eu meio que previ. Remy não era feio, era um carpinteiro habilidoso, e tinha apenas um filho — além disso, a mãe de Hunter estava morta, então não havia qualquer questão de custódia. Não há também uma perspectiva na cidade de Red Ditch.

— Remy, eu estou na estrada nesse momento, — falei. — Deixe-me retornar a ligação daqui a pouco. Tenho que verificar minha escala de trabalho.

— Ótimo, muito obrigado, Sookie. Falo com você depois.

Voltei para dentro para descobrir que nossa comida foi servida.





— Era o pai de Hunter ligando, — contei ao meu chefe depois que o garçom se afastou. — Remy tem uma namorada nova, e queria saber se eu podia ficar com Hunter nesse fim de semana.

Tive a impressão de que Sam acreditava que Remy estava tentando tirar vantagem de mim — mas também sentia que dificilmente poderia me dizer o que fazer a respeito.

— Se bem me lembro da escala, você vai trabalhar no sábado à noite, — ele apontou.

E sábado à noite era quando eu ganhava minhas maiores gorjetas.

Fiz que sim com a cabeça, para Sam e para mim mesma. Enquanto comíamos, conversamos sobre as negociações de Terry com um criador de Catahoulas¹³ em Ruston. A Annie de Terry fugiu do cercado da última vez em que entrou no cio. Dessa vez, Terry tinha uma gravidez mais planejada em mente, e as conversas entre os dois homens quase alcançaram o status pré-nupcial. Uma pergunta surgiu em minha mente, e eu não tinha certeza de como expressá-la para Sam. Minha curiosidade levou a melhor.

— Você se lembra de Bob, o gato? — Perguntei.

— Claro. Aquele sujeito que Amelia transformou em gato por acidente? A amiga dela, Octavia, o transformou de volta.

— É. Bom, o negócio é o seguinte, enquanto ele era um gato, era preto e branco. Era um gato realmente bonito. Mas Amelia encontrou uma fêmea na floresta com uma ninhada, e havia alguns filhotes preto-e-branco entre eles, então ela ficou — ok, sei que isso é esquisito — ela ficou zangada com Bob porque achou que ele tinha, você sabe, se tornado um pai. Algo assim.

— Então sua pergunta é, se isso é algo comum? — Sam pareceu enojado. — Não, Sookie. Não podemos fazer isso, e não queremos. Ninguém de dupla natureza. Mesmo se houvesse um encontro sexual, não haveria gravidez. Acho que Amelia acusou Bob falsamente. Por outro lado, ele não é — não era — realmente de dupla natureza. Ele foi completamente transformado por magia. — Sam deu de ombros. Parecia muito embaraçado.

— Desculpe, — falei, sentindo-me mortificada. — Isso foi deselegante de minha parte.

¹³ Raça de cachorro.

http://1.bp.blogspot.com/_ZkoSxJl90n8/S_Qfmf8RjYI/AAAAAAAAAHY/52_O4W77uA8/s1600/catahoula.jpg





— É algo natural de se perguntar, eu acho, — Sam disse, duvidoso. — Mas quando eu estou em minha outra pele, não saio por aí fazendo filhotes.

Agora eu fiquei horrivelmente embaraçada.

— Por favor, aceite minhas desculpas, — eu disse.

Ele relaxou quando viu o quanto eu estava desconfortável. Deu um tapinha em meu ombro.

— Não se preocupe com isso. — Então ele perguntou quais eram meus planos para o sótão agora que o esvaziei, e conversamos sobre coisas triviais até nos sentirmos bem um com o outro novamente.

Liguei de volta para Remy quando estávamos na interestadual.

— Remy, esse fim de semana não vai dar para mim. Desculpe! — Expliquei que teria que trabalhar.

— Não se preocupe com isso, — disse Remy. Ele soou calmo em relação a minha recusa. — Foi apenas uma ideia. Ouça, por falar nisso. Eu detesto pedir outro favor. Mas Hunter tem que visitar o jardim de infância na próxima semana, só algo que a escola faz todo ano para que as crianças tenham uma imagem mental do lugar para onde irão no outono. Elas passeiam pelas salas de aula, conhecem os professores, e vêem o refeitório e os banheiros. Hunter me perguntou se você podia ir conosco.

42

Fiquei boquiaberta. Estava feliz por Remy não poder me ver.

— Isso é durante o dia, suponho, — falei. — Que dia da semana?

— Próxima terça-feira, às duas horas.

A não ser que eu fosse escalada para o turno do almoço, eu poderia ir.

— Mais uma vez, deixe-me verificar minha escala de trabalho, mas acho que vai ser possível, — respondi. — Te ligo mais tarde esta noite. — Desliguei meu celular e contei ao Sam sobre o segundo pedido de Remy.

— Parece que ele esperou para te pedir a coisa mais importante na segunda vez, então seria mais provável você ir, — Sam respondeu.

Eu ri.





— Não pensei nisso até você mencionar. Meu cérebro funciona de um modo mais direto do que isso. Mas agora que me passou pela cabeça, isso parece... nada improvável. — Dei de ombros. — Não que eu me oponha, exatamente. Quero que Hunter seja feliz. E passei um tempo com ele, embora não tanto quanto eu deveria.

Hunter e eu éramos parecidos de modo secreto; ambos éramos telepatas. Mas aquele era nosso segredo porque eu temia que Hunter pudesse estar em perigo se sua habilidade fosse descoberta. Com certeza não melhorou *minha* vida em nada.

— Então por que está preocupada? Porque posso notar que você está, — disse Sam.

— Só... irá parecer ridículo. As pessoas em Red Ditch vão pensar que Remy e eu estamos saindo. Que sou uma espécie de - perto de ser mãe para Hunter. E Remy acabou de dizer que esta saindo com uma mulher chamada Erin, e ela pode não gostar... — Minha voz se esgotou. Esta visita parecia uma ideia levemente ruim. Mas se faria Hunter feliz, imagino que devia seguir adiante.

— Você está com aquela sensação de ter sido tapeada? — O sorriso de Sam era irônico. Era nosso dia de falar sobre coisas embaraçosas.

— É, — admiti. — Estou. Quando me envolvi na vida de Hunter, nunca imaginei que ele realmente dependeria de mim para algo. Acho que nunca estive tão perto assim de crianças. Remy tem uma tia-avó e um tio-avô em Red Ditch. É por isso que se mudou para lá depois do Katrina. Eles tinham uma casa vazia para alugar. Mas os tios são velhos demais para cuidar de uma criança da idade de Hunter por mais do que uma hora ou duas, e o único primo é ocupado demais para ser de alguma ajuda.

— Hunter é uma criança comportada?

— Sim, acho que ele é, — sorri. — Sabe o que é estranho? Quando Hunter ficou comigo, ele e Claude se deram muito bem. Aquilo foi uma grande surpresa.

Sam me fitou.

— Mas você não iria querer deixá-lo com Claude durante horas, iria?

Após pensar por um momento, respondi, — Não.

Sam assentiu, como se eu tivesse confirmado algo sobre a qual estava se perguntando.



— Porque, afinal de contas, Claude é uma fada? — Ele colocou desconfiança suficiente em sua voz para certificar-se de que eu sabia do quê ele estava sinceramente me perguntando.

As palavras soaram bem desagradáveis ditas em voz alta. Mas era a verdade.

— Sim, porque Claude é uma fada. Mas não porque ele é de uma raça diferente da nossa, — lutei com como expressar o que eu queria dizer. — Fadas, eles amam crianças. Mas eles não possuem a mesma estrutura de referência como a maioria dos humanos. Fadas farão o que acham que deixará a criança feliz, ou beneficiarão a criança, ao invés de fazer o que um adulto cristão faria. — Me fez sentir pequena e provinciana admitir tudo aquilo, mas eram meus verdadeiros sentimentos. Senti vontade de acrescentar uma série de negativas - *Não que eu ache que sou uma ótima cristã, longe disso. Não que não cristãos sejam pessoas ruins. Não que eu ache que Claude machucaria Hunter.* Mas Sam e eu nos conhecíamos há tanto tempo que tive certeza de que ele entenderia tudo aquilo.

— Estou feliz por estarmos de acordo, — disse Sam, e me senti aliviada. Mas estava longe de estar confortável. Podíamos estar em acordo, mas eu não estava feliz com sua leitura.

A primavera estava se aproximando do verão, e o dia estava lindo. Tentei apreciar todo o caminho até Monroe, mas minha sorte estava limitada.

Meu primo Claude era dono do Hooligans, um clube de strip afastado da interestadual e fora de Monroe. Cinco noites por semana, apresentava o entretenimento convencional oferecido em clubes de strip. O clube fechava nas segundas. Mas quinta à noite era o Só para Mulheres, e era quando Claude tirava a roupa. Obviamente, ele não era o único homem a se apresentar. Pelo menos três outros strippers masculinos apareciam numa base rotativa com bastante regularidade, e geralmente havia um stripper convidado também. Havia um circuito de strip masculino, meu primo me contou.

— Você alguma vez veio aqui para assisti-lo? — Sam perguntou enquanto estacionávamos na porta dos fundos.

Ele não era a primeira pessoa a me perguntar isso. Eu estava começando a achar que havia algo de errado comigo, por não sentir a necessidade de correr até Monroe para assistir sujeitos tirarem suas roupas.

— Não. Já vi Claude pelado. Nunca apareci para assisti-lo fazer seu negócio profissionalmente. Ouvi dizer que ele é bom.

— Ele fica pelado? *Em sua casa?*





— Modéstia não é uma das prioridades de Claude, — respondi.

Sam pareceu descontente e surpreso, a despeito de seu próprio aviso anterior sobre o fae não pensar que parentesco estivesse fora dos limites sexualmente.

— E quanto a Dermot? — Perguntou.

— Dermot? Eu não acho que ele faça strip, — respondi, confusa.

— Quero dizer, ele não anda pela casa pelado, anda?

— Não, — respondi. — Isso parece ser coisa de Claude. Seria realmente desagradável se Dermot fizesse isso, já que se parece tanto com Jason.

— Isso simplesmente não está certo, — Sam murmurou. — Claude precisa se manter com suas calças.

— Eu lidei com isso, — disse, o tom de minha voz lembrando ao Sam que o caso não era para ele se preocupar.

Era dia da semana, então o lugar não abria até às quatro da tarde. Eu nunca estive no Hooligans antes, mas parecia com qualquer outro clube pequeno; com um estacionamento de porte apropriado, revestido com tapume de tábuas em azul-elétrico, um letreiro rosa-choque berrante. Locais que vendiam álcool ou sensualidade sempre pareciam tristes durante o dia, não? O único outro negócio perto do Hooligans, agora que eu estava olhando, era uma loja de bebidas.

Claude me dissera o que fazer no caso de algum dia eu aparecer. O sinal secreto era bater quatro vezes, mantendo as batidas razoavelmente espaçadas. Depois de feito isso, fitei para fora através dos campos. O sol tocava o estacionamento com apenas uma dica do calor por vir. Sam transferia o peso de um pé para outro desconfortavelmente. Após alguns segundos, a porta se abriu.

Eu sorri e disse olá automaticamente, e comecei a entrar no corredor. Foi um choque perceber que o porteiro não era humano. Congelei.

Presumi que Claude e Dermot eram as únicas fadas restantes na América dos dias modernos, já que meu bisavô arrastou todas as fadas para sua própria dimensão, ou mundo, ou seja lá como chamavam, e fechou a porta. Embora eu *também* soubesse que Niall e Claude se comunicavam ocasionalmente, porque Niall me enviou uma carta pelas mãos de Claude. Mas eu deliberadamente me absteve de fazer muitas perguntas. Minhas experiências com meus parentes fae, com todos os fae, tinham sido tanto agradáveis





quanto horríveis... mas perto do fim, aquelas experiências se provaram muito mais na escala do horrível.

O porteiro ficou tão surpreso por me ver quanto eu ao vê-lo. Ele não era uma fada — mas era fae. Eu conheci fadas que lixavam os dentes para se parecerem como os que essa criatura mostrava naturalmente: uns centímetros mais compridos, pontudos, levemente curvados para dentro. As orelhas do porteiro não eram pontudas, mas não achei que foram alteradas cirurgicamente para parecerem mais achatadas e redondas como dos humanos. O efeito alienígena era suavizado pelos cabelos densos e finos, que eram de uma rica cor castanho-avermelhada e camadas lisas, cerca de sete centímetros, por toda sua cabeça. O efeito não era de um penteado, mas de uma pelagem de animal.

— O que você é? — Perguntamos recíproca e simultaneamente.

Teria sido engraçado... em outro universo.

— O que esta acontecendo? — Sam disse atrás de mim, e eu pulei. Andei por todo o caminho para dentro do clube com Sam nos meus calcanhares, e a pesada porta de metal bateu atrás de nós. Depois da deslumbrante luz solar, as compridas lâmpadas fluorescentes que iluminavam o corredor pareciam duplamente desoladoras.

— Sou Sookie, — respondi, para romper o silêncio desconfortável.

— O que você é? — A criatura perguntou novamente. Ainda estávamos parados desajeitadamente no corredor estreito.

A cabeça de Dermot surgiu no batente.

— Ei, Sookie, — disse. — Vejo que conheceu Bellenos. — Ele aproximou-se do corredor e notou minha expressão. — Você nunca viu um elfo antes?

— *Eu* não tenho visto, obrigado por perguntar, — murmurou Sam. Já que ele era muito mais entendido sobre o mundo sobrenatural do que eu, me dei conta de que elfos deviam ser bem raros.

Eu tinha um bocado de perguntas sobre a presença de Bellenos, mas não tinha certeza se tinha algum direito de perguntar, especialmente depois da minha gafe com Sam.

— Desculpe, Bellenos. Certa vez conheci um meio elfo com dentes como os seus. Principalmente, embora, sei que fadas afiam seus dentes para parecerem assim. Prazer em conhecê-lo, — falei com grande esforço. — Este é meu amigo, Sam.



Sam apertou a mão de Bellenos. Os dois tinham quase a mesma altura e constituição física, mas notei que os olhos oblíquos de Bellenos eram castanho-escuros, combinando com as sardas em sua pele leitosa. Aqueles olhos estavam curiosamente distantes, ou talvez seu rosto fosse mais largo do que o normal nas maçãs do rosto?

O elfo sorriu para Sam, e eu percebi um vislumbre dos dentes novamente. Estremeci e desviei o olhar.

Através de uma porta aberta avistei um enorme camarim. Havia um balcão comprido tomando toda uma parede, demarcada com um espelho bem iluminado. O balcão estava coberto com cosméticos, pincéis de maquiagem, secadores, modeladores de cabelo e pranchas, peças de fantasias, lâminas de barbear, uma ou duas revistas, perucas, celulares... a tralha variada de pessoas cujo emprego dependia da aparência. Algumas banquetas altas espalhavam-se fortuitamente ao redor do aposento, e havia bolsas e sapatos por todo canto.

Bem longe no corredor, Dermot gritou: — Venham ao escritório.

Seguimos pelo corredor e entramos numa pequena sala. Um tanto para meu desapontamento, o exótico e belo Claude possuía um escritório completamente prosaico - apertado, abarrotado e sem janela. Claude tinha uma secretária, uma mulher vestida num terninho executivo feminino da JCPenney. Ela não poderia ter parecido mais incongruente num clube de strip. Dermot, que evidentemente era o mestre de cerimônias hoje, disse, — Nella Jean, essa é nossa querida prima Sookie.

Nella Jean era morena e redonda, e os olhos de cor chocolate amargo eram quase idênticos aos de Bellenos, apesar de seus dentes serem reconfortantemente normais. Seu pequeno cubículo ficava ao lado do escritório de Claude; na verdade, conjecturei que ele tinha sido convertido de um armário de armazenamento. Após um olhar depreciativo em Sam e em mim, Nella Jean pareceu mais do que pronta para retirar-se para seu próprio espaço. Ela fechou a porta do próprio escritório com um ar de finalidade, como se soubesse que faríamos algo vil e não quisesse ter nada a ver conosco.

Bellenos encostou a porta do escritório de Claude também, nos fechando numa sala que ficaria cheia com nós dois, quanto mais cinco. Pude ouvir música vinda do clube propriamente (ou melhor, do clube impropriamente) e imaginei o que estaria acontecendo ali. Strippers ensaiavam? O que faziam com Bellenos?

— Por que a visita surpresa? — Claude perguntou. — Não que eu não esteja encantado por vê-la.



Ele não estava encantado por me ver nem um pouco, embora tivesse me convidado para aparecer no Hooligans mais de uma vez. Era óbvio pela sua expressão amuada que ele nunca acreditou que eu viria vê-lo no clube a menos que ele estivesse no palco dançando. *Claro, Claude tem certeza que cada pessoa no mundo quer vê-lo tirar as roupas,* pensei. Ele apenas não apreciava visitas, ou havia algo que não queria que eu soubesse?

— Você precisa nos dizer por que Sookie está se sentindo cada vez mais fae, — Sam disse abruptamente.

Os três fae masculinos viraram-se simultaneamente para olhar Sam.

Claude disse, — Por que precisamos contar isso a ela? E por que você está se preocupando com nossos assuntos familiares?

— Porque Sookie quer saber o porquê, e ela é minha amiga, — respondeu Sam. Seu rosto estava duro, sua voz muito equilibrada. — Vocês deviam educá-la sobre seu sangue misto ao invés de morarem em sua casa parasitando-a como sanguessugas.

Eu não sabia para onde olhar. Não sabia que Sam era tão contrário do meu primo e meu tio-avô ficarem comigo, e ele realmente não precisava dar sua opinião. E Claude e Dermot não estavam me parasitando; eles compravam mantimentos também, e limpavam suas bagunças muito cuidadosamente. Às vezes. Era verdade que minha conta de água aumentou (e eu disse algo sobre isso com Claude), mas nada mais me custava dinheiro.

— De fato, — disse Sam, quando eles continuaram a fuzilá-lo em silêncio — vocês estão ficando com ela para se certificarem de que ela será mais fae, certo? Estão encorajando esta parte nela se fortalecer. Não sei como estão fazendo isso, mas sei que estão. Minha pergunta é: vocês estão fazendo isso só pelo conforto, pela companhia, ou possuem um plano em mente para Sookie? Algum tipo de complô de fadas secreto?

As últimas palavras foram mais como um rosnar ameaçador do que a voz normal de Sam.

— Claude é meu primo e Dermot é meu tio-avô, — falei automaticamente. — Eles não tentariam... — E deixei o pensamento se consumir com tristeza. Se aprendi algo ao longo dos últimos anos, foi não fazer suposições estúpidas. A ideia de que a família não te prejudicaria era uma suposição estúpida de primeira ordem.

— Venha ver o resto do clube, — Claude disse de repente. Antes que pudéssemos pensar a respeito, ele nos arrastou para fora do escritório e pelo corredor. Abriu a porta do clube totalmente, e Sam e eu entramos.



Acho que todos os clubes e bares parecem basicamente iguais - mesas e cadeiras, alguma tentativa na decoração ou tema, um bar real, um palco com mastros para strippers, e algum tipo de cabine de som. Naqueles aspectos, o Hooligans não era diferente.

Mas todas as criaturas que se viraram para a porta quando entramos... todos eles eram fae. Dei-me conta lenta e inevitavelmente enquanto olhava de um rosto para outro. Não importava o quanto se pareciam humanos (e a maioria deles poderia se “passar”), cada um possuía um traço de sangue fae de um tipo ou de outro. Uma bela moça com cabelos vermelho-fogo era parte elfo. Ela tinha os dentes afiados. Um rapaz alto e esbelto era algo que eu nunca tinha me deparado antes.

— Bem-vinda, irmã, — disse um baixo e louro... alguma coisa. Não conseguia ter certeza nem do gênero. — Veio aqui se juntar conosco?

Lutei para responder.

— Eu não tinha planejado, — falei. Voltei para o corredor e deixei a porta se fechar atrás de mim. Agarrei o braço de Claude. — Que diabos está acontecendo aqui? — Quando ele não respondeu, me virei para meu tio-avô. — Dermot?

— Sookie, nossa querida, — disse Dermot, após um momento de silêncio. — Hoje à noite quando voltarmos para casa, contaremos tudo que você precisa saber.

49

— E quanto a ele? — Perguntei, indicando com a cabeça para Bellenos.

— Ele não estará conosco, — respondeu Claude. — Bellenos dorme aqui, como nosso vigia noturno.

Você só precisava de um vigia noturno se tivesse com medo de um ataque.

Mais encrenca.

Eu mal podia suportar a perspectiva.



Capítulo Três

OK, EU TINHA SIDO ESTÚPIDA NO PASSADO. Não constantemente estúpida, mas ocasionalmente estúpida. E eu cometi erros. Pode apostar, eu cometi erros.

Mas durante o percurso de volta a Bon Temps, com meu melhor amigo dirigindo e me dando o silêncio de que eu precisava, eu pensei bastante. Eu senti uma lágrima gotejar de cada olho. Eu desviei o olhar e sequei meu rosto com um lenço de papel da minha bolsa, não querendo que Sam demonstrasse compaixão.

Quando eu me controlei, eu disse, — Tenho sido uma tola.

Num gesto louvável, Sam pareceu surpreso. — No que você está pensando? — ele perguntou, então ele não diria, “Que horas são?”

— Você acha que as pessoas realmente mudam, Sam?

Ele levou um momento para organizar seus pensamentos. — Essa é uma grande pergunta, Sookie. As pessoas podem progredir para algum nível, com certeza. Viciados podem ser fortes o suficiente para parar de usar seja lá no que estiverem viciados. As pessoas podem ir à terapia e aprender como controlar o comportamento que tem estado fora de controle. Mas há um sistema... externo. Uma técnica de gerenciamento imposta pela ordem natural das coisas, aquilo que a pessoa é realmente — uma não viciada. Isso faz sentido?

Eu assenti.

— Então, de modo geral, — ele continuou, — Eu teria que dizer não, pessoas não mudam, mas elas *podem* aprender a se comportarem de modo diferente. Eu quero acreditar no contrário. Se você tiver um argumento que afirme que eu estou errado, ficaria grato em ouvi-lo. — Nós viramos para o meu acesso e começamos a passar pelos bosques.

— Crianças mudam enquanto crescem e se adaptam à sociedade e às suas próprias circunstâncias, — eu disse. — Às vezes num bom caminho, às vezes num mau. E eu acho que se você ama alguém, você se esforça para conter alguns de seus hábitos que o irrita, certo? Mas aqueles hábitos ou inclinações continuam lá. Sam, você está certo. Estes são outros casos de pessoas impondo uma reação que aprenderam sobre a original.



Ele me olhou preocupadamente enquanto parava o carro atrás da casa. — Sookie, o que há de errado?

Eu balancei minha cabeça. — Eu sou tão idiota, — eu disse a ele. Eu não conseguia olhar completamente na cara dele. Arrastei-me para fora da caminhonete. — Você está tirando o dia todo de folga, ou eu te verei mais tarde no bar?

— Estou tirando o dia inteiro de folga. Ouça, você precisa que eu fique por aqui? Eu não tenho certeza sobre o que você está preocupada, mas você sabe que podemos conversar sobre isso. Eu não tenho ideia do que está acontecendo no Hooligans, mas até que as fadas resolvam nos contar... eu fico aqui se você precisar de mim.

Ele foi sincero em sua oferta, mas eu também sabia que ele queria ir para casa, ligar para Jannalynn, fazer planos para a noite, assim ele poderia dar a ela o presente que teve tanto trabalho para escolher. — Não, eu estou bem, — eu disse de modo tranquilizador, sorrindo para ele. — Eu tenho um milhão de coisas para fazer antes de ir para o trabalho, e muito sobre o que pensar. — Para não ser grosseira.

— Obrigado por ir a Shreверport comigo, Sookie, — disse Sam. — Mas eu acho que eu errei ao levá-la aos seus parentes para falarem contigo. Deixe-me saber se eles não vierem esta noite. — Eu acenei em despedida enquanto ele se retirou para dirigir de volta à Estrada Hummingbird regressando para seu trailer, situado logo atrás do Merlotte's. Sam nunca ficava completamente longe do trabalho - mas por outro lado, era uma viagem realmente curta.

51

Quando eu abri a porta dos fundos, eu já estava fazendo planos.

Eu senti vontade de tomar uma chuveirada — não, um banho de banheira. Era na verdade prazeroso estar sozinha, ter Claude e Dermot fora de casa. Eu estava cheia de novas suspeitas, mas este era apenas um sentimento tristemente familiar. Eu pensei em ligar para Amelia, minha amiga bruxa que havia voltado para Nova Orleans para sua casa restaurada e para seu restabelecido emprego, para pedir conselhos sobre várias coisas. Por fim eu não liguei. Eu teria que explicar muito. A possibilidade fez meu cérebro sentir-se cansado, e essa não era definitivamente uma maneira para começar uma conversa. Um e-mail poderia ser melhor. Eu podia registrar tudo por aquele caminho.

Eu enchi a banheira com óleos para banho, e entrei na água quente cautelosamente, travando os dentes enquanto mergulhava. A parte da frente das minhas coxas ainda ardia um pouco. Depilei minhas pernas e axilas. Se cuidar sempre faz você se sentir melhor. Depois que eu sai, o óleo me deixou mais escorregadia que um pugilista, eu



pintei minhas unhas dos pés e escovei meu cabelo, e me assustei mais uma vez pela forma como ele parecia estar curto. Ainda estava abaixo das minhas omoplatas, me acalmei.

Tudo liso e polido, eu coloquei meu uniforme do Merlotte's, triste por cobrir minhas unhas dos pés com meias e tênis. Eu estava tentando não pensar, e estava me saindo bem.

Eu tinha cerca de trinta minutos sobrando, então eu liguei a TV e apertei o botão do meu gravador de vídeo digital para ver o *Jeopardy!*¹⁴ do dia anterior. Começamos a ligar a TV do bar no programa todos os dias, porque os clientes do bar se divertiam adivinhando as respostas. Jane Bodehouse, nossa beberona mais fiel, revelou-se uma especialista em filmes antigos, e Terry Bellefleur certamente sabia tudo sobre seus esportes. Eu poderia responder a maioria das questões sobre escritores, já que eu leio muito, e Sam era bastante seguro em história Americana depois de 1900. Eu não ficava no bar sempre que o programa passava, então eu comecei a gravá-lo todo dia. Eu gostava do mundo feliz de *Jeopardy!* Eu gostava de conseguir a Aposto Dupla, o qual hoje consegui. Quando o programa terminou, era hora de ir.

Eu gostava de dirigir para o trabalho no turno da noite quando ainda havia luz lá fora. Eu liguei o rádio e cantei "Crazy" sem parar com Gnarl Barkley. Eu me identificava.

Jason passou dirigindo por mim na direção oposta, talvez a caminho da casa de sua namorada. Michele Schubert estava durando no relacionamento. Uma vez que Jason estava finalmente crescendo, ela talvez pudesse ter algo permanente com ele... se ela quisesse. O trunfo mais forte em Michele era que ela não estava fascinada (aparentemente) pelo poder mágico de Jason na cama. Se ela ficava fantasiando sobre ele e ciumenta por sua atenção, ela mantinha perfeitamente escondido. Eu tirava meu chapéu para ela. Eu acenei para meu irmão, e ele sorriu. Ele parecia feliz e sem conflitos. Eu invejava isso do fundo do meu coração. Havia grandes saldos positivos no modo como Jason levava a vida.

O público no Merlotte's estava escasso novamente. Sem surpresas ali; uma bomba incendiária é péssima publicidade. E se o Merlotte's não pudesse sobreviver? E se a Vic's Redneck Roadhouse continuasse roubando clientes? As pessoas gostavam do Melotte's porque ele era relativamente quieto, porque era tranquilo, porque a comida era boa (mesmo que limitada) e as bebidas eram generosas. Sam sempre havia sido um cara popular até os metamorfos fazerem seu próprio pronunciamento.

¹⁴ Programa norte-americano de perguntas e respostas (quiz) variando história, literatura, cultura e ciências.



Pessoas que lidaram com os vampiros com prudente aceitação pareciam considerar os de dupla-natureza como a última gota que fez o copo transbordar, por assim dizer.

Eu entrei na despensa para pegar um avental limpo e depois no escritório de Sam para enfiar minha bolsa dentro da gaveta mais baixa de sua mesa. Certamente seria legal ter um pequeno cadeado. Eu podia guardar minha bolsa e uma muda de roupa lá para as noites quando pequenos desastres aconteciam, como uma cerveja derramada ou um esguicho de mostarda.

Eu estava substituindo Holly, que casaria com Hoyt, o melhor amigo de Jason, em outubro. Este seria o segundo casamento de Holly, o primeiro de Hoyt. Eles decidiram fazer tudo o que tinham direito e terem uma cerimônia na igreja e uma recepção no salão da igreja logo após. Eu sabia mais sobre isso do que eu queria saber. Embora demorasse meses para o casamento, Holly já estava obcecada com os detalhes. Já que seu primeiro casamento havia sido uma visita ao juiz de paz, este era (teoricamente) sua última chance de viver o sonho. Eu podia imaginar a opinião de minha avó sobre o vestido branco de casamento de Holly, uma vez que Holly tinha um filho pequeno na escola - mas ei, qualquer coisa para fazer a noiva feliz. O branco costumava simbolizar a pureza da virgindade de quem o usa. Hoje em dia significa simplesmente que a noiva adquiriu um vestido caro e inutilizável para ficar pendurado no armário depois do grande dia.

Eu acenei para Holly para atrair sua atenção. Ela estava falando com o novo pregador da Igreja Batista, Irmão Carson. Ele vinha de vem em quando, mas nunca pedia bebida alcoólica. Holly terminou a conversa e caminhou até mim para me contar o que estava acontecendo em nossas mesas, o que não era muito. Eu tremi quando olhei para a marca queimada no meio do chão. Uma mesa a menos para servir.

— Ei, Sookie, — Holly disse, parando no caminho para pegar sua bolsa. — Você estará no casamento, certo?

— Claro, eu não perderia por nada.

— Você se importaria de servir o ponche?

Isso era uma honra — não tão grande quanto ser uma dama de honra, mas ainda assim significativa. Eu nunca esperaria tal coisa. — Eu ficaria contente, — eu disse, sorrindo. — Vamos conversar novamente quando estiver mais próximo.

Holly pareceu satisfeita. — Ok, excelente. Bem, vamos esperar que os negócios melhorem aqui e então ainda teremos um emprego no próximo setembro.





— Ah, você sabe que ficaremos bem, — eu disse, mas eu estava longe de ser convincente quanto deveria ser.

Eu fiquei acordada por meia hora esperando por Claude e Dermot depois que cheguei em casa naquela noite, mas eles não apareceram, e eu não tive vontade de ligar para eles. A promessa que eles fizeram de conversar comigo, a conversa que se pretendia me completar da minha herança fada, não se desenrolaria esta noite. Embora eu quisesse ouvir algumas respostas, eu descobri que estava igualmente satisfeita. O dia havia sido cheio demais. Eu disse a mim mesma que estava chateada, e tentei ouvir as fadas quando chegassem, mas não fiquei acordada por mais do que cinco minutos.

Quando me levantei na manhã seguinte, um pouco depois das nove, eu não vi nenhum dos sinais que normalmente indicavam que meus hóspedes tinham retornado. O banheiro do corredor estava exatamente do jeito como havia estado no dia anterior, não havia louça na pia da cozinha, e nenhuma das luzes foi deixada ligada. Eu saí na varanda fechada dos fundos. Não, nenhum carro.

Talvez eles estivessem cansados demais para fazer a viagem de volta à Bon Temps, ou talvez os dois tiveram sorte. Quando Claude veio morar comigo, ele me disse que se ele tivesse um “encontro”, ele passaria a noite em sua casa em Monroe com o cara sortudo. Eu presumi que Dermot faria o mesmo — apesar de que pensando bem, eu nunca vi Dermot com ninguém, homem *ou* mulher. Eu também presumi que Dermot preferia mulheres a homens, simplesmente porque ele parecia com Jason, que era todo próximo das mulheres. Suposições. Burrice.

Preparei para mim ovos com torradas e frutas, e li uma cópia da biblioteca de um dos livros de Nora Roberts enquanto comia. Senti-me mais como a minha antiga eu do que me sentia em semanas. Exceto pela visita ao Hooligans, eu tive uns momentos legais no dia anterior, e os rapazes não estavam se arrastando para dentro e para fora da cozinha, se queixando por eu ser pobre no pão integral ou água quente (Claude) ou me oferecendo gracejos afetados quando tudo que eu queria fazer era ler (Dermot). Legal descobrir que eu ainda seria capaz de curtir ficar sozinha.

Cantando para mim mesma, eu tomei banho e me maquiei... e nesse meio tempo eu tive que sair para o trabalho novamente para o turno da manhã. Eu dei uma espiada na sala de estar, cansada de vê-la parecer uma loja de ferro-velho. Eu lembrei a mim mesma que no dia seguinte os revendedores de antiguidades pretensamente viriam.

O bar estava um pouco mais movimentado do que estive na noite anterior, o que me deixou ainda mais animada. Um pouco para minha surpresa, Kennedy estava atrás do bar. Ela parecia tão refinada e perfeita quanto à campeã de concurso de beleza que já foi



um dia, apesar de estar usando jeans apertado e uma camiseta de tecido leve com listras brancas e cinzas.

Éramos absolutamente as mulheres mais bem vestidas hoje.

— Onde está Sam? — eu perguntei. — Eu pensei que ele estivesse trabalhando.

— Ele me ligou esta manhã, disse que ainda estaria em Shreverport, — Kennedy disse, me dando uma olhada de lado. — Eu acho que o aniversário de Jannalynn foi realmente bom. Eu preciso de muitas horas quanto eu puder conseguir, então eu fiquei contente em rolar da cama e trazer meu traseiro até aqui.

— Como estão sua mãe e seu pai? — eu perguntei. — Eles vieram te visitar ultimamente?

Kennedy sorriu amargamente. — Eles só estão enrolando, Sookie. Eles ainda gostariam que eu fosse a Pequena Miss do Concurso de Beleza e ensinando na Escola Dominical, mas eles me enviaram um bom cheque quando eu saí da prisão. Tenho sorte de tê-los.

Suas mãos estacionaram no meio da secagem de um copo. — Estive pensando, — ela disse, e parou. Eu esperei. Eu sabia o que estava vindo. — Eu estive pensando se foi um membro da família de Casey que bombardeou o bar, — ela disse, muito calmamente. — Quando eu atirei em Casey, eu estava apenas salvando minha própria vida. Eu não pensei na família dele, ou na minha, ou em qualquer outra coisa que não fosse sobreviver.

Kennedy nunca havia falado sobre isso antes, o que eu podia entender completamente. — Quem não estaria pensando em qualquer outra coisa além de sobreviver, Kennedy? — eu disse, calmamente, mas com intensidade. Eu queria que ela sentisse minha completa sinceridade. — Ninguém em seu juízo perfeito teria feito algo diferente. Eu não acho que Deus alguma vez fosse querer que você se deixasse espancar até a morte. — Embora eu não tivesse de qualquer modo certeza do que Deus desejava. Provavelmente eu quis dizer, *eu acho que você teria sido burra como o inferno se o deixasse te matar.*

— Eu não teria saído dessa tão fácil se aquelas mulheres não tivessem se apresentado, — disse Kennedy. — A família dele, eu acho que eles sabem que ele batia de verdade em mulheres... mas me pergunto se eles ainda me culpam. Talvez eles soubessem que eu estava no bar, e decidiram me matar aqui.

— Alguém da família dele é um ser de dupla natureza? — eu perguntei.



Kennedy pareceu chocada. — Ai meu Deus, não! Eles são Batistas!

Eu tentei não sorrir, mas eu não consegui evitar. Depois de um segundo, Kennedy começou a rir de si mesma. — Sério, — ela disse, — acho que não. Você acha que seja lá quem atirou aquela bomba era um metamorfo?

— Ou alguma outra espécie de dupla natureza. É, eu acho, mas não espalhe isso por aí. Sam já está sentindo a reação suficiente do jeito como está.

Kennedy assentiu em total acordo, um cliente me chamou para levar uma garrafa de molho de pimenta para ele, e eu tinha um novo assunto para pensar.

A garçonete que entraria no meu lugar ligou para dizer que um pneu de seu carro furou e eu permaneci no Merlotte's por duas horas extras. Kennedy, que ficaria lá até fechar, me provocou sobre ser indispensável, até eu batê-la com uma toalha. Kennedy animou-se bastante quando Danny entrou. Ele obviamente foi para casa tomar um banho depois do trabalho e se barbeou novamente, e ele pareceu para Kennedy como se seu mundo agora estivesse completo quando ele subiu no banco do bar.

O que ele disse foi, — Me vê uma cerveja e seja rápida nisso, mulher.

— Você quer que eu derrame essa cerveja na sua cabeça, Danny?

— Não faz diferença para mim o modo como eu vou tomá-la. — E eles sorriram um para o outro.

Logo que escureceu, meu celular vibrou no bolso do meu avental. Tão logo que eu pude, entrei no escritório de Sam. Recebi uma mensagem de Eric. — Vejo vc mais tarde, — dizia. E isso foi tudo. Apenas eu tive um autêntico sorriso em meu rosto pelo resto da noite, e quando eu dirigi para casa, eu me senti completamente feliz por ver Eric sentado na minha varanda da frente, tendo ele arruinado minha cozinha ou não. E ele tinha uma torradeira nova com ele, um laço vermelho preso na caixa.

— A que devo a honra? — eu perguntei com sarcasmo. Eu não deixei Eric saber que eu estive aguardando sua visita. Claro, ele provavelmente tinha uma ideia que fosse assim, por meio de nosso laço de sangue.

— Não temos nos divertido ultimamente, — ele respondeu. Ele entregou a torradeira.



— Entre eu apagando um incêndio e você atacando Pam? É, eu diria que foi uma afirmação justa. Obrigada pela substituição da torradeira, embora eu não classifique isso como diversão. O que você tem em mente?

— Mais tarde, certamente, eu tenho um sexo espetacular em mente, — ele respondeu, ficando de pé e caminhando até mim. — Eu pensei em uma posição que não tentamos ainda.

Eu não sou tão flexível quanto Eric, e a última vez em que tentamos algo realmente ousado, eu acabei com o quadril dolorido por três dias. Mas eu estava desejosa para experimentar. — O que você tem em mente antes do sexo espetacular? — eu perguntei.

— Temos que visitar uma boate nova, — ele respondeu, mas eu peguei uma sombra de preocupação em sua voz. — Isso é como eles a estão chamando, para tentar atrair os jovens que são bonitos. Como você.

— Onde fica essa boate? — Já que eu estive de pé por horas, esse plano não era o mais tentador. Mas *havia* um bom tempo que não nos divertíamos como um casal — em público.

— Fica entre aqui e Shrevertown, — Eric respondeu, e hesitou. — Victor acabou de abrir.

— Ah. É inteligente de a sua parte ir lá? — eu perguntei, consternada. O programa de Eric teve apelo zero agora.

Victor e Eric estavam engajados em uma luta silenciosa. Victor Madden era o procurador de Felipe na Louisiana, Rei de Nevada, Arkansas, e Louisiana.

Felipe estava baseado em Las Vegas, e nós desejávamos saber (Eric, Pam e eu) se ele tinha dado esse grande osso para o ambicioso Victor só para tirá-lo de seu território mais rico. No fundo do meu coração, eu queria que Victor morresse. Victor havia enviado dois de seus capangas mais confiáveis, Bruno e Corinna, para matar Pam e eu, simplesmente a fim de enfraquecer Eric, a quem Felipe tem protegido já que ele era o xerife mais produtivo do estado.

Pam e eu viramos o feitiço contra o feiticeiro. Bruno e Corinna eram pilhas de cinzas na margem da interestadual, e ninguém podia provar que fizemos isso.

Victor espalhou a notícia de que estava oferecendo uma grande recompensa a qualquer um que pudesse lhe dar alguma informação sobre o paradeiro de seus capangas,





mas ninguém se apresentou. Somente Pam, Eric e eu sabíamos o que tinha acontecido. Victor dificilmente podia nos acusar abertamente, já que isso seria admitir que ele os enviou para nos matar. É um jogo sem vencedores.

Da próxima vez, Victor poderia enviar alguém mais cauteloso e meticoloso. Bruno e Corinna foram demasiadamente confiantes.

— Não é inteligente ir a este clube, mas nós não temos escolha, — Eric respondeu. — Victor ordenou que eu fizesse uma aparição com minha esposa. Ele pensará que eu estou com medo dele se eu não te levar.

Pensei nisso enquanto procurava em meu armário, tentando achar qualquer coisa que eu possuísse que ficasse bem em uma boate badalada. Eric estava deitado em minha cama, suas mãos atrás de sua cabeça. — Tem uma coisa no meu carro, eu esqueci, — ele disse de repente, e se tornou um borrão saindo pela porta. Ele estava de volta em segundos, carregando uma peça de roupa pendurada em um cabide envolto em um saco plástico transparente.

— O quê? — eu perguntei. — Não é meu aniversário.

— Um vampiro não pode dar um presente para sua amada?

Eu tive que sorrir para ele. — Bem, sim ele pode, — eu respondi. Eu amo presentes. A torradeira havia sido uma compensação. Isto foi uma surpresa. Eu removi o saco plástico cuidadosamente. A roupa pendurada no cabide era um vestido. Provavelmente.

— Isso é — isso é a coisa toda? — eu perguntei, segurando-o. Tinha um colarinho preto em forma de “U” - um amplo U, tanto na frente quanto atrás - e o resto era cor de bronze, brilhante e plissado, como se fossem muitas faixas de bronze costuradas juntas. Bem, nem tantas. A vendedora deixou o preço na etiqueta. Eu tentei não olhar, fracassei, e senti minha boca abrir quando absorvi o valor. Eu poderia comprar seis ou talvez dez peças no Wal-Mart, ou três no Dillard’s, pelo preço deste vestido.

— Você ficará maravilhosa, — Eric disse. Ele sorriu, mostrando as presas. — Todos vão me invejar.

Quem não se sentiria bem, ouvindo aquilo?

Eu saí do banheiro para descobrir que meu novo amigo Immanuel estava de volta. Ele havia armado uma estação de cabelo e maquiagem na minha penteadeira. Pareceu muito estranho ver outro homem em meu quarto. Immanuel parecia estar com um ânimo





muito melhor hoje à noite. Até mesmo seu corte de cabelo estranho parecia alegre. Enquanto Eric observava de tão perto como se suspeitasse que Immanuel fosse um assassino, o magro cabeleireiro cacheou meus cabelos e me maquiou. Desde que Tara e eu éramos criancinhas, eu não tinha um momento tão bom em frente ao espelho. Quando Immanuel terminou, eu parecia... brilhante e confiante.

— Obrigada, — eu disse, imaginando para onde a Sookie de verdade tinha ido.

— De nada, — Immanuel disse com seriedade. — Você tem uma pele ótima. Gosto de trabalhar em você.

Ninguém jamais havia me dito aquilo, e tudo que eu pude responder foi, — Por favor, deixe um cartão. — Ele pegou um e o apoiou contra uma dama de porcelana chinesa que minha avó amava. A justaposição me fez sentir um pouco triste. Eu passei por tanta coisa depois da morte dela.

— Como está sua irmã? — eu perguntei, já que eu estava pensando em coisas tristes.

— Ela teve um bom dia hoje, — Immanuel respondeu. — Obrigado por perguntar. — Apesar dele não olhar para Eric quando disse aquilo, eu vi Eric desviar o olhar, seu maxilar apertado. Irritado.

Immanuel saiu depois de empacotar toda sua parafernália, e eu encontrei um sutiã sem alças e uma calcinha fio-dental — que eu odiava, mas quem quer a marca da calcinha sob um vestido assim? — e comecei a me aprontar. Afortunadamente, eu tinha bons saltos pretos. Eu sabia que sandálias com tiras serviriam melhor com o vestido, mas os saltos teriam que servir.

Eric tinha realmente prestado atenção em como eu me vesti. — Tão macia, — ele disse, subindo sua mão pela minha perna.

— Ei, se você continuar fazendo isso, não chegaremos ao clube, e toda essa preparação terá sido desperdiçada. — Me chame de patética, mas eu na verdade queria que outra pessoa além de Eric visse o efeito total do vestido novo, do cabelo novo e da boa maquiagem.

— Não inteiramente desperdiçada, — ele disse, mas se trocou para dentro de suas próprias roupas de festa. Eu trancei seu cabelo para que ele parecesse elegante e preendi a ponta com uma fita preta. Eric parecia um pirata dando uma volta pela cidade.



Devíamos ficar felizes, animados com nosso encontro, ansiosos para dançar juntos no clube. Eu não podia saber o que Eric estava pensando enquanto caminhamos para seu carro, mas eu sabia que ele não estava feliz com o que estávamos fazendo e para onde estávamos indo.

Então éramos dois.

Eu decidi relaxar me balançando para frente e para trás com uma conversa leve.

— Como os vampiros novos estão se saindo? — eu perguntei.

— Eles chegam na hora que deveriam e passam seu tempo no bar, — ele disse sem entusiasmo. Três vampiros que terminaram na área de Eric depois do Katrina tinham pedido a permissão dele para ficarem na Área Cinco, embora quisessem se aninhar em Minden, não em Shrevertport em si.

— O que há de errado com eles? — eu perguntei. — Você não parece muito animado com esse aumento no seu pessoal. — Eu deslizei para meu assento. Eric caminhou em volta do carro.

— Palomino é adequadamente aceitável, — ele admitiu relutantemente enquanto sentava no banco do motorista. — Mas Rubio é estúpido, e Parker é fraco.

60

Eu não conhecia os três suficientemente bem para debater sobre isso. Palomino, que eu conhecia só pelo primeiro nome, era uma jovem vampira atraente com coloração peculiar — sua pele tinha um tom bronzeado natural, enquanto seu cabelo era loiro-claro. Rubio Hermosa era bonito, mas — eu tinha que concordar com Eric — ele era estúpido e nunca tinha muito a dizer sobre si mesmo. Parker era um nerd na morte assim como foi em vida, e apesar dele ter melhorado o sistema de computadores do Fangtasia, ele parecia se assustar com a própria sombra.

— Você quer conversar comigo sobre a discussão entre você e Pam? — eu perguntei depois de afivelar o cinto. Em lugar de seu Corvette, Eric trouxe o Lincoln Town Car¹⁵ do Fangtasia. Era incrivelmente confortável, e dado o modo como ele dirigia quando estava no Vette, eu sempre ficava satisfeita quando tínhamos uma saída noturna no Lincoln.

— Não, — respondeu Eric. Ele ficou instantaneamente taciturno e emanando preocupação.

¹⁵ <http://www.lincoln.com/cars/towncar/gallery/photos/>



Eu esperei ele entrar em detalhes.

Esperei mais um pouco.

— Tudo bem, — eu disse, me esforçando para recuperar meu sentido de prazer por estar em um encontro com um homem deslumbrante. — Sem problemas. Faça como quiser. Mas eu acho que o sexo será algum grau menos espetacular se eu estiver preocupada com você e Pam.

Aquela pequena frivolidade me rendeu um olhar sombrio.

— Eu sei que Pam quer criar outro vampiro, — eu disse. — Eu entendo que tem um princípio de tempo envolvido.

— Immanuel não devia ter falado, — Eric disse.

— Foi bom ter alguém que realmente compartilhe informações comigo, informações diretamente relacionadas com as pessoas com as quais me importo. — Eu tinha que fazer um desenho?

— Sookie, Victor disse que eu não posso dar permissão a Pam para que ela crie uma criança. — O maxilar de Eric se fechou como uma armadilha de aço.

Oh. — Reis têm controle sobre a reprodução, eu acho, — eu disse cautelosamente.

— Sim. Controle absoluto. Mas entenda que Pam está transformando isso num inferno, assim como Victor.

— Victor não é um rei, de verdade, é? Talvez se você fosse diretamente ao Felipe?

— Toda vez que eu ultrapasso Victor, ele encontra um modo de me punir.

Não havia com o que discutir. Eric estava sendo puxado em duas direções diferentes, por assim dizer.

Então no caminho para o clube de Victor, que Eric disse que se chamava Vampire's Kiss¹⁶ conversamos sobre a visita dos negociantes de antiguidades no dia seguinte. Havia muitas coisas que eu gostaria de ter discutido, mas tendo em vista a posição predominantemente difícil de Eric, eu não quis discutir os meus próprios problemas.

¹⁶ O Beijo do Vampiro.





Além disso, eu tinha a sensação de que ainda não sabia tudo que havia para saber sobre a situação de Eric.

— Eric, — eu disse, e percebi que estava falando muito abruptamente e com muita intensidade. — Você não me conta tudo sobre seus negócios, estou certa?

— Você está certa, — ele respondeu, sem perder tempo. — Mas há muitos motivos para isso, Sookie. O mais importante é que alguns destes motivos poderiam apenas te trazer preocupação, e o restante te colocariam em perigo. Conhecimento nem sempre é poder. — Eu pressionei meus lábios e me recusei a olhar para ele. Infantil, eu sei, mas eu não acreditava nele completamente.

Depois de um momento de silêncio, ele adicionou, — Há também o fato de eu não estar acostumado a compartilhar minhas preocupações diárias com um humano, e é difícil romper um hábito depois de mil anos.

Certo. E nenhum desses segredos envolvia meu futuro. *Certo*. Evidentemente, Eric leu meu petrificado autocontrole como uma aceitação ressentida, porque ele decidiu que nosso momento tenso havia acabado.

— Mas você me conta tudo, minha amada, não conta? — ele perguntou de modo implicante.

Eu olhei furiosamente para ele e não respondi.

Isso não foi o que Eric esperava. — Não conta? — ele perguntou, e eu não pude calcular tudo que estava em sua voz. Desapontamento, preocupação, um toque de raiva... e um traço de excitação. Aquilo era muito para embalar dentro de algumas palavras, mas eu juro que estava tudo lá. — Isso é uma reviravolta inesperada, — ele murmurou. — E mesmo assim, dizemos que nos amamos.

— Nós dizemos que nos amamos. — Eu concordei. — E eu te amo, mas eu estou começando a ver que estar apaixonado não significa compartilhar tanto quanto pensei que fazíamos.

Ele não teve nada a dizer.

Passamos pelo Vic's Redneck Roadhouse no caminho para a nova boate, e mesmo da interestadual eu pude ver que o estacionamento estava lotado. — Merda, — eu disse. — Lá estão sentados todos os negócios do Merlotte's. O que eles têm que nós não temos?



— Entretenimento. A novidade de estar em um lugar novo. Garçonetes em calças sexys e blusas curtas, — Eric começou.

— Ah, pare, — eu disse, enojada. — Levando em consideração a confusão por Sam ser um metamorfo e todas as outras coisas, eu não sei quanto tempo mais Merlotte's pode aguentar.

Houve uma explosão de prazer proveniente de Eric. — Oh, então você não teria nenhum emprego, — ele disse, com uma compaixão falsa. — Você poderia trabalhar para mim no Fangtasia.

— Não, obrigada. — Eu disse imediatamente. — Eu odiaria ver os vampirófilos chegando noite após noite, sempre querendo o que não deveriam ter. É simplesmente triste e ruim.

Eric olhou por cima para mim, nada feliz com minha resposta rápida. — Este é o modo como faço meu dinheiro, Sookie, em cima das fantasias e dos sonhos perversos dos humanos. A maioria desses humanos são turistas que visitam Fangtasia uma ou duas vezes e então voltam para Minden ou Emerson e contam para seus vizinhos sobre seu passeio pelo lado selvagem. Ou são pessoas da base da Força Aérea que gostam de mostrar o quão valentões eles são por beberem em um bar vampiresco.

— Eu entendo. E eu sei que se os vampirófilos não forem ao Fangtasia, eles irão para outro lugar para matarem o tempo com vampiros. Mas eu não acho que gostaria deste ambiente no dia-a-dia. — Eu ficava meio orgulhosa por trabalhar em um “ambiente”.

— O que você faria, então? Se o Merlotte's fechasse?

Essa era uma boa pergunta, e uma que eu teria que considerar seriamente. Eu respondi, — Eu tentaria conseguir outro emprego de garçoneiro, talvez no Diner Crawdad. As gorjetas não seriam tão boas quanto no bar, mas o aborrecimento seria menor. E talvez eu tentasse estudar pela internet e ganhar algum tipo de diploma. Isso seria legal, ter mais educação.

Houve um momento de silêncio. — Você não mencionou fazer contato com seu bisavô, — Eric disse. — Ele poderia assegurar que você não precisasse de mais nada.

— Não tenho certeza se eu poderia, — eu disse, surpresa. — Fazer contato com ele, eu quero dizer. Acho que Claude saberia como. Na verdade, tenho certeza de que ele saberia. Mas Niall deixou bem claro que ele não achava que manter contato seria uma boa



ideia. — Era minha vez de pensar por um segundo. — Eric, você acha que Claude tem algum motivo oculto para vir morar comigo?

— É claro que ele tem; Dermot também, — Eric respondeu, sem perder tempo. — Eu só acho que você precisa perguntar.

Não pela primeira vez, me senti despreparada para a tarefa de lidar com a minha vida. Eu lutei com uma onda de autopiedade, de amargura, enquanto me forcei a examinar as palavras de Eric. Eu suspeitava na mesma medida, claro, e essa foi a razão de eu perguntar ao Sam se as pessoas realmente mudavam. Claude sempre foi o mestre do egoísmo, o duque do desinteresse. Por que ele mudaria? Ah, com certeza, ele perdeu a oportunidade de estar presente com as outras fadas, especialmente agora que suas irmãs estavam mortas. Mas por que ele viria morar com alguém com tão pouco sangue de fada como eu tinha (especialmente quando eu havia sido diretamente responsável pela morte de Claudine) a menos que ele tivesse outra coisa em mente?

A motivação de Dermot era obscura da mesma forma. Seria fácil assumir que o caráter de Dermot fosse idêntico ao do Jason porque eles eram muito parecidos, mas eu aprendi (pela minha amarga experiência) o que acontece quando eu faço suposições. Dermot esteve enfeitiçado por um longo tempo, um feitiço que o enlouqueceu, mas mesmo através da névoa mental da magia funcionando nele, Dermot havia tentado fazer a coisa certa. Pelo menos, foi o que ele me disse, e havia uma pequena evidência de que aquilo fosse verdade.

Eu ainda estava remoendo sobre minha credulidade quando pegamos uma saída em declive no meio do nada. Você podia ver o brilho das luzes do Vampire's Kiss, o que, obviamente, indicava o local.

— Você não tem medo que as pessoas que irão dirigir na direção de Shreverpot para o Fangtasia vão simplesmente passar para o outro lado da estrada quando virem esse clube? — eu perguntei.

— Sim.

Eu fiz uma pergunta idiota, então lhe dei a margem para ser breve comigo. Eric devia estar remoendo seu declínio financeiro já que Victor comprou o prédio. Mas eu não estava preparada para dar ao Eric mais passe livre. Éramos um casal, e ele também deveria compartilhar sua vida completamente comigo ou deixar que eu me preocupasse com meus próprios problemas. Não era fácil, estar ligada ao Eric. Eu o espiei rapidamente, percebendo o quão estúpido aquilo soaria para um dos vampirófilos do Fangtasia. Eric era



certamente um dos homens mais bonitos que eu já vi. Ele era forte, inteligente, e fantástico na cama.

Neste momento, pousava entre mim e o homem forte, inteligente, vigoroso um silêncio gélido, e esse silêncio durou até estacionarmos. Foi difícil achar um lugar, o que deixou Eric ainda mais irritado. *Que não foi difícil dizer.*

Já que Eric foi convocado, teria sido educado reservar para ele uma vaga para estacionar na porta da frente... ou lhe dar o sinal verde para entrar pela porta de trás. Houve também a inevitável lição de que o Vampire's Kiss estava tão movimentado que foi difícil encontrar um lugar para estacionar.

Ai.

Eu lutei para deixar de lado meus próprios aborrecimentos. Eu precisava me concentrar nos problemas que estávamos prestes a encarar. Victor não gostava ou confiava em Eric, e o sentimento era mútuo. Uma vez que Victor ficou encarregado da Louisiana, a posição de Eric como único remanescente da era Sophie-Anne tinha se tornado progressivamente precária. Eu tinha certeza de que consegui continuar minha vida sem ser molestada somente porque Eric havia me enganado para que eu me casasse com ele aos olhos dos vampiros.

Eric, sua boca pressionada em uma linha fina, deu a volta para abrir minha porta. Eu poderia dizer que ele estava usando a manobra como uma maneira de examinar o estacionamento em busca do perigo. Ele parou de tal forma que seu corpo ficou entre mim e o clube, e quando eu girei minhas pernas para fora do Town Car, ele perguntou, — Quem está no estacionamento, amada?

Pus-me de pé, devagar e com cuidado, meus olhos fechados para concentrar. Coloquei minha mão sobre a dele onde repousava na beirada da porta. Na noite quente, com um suave vento gentilmente movendo meu cabelo, eu direcionei meu sentido extra completamente. — Um casal fazendo sexo em um carro duas fileiras adiante, — eu sussurrei. — Um homem vomitando atrás do pick-up preta do outro lado do estacionamento. Dois casais apenas lanchando, em um Escalade. Um vampiro ao lado da porta do clube. Outro vampiro se aproximando *rapidamente*.

Quando vampiros entram em alerta, não tem erro. As presas de Eric saíram, seu corpo ficou tenso, e ele girou para olhar para fora.



Pam disse, — Mestre. — Ela saiu da sombra de um grande carro esportivo. Eric relaxou; e então, gradualmente, eu também. Seja lá o que fez os dois brigarem em minha casa, foi posto de lado esta noite.

— Eu vim como você me ordenou, — ela murmurou, o vento noturno erguendo sua voz e arremessando-a. Seu rosto parecia estranhamente sombrio.

— Pam, entre na luz, — eu disse.

Ela entrou, embora certamente não fosse obrigada a me obedecer.

A escuridão sob a pele branca de Pam era o resultado de uma pancada. Vampiros não se machucam exatamente como nós, e eles se curam rapidamente — mas quando são duramente atingidos, você pode notar por um tempo. — O que aconteceu contigo? — Eric perguntou. Sua voz estava completamente vazia, o que eu sabia que era uma coisa tremendamente ruim.

— Eu disse aos guardas da porta que eu precisava entrar para ter certeza de que Victor sabia que você estava chegando. Uma desculpa para ter certeza se o interior era seguro.

— Eles a impediram.

— Sim.

Uma pequena brisa surgiu, fazendo o ar da noite dançar pelo estacionamento fedorento. A brisa pegou meu cabelo e o arremessou em volta de meu rosto. Eric tinha o seu preso atrás do pescoço, mas Pam chegou a segurar o dela para trás. Eric desejava a morte de Victor há meses, e eu lamentava muito por dizer que sentia o mesmo. Não eram apenas preocupação e raiva que eu estava canalizando do Eric; eu mesma entendia o quanto melhor a vida seria para nós se Victor estivesse morto.

Eu cheguei tão longe quanto chegaria. Em momentos como esse eu ficava tanto triste quanto aliviada que conseguisse pensar acerca da morte de Victor não apenas sem náusea repentina, mas também com um entusiasmo positivo. Minha determinação em sobreviver e garantir a sobrevivência daqueles que eu amava, era mais forte que a religião que eu sempre estimei.

— Temos que entrar, ou eles mandarão alguém atrás de nós, — Eric disse por fim, e nós caminhamos para a porta da frente em silêncio. Tudo que precisávamos era de uma canção tema muito foda tocando de fundo: algo ameaçador e legal, com muita percussão para indicar “Os Vampiros Visitantes e Sua Companheira Humana Entram em uma





Armadilha.” Porém, a música do clube não estava sincronizada com nosso pequeno drama — “Hips Don’t Lie”¹⁷ não era exatamente uma música valentona.

Passamos por um homem barbudo lavando com uma mangueira os cascalhos perto da porta. Eu ainda podia localizar manchas escuras de sangue. Pam bufou. — Não é meu, — ela balbuciou.

A vampira de plantão na porta era uma morena robusta usando uma coleira de couro com pontas metálicas e um bustiê de couro, com um tutu (juro por Deus) e botas de motociclista. Somente a saia com babados parecia fora do personagem.

— Xerife Eric, — ela disse com um acentuado sotaque Inglês. — Eu sou Ana Lyudmila. Seja bem-vindo ao Vampire’s Kiss. — Ela nem mesmo olhou para Pam, muito menos para mim. Eu praticamente esperava que ela me ignorasse, mas sua indiferença para com Pam foi um insulto, especialmente já que Pam havia tido um encontro com os funcionários do clube. Este comportamento era o tipo de gatilho que poderia enviar Pam para uma crise nervosa, o que eu achei que poderia ser o plano. Se Pam ficasse incontrolavelmente furiosa, os novos vampiros teriam uma razão legítima para matá-la. O alvo nas costas de Eric assumiria largas proporções.

Naturalmente, eu nem mesmo seria um fator nos pensamentos deles, porque eles não conseguiam imaginar o que uma humana poderia fazer contra a força de um vampiro e sua velocidade. E já que eu não era a Supermulher, eles poderiam estar certos. Eu não tinha certeza de quantos vampiros sabiam que eu não era inteiramente humana, ou quantos deles se importariam se soubessem que eu era fada por uma fração. Não é como se eu exibisse qualquer poder de fada. Meu valor está em meu talento telepático e minha conexão com Niall. Visto que Niall havia deixado este mundo para ir para o mundo dos fae, eu previa que esse valor diminuiu como consequência. Mas Niall podia optar por voltar para o mundo humano a qualquer momento, e eu era a esposa de Eric pelo rito vampírico. Então Niall apoiaria Eric em um conflito aberto. Pelo menos essa era minha melhor aposta. Com fadas, quem sabe? Era hora de me impor.

Eu deitei minha mão no ombro de Pam e dei um tapinha. Era como afagar uma pedra. Eu sorri para Ana Lyudmila. — Oi, — eu disse, jovial como uma líder de torcida lá no topo. — Sou Sookie. Sou casada com Eric. Eu advinho que você não sabia disso? E essa é Pam, criança de Eric e seu braço direito mais forte. Acho que você não sabia disso, também? Porque normalmente, não nos cumprimentar apropriadamente é claramente rude. — Eu sorri para ela.

¹⁷ Música interpretada por Skakira, com participação especial de Wyclef Jean - rapper e produtor musical.



Parecendo como se eu a tivesse forçado a engolir um sapo vivo, Ana Lyudmila disse, — Bem-vindas, esposa humana de Eric e honrada lutadora Pam. Eu peço desculpas por não lhes oferecer um cumprimento adequado.

Pam estava encarando Ana Lyudmila como se imaginasse quanto tempo levaria para arrancar os cílios de Ana um por um. Eu bati no ombro de Pam com meu punho, de forma muito amistosa. — Estamos tranquilas, Ana Lyudmila, — eu disse. — Está tudo bem aqui. — Pam trocou olhares comigo, e foi tudo que eu pude fazer para não hesitar. Para adicionar mais à tensão, Eric estava fazendo uma boa imitação de uma grande rocha branca. Eu lhe dei uma olhada bem carregada.

Ana Lyudmila não poderia ter batido em Pam. Ela não tinha o combustível. Além disso, ela parecia bem, e eu estava completamente certa de que se alguém tivesse descido a mão em Pam, aquele vampiro mostraria o efeito subsequente.

Depois de um segundo, Eric disse, — Penso que seu mestre está esperando por nós. — Seu tom foi de uma gentil reprovação. Ele se assegurou de que seu massivo autocontrole estivesse evidente.

Se Ana Lyudmila pudesse corar, acho que ela teria. — Sim, claro, — ela disse. — Luis! Antonio! — Dois homens jovens, cabelos pretos e musculosos, se materializaram dentre a multidão. Eles estavam usando shorts de couro e botas. Moderno. Ok, uma aparência diferente para os empregados do Vampire's Kiss. Eu havia presumido que Ana Lyudmila estivesse seguindo seu próprio espírito de moda, mas aparentemente todos os vampiros em serviço tinham que se vestir um tanto como um homem das cavernas com trajes de um escravo sexual. Pelo menos, eu supus que esta era a aparência que eles precisavam ter.

Luis, o mais alto dos dois, disse, — Sigam-nos, por favor, — em um Inglês acentuado. Seus mamilos tinham piercing, algo que eu nunca tinha visto antes, e naturalmente eu quis dar uma olhada mais de perto. Mas nas minhas regras, era basicamente de mau gosto encarar as propriedades dos outros, não importa o quão na cara elas estavam.

Antonio não conseguia esconder o fato de que Pam havia causado nele uma boa impressão, mas isso não o impediria de nos matar se Victor o ordenasse.



Seguimos os servos Gêmeos Bobbsey¹⁸ pela pista de dança lotada. Aqueles shorts de couro eram uma aventura vistos por trás, vou te contar.

E as imagens de Elvis decorando as paredes também eram uma transmissão de conhecimentos. Não era comum entrar num clube vampiresco que tinha como tema especial bondage¹⁹/Elvis/bordel.

Pam estava admirando a decoração também, mas não com o seu normal divertimento cínico. Parecia estar passando muita coisa pela cabeça de Pam.

— Como estão seus três amigos? — ela perguntou ao Antonio. — Aqueles que me impediram de entrar.

Ele sorriu de um jeito tenso, e eu senti que os vampiros feridos não eram seus favoritos. — Eles estão tomando sangue de doadores lá atrás, — ele respondeu. — Acho que o braço de Pearl já está curado.

Enquanto ele me precedia através do salão barulhento, Eric estava avaliando o clube numa série de espiadas casuais. Era importante para ele parecer à vontade, como se ele tivesse completa certeza de que seu chefe não pretendia lhe causar nenhum dano. Eu podia perceber isso por nossa ligação. Já que ninguém se importava comigo, eu fiquei livre para olhar para onde eu quisesse... embora eu esperasse estar fazendo aquilo com um adequado ar despreocupado.

Havia pelo menos vinte sugadores de sangue no Vampire's Kiss, mais do que Eric já teve no Fangtasia de vez em quando. Havia também muitos humanos. Eu não sabia a capacidade que a estrutura comportava, mas eu estava bem certa de que tinha excedido. Eric chegou pelas costas dele, e eu peguei sua mão fria. Ele me puxou para frente, envolveu meus ombros com seu braço esquerdo, e Pam cobriu a retaguarda. Estávamos em um DEFCON Quatro²⁰, Alerta Laranja, ou seja o que for que apareça antes de uma explosão. A tensão vibrava através de Eric como uma corda de violão muito afinada.

E então localizamos sua fonte.

¹⁸ Série de romances para crianças (1904-1979 e 1987-1992). Descreve as aventuras dos gêmeos (Bert e Nan, 12 anos; Flossie e Freddie, 6 anos) de uma família de classe média.

¹⁹ Tipo específico de fetice, geralmente relacionado com sadomasoquismo, onde a principal fonte de prazer consiste em amarrar e imobilizar o parceiro. Pode ou não envolver a prática de sexo com penetração.

²⁰ DEFCON é uma escala usada pelo exército americano para avaliar o nível de sua preparação para guerra. 1 = nível máximo. 5 = preparação normal.





Victor estava sentado nos fundos numa espécie de curral para VIPs. Era limitado por um imenso e quadrado banco estofado em veludo vermelho, diante do qual estava centralizada uma mesa baixa comum. Era uma desordem de pequenas bolsas de noite e bebidas meio vazias e notas de dinheiro. Victor era definitivamente o ponto central do agrupamento, seus braços em volta do jovem e da jovem que o ladeavam. O quadro era um cartaz do que os humanos conservadores mais temiam: o vampiro corrupto seduzindo a juventude americana, introduzindo-os em orgias bissexuais e no ato de chupar sangue. Eu olhei de um para o outro. Apesar de que um fosse do sexo masculino e outro do sexo feminino, eles eram surpreendentemente idênticos de qualquer forma. Mergulhando em suas cabeças, eu rapidamente descobri que os dois estavam usando drogas, ambos eram menores de vinte e um anos, e ambos eram experientes sexualmente. Eu me senti um pouco triste por eles, mas eu sabia que não poderia ser responsável. Embora eles já tivessem percebido isso, eram apenas acessórios para Victor. Sua posição condizia com sua vaidade.

Havia outra humana na área VIP, uma jovem mulher sentada sozinha. Ela estava usando um vestido branco com uma saia comprida, e seus olhos marrons estavam fixos em Pam com desespero. A mulher estava claramente horrorizada com a companhia que ela estava mantendo. Um minuto antes eu teria apostado que Pam não conseguiria ficar com mais raiva ou mais miserável do que já estava, mas eu estava errada.

70

— Miriam, — Pam sussurrou.

Oh, Jesus Cristo, Pastor da Judéia. Essa era a mulher que Pam queria transformar, a mulher que ela queria que se tornasse sua criança. Miriam devia ser a mulher mais doente que eu já vi que não estivesse em um hospital. Mas seu cabelo marrom claro estava arrumado em um penteado de festa, e ela estava maquiada, embora os cosméticos se sobressaíssem em um rosto tão pálido, mesmo assim seus lábios pareciam brancos.

O rosto de Eric não mostrou nada, mas eu pude senti-lo lutando, batalhando para manter seu rosto calmo e seus pensamentos claros.

Muitos pontos para Victor por tão magnífica emboscada.

Luis e Antonio, tendo nos pronunciado, posicionaram-se na entrada da área VIP. Eu não sabia se eles estavam ali para nos manter lá dentro ou para manter os outros fora. Ficamos ainda mais protegidos pelas figuras em papelão de Elvis de pé, em tamanho pelo menos igual ao real. Eu não fiquei impressionada. Eu conhecia o verdadeiro.

Victor nos cumprimentou com um sorriso formidável, branco e cheio de dentes, tão brilhante quanto de um convidado de um *game show*. — Eric, que bom ver você no





meu novo empreendimento! Gostou da decoração? — Ele balançou a mão para indicar todo o clube lotado. Apesar de Victor não ser um homem alto, ele era claramente o rei do castelo, e ele estava devorando aquilo a cada minuto. Ele se inclinou para frente para pegar sua bebida da mesa baixa.

Até mesmo a taça era dramática - escura, fumê, canelada. Combinava com a decoração que deixava Victor tão orgulhoso. Eu teria chamado isso aqui (se eu tivesse a chance de descrever para outra pessoa, o que nesse instante parecia muito improvável) de antigo prostíbulo: muita madeira escura, grande quantidade de papel de parede, couro, e veludo vermelho. Parecia pesado e florido para mim; possivelmente eu era preconceituosa. As pessoas girando na pista de dança pareciam estar gostando do Vampire's Kiss não importando como ele era decorado. A banda era uma banda vampiresca, então eles eram ótimos. Eles tocaram uma música atual, então começaram um número de rock mais bluesado. Já que os membros da banda poderiam ter tocado com Robert Johnson e Memphis Minnie, eles tiveram muitas décadas para praticar.

— Estou impressionado, — Eric disse em uma voz completamente inflexível.

— Perdoem meus maus modos! Sentem-se, por favor, — Victor disse. — Meus companheiros são... Seu nome, doçura? — ele perguntou à garota.

— Eu sou Mindy Simpson, — ela respondeu com um sorriso faceiro. — Este é meu marido, Mark Simpson.

Eric mostrou ter percebido a presença deles com uma espiada pelo canto do olho. Pam e eu não havíamos nem entrado no jogo da conversa ainda, então não precisávamos responder.

Victor não apresentou a jovem mulher pálida. Ele estava claramente guardando o melhor para o final.

— Vejo que você trouxe sua querida esposa, — Victor disse enquanto nós visitantes, nos movemos para sentar no longo banco à direita de Victor. Não era tão confortável quanto eu esperava que fosse, e a profundidade do assento não correspondia com o comprimento de minhas pernas. O display em tamanho natural de Elvis à minha direita estava usando o famoso macacão branco. Primeira classe.

— É, estou aqui, — eu disse desconfortavelmente.

— E sua famosa subordinada, Pam Ravenscroft, — Victor continuou, como se ele estivesse nos identificando para um microfone escondido.



Eu apertei a mão de Eric. Ele não podia ler minha mente, o que (só naquele momento) eu achei uma pena. Havia muita coisa acontecendo aqui que não sabíamos. Aos olhos dos vampiros, como esposa humana de Eric eu era praticamente classificada como sua designada concubina número um. O título de “esposa” me deu status e proteção, teoricamente tornando-me intocável para outros vampiros e seus empregados. Eu não era exatamente orgulhosa de ser uma cidadã de segunda classe, mas uma vez que eu entendi o porquê do Eric ter me enganado sobre o relacionamento, eu gradualmente me apaziguei com o título. Agora era a hora de oferecer um pouco de apoio ao Eric em troca.

— Há quanto tempo o Vampire’s Kiss está aberto? — eu sorri para o abominável Victor. Eu tinha anos de experiência em parecer feliz quando não estava, e eu era a rainha da conversa fiada.

— Você não viu toda a minha adiantada publicidade? Somente três semanas, mas até agora tem sido um completo sucesso, — Victor respondeu, seus olhos mal passando correndo por mim. Ele não estava interessado em mim como uma pessoa, de modo algum. Ele não estava nem interessado em mim sexualmente. Acredite em mim, eu conheço os sinais. Ele estava muito mais interessado em mim como uma criatura cuja morte machucaria Eric. Em outras palavras, minha ausência seria mais eficaz que minha presença.

Já que ele estava se condescendendo em conversar comigo, eu pensei em tirar vantagem disso.

— Você passa muito tempo aqui? Estou surpresa de que eles não precisem de você em Nova Orleans com mais frequência. — Morde! Esperei por sua resposta, sorrindo constantemente.

— Sophie-Anne achou por bem permanecer permanentemente com sede em Nova Orleans, mas eu vejo meu estado mais como um governo flutuante, — Victor disse alegremente. — Eu gosto de manter uma mão firme sobre tudo que acontece na Louisiana, especialmente já que eu acho que sou meramente um regente, cuidando do estado para Felipe, meu querido rei. — Seu sorriso se tornou positivamente feroz.

— Minhas felicitações por se tornar regente, — Eric disse, como se nada pudesse ser mais desejável.

Havia muito fingimento rolando neste prédio. Tantas intenções ocultas, você poderia se afogar nelas, e talvez pudéssemos.



— Muito obrigado, — Victor disse com selvageria. — Sim, Felipe decretou que eu deveria me nomear ‘regente’. É tão incomum para um rei acumular tantos territórios como Felipe tem acumulado, e ele não teve pressa decidindo o que fazer. Ele havia decidido manter todos os títulos para si mesmo.

— E você será o regente do Arkansas também? — Pam perguntou. Com o som da voz de Pam, Miriam Earnest começou a chorar. Ela estava conseguindo ser tão tranquila acerca daquilo como uma mulher pode ser, mas nenhum choro é silencioso. Pam não olhou na direção de Miriam.

— Não, — Victor disse, mordendo a palavra. — Red Rita teve essa honra.

Eu não tinha nem ideia de quem fosse Red Rita, mas tanto Eric quanto Pam pareciam impressionados. — Ela é uma grande lutadora, — Eric me disse. — Uma vampira forte. Ela é uma boa escolha para reconstruir o Arkansas.

Ótimo, talvez pudéssemos ir morar lá.

Embora eu não pudesse ler as mentes dos vampiros, eu não precisava. Tudo que você precisava fazer era prestar atenção no rosto de Victor e entender o que ele queria — desejava — o título de rei, bem como esperava dominar os novos territórios de Felipe. Seu desapontamento o deixou com raiva, e ele estava focando sua raiva em Eric, o maior alvo dentro de seu alcance. Provocar Eric e intrometer-se no território dele não seria o suficiente para Victor.

E este era o porquê de Miriam estar sentada no clube esta noite. Eu tentei entrar em sua mente. Quando eu cuidadosamente toquei em torno das bordas, me deparei com certo tipo de névoa branca. Ela estava drogada, apesar de eu não saber que tipo de droga ela havia tomado, se esteve disposta ou foi coagida.

— Sim, claro, — Victor disse, e eu me puxei de volta para o aqui e agora com um safanão. Enquanto eu saía da cabeça de Miriam, os vampiros tinham ficado no assunto de Red Rita. — Enquanto ela está se fixando na porta ao lado, eu pensei que seria apropriado construir na área da Louisiana que faz fronteira com o território dela. Eu abri um estabelecimento humano, e este aqui. — Victor estava praticamente ronronando.

— Você é o dono do Vic’s Redneck Roadhouse, — eu disse, entorpecida. É claro! Eu deveria saber. Victor estava *colecionando* razões para eu querer vê-lo morto? Naturalmente, economia não devia ter nada a ver com vida e morte, mas muitas vezes ambos estavam definitivamente ligados.



— Sim, — Victor disse, sorrindo para mim. Ele estava tão alegre quando uma loja de departamentos no Natal. — Já esteve lá? — Ele recolocou seu copo na mesa.

— Não, muito ocupada, — eu respondi.

— Mas eu ouvi que os negócios no Merlotte's decaíram? — Victor tentou fazer um olhar de preocupação falsa na medida, mas descartou. — Se você precisar de um emprego, Sookie, eu te recomendarei para o meu gerente no Redneck Roadhouse... a menos que você prefira trabalhar aqui? Não seria divertido?

Eu tive que respirar fundo. Houve um longo momento de silêncio. No momento, tudo estava na balança.

Com um controle incrível, Eric empastou sua raiva atrás da parede, pelo menos temporariamente. Ele disse, — Sookie está bem adaptada onde ela trabalha agora, Victor. Se ela não estivesse, ela viria morar comigo e talvez trabalhar no Fangtasia. Ela é uma mulher americana moderna e acostumada a se sustentar. — Eric disse aquilo como se estivesse orgulhoso de minha independência, embora eu soubesse que não era o caso. Ele realmente não conseguia entender porque eu persistia em manter meu emprego. — Enquanto eu estou debatendo sobre minhas associações femininas, Pam me disse que você a disciplinou. Não é costumeiro disciplinar a segunda em comando de um xerife. Certamente isso deveria ter sido deixado para seu mestre fazer. — Eric permitiu uma ponta de desprezo em sua voz.

— Você não estava aqui, — Victor protestou tranquilamente. — E ela mostrou um grande desrespeito aos meus porteiros insistindo que ela deveria entrar antes de você para uma verificação de segurança, como se permitíssemos qualquer coisa em nosso clube que pudesse por em risco nosso mais poderoso xerife.

— Você tinha negócios que queria discutir? — Eric perguntou. — Não que não seja maravilhoso ver o que você fez por aqui. No entanto... — Ele deixou sua voz se esgotar, como se ele fosse educado demais para dizer, — Eu tenho uma coisa melhor para fazer.

— Claro, obrigado por lembrar, — Victor disse. Ele se inclinou para pegar a taça fumê cinza com haste longa, que tornou a ser enchida por um garçom e ficando cheio até a borda com o líquido vermelho escuro. — Desculpe-me, eu ainda não os ofereci uma bebida. Um pouco de sangue para vocês, Eric, Pam?

Pam tomou vantagem da conversa deles para espiar Miriam, que parecia como se fosse desmaiar a qualquer segundo... e talvez não levantasse novamente. Pam tirou seus



olhos para longe da jovem mulher e se concentrou em Victor. Ela balançou a cabeça silenciosamente.

— Obrigado pela oferta, Victor, — Eric começou, — mas...

— Eu sei que você irá brindar comigo. A lei me impede de lhe oferecer um gole de Mindy ou Mark uma vez que eles não estão registrados como doadores, e eu obedeco completamente a lei. — Ele sorriu para Mindy e Mark, que sorriram de volta. Idiotas. — Sookie, o que você quer?

Eric e Pam foram obrigados a aceitar a oferta de sangue sintético, porém pela razão de que eu era a única humana, me foi permitido insistir que eu não estava com sede. Se ele tivesse me oferecido um peito de frango empanado com tomates verdes fritos, eu teria dito que não estava com fome.

Luis acenou para um dos garçons, e o homem desapareceu para reaparecer com alguns TrueBlood. As garrafas estavam em uma grande bandeja, junto com as pomposas taças escuras combinadinhas de Victor. — Tenho certeza de que as garrafas não apelam para o senso sintético, — Victor disse. — Elas me ofendem.

Como todos os garçons, o homem que trouxe as bebidas era humano, um cara bonito com uma tanga de couro (ainda menor do que o short de couro de Luis) e botas de cano alto. Um tipo de roseta estava preso à tanga e lia-se “Colton”. Seus olhos eram de um cinza impressionante. Enquanto ele colocava a bandeja na mesa e a descarregava, ele ficou pensando em alguém chamado Chic, ou Chico... e quando ele encontrou meus olhos diretamente, pensou, *Sangue de fada nas taças. Não deixe seus vampiros beberem.*

Eu olhei para ele por um longo momento. Ele sabia sobre mim. Agora eu sabia algo sobre ele. Ele ouviu a respeito de minha habilidade, conhecimento comum na comunidade sobrenatural, e ele acreditava nela.

Colton lançou seus olhos para baixo.

Eric girou a tampa para deslaccar a garrafa, a ergueu para derramar o conteúdo na taça.

NÃO, eu disse para ele. Não podíamos nos comunicar telepaticamente, mas eu mandei uma onda de negatividade, e rezei para que ele a pegasse.

— Eu não tenho nada contra a embalagem americana, como você, — Eric disse tranquilamente, levantando a garrafa diretamente para os lábios. Pam seguiu o ato.



Uma centelha de desprazer cruzou o rosto de Victor tão rápido que eu poderia ter imaginado se não o tivesse observando tão intensamente. O garçom de olhos cinzentos se afastou.

— Você tem visto seu bisavô recentemente, Sookie? — Victor perguntou, como se estivesse dizendo, “Te peguei!”

Não havia propósito fingir ignorância sobre minha conexão com as fadas.

— Não nas últimas semanas, — eu respondi cautelosamente.

— Mas você tem dois morando contigo.

Esta não era uma informação confidencial, e eu estava muito certa de que a nova vampira de Eric, Heidi, havia contado ao Victor. Heidi não teve sequer escolha, o que era a desvantagem de ter parentes humanos vivos a quem você ainda amava. — Sim, meu primo e meu tio-avô estão ficando comigo por um tempo. — Fiquei orgulhosa de ter obtido sucesso em soar quase como se eu estivesse entediada.

— Eu gostaria de saber se você talvez fosse capaz de me dar alguma compreensão do estado político das fadas, — Victor disse tranquilamente. Mindy Simpson, cansada de conversas que não a incluíam, começou a fazer beicinho. Ela era imprudente.

— Eu não. Fico longe de políticas, — eu disse a Victor.

— Verdade? Mesmo depois de sua experiência?

— Sim, mesmo depois de minha experiência, — eu disse categoricamente. Eu realmente, realmente queria falar sobre meu sequestro e mutilação. Grande conversa para festas. — Eu não sou um animal político²¹.

— Mas é um animal, — Victor disse tranquilamente.

Houve um momento de silêncio gelado. No entanto, eu estava determinada que se Eric morresse tentando matar esse vampiro, não seria um insulto para mim.

— Essa sou eu, — eu disse, retribuindo o sorriso dele com interesse. — Sangue quente, respirando. Eu poderia até mesmo amamentar. Todo o pacote mamífero.

²¹ *Animal Político (Zoon Politikon) é uma expressão utilizada pelo filósofo grego Aristóteles para descrever a natureza do homem – um animal racional que fala e pensa (zoon logikon) –, em sua interação necessária na cidade-Estado (pólis). O animal político aristotélico é um dos conceitos mais exhaustivamente estudados na filosofia política e um dos argumentos fundamentais para a organização social e política.*





Os olhos de Victor se estreitaram. Talvez eu tivesse ido longe demais.

— Temos algo mais para discutir, Regente? — Pam perguntou, acertando na suposição de que Eric estava com raiva demais para falar. — Ficarei feliz em ficar até tarde enquanto você quiser, ou todo o tempo que minhas palavras te agradarem, mas eu devo trabalhar no Fangtasia esta noite, e meu mestre Eric tem um encontro para se ocupar. E aparentemente minha amiga Miriam está intoxicada esta noite, eu a levarei para casa comigo para dormir até que esteja sóbria.

Victor olhou para a mulher pálida como se ele a tivesse percebido só agora. — Ah, você a conhece? — ele perguntou negligentemente. — Sim, eu acredito que alguém mencionou isso. Eric, é essa a mulher que você me disse que Pam queria transformar? Sinto muito por ter que dizer não, já que pelas minhas contas é possível que ela não tenha muito tempo para viver.

Pam não se moveu. Ela nem mesmo se agitou.

— Você pode ir, — Victor disse, abusando da atitude desrespeitosa. — Já que lhe dei a notícia sobre minha regência, e você viu meu lindo clube. Ah, estou pensando em abrir um estabelecimento para fazer tatuagens e talvez um escritório de advocacia, apesar de que o homem que tenho para este cargo precise estudar direito moderno. Ele recebeu seu diploma de advocacia em Paris nos anos 1800. — O sorriso indulgente de Victor desapareceu completamente. — Você sabe que como regente, eu tenho o direito de abrir negócios em qualquer área de qualquer xerife? Todo o dinheiro dos novos clubes virá diretamente para mim. Espero que seus rendimentos não sofram muito, Eric.

— De modo algum, — Eric disse. (Eu não achei que tivesse alguma verdade naquilo.) — Somos todos parte de seu território, Mestre. — Se sua voz tivesse sido lavada, foi golpeada no vento, ela estava tão seca e vazia.

Levantamo-nos, mais ou menos juntos, e inclinamos nossas cabeças para Victor. Ele acenou desdenhosamente com a mão e se curvou para beijar Mindy Simpson. Mark se aconchegou para mais perto do vampiro para esfregar o focinho no ombro dele. Pam foi até Miriam Earnest e se curvou sobre a garota para colocar um braço ao redor dela e ajudá-la a se levantar. Uma vez de pé e amparada por Pam, Miriam se focou em sair pela porta. Sua mente podia estar nublada, mas seus olhos estavam gritando.

Deixamos o clube em um silêncio amargo (pelo menos tanto quanto nossa conversa; a música *nunca deu uma trégua*), escoltados por Luis e Antonio. Os irmãos contornaram a robusta Ana Lyudmila para nos seguir até o estacionamento, o que me surpreendeu.





Quando havíamos passado pelas primeiras fileiras de carros, Eric se virou para encará-los. Não coincidentemente, o volume de um Escalade bloqueou a visão entre Ana Lyudmila e nosso pequeno grupo. — Vocês dois têm algo a me dizer? — ele perguntou muito brandamente. Miriam arfou e começou a chorar, como se ela de repente entendesse que estava fora do Vampire's Kiss e Pam a abraçou.

— Não era nossa intenção, xerife, — disse Antonio, o menor dos dois. Seus músculos oleados brilhavam sob as luzes do estacionamento.

Luis disse, — Somos leais ao Felipe, nosso verdadeiro rei, mas Victor não é fácil de servir. Foi uma noite ruim para nós quando fomos despachados à Louisiana para servi-lo. Agora que Bruno e Corinna desapareceram, ele não encontrou ninguém para substituí-los. Nenhum substituto forte. Ele está viajando constantemente, tentando manter seus olhos em cada canto da Louisiana. — Luis balançou a cabeça. — Estamos muito sobrecarregados. Ele precisa se estabelecer em Nova Orleans, reconstruir a estrutura vampiresca lá. Não precisamos ficar nos arrastando por aí com roupas de couro cobrindo nossos traseiros, drenando o rendimento do seu clube. Dividir os rendimentos disponíveis não é uma boa economia, e as despesas iniciais são excessivas.

— Se você está tentando me seduzir para que eu traia meu novo mestre, você escolheu o vampiro errado, — Eric disse, e eu tentei não ficar boquiaberta. Eu teria pensado que era Natal em Junho quando Luis e Antonio revelaram seu descontentamento, mas obviamente eu não estava pensando de forma retorcida o suficiente... novamente.

Pam disse, — Shorts de couro são atraentes comparados com os sintéticos pretos que eu tenho que usar. — Ela estava segurando Miriam, mas não olhou para ela ou se referiu a ela, como se quisesse que todos esquecessem que a garota estava ali.

Sua queixa do traje não era incomum, mas irrelevante. Pam sempre tinha sido nada se não tivesse a serviço. Antonio lhe deu um olhar de desgosto desiludido. — Se esperava que você fosse tão selvagem, — ele murmurou. Ele olhou para Eric. — E se esperava que você fosse tão destemido. — Ele e Luis giraram e caminharam de volta para o clube.

Depois disso, Pam e Eric começaram a se mover rápido, como se tivéssemos um prazo final para sair da propriedade.

Pam simplesmente ergueu Miriam e se apressou até o carro de Eric. Ele abriu a porta de trás, e ela colocou sua namorada nele e deslizou atrás dela. Vendo que a pressa era a regra da noite, eu escalei o banco do passageiro e afivelei o cinto em silêncio. Eu olhei



para trás para ver que Miriam perdeu a consciência no minuto que percebeu que estava segura.

Enquanto o carro deixava o estacionamento, Pam começou a rir abafadamente e Eric riu abertamente. Eu fiquei chocada demais para perguntar o que era engraçado.

— Victor simplesmente não pôde se conter, — Pam disse. — Fazendo esse espetáculo com minha pobre Miriam.

— E logo depois a oferta impagável dos gêmeos de couro!

— Você viu a cara do Antonio? — Pam reclamou. — Honestamente, eu não me divirto tanto desde que mostrei minhas presas para uma velha que reclamou da cor com a qual pinteí minha casa!

— Isso os dará algo para pensar por um tempo, — Eric disse. Ele me inspecionou rapidamente, suas presas brilhando. — Foi um bom momento. Não posso acreditar que eles caíram nessa.

— O que acontece se Antonio e Luis forem sinceros? — eu perguntei. — O que acontece se Victor tiver tomado o sangue de Miriam ou a trazido para si mesmo? — Eu girei em meu assento para olhar para Pam.

Ela estava olhando para mim quase com piedade, como se eu fosse uma romântica incurável. — Ele não poderia, — ela respondeu. — Ele a tinha em um lugar público, ela tem muitos parentes humanos, e ele deve saber que eu o mataria se ele fizesse isso.

— Não se você estivesse morta antes, — eu disse. Eric e Pam não pareciam ter o mesmo respeito pelas táticas mortais de Victor quanto eu. Eles pareciam quase insanamente arrogantes. — E por que vocês dois estão tão convencidos de que Antonio e Luis estavam armando essa para ver como vocês reagiam?

— Se eles realmente queriam dizer o que disseram, eles se aproximarão de nós novamente, — Eric disse diretamente. — Eles não têm outro recurso, se eles tivessem tentado com Felipe, ele teria os feito mudar de ideia. Suspeito que ele teria. Diga-me, amada, qual foi o problema com as bebidas?

— O *problema* foi que ele esfregou o interior das taças com sangue de fada, — eu respondi. — O garçom humano, o cara de olhos cinza, me deu a pista.

E os sorrisos desapareceram como se tivessem sido desligados com um interruptor. Eu tive um momento de satisfação desagradável.



Sangue puro de fadas é embriagante para vampiros. Não há como dizer o que Pam ou Eric teriam feito se tivessem bebido daquelas taças. E eles teriam engolido tão rapidamente quanto poderiam porque o cheiro é semelhantemente fascinante quanto à própria substância.

Como tentativa de envenenamento, esta foi sutil.

— Eu não acho que aquela quantidade pudesse nos causar um comportamento incontrolável, — Pam disse. Mas ela não soou confiante.

Eric ergueu suas sobrancelhas loiras. — Foi uma experiência cautelosa, — ele disse pensativo. — Poderíamos ter atacado qualquer um no clube, ou poderíamos ter atacado Sookie, já que ela tem um traço interessante de fada. Teríamos feito besteira em público, em qualquer caso. Poderíamos ter sido presos. Foi ótimo você ter nos impedido, Sookie.

— Eu tenho minhas utilidades, — eu disse, dissimulando o abalo de medo com a ideia revelada de Eric e Pam me atacando.

— E você é a *esposa* de Eric, — Pam observou calmamente.

Eric olhou furiosamente para ela pelo retrovisor.

O silêncio que se abateu era tão denso que eu desejei ter uma faca. Esta briga secreta entre Pam e Eric era tanto preocupante quanto frustrante. E esta era a atenuação do ano.

— Há algo que você queira me contar? — eu perguntei, com medo da resposta. Mas qualquer coisa era melhor do que não saber.

— Eric recebeu uma carta — Pam começou, e antes que eu pudesse registrar ele se moveu, Eric se movimentou com a rapidez de uma chicotada, levantou do assento, e agarrou o pescoço dela. Já que ele estava dirigindo, eu gritei com terror.

— Olhe para frente, Eric! Sem brigas novamente, — eu disse. — Olhe para frente, continue e faça o que eu digo!

Com sua mão direita, Eric continuava segurando Pam com um aperto que a teria sufocado se ela respirasse. Ele estava dirigindo com a mão esquerda, e nós derrapamos no acostamento na beira da estrada. Eu não consegui ver nenhum trânsito próximo, e também não havia luzes atrás de nós. Eu não sabia se o isolamento me fez sentir bem ou mal. Eric olhou para sua criança, e seus olhos estavam tão brilhantes que praticamente soltava faíscas. Ele disse, — Pam não fale. É uma ordem. Sookie, *deixa assim*.



Eu podia ter dito várias coisas. Eu podia ter dito, “Eu não sou sua vassala, e eu vou dizer o que eu quero dizer,” ou eu poderia ter dito, “Vá se fuder, me deixe sair,” e ter ligado para meu irmão vir me buscar.

Mas me sentei em silêncio.

Eu tenho vergonha de dizer que no momento eu estava com medo de Eric, esse vampiro desesperado e determinado que atacava sua melhor amiga porque ele não queria que eu soubesse... de alguma coisa. Apesar da ligação que eu sentia com ele, eu senti uma confusa coleção de sentimentos negativos: medo, raiva, determinação implacável, frustração.

— Me leve para casa, — eu disse.

Como um assustador eco, a débil Miriam murmurou, — Me leve pra casa...

Depois de um longo momento, Eric largou Pam, que desmoronou no assento traseiro como um saco de arroz. Ela se debruçou sobre Miriam protetoramente. Em um silêncio glacial, Eric me levou de volta para casa. Não houve sequer menção do sexo que tinha sido programado para depois desta noite “divertida”. Naquela ocasião, eu preferia ter tido sexo com Luis e Antonio. Ou Pam. Eu disse adeus para Pam e Miriam, saí, e caminhei para minha casa sem uma olhada para trás.

81

Acho que Eric, Pam e Miriam dirigiram de volta para Shreveport juntos, e eu acho que em algum momento ele permitiu que Pam falasse novamente, mas eu não sei.

Eu não consegui dormir depois que lavei meu rosto e tirei o bonito vestido. Eu esperava que pudesse usá-lo em uma noite mais feliz, em algum momento no futuro. Eu parecia boa demais para ficar tão infeliz. Eu desejei saber se Eric teria lidado com a noite com tanto sangue frio se tivesse sido eu quem Victor tivesse capturado, drogado e colocado lá naquele banco para que o mundo inteiro olhasse boquiaberto.

E havia outra coisa me preocupando. Aqui está o que eu teria perguntado ao Eric se ele não tivesse bancado o ditador. Eu teria perguntado, “Onde Victor conseguiu o sangue de fada?”

Isso é o que eu teria perguntado.





Capítulo Quatro

LEVANTEI-ME NO DIA SEGUINTE me sentindo muito desgostosa de modo geral, mas me animei quando vi que Claude e Dermot retornaram para casa na noite anterior.

Os indícios eram claros. A camisa de Claude estava jogada sobre o encosto da cadeira da cozinha, e os sapatos de Dermot estavam ao pé da escada. Além disso, depois de eu ter tomado meu café e meu banho, e saído do meu quarto vestindo shorts e camiseta verde, os dois estavam me esperando na sala de estar.

— Bom dia, rapazes, — eu disse. Até mesmo para os meus ouvidos, eu não soei muito alegre. — Vocês lembraram que hoje é o dia em que os antiquários virão? Eles devem chegar aqui em uma ou duas horas. — Me preparei para a conversa que teríamos que ter.

— Bom, então essa sala não irá mais parecer um brechó, — disse Claude com seu jeito encantador.

Eu apenas assenti. Hoje, tínhamos o Desagradável Claude, ao contrário do mais raramente visto, o Tolerável Claude.

— Nós te prometemos uma conversa, — disse Dermot.

— E depois não voltaram para casa naquela noite. — Sentei com os braços cruzados numa velha cadeira de balanço do sótão. Não me sentia particularmente pronta para essa conversa, mas eu estava ansiosa por algumas respostas.

— Coisas aconteceram no clube, — disse Claude de forma evasiva.

— A-hã. Deixe-me adivinhar, uma das fadas está desaparecida.

Isso os fez arregalarem os olhos. — O quê? Como você soube? — Dermot se recuperou primeiro.

— Vitor o tem. Ou ela, — eu adicionei. Eu contei a eles o que aconteceu na noite passada.



— Já não basta termos que lidar com os problemas da nossa própria raça, — disse Claude. — Agora somos absorvidos para a porra do conflito dos vampiros também.

— Não, — eu disse, sentindo que esta conversa estava progredindo. — Vocês, como um grupo, não foram absorvidos no conflito deles. Um de vocês foi levado para um propósito específico. Cenário diferente. Deixe-me salientar que, no mínimo, o fae que foi levado foi sangrado, porque era disso que os vampiros precisavam, do sangue. Não estou dizendo que seu colega desaparecido não possa estar vivo, mas vocês sabem como os vampiros perdem o controle quando uma fada está por perto, quanto mais uma fada sangrando.

— Ela está certa. — Dermot disse ao Claude. — Cait deve estar morta. Alguma das fadas no clube é parente dela? Precisamos perguntar se eles tiveram uma visão da sua morte.

— Uma fêmea, — disse Claude. Seu lindo rosto estava petrificado. — Uma que não poderíamos nos dar o luxo de perder. Sim, nós temos que descobrir.

Por um segundo eu fiquei confusa, porque Claude não se importava tanto assim com as mulheres nos termos da sua vida pessoal. Então me lembrei de que havia cada vez menos fadas fêmeas. Eu não sabia sobre o resto dos *fæ*, mas parecia que as fadas estavam ameaçadas de extinção. Não que eu não me preocupasse com o desaparecimento de Cait (embora eu achasse que a chance dela estar viva é a mesma de haver uma bola de neve no inferno), mas eu tinha outras questões egoístas para perguntar, e eu não seria distraída. Assim que Dermot ligou para o Hooligans e pediu ao Bellenos para reunir os *fæ* para perguntar sobre os parentes de Cait, eu voltei aos meus trilhos.

— Enquanto Bellenos está ocupado, vocês terão algum tempo livre, e uma vez que os antiquários chegarão logo, eu realmente preciso que vocês respondam às minhas perguntas, — eu disse.

Dermot e Claude se entreolharam. Dermot parecia ter perdido o fio da meada, porque ele respirou fundo e começou, — Você sabe que quando um de seus Caucasianos se casa com um de seus Negros, algumas vezes os bebês nascem mais parecidos com uma raça do que com a outra, aparentemente ao acaso. Essas semelhanças podem variar até entre crianças de um mesmo casal.

— Sim, — eu disse. — Eu já ouvi isso.

— Quando Jason era um bebê, nosso bisavô Niall o verificou.



Senti meu queixo cair. — Espere, — eu disse, e saiu como um resmungo rouco. — Niall disse que não podia nos visitar porque seu filho meio-humano Fintan nos escondeu dele. Esse Fintan era na verdade o nosso avô.

— Foi por isso que Fintan escondeu vocês dos fae. Ele não queria que seu pai interferisse em suas vidas como interferiu na dele. Mas Niall tinha seus meios, e, apesar de tudo, descobriu que a faísca essencial tinha ido além de Jason. Ele ficou...desinteressado. — disse Claude.

Eu esperei.

Ele continuou, — É por isso que ele levou tantos anos para conhecê-la. Ele poderia ter burlado Fintan, mas supôs que você seria como Jason... atraente para os humanos e sobrenaturais, mas, fora isso, essencialmente uma humana normal.

— Mas então ele ouviu falar que você não era, — disse Dermot.

— Ouviu? De quem? Por quem? — Minha avó teria ficado orgulhosa.

— Por Eric. Eles tinham alguns negócios juntos, e Niall pensou em pedir ao Eric para alertá-lo sobre eventos em sua vida. Eric contaria de tempos em tempos ao Niall o que você estava fazendo. Chegou um momento em que Eric achou que você precisava da proteção do seu bisavô, e, claro, você estava definhando.

Hein?

— Então Avô enviou Claudine, e depois, quando ela ficou preocupada em não dar conta da sua proteção, ele decidiu encontrá-la. Eric também arranhou isso. Acho que ele pensou que obteria a boa vontade de Niall, como uma espécie de comissão. — Dermot deu de ombros — Parece ter funcionado para Eric. Vampiros são todos mercenários e egoístas.

A expressão o sujo falando do mal lavado veio à minha cabeça.

Eu disse, — Então Niall apareceu na minha vida e fez com que eu o conhecesse, através da intervenção de Eric. E isso precipitou a guerra das fadas, porque as fadas das águas não queriam mais contato com humanos, muito menos com um membro inferior da realeza que era apenas um oitavo fada. — Obrigada, caras. Eu adorei ouvir que a guerra foi toda minha culpa.

— Sim, — disse Claude prudentemente, — Esse é um resumo justo. E assim veio a guerra, e depois de muitas mortes Niall decidiu lacrar o mundo das fadas. — Ele suspirou pesadamente. — Eu fui deixado aqui fora, e Dermot, também.



— E a propósito, eu não estou definhando, — sugeri com alguma aspereza. — Quero dizer, eu pareço definhada para vocês? — Eu sabia que estava ignorando a questão principal, mas eu estava ficando irritada. Ou talvez, até furiosa.

— Você tem apenas um pouco do sangue fae, — respondeu Dermot gentilmente, como se aquilo fosse um lembrete esmagador. — Você está envelhecendo.

Isso eu não podia negar. — Então porque estou me sentindo cada vez mais como uma de vocês, se eu tenho apenas um pouquinho das fadas em mim?

— Nossa soma é maior que as nossas partes. — respondeu Dermot. — Eu sou meio-humano, mas quanto mais estou com Claude, mais forte minha magia fica. Claude, embora seja inteiramente fada, tem estado no mundo humano por tanto tempo que estava ficando fraco. Agora ele está mais forte. Você só tem um traço do sangue fae, mas quanto mais tempo você ficar conosco, mais esse elemento se destacará em sua natureza.

— Como um estimulante? — Eu disse com desconfiança. — Eu não entendo.

— Como — como — lavar uma roupa nova vermelha junto com as brancas, — disse Dermot, de modo triunfante, que tinha feito muito disso na semana anterior. Todos na casa teriam meias rosa agora.

— Mas isso não significa que Claude está ficando *menos* vermelho? Digo, menos fae? Como se estivéssemos absorvendo parte dele?

— Não, — respondeu Claude, com certa complacência. — Eu estou mais vermelho que antes.

Dermot assentiu, — Eu também.

— Eu realmente não tenho notado diferença alguma, — eu disse.

— Você não está mais forte do que antes?

— Bem... é. Alguns dias. — Não era como tomar sangue de vampiro, que lhe dá maior força por um período indeterminado, se ele não te deixasse piroca das ideias. Era mais como se eu sentisse um maior vigor. Eu me sentia, na verdade... mais jovem. E já que estou apenas na casa dos meus vinte anos, isso era apenas enervante.

— Você não deseja ver Niall de novo? — Perguntou Claude.

— Às vezes. — Todo dia.

— Você não fica feliz quando dormimos na cama contigo?





— É. Mas como vocês sabem, eu acho que é tipo assustador, também.

— Humanos, — Claude disse para Dermot, com um misto de exasperação e condescendência em sua voz. Dermot deu de ombros. Afinal, ele era meio-humano.

— E ainda assim você escolheu ficar aqui. — Eu disse.

— Eu me pergunto todos os dias se não cometi um erro.

— Por que vocês dois continuam aqui, se são tão loucos por Niall e sua vida no País das Fadas? Como conseguiu aquela carta de Niall que você me deu no mês passado, aquela em que ele me dizia que iria usar toda a sua influência para fazer com que o FBI me deixasse em paz? — Eu os encarei com desconfiança. — Aquela carta era uma falsificação?

— Não, era genuína, — respondeu Dermot. — E a razão de estarmos aqui é porque nós dois amamos e tememos nosso príncipe.

— Ok, — eu disse, pronta para mudar de assunto, porque eu não poderia começar uma discussão sobre os sentimentos deles. — O que é um portal, exatamente?

— É uma tênue região na membrana, — respondeu Claude. Eu olhei para Claude inexpressivamente e ele elaborou. — Existe uma espécie de membrana mágica entre o nosso mundo — o mundo sobrenatural — e o seu. Numa região estreita, essa membrana é permeável. O Mundo Fae está acessível. Como as partes do seu mundo, que normalmente são invisíveis para você.

— Hein?

Claude estava no meio de um raciocínio. — Portais geralmente ficam nos mesmos arredores, embora possam se mover um pouco. Nós os usamos para ir do seu mundo para o nosso. No local do portal nos seus bosques, Niall deixou uma abertura. A fenda não é grande o bastante para que um de nós passe, mas objetos podem ser transferidos.

Como uma caixa de correio em uma porta — Viram? Foi tão difícil? — perguntei. — Vocês podem pensar em mais coisas honestas para me contar?

— Como o quê?

— Como o porquê do motivo de todos aqueles fae estarem no Hooligans, trabalhando como strippers e seguranças e não sei mais o quê. Eles não são todos fadas. Eu nem mesmo sei o que eles são. Por que eles acabaram ficando com vocês dois?



— Porque eles não têm nenhum outro lugar pra ir, — Dermot respondeu simplesmente. — Todos eles foram excluídos. Alguns de propósito, como Claude, outros não... como eu.

— Então Niall lacrou o acesso para o mundo das fadas e deixou parte do seu povo de fora?

— Sim. Ele estava tentando manter todas aquelas fadas que ainda queriam matar os humanos dentro, e ele estava com muita pressa. — respondeu Claude. Eu notei que Dermot, a quem Niall havia enfeitado de uma maneira cruel, parecia duvidar dessa explicação.

— Eu entendi que Niall tinha bons motivos para isolar os fae, — eu disse lentamente. — Ele afirmou que a experiência tinha lhe ensinado que sempre há problemas quando fadas e humanos se misturam. Ele não queria que as fadas se reproduzissem mais com os humanos porque muitos deles odiavam as consequências — os mestiços. — Olhei para Dermot me desculpando, que deu de ombros. Ele já tinha se acostumado com isso. — Niall nunca planejou me ver de novo. Vocês dois estão realmente tão ansiosos para entrar no mundo fae e ficar lá?

Houve uma pausa que poderíamos chamar de “sugestiva”. Estava claro que Dermot e Claude não iriam responder. Pelo menos eles não mentiriam. — Então expliquem por que vocês estão morando comigo e o que querem de mim, — eu disse, esperando que eles respondessem essa.

— Nós estamos morando contigo porque pareceu uma boa ideia estar com os parentes que conseguimos encontrar, — disse Claude. — Sentimo-nos fracos e isolados da nossa terra natal, e nós não tínhamos nenhuma noção que tantos fae foram deixados aqui fora. Ficamos surpresos quando os outros fae abandonados na América do Norte começaram a chegar ao Hooligans, mas estamos felizes. Como te dissemos, nós ficamos mais fortes quando estamos juntos.

— Vocês estão me contando toda a verdade? — Eu levantei e comecei a andar para frente e para trás. — Vocês poderiam ter me contado tudo isso antes, e não contaram. Talvez vocês estejam mentindo. — Eu estendi meus braços para os lados, palmas para cima. *E então?*

— O quê? — Claude parecia insultado. Bem, já era hora dele provar do próprio remédio. — Fadas não mentem. Todos sabem disso.



Certo. Claro. É de conhecimento geral nas ruas. — Podem não estar mentindo, mas não dizem sempre toda a verdade. — Eu aponteí. — Vocês certamente têm isso em comum com os vampiros. Talvez tenham outro motivo para estarem aqui? Talvez queiram estar por perto para ver quem passa pelo portal.

Dermot se lançou de pé.

Agora estávamos os três irritados, todos os três agitados. A sala estava cheia de acusações.

— Quero voltar para o país das fadas porque eu quero ver Niall mais uma vez, — disse Claude, escolhendo as palavras. — Ele é meu avô. Eu estou cansado de receber mensagens ocasionais. Eu quero visitar nossos locais sagrados, onde posso estar perto dos espíritos das minhas irmãs. Eu quero ir e vir através dos mundos, como é meu direito. Esse é o portal mais próximo. Você é nossa parenta mais próxima. E há alguma coisa sobre essa casa. Nosso lugar é aqui, por ora.

Dermot foi olhar pela janela da frente na manhã quente. Havia borboletas lá fora, coisas florescendo e uma intensa e deslumbrante luz solar.

Senti uma onda de um intenso desejo de estar lá fora com as coisas que eu entendia e não aqui, envolvida nessa conversa bizarra com parentes que eu não entendia ou confiava completamente. Se interpretar sua linguagem corporal fosse um indicador confiável, Dermot parecia compartilhar dos mesmos sentimentos confusos e infelizes.

— Vou pensar sobre o que você disse, — eu disse ao Claude. Os ombros de Dermot pareceram relaxar um pouco. — Eu tenho outra coisa em mente, também. Eu contei a vocês sobre a bomba incendiária no bar.

Dermot virou e encostou-se à janela aberta. Embora seu cabelo estivesse mais comprido do que o do meu irmão e sua expressão (desculpe, Jason) mais inteligente, era assombroso o quanto eles se pareciam. Idênticos de jeito nenhum, mas eles poderiam certamente ser confundidos um com outro, pelo menos por um instante. Mas havia aspectos sombrios em Dermot que eu nunca tinha visto em Jason.

Ambos fizeram que sim com a cabeça quando eu mencionei a bomba. Eles pareciam interessados, mas indiferentes — um olhar que eu já estava acostumada a ver nos vampiros.



Eles realmente não deram a mínima para o que aconteceu com os humanos que eles não conheciam. Se tivessem lido John Donne²², teriam discordado da ideia de que nenhum homem é uma ilha. Para as fadas, a maioria dos seres humanos estava em uma grande ilha, e essa ilha estava à deriva em um mar chamado Eu Não Estou Nem Aí.

— Pessoas conversam em bares, então eu tenho certeza que elas conversam em clubes de strip. Por favor, me informem se escutarem qualquer coisa sobre quem fez isso. Isso é importante para mim. Se vocês puderem pedir à equipe do Hooligans para prestarem atenção em conversas sobre a explosão, eu com certeza apreciaria.

Dermot perguntou: — Os negócios vão mal no Sam, Sookie?

— Sim, — eu respondi, não completamente surpreendida com essa mudança de conversa. — E o bar novo que abriu na rodovia está usurpando a nossa clientela. Eu não sei se é a novidade do Vic's Redneck Roadhouse e do Vampire's Kiss que está atraindo as pessoas, ou se elas estão se afastando porque Sam é um metamorfo, mas o Merlotte's não anda muito bem.

Eu estava tentando decidir o quanto eu queira lhes dizer sobre Victor e suas maldades quando de repente Claude disse, — Você ficaria desempregada, — e fechou a boca, como se tivesse ativado uma série de pensamentos.

Todo mundo estava muito interessado no que eu faria se o Merlotte's fechasse. — Sam perderia o seu sustento, — eu indiquei, enquanto virava para ir à cozinha pegar outra xícara de café. — O que é muito mais importante que o meu emprego. Eu posso encontrar outro lugar para trabalhar.

— Ele poderia abrir um bar em outro lugar, — disse Claude, dando de ombros.

— Ele teria que deixar Bon Temps, — eu disse rispidamente.

— Isso não a satisfaria, não é? — Claude parecia pensativo de uma maneira que me fez ficar claramente desconfortável.

— Ele é o meu melhor amigo, — eu respondi. — Você sabe disso. — Talvez tenha sido a primeira vez que eu disse isso em voz alta, mas eu penso que já sabia disso há um bom tempo. — Ah, a propósito, se vocês quiserem saber o que aconteceu com Cait, vocês

²² John Donne (1572 – 31 de março de 1631) foi um poeta jacobino inglês, pregador e o maior representante dos poetas metafísicos da época. Sua obra é notável por seu estilo sensual e realista, incluindo-se sonetos, poesia amorosa, poemas religiosos, traduções do latim, epigramas, elegias, canções, sátiras e sermões. Sua poesia é célebre por sua linguagem vibrante e metáfora engenhosa, especialmente quando comparada à poesia de seus contemporâneos.



devem tentar falar com um cara humano com olhos cinzentos que trabalha no Vampire's Kiss. O nome no uniforme dele era Colton. — Eu sabia que em alguns lugares apenas distribuíam os crachás a cada noite, sem qualquer preocupação acerca de quem realmente possuía aquele nome. Mas pelo menos era um começo. Comecei a voltar para a cozinha.

— Espere, — disse Dermot, de maneira tão abrupta que virei minha cabeça para olhá-lo. — Quando os antiquários virão olhar as suas tralhas?

— Eles devem estar aqui em algumas horas.

Dermot falou, — O sótão está mais ou menos vazio. Você não pretende limpá-lo?

— Isso é o que eu estava pensando em fazer esta manhã.

— Você quer nossa ajuda? — Perguntou Dermot.

Claude ficou claramente chocada. Ele olhou furioso para Dermot.

Estávamos de volta a um terreno mais familiar, e eu, com certeza, estava agradecida. Até que eu tivesse a chance de processar toda aquela nova informação, eu não conseguia sequer imaginar as perguntas certas a fazer. — Obrigada, — eu respondi. — Seria ótimo se vocês pudessem levantar um dos latões de lixo. E, depois que eu varrer e catar tudo, vocês poderiam carregá-los do lugar. — Ter parentes com força sobre-humana pode ser muito útil.

Fui para a varanda dos fundos para recolher o meu material de limpeza, e quando me arrastei pelas escadas com os braços carregados, vi que a porta de Claude estava fechada. Minha inquilina anterior, Amelia, tinha transformado um dos quartos do andar de cima em um lindo pequeno boudoir²³, com uma barata (mas bonita) penteadeira, cômoda e cama. Amelia tinha usado outro cômodo como sua sala de estar, com duas cadeiras confortáveis, uma televisão e uma escrivaninha grande, que agora estava vazia. No dia em que havíamos removido as coisas do sótão, eu notei que Dermot tinha montado uma cama portátil na sala de estar anterior.

Antes que eu tivesse tempo de dizer 'Jack Robinson', Dermot apareceu na porta do sótão carregando o latão de lixo. Ele o colocou no chão e olhou ao redor.

— Acho que fica melhor com as coisas da família nele. — Disse ele, e eu tive que concordar. Na claridade natural que passava através das janelas sujas, o sótão parecia triste e abandonado.

²³ Quarto de senhora, pequeno e decorado com elegância.



— Vai ficar ótimo quando estiver limpo, — eu falei com determinação, e comecei com a vassoura, varrendo todas as teias de aranha para baixo, e então, comecei a varrer a poeira e os detritos das tábuas do assoalho. Para minha surpresa, Dermot pegou alguns panos, o limpador de vidros, e começou a trabalhar nas janelas.

Pareceu mais sábio não comentar. Depois que Dermot acabou com as janelas, ele segurou a pá de lixo enquanto eu varria a sujeira acumulada para dentro dela. Quando completamos aquela tarefa e peguei o aspirador para cuidar do resto da poeira, ele disse: — Essas paredes precisam de pintura.

Era como dizer que o deserto precisava de água. Talvez um dia elas tenham sido pintadas, mas há muito tempo já estava lascada ou desgastada, e a indeterminada cor restante nas paredes tinha sido arranhada e manchada pelos vários itens encostados nelas. — Bem, sim. Lixar e pintar. O piso precisa disso, também. — Bati com o pé. Meus antepassados tinham enlouquecido com a cal quando o segundo andar foi acrescentado a casa.

— Você só precisará de uma parte desse espaço como depósito, — disse Dermot inesperadamente. — Supondo que os antiquários comprem as peças maiores e que você não quer movê-las de volta até aqui.

— É verdade. — Dermot parecia ter uma ideia efetiva, mas eu não tinha captado. — O quê você está dizendo? — Perguntei sem rodeios.

— Você poderia construir um terceiro quarto aqui se usasse apenas aquela extremidade como depósito, — respondeu Dermot. — Vê, aquela parte?

Ele estava apontando para um espaço onde a inclinação do telhado formava um espaço natural, cerca de dois metros de profundidade e da largura da casa. — Não seria difícil repartir esse cômodo, instalar algumas portas, — meu tio-avô disse.

Dermot sabia como instalar portas? Eu devo ter parecido abismada porque ele me disse, — Eu tenho assistido HGTV²⁴ na televisão de Amelia.

— Oh, — eu disse, tentando pensar em uma observação mais inteligente. Eu ainda me sentia perdida. — Bem, nós poderíamos fazer isso. Mas eu não acho que preciso de outro quarto. Quero dizer, quem iria querer viver aqui?

²⁴ HGTV (também conhecido como Home & Garden Television), é uma rede de televisão a cabo que opera nos Estados Unidos e Canadá, transmitindo uma variedade de programas sobre melhoria, remodelação e manutenção de casas e jardins e artesanato.



— Mais quartos não são sempre uma coisa boa? Na televisão, os apresentadores dizem que são. E eu poderia me mudar para cá. Claude e eu poderíamos compartilhar a sala de tv como uma sala de estar. Cada um poderia ter seu próprio quarto.

Senti-me humilhada de nunca ter pensado em perguntar ao Dermot se ele se importava em dividir um quarto com Claude. Obviamente, ele se importava. Dormindo em uma cama de montar numa pequena sala de estar... eu tenho sido uma péssima anfitriã. Eu olhei para Dermot com mais atenção do que tinha dado a ele antes. Ele soava... esperançoso. Talvez meu novo inquilino estivesse subempregado. Eu percebi que não sabia exatamente o que Dermot fazia no clube. Eu tinha tomado como certo que ele iria com Claude quando Claude fosse para Monroe, mas eu nunca tive a curiosidade de perguntar o que Dermot fazia quando chegava lá. E se ser parte fada fosse a única coisa que ele tinha em comum com o egocêntrico Claude?

— Se você acha que tem tempo para fazer o trabalho, eu ficaria feliz em comprar os materiais, — eu disse, não completamente segura de onde as palavras vieram. — Na verdade, se você puder lixar, preparar as paredes, pintar tudo, e construir divisórias, eu com certeza apreciaria. Eu ficaria feliz em pagá-lo pelo trabalho. Por que não vamos a uma madeira em Clarice na minha próxima folga? Você poderia calcular o quanto de madeira e tinta precisaremos?

Dermot se iluminou como uma árvore de Natal. — Eu posso tentar, e eu sei como alugar uma lixadeira, — ele respondeu — Você confia em mim para fazer isto?

— Confio, — eu respondi, não tendo certeza se eu realmente quis dizer isso. Mas, afinal, o que poderia deixar o sótão pior do que já estava? Comecei a me sentir entusiasmada. — Seria ótimo ter este espaço reformado. Você precisa me dizer quanto acha que seria um pagamento justo.

— Absolutamente não, — disse ele. — Você tem me dado uma casa e o conforto da sua presença. Isso é o mínimo que eu posso fazer por você.

Eu não podia discutir com Dermot quando ele colocava as coisas daquela maneira. Há algo muito semelhante em como estar determinado a não aceitar um presente, e eu avaliando aquilo apenas como um emprego.

Essa foi uma manhã repleta de informações e surpresas. Enquanto eu lavava minhas mãos e rosto para me livrar da poeira do sótão, eu ouvi um carro chegando à entrada da garagem. A logomarca da Splendide, em letras góticas, preenchia um lado da grande van branca.



Brenda Hesterman e seu sócio saltaram. O sócio era um homem baixinho e compacto, usando calça cáqui, camisa polo azul e sapatos polidos. Seu cabelo grisalho estava cortado curto.

Eu saí para a varanda da frente.

— Olá, Sookie, — chamou Brenda, como se fôssemos velhas amigas. — Esse é Donald Callaway, o co-proprietário da loja.

— Sr. Callaaway, — eu disse, indicando com a cabeça. — Entrem vocês dois. Posso lhes trazer uma bebida? — Os dois recusaram enquanto subiam os degraus. Uma vez dentro, eles olharam ao redor da sala lotada, com uma apreciação que os meus hóspedes fadas não demonstraram.

— Amei o teto de madeira, — disse Brenda. — E olhe para as paredes de tábua!

— Essa é uma das antigas, — disse Donald Callaway, — Parabéns, Senhorita Stackhouse, por viver em uma encantadora casa histórica.

Eu tentei não parecer tão surpresa quanto me sentia. Essa não era a reação que eu normalmente recebia. A maioria das pessoas costumava sentir pena de mim por viver em uma estrutura tão antiquada. Os pisos não eram realmente autênticos e as janelas não eram uniformes. — Obrigada, — eu disse com desconfiança. — Bem, aqui estão os objetos que estavam no sótão. Vejam se há qualquer coisa que queiram. Apenas me dêem um grito se precisarem de algo.

Não parecia haver sentido em ficar xeretando em volta, e parecia de mau gosto assisti-los trabalhar. Fui para o meu quarto para limpá-lo e arrumá-lo, e acabei esvaziando uma ou duas gavetas enquanto continuava. Normalmente eu teria escutado o rádio, mas queria manter os ouvidos livres no caso deles precisarem perguntar alguma coisa. Eles conversaram baixinho de vez em quando, e me peguei curiosa sobre o que eles estavam decidindo. Quando eu ouvi Claude descendo as escadas, achei que seria uma boa ideia ir me despedir dele e de Dermot antes deles saírem.

Brenda ficou boquiaberta com os dois homens lindos como as fadas passaram pela sala de estar. Eu os atrasei o suficiente para apresentá-los porque seria somente educado. E não fiquei nem um pouco surpresa ao perceber que Donald pensava sobre mim sob uma ótica diferente após ter conhecido meus “primos”.

Estava esfregando o chão do banheiro do quarto, quando ouvi Donald exclamar. Adentrei a sala, tentando parecer casualmente curiosa.



Ele estava examinando a escrivaninha do meu avô, um objeto feio e muito pesado que tinha sido motivo de suor e muitos xingamentos por parte das fadas quando eles a carregaram para a sala de estar.

O pequeno homem estava agachado em frente dela agora, sua cabeça no espaço onde colocávamos os joelhos.

— Você tem um compartimento secreto, Senhorita Stackhouse, — disse ele, recuando seu quadril. — Venha, deixe-me te mostrar.

Agachei ao lado dele, sentindo a excitação que tal descoberta naturalmente atiçava. Compartimento secreto! Tesouro pirata! Truque de mágica! Todos eles despertavam uma feliz antecipação infantil.

Com a ajuda da lanterna de Donald eu vi que embaixo da escrivaninha, no espaço em que os joelhos encaixavam, havia um painel extra. Havia pequenas dobradiças tão destacadas que um joelho nunca as tocaria; por isso a porta balançaria para cima quando fosse aberta.

Como abri-lo era um mistério.

Depois que eu dei uma boa olhada, Donald disse, — Eu tentarei com meu canivete, Senhorita Stackhouse, se você não tiver nenhuma objeção.

— De forma alguma, — eu disse.

Ele apanhou o canivete profissional do bolso e abriu a lâmina, deslizando suavemente dentro da fresta. Como eu esperava, ele encontrou algum tipo de fecho no meio da fresta. Ele empurrou suavemente com a lâmina da faca, primeiro de um lado e depois outro, mas nada aconteceu.

Em seguida, começou a dar tapinhas na estrutura de madeira em torno do espaço para os joelhos. Havia uma tira de madeira nos dois pontos onde os lados e o topo do espaço abaixo da escrivaninha se encontravam.

Donald pressionou e empurrou, e justamente quando eu estava quase desistindo, houve um clique enferrujado e o painel abriu.

— Por que você não faz as honras? — disse Donald. — Sua escrivaninha.

Aquilo era razoável e verdadeiro, e quando ele recuou, eu tomei o seu lugar. Eu levantei a porta e a segurei enquanto Donald segurava sua lanterna firmemente, mas uma



vez que_o meu corpo bloqueava grande parte da luz, eu levei um bom tempo para extrair o conteúdo.

Quando senti o contorno do pacote, agarrei e puxei cuidadosamente, e então eu o tinha. Contorci-me, recuando minhas ancas, tentando não imaginar o que deveria parecer pelo ângulo de visão de Donald. Tão logo que me libertei da escrivadinha, levantei e fui até a janela com o meu pacote empoeirado. Examinei o que eu segurava.

Havia um pequeno saco de veludo com um cordão na parte superior. O material tinha sido vermelho vinho, acreditei, há muito tempos atrás. Havia também um envelope branco, aproximadamente 15x20 cm, com desenhos dentro, e enquanto eu o alisava com cuidado, percebi que segurava um modelo de um vestido. Imediatamente uma torrente de memórias irrompeu sem barreiras. Lembrei-me de uma caixa que guardava todos os moldes, Vogue, Simplicity e Butterick²⁵. Por muitos anos a costura foi um entretenimento para minha avó, até que um dedo quebrado em sua mão direita não se encaixou tão bem, e então manejar os materiais e os finos tecidos foi se tornando cada vez mais doloroso para ela. Neste envelope, em particular, continha um molde que era um longo franzido com cintura alongada, e as três modelos desenhadas tinham os ombros elegantemente arqueados, rostos finos e cabelos curtos. Uma modelo estava usando um vestido com comprimento médio, uma usava um vestido de noiva e outra um vestido para dançar quadrilha. Que vestido acinturado versátil!

95

Abri a aba e espreitei, esperando ver o familiar e frágil papel manteiga marrom impresso com misteriosas instruções em preto. Mas ao invés disso, tinha uma carta dentro, escrita em papel amarelo. Eu reconheci a caligrafia.

De repente, eu fiquei tão próxima às lágrimas, quanto eu poderia ficar. Mantive meus olhos bem abertos para que as lágrimas não escapassem, e saí da sala rapidamente. Não dava para abrir aquele envelope com outras pessoas na casa, então eu o guardei na minha mesa de cabeceira com o saquinho, e retornei para sala de estar depois de enxugar meus olhos.

Os dois antiquários foram muito educados para perguntar, e eu preparei um pouco de café e o servi em uma bandeja com leite e açúcar e algumas fatias de bolo, porque eu estava agradecida. E era educada. Como a minha avó tinha me ensinado... minha falecida avó, cuja caligrafia estava na carta dentro do envelope de moldes.

²⁵ Revistas norte-americanas especializadas em moda e moldes.





Capítulo Cinco

NO FINAL DAS CONTAS, EU NÃO CONSEGUI ABRIR O ENVELOPE até o dia seguinte.

Brenda e Donald finalizaram o exame completo de todo o conteúdo do sótão uma hora depois que ele abriu a gaveta escondida. Então nos sentamos para discutir o que eles queriam da minha variada coleção desordenada e quanto eles me pagariam por ela. No início, eu estava disposta a simplesmente dizer “Ok,” mas, em nome da minha família, eu me senti obrigada a tentar obter o máximo de dinheiro possível. Para minha impaciência, a discussão pareceu levar uma eternidade.

Que se resumiu a: Eles quiseram quatro grandes móveis (incluindo a escrivaninha), alguns manequins, um pequeno baú, algumas colheres e duas caixas para rapé feitas de chifre. Algumas das roupas de baixo estavam em bom estado, e Brenda disse que conhecia um método de lavagem que removeria manchas e faria as peças parecerem quase novas, embora ela não pudesse me pagar muito por elas. Uma cadeira para amamentação (muita baixa e pequena para mulheres modernas) foi adicionada a lista, e Donald quis uma caixa para bijuterias dos anos trinta e quarenta. A colcha patchwork da minha bisavó, feita no modelo roda de carroça²⁶, obviamente valia muito para os antiquários, mas nunca foi um dos meus modelos favoritos então, eu fiquei feliz em deixá-la ir.

Eu fiquei realmente agradecida que aqueles objetos fossem para casas onde eles seriam apreciados e cuidados com carinho ao invés de serem guardados em um sótão.

Eu poderia dizer que Donald realmente quis vasculhar a grande caixa de fotos e papéis ainda esperando pela minha atenção, mas não havia possibilidade que fosse acontecer até que eu olhasse todos eles. Eu disse isso para ele educadamente, e nós também apertamos as mãos em acordo que se houvessem outros compartimentos secretos de qualquer tipo que forem descobertos nos móveis que eu estava vendendo para eles, eu teria a preferência para comprar o conteúdo de volta se eles tivessem qualquer valor monetário.

Depois de terem ligado para sua loja para arrumarem o caminhão e de terem

²⁶ <http://threekitchenfairies.typepad.com/.a/6a00e55353f0c1883301156ffdc7df970b-500wi>



assinado o cheque, os antiquários partiram com uma ou duas de suas compras menores. Eles pareciam tão satisfeitos quanto eu estava com o trabalho do dia.

Dentro de uma hora, um grande caminhão da Splendide surgiu na entrada para carros com dois jovens altos, fortes e atraentes na cabine. Quarenta e cinco minutos depois, o mobiliário estava acolchoado e carregado para dentro da traseira do caminhão. Depois que partiu, era hora de me preparar para o trabalho. Eu pesarosamente adiei o exame dos itens na gaveta da minha mesa de cabeceira.

Embora eu tivesse que me apressar, tomei um momento para curtir minha casa enquanto colocava minha maquiagem e meu uniforme. Estava quente o bastante para sair da rotina com meus shorts, decidi.

Eu havia ido ao Wal-Mart e comprado dois novos pares na semana passada. Em honra ao debute deles, me certifiquei de que minhas pernas estivessem depiladas, extremamente lisas. Meu bronzado já estava satisfatoriamente em dia. Olhei no espelho, contente com o visual.

Cheguei ao Merllote's por volta das cinco horas. A primeira pessoa que vi foi a nova garçonete, India. India tinha a pele lisa cor de chocolate, trancinhas afro e um piercing no nariz. Ela era o ser humano mais agradável que me deparei a um período indefinidamente longo. Hoje ela me deu um sorriso como se eu fosse exatamente a pessoa que ela estava esperando ver... O que era literalmente verdade. Eu estava substituindo-a.

— Esteja alerta para problemas com aquele bobão da mesa cinco, — ela disse. — Ele está jogando amendoins para trás. Deve ter tido uma briga com sua esposa.

Eu saberia se ele teve ou não depois de alguns minutos “ouvindo.” — Obrigada, India. Mais alguma coisa?

— Aquele casal da mesa onze quer seus chás com um monte de limão do lado. A comida deles deve estar pronta em breve, pickles fritos e um hambúrguer para cada um. Queijo no dele.

— Tudo certo. Tenha uma boa noite.

— Estou esperando isso. Tenho um encontro.

— Com quem? — Perguntei, por pura curiosidade.

— Lola Rushton. — Ela respondeu.

— Eu acho que estudei com Lola no ensino médio. — Eu disse, apenas para



superar o indício de que India ter encontros com mulheres fosse mais do que uma ocorrência diária.

— Ela se lembra de você. — India disse, e riu.

Eu tinha certeza que sim, já que fui a pessoa mais esquisita da minha pequena classe do ensino médio. — Todos se lembram de mim como a Sookie Maluca, — eu disse, tentando manter o pesar em minha voz.

— Ela teve uma queda por você durante um tempo. — India me informou.

Senti-me estranhamente contente. — Estou lisonjeada por ouvir isso, — eu disse, e me apressei para começar a trabalhar.

Dei uma volta rápida pelas minhas mesas para ter certeza de que todos estavam bem, servi os pickles fritos e os hambúrgueres, e assisti, com alívio, quando Senhor Zangado e Rejeitado engoliu sua última bebida e deixou o bar. Ele não estava bêbado, mas estava procurando por briga, e foi bom vê-lo indo embora. Nós não precisamos de mais problemas.

Ele não era o único cara irritado no Merllote's. Sam estava preenchendo formulários do seguro essa noite, e por ele odiar preencher formulários, mas tendo que fazê-lo o tempo todo, seu humor não estava o dos melhores. A papelada estava empilhada no balcão do bar, e num período de calma entre os clientes, pude olhá-la. Se eu lesse com cuidado e devagar, não seria difícil decifrar, não importa o quão intrincado o inglês fosse. Eu comecei a verificar caixas e preencher lacunas, liguei para a delegacia e os informei de que precisávamos de uma cópia do relatório policial sobre a bomba incendiária. Eu os dei o número do fax de Sam e Kevin me prometeu que iria fazer isso para mim.

Ergui meus olhos e encontrei meu chefe parado com uma expressão de surpresa em seu rosto.

— Me desculpe! — Disse imediatamente. — Você parecia estar muito estressado com isso e eu não me importei em dar uma olhada. Vou te entregar de volta. — Agarrei os papéis e os empurrei para Sam.

— Não, — ele disse, se afastando com suas mãos para cima. — Não, não Sook, *obrigado*. Eu nunca pensei em pedir ajuda. — Ele olhou para baixo. — Você ligou para a delegacia de polícia?

— É, falei com Kevin Pryor. Ele vai enviar o relatório para ser anexado.



— Obrigado, Sook. — Sam parecia como se Papai Noel tivesse acabado de aparecer no bar.

— Eu não me incomodo em preencher formulários. — Eu disse, sorrindo. — Eles não respondem de volta. É melhor você dar uma olhada para ter certeza se fiz a coisa certa.

Sam me deu um sorriso radiante sem privar-se de uma espiada para baixo. — Bom trabalho, colega.

— Sem problemas. — Tinha sido legal ter alguma coisa para me manter ocupada, assim eu não pensaria sobre os itens que não foram examinados na minha mesinha de cabeceira. Eu ouvi a porta da frente se abrindo e olhei em volta, aliviada por haver mais serviço entrando por ela. Tive que trabalhar para segurar a antecipação em meu rosto quando eu vi que Jannalynn Hooper havia chegado.

Sam é o que se pode chamar de ‘aventureiro’ em seus namoros e Jannalynn não era a primeira mulher forte (para não dizer assustadora) que ele já havia se consorciado.

Magrinha e pequena, Jannalynn tinha um senso agressivo de moda e um deleite feroz por sua promoção para o cargo de batidora para a alcateia Dente Comprido, que estava baseada em Shreveport.

Hoje à noite Jannalynn estava vestindo um curto shorts de brim, aquelas sandálias de amarrar nas panturrilhas, e uma regata de tecido leve azul sem sutiã. Ela estava usando os brincos que Sam comprara para ela na Splendid e cerca de seis correntes de prata de tamanhos e pingentes variados, brilhando em volta de seu pescoço. Seu cabelo curto estava platinado agora, espetado e brilhante. Ela estava parecendo um penduricalho de vidro que reflete a luz do sol²⁷, eu pensei, lembrando de um brilhante e colorido que Jason tinha me dado para pendurar na janela da cozinha.

— Olá, querido, — ela disse para Sam quando me contornou sem olhar para os lados. Ela pegou Sam em um abraço feroz e o beijou com o máximo de seu esforço.

Ele a beijou de volta, embora eu pudesse dizer, pelos seus sinais cerebrais, que ele estava um pouco envergonhado. Tal consideração não incomodou Jannalynn, é claro. Eu rapidamente me virei para checar os níveis de sal e pimenta sobre as mesas, embora eu soubesse muito bem que tudo estava em ordem.

Na verdade, eu sempre achei Jannalynn perturbadora, quase assustadora. Ela era

²⁷ <http://gbryantstudio.com/Other/images/suncatcher-i.jpg>





muito ciente de que eu e Sam éramos amigos, especialmente visto que eu conheci a família de Sam no casamento do irmão dele, e todos tiveram a impressão de que eu era a namorada de Sam. Eu realmente não a culpo por suas suspeitas; se eu fosse ela, me sentiria da mesma forma.

Jannalyn era uma jovem mulher desconfiada por sua natureza e profissão. Parte de seu trabalho era avaliar as ameaças e agir sobre elas antes que o mal pudesse vir a Alcide e à alcateia. Ela também administrava Hair of the Dog²⁸, um pequeno bar que atendia especialmente a alcateia Dente Comprido e outros de dupla-natureza da área de Shreveport. Era muita responsabilidade para alguém tão novo como Jannalynn, mas ela parecia ter nascido para encarar desafios.

Até o momento, eu havia esgotado toda a atividade improdutiva para me manter ocupada que eu pudesse pensar, Jannalynn e Sam estavam tendo uma conversa reservada. Ela estava sentada em um banquinho, suas pernas musculosas cruzadas elegantemente e ele estava em seu lugar habitual, atrás do bar. O rosto dela tinha uma expressão atenta, e assim era o dele; qualquer que fosse o assunto, era sério. Eu mantive minha mente fechada.

Os clientes estavam fazendo o seu melhor para não babarem pela jovem Lobis. A outra garçonete, Danielle, ficava espiando para ela por cima de vez em quando enquanto sussurava com seu namorado, que chegou da enfermaria para beber a noite toda e assim poder observar Danielle enquanto ela se movia de mesa em mesa.

Quaisquer que fossem os defeitos de Jannalynn, você não poderia negar que ela tinha uma presença marcante. Quando ela estava em um aposento, tinha de ser reconhecida. (Eu pensei que fosse pelo menos parcialmente porque ela exalava vibrações tão fortes que era assustador como o inferno).

Um casal entrou e olhou em volta antes de se dirigirem para uma mesa vazia na minha seção. Eles pareciam um pouco familiar. Depois de um momento, eu os reconheci: Jack e Lily Leeds, detetives particulares de algum lugar do Arkansas. A última vez que eu os vi, eles tinham vindo a Bon Temps para investigar o desaparecimento de Debbie Pelt, tendo sido contratados pelos pais dela. Eu havia respondido suas perguntas, no que agora eu sei que foi até certo ponto no estilo de fada — me prendi ao sentido literal da verdade sem o seu espírito. Eu mesma atirei para matar Debbie Pelt em autodefesa e não queria ir para a cadeia por isso.

²⁸ “Pêlo do cachorro”. Expressão coloquial inglesa predominantemente usada para se referir ao álcool que é consumido com o objetivo de diminuir os efeitos de uma ressaca. Título de música da banda Nazareth.



Aquilo tinha acontecido há mais de um ano. Lily Bard Leeds ainda era pálida, silenciosa e ativa, e seu marido ainda era atraente e vigoroso. Seus olhos me encontraram imediatamente, e foi impossível fingir que eu não tinha visto. De má vontade, andei até a mesa deles, sentindo meu sorriso falhar a cada passo.

— Bem-vindos de volta ao Merlotte's, — eu disse, me esforçando ao máximo para sorrir. — O que eu posso trazer para vocês essa noite? Nós colocamos pickles fritos no cardápio, e nossos hambúrgueres Lafayette são realmente bons.

Lily me olhou como se eu tivesse sugerido que ela comesse vermes à milanesa, embora Jack parecesse um pouco arrependido. Ele não teria se importado com os pickles, eu poderia dizer.

— Um hambúrguer Lafayette para mim, eu acho, — Lily disse sem entusiasmo. Quando ela se virou para seu companheiro, sua camiseta se deslocou e eu pude ter um vislumbre de um conjunto de cicatrizes que rivalizava com as minhas mais recentes.

Bom, nós sempre tivemos coisas em comum.

— Hambúrguer para mim também, — Jack disse. — E se você tiver um momento de folga, nós gostaríamos de conversar com você. — Ele sorriu para mim e sua longa e fina cicatriz se flexionou assim quando suas sobrancelhas subiram. Essa era a noite de mutilação pessoal? Gostaria de saber se seu casaco leve, desnecessário num dia tão quente, estava cobrindo algo bem pior.

— Nós podemos conversar. Eu imaginei que vocês não voltariam ao Merlotte's por causa da boa comida, — eu disse, e anotei o pedido de suas bebidas antes de repeti-lo para Antoine na janela passa prato.

Com seus chás gelados e um prato com limão, eu retornei à mesa. Olhei em volta para ter certeza de que ninguém precisaria de mim antes de me sentar na cadeira oposta a de Jack, com Lily à minha esquerda. Ela era bonita de se olhar, mas tão controlada e musculosa que eu poderia ricochetear uma moeda de dez centavos nela. Até sua mente era organizada e rígida.

— 'O que vamos conversar? — Eu perguntei, e abri minha mente para eles. Jack estava pensando em Lily, alguma preocupação sobre sua saúde, não, sobre a saúde da mãe de Lily — uma possibilidade de câncer de mama. Lily estava pensando em mim, intrigada sobre mim, suspeitando que eu fosse uma assassina.

Aquilo doeu.



Mas era verdade.

— Sandra Pelt está fora da cadeia, — Jack Leeds respondeu, e embora eu tivesse ouvido as palavras em seu cérebro antes dele expressá-las, não tive que fingir uma expressão de choque.

— Ela estava na cadeia? Então é por isso que eu não a tenho visto desde que os pais dela morreram. — Os velhos Pelts prometeram que manteriam Sandra sob controle. Depois que ouvi sobre suas mortes, eu me perguntei quando ela iria aparecer. Uma vez que eu não a vi de imediato, relaxei. — Você está me dizendo isso por quê? — Consegui dizer.

— Porque ela odeia sua coragem, — Lilly disse calmamente. — E você nunca foi considerada culpada por nenhum tribunal pelo desaparecimento da irmã dela. Você nem sequer foi presa. E eu acho que nunca será. Você talvez seja inocente, embora eu não ache. Sandra Pelt é simplesmente maluca. E está obcecada por você. Eu acho que você precisa ser cuidadosa. Muito cuidadosa.

— Porque ela esteve na cadeia?

— Assalto e agressão em um de seus primos. Esse primo recebeu uma parte do dinheiro do testamento dos pais de Sandra, e aparentemente Sandra não gostou disso.

Eu fiquei muito, muito preocupada. Sandra Pelt era uma jovem cruel e amoral. Eu tinha certeza de que ela não havia nem chegado aos vinte anos ainda e já tinha tentado me matar mais de uma vez. Não havia mais ninguém para segurá-la, e por conseguinte sua saúde mental estava ainda mais suspeita, segundo os detetives particulares.

— Mas porque vocês fizeram uma viagem até aqui para me dizer isso? — Eu perguntei. — Quero dizer, eu apreciei, mas vocês não tinham obrigação... e poderiam ter me ligado. Detetives particulares trabalham por dinheiro, pelo o que eu ouvi. É alguém pagando-lhes para me avisarem?

— O espólio dos Pelts, — Lily respondeu depois de uma pausa. — O advogado deles, que mora em Nova Orleans, é o guardião de Sandra, designado pelo tribunal até que ela atinja os vinte e um anos.

— O nome dele?

Ela puxou um pedaço de papel do bolso. — É um tipo de nome Báltico, — ela respondeu. — E eu talvez não o pronuncie corretamente.



— Cataliades, — eu disse, colocando ênfase onde cabia na segunda sílaba.

— Sim! — disse Jack surpreso. — É ele mesmo. Sujeito grande.

Eu assenti com a cabeça. Sr. Cataliades e eu tínhamos uma relação amigável. Ele era predominantemente um demônio, mas os Leeds pareciam não saber disso. Na verdade, eles não pareciam saber muita coisa sobre o outro mundo, aquele que estava situado sob o do humano. — Então Sr. Cataliades os enviou até aqui para me avisar? Ele é o testamenteiro?

— É. Ele ficará longe de seus negócios por um tempo e queria ter certeza de que você soubesse que a garota estava à solta. Ele parecia sentir certa obrigação contigo.

Ponderei nisso. Eu identificava ter feito só uma boa ação pelo advogado. Eu o havia ajudado a sair do hotel que estava desabando, em Rhodes. Legal saber que pelo menos uma pessoa estava falando sério quando disse: “Te devo uma.” Parecia muito irônico que o testamento dos Pelts estivesse pagando os Leeds para me avisar contra a última Pelt sobrevivente; não irônico de uma forma boa, mas de uma forma amarga.

— Se vocês não se importarem com minha pergunta, como ele entrou em contato com os dois? Quero dizer, tenho certeza de que há muitos detetives particulares em Nova Orleans, por exemplo. Vocês todos ainda estão instalados na área de Little Rock, certo?

Lilly deu de ombros. — Ele nos ligou; perguntou se estávamos livres; enviou o cheque. Suas instruções foram muito específicas. Nós dois, no bar, hoje. Na verdade...— Ela olhou para seu relógio. — Nesse minuto.

Eles olharam para mim com expectativa, esperando que eu os explicasse essa estranheza da parte do advogado.

Eu estava pensando furiosamente. Se o Sr. Catalliades tinha mandado duas pessoas obstinadas para o bar, instruindo-as para chegarem em um determinado momento, só podia ser porque ele sabia que eles seriam necessários. Por alguma razão, a presença deles era necessária e proveitosa. Quando é que você precisaria de corpos fortes e resistentes?

Quando problema estava a caminho.

Antes que eu soubesse o que iria fazer, levantei-me e virei-me para a entrada. Naturalmente, os Leeds olharam para onde eu estava olhando, então estávamos todos olhando para a porta quando o problema a abriu.





Quatro caras valentões entraram. Minha avó teria dito que eles estavam prontos e carregados para a briga²⁹. Eles poderiam muito bem ter estampado “Agressivo e com Orgulho” em suas testas. Eles estavam se sentindo realmente superiores, cheios de si, repletos com agressividade. E armados.

Depois de uma segunda espreitada em suas cabeças, eu soube que tinham tomado sangue de vampiro. Essa era a droga mais imprevisível do mercado - e também a mais cara, pois sua colheita era muito perigosa. Pessoas que bebiam sangue de vampiro ficavam — por um período de tempo impossível de prever - incrivelmente fortes e incrivelmente imprudentes... algumas vezes malucas pra cacete.

Embora ela estive de costas para os recém-chegados, Jannalynn parecia ter sentido o cheiro deles. Ela se virou em seu banquinho e focalizou, exatamente como alguém que tinha traçado um arco e mirado a flecha. Eu podia sentir o animal fluindo dela. Algo selvagem e feroz enchia o ar, e eu percebi que o cheiro também vinha de Sam. Jack e Lilly ficaram de pé. Jack tinha uma mão embaixo do casaco e eu sabia que ele tinha uma arma. As mãos de Lilly estavam em uma posição estranha, como se ela fosse gesticular, mas tivesse congelado o movimento na metade.

— Hidee-ho, retardados! — disse o mais alto deles, dirigindo-se a todos no bar. Ele tinha uma barba grossa e cabelo escuro e cheio, mas por baixo dele eu vi o quanto ele era jovem. Pensei que ele não pudesse ter mais de dezenove anos. — Nós viemos para nos divertir com vocês, lagartixas³⁰.

— Não há lagartixas aqui, — Sam disse, sua voz constante e calma. — Caras, vocês são bem-vindos a tomar uma bebida, mas depois disso, acho que é melhor vocês irem embora. Este é um lugar calmo, um lugar local, e não precisamos de problemas.

— O problema já está aqui! — vangloriou-se o babaca mais baixo. Seu rosto estava bem barbeado e seu cabelo era loiro eriçado e cortado à máquina, mostrando cicatrizes em seu couro-cabeludo. Ele era largo e massudo. O terceiro garoto era magro e moreno, talvez Hispânico. Seu cabelo preto estava escovado para trás e seus lábios tinham um sensual biquinho dos hispânicos que ele tentou conter pelo riso de escárnio. O quarto sujeito tinha saltado no sangue de vampiro ainda mais seriamente que o resto, e ele não conseguia falar porque estava perdido em seu próprio mundo. Seus olhos se moviam de um lado para o outro como se ele estivesse rastreando coisas que o resto de nós não conseguia ver. Ele era grande também. Pensei que o primeiro ataque poderia vir dele, e embora eu fosse a última

²⁹ “loaded for bear”, expressão originada com os caçadores e lenhadores americanos nas regiões frequentadas pelo urso pardo. Eles carregam rifles muito potentes na expectativa de terem que lidar com algum urso.

³⁰ “lizard”, lagarto, lagartixa, etc., usado também como gíria para clitóris no sul dos EUA.



das combatentes, eu comecei a me mover cuidadosamente para a minha direita, planejando ir até ele pelo lado.

— Nós podemos ter paz aqui, — Sam disse. Ele ainda estava tentando, embora eu soubesse que havia entendido que não tinha jeito de escapar da violência.

Ele estava ganhando tempo para que todos no Merlotte's entendessem o que estava acontecendo. Essa foi uma boa ideia. Até lá mais alguns segundos haviam passado, até o mais lento dos poucos fregueses se moveram o mais longe da ação quando puderam, com exceção de Danny Prideaux, que estava jogando dardos com Andy Bellefleur, e pelo próprio Andy. Danny estava na prática segurando um dardo.

Andy não estava a serviço, mas estava armado. Eu prestei atenção nos olhos de Jack Leeds e vi que ele tinha percebido, assim como eu, de onde o pior problema viria. O bandido estava realmente entorpecido balançando para frente e para trás em seus calcanhares.

Já que Jack Leeds tinha uma arma e eu não, eu cuidadosamente avancei devagar para trás, assim eu não atrapalharia seus tiros. Os olhos frios de Lilly seguiram meu pequeno movimento e ela fez que sim com a cabeça quase imperceptivelmente. Eu tinha feito uma coisa sensata.

— Nós não queremos paz, — rosnou o Líder Barbudo. — Nós queremos a loira. — E ele apontou em minha direção com sua mão esquerda, enquanto a direita puxou uma faca. Ele parecia estar a sessenta centímetros de distância, embora talvez meu medo estivesse atuando como uma lupa.

— Nós vamos cuidar dela, — o Loiro Eriçado disse.

— E depois, talvez com o resto de vocês, — o Lábios Carnudos adicionou.

O Cara Maluco somente sorriu.

— Acho que não, — Jack Leeds disse. Jack puxou sua arma em um movimento suave. Possivelmente ele teria feito aquilo de qualquer jeito por absoluta legítima defesa, mas não em detrimento que sua mulher, parada à minha direita, era uma loira. Ele não conseguia estar completamente seguro que a outra carne branca que eles estavam querendo dizer era eu.

— Eu também acho que não, — disse Andy Bellefleur. Seu braço estava firme





como uma rocha enquanto ele apontou sua própria Sig Sauer³¹ para o homem com a faca. — Deixa essa faca de matar porco³² no chão e a gente resolve alguma outra coisa.

Eles poderiam estar nas alturas igual a pipas, mas pelo menos três dos bandidos mantiveram o bom senso e perceberam que enfrentar armas não seria uma boa ideia. Havia muita incerteza em suas contrações musculares e nos deslocamentos dos olhos como se eles vacilassem olhando de um para o outro. O momento esperava por uma decisão.

Infelizmente, o Cara Maluco passou do limite e atacou Sam, então agora ficamos todos comprometidos com a estupidez. Com a rapidez de um Lobis, Lábios Carnudos sacou sua própria arma, apontou e disparou. Eu não tenho certeza de quem ele pretendia acertar, mas Jack Leeds voou sobre ele, cujos tiros foram à loucura quando ele caiu.

Assistir Lilly Leeds foi uma lição de movimento. Ela deu dois passos rápidos, uma pirueta com seu pé esquerdo, e seu pé direito flutuou pelo ar para chutar a cabeça do Lábios Carnudos com a força de uma mula. Um pouco antes dele cair no chão, ela já estava sobre ele, lançando sua arma em direção ao bar e quebrando seu braço num fluxo de movimentos que foram quase hipnóticos. Enquanto ele gritava, o Barbudo Babaca e o Loiro Eriçado olhavam boquiabertos para ela.

Aquele segundo de desatenção foi o suficiente. Jannalynn saltou de seu banquinho, traçando um incrível arco pelo ar. Ela aterrissou no Cara Maluco enquanto Sam o segurava, e embora CM berrasse, mordesse e tentasse se livrar dela, Jannalynn recuou para dar um soco no maxilar dele. Eu ouvi claramente o quebrar do osso, e em seguida Jannalynn saltou e pisou no fêmur dele. Outro estalo. Sam, que ainda o segurava, gritou: — Pare!

Naqueles segundos, Andy Bellefleur investiu no Barbudo Babaca, que tinha virado suas costas para fugir de Andy enquanto Lily atacava Lábios Carnudos. Quando o sujeito alto sentiu a arma em suas costas, ele congelou.

— Solta a faca, — Andy disse. Ele falava muito sério.

O Loiro Eriçado levantou seu braço para desferir um golpe. Danny Prideaux jogou seu dardo. O dardo pegou Loiro Eriçado direto na carne de seu braço, e ele gritou como uma chaleira. Sam abandonou Cara Maluco para esmurrar Loiro Eriçado direto em seu

³¹ <http://www.centerfireguns.com/images/detailed/handgun-pistol-sig-sauer-226x59comp-226-x5-9mm-19r-ply-ss.jpg>

³² http://www.operatorchan.org/k/arch/src/k201640_PIG-STICKER-1.jpg





peito. O cara caiu como uma árvore serrada.

Barbudo Babaca olhou para seus companheiros, derrubados e incapacitados, e em então largou a faca. Sensato.

Finalmente.

Em menos de dois minutos, tudo estava terminado.

Eu arranquei meu limpo e branco avental rapidamente e amarrei o ferimento de Jack Leeds enquanto Lily segurava o braço dele para mim, o rosto dela estava branco como de um vampiro. Ela queria matar Lábios Carnudos da pior maneira possível, porque ela amava seu marido com uma paixão avassaladora. A força de seus sentimentos quase me inundou. Lily pode ser gelada por fora, mas por dentro ela era Vesúvio³³.

Assim que o sangramento de Jack amenizou, ela se virou para Lábios Carnudos, seu rosto absolutamente calmo, — Qualquer movimento e eu quebro a porra do seu pescoço, — ela disse sem declinar sua voz. O jovem bandido provavelmente nem sequer a ouviu por causa de seus gemidos e reclamações, mas o tom dela o atingiu e ele tentou ficar o mais longe possível.

Andy já tinha conversado com o operador do 911. Em certo momento eu ouvi as sirenes, um som perturbadoramente familiar. Com esse ritmo, vamos ter que manter uma ambulância em nosso estacionamento.

Cara Maluco estava gritando fracamente com a dor na perna e no maxilar. Sam tinha salvado sua vida: Jannalynn estava ofegante de verdade, ela esteve muito perto de se transformar depois de toda aquela excitação e estimulação de violência. Os ossos haviam deslizado para a parte inferior de seu rosto, o qual parecia longo e cheio de protuberâncias.

Não seria bom se ela se transformasse em um lobo antes das autoridades chegarem aqui. Eu não tentei explicitar o porquê para mim mesma. Eu disse, — Ei, Jannalynn. — Seus olhos encontraram os meus. Os dela estavam mudando de tamanho e de cor. Sua pequena figura começou a se contorcer e girar impacientemente.

— Você tem que parar, — eu disse. Ao nosso redor havia gritos, excitação e uma espessa atmosfera de medo — não é uma boa atmosfera para uma jovem lobisomem. — Você não pode se transformar agora. — Mantive meus olhos fixos nos dela. Eu não falei de

³³ Vulcão localizado em Nápoles, Itália, famoso pela tragédia de Pompéia em 79 d.C. Sua última erupção foi em 18 de março de 1944.





novo, mas tive a certeza que ela continuava olhando para mim. — Respire comigo, — eu disse, e ela fez o esforço. Gradualmente, sua própria respiração desacelerou, e ainda mais gradualmente seu rosto começou a retomar seus contornos normais. Os movimentos inquietos em seu corpo cessaram e seus olhos voltaram a ter seu marrom normal.

— Tudo certo, — ela disse.

Sam colocou suas mãos em seus ombros magros. Ele lhe deu um abraço apertado. — Obrigado, querida. — Ele disse. — Obrigado. Você é o máximo. — Eu senti um pequeno tamborilar de raiva.

— Te deixei comendo poeira, — ela disse, e gargalhou ofensivamente. — Foi um bom salto, ou o quê? Espere até eu contar para o Alcide.

— Você é a mais rápida, — Sam disse, sua voz gentil. — Você é a melhor batedora de bando que eu já conheci. — Você poderia ter pensado que ele havia dito que ela era tão sexy quanto a Heidi Klum, ela ficou muito orgulhosa.

E em seguida, as autoridades e o pessoal da emergência chegaram, e nós tivemos que passar por todo o processo de novo.

Lilly e Jack Leeds decolaram para o hospital. Ela disse ao pessoal da ambulância que poderia levá-lo sozinha no carro deles, e eu entendi pelos seus pensamentos que o seguro deles não cobriria o custo total do passeio de ambulância. Considerando que a sala de emergência era a apenas alguns quarteirões de distância e Jack estava caminhando e conversando, eu podia sacar o raciocínio dela. Eles nunca pegariam a sua comida e eu nunca poderia agradecê-los pelo aviso e pela sua prontidão em obedecer às ordens do Sr. Catallades. Gostaria de saber mais do que nunca como ele planejou para desviá-los até o bar em um momento oportuno.

Andy estava orgulhoso de forma desculpável pela sua participação no incidente, e deu uns tapinhas nos ombros de seus colegas policiais. Todos eles observavam Jannalynn com desconfiança mal disfarçada e respeito. Todos os fregueses do bar que tentaram ficar fora do caminho, estavam um em cima do outro descrevendo o grande pontapé de Lilly Leeds e o salto de parar o trânsito de Jannalynn em cima do Cara Maluco.

De alguma forma, a imagem que a polícia chegou foi que esses quatro rapazes estrangeiros anunciaram sua intenção de tomar Lilly como refém e depois roubar o Merlotte's.

Eu não tenho certeza como essa impressão ganhou credibilidade, mas fiquei contente que tenha ganhado. Se os fregueses do bar assumiram que a loira em questão





tinha sido Lilly Leeds, aquilo estava bom para mim. Ela era certamente uma mulher excepcional e os estrangeiros devem tê-la seguido, ou eles poderiam ter decidido roubar o bar e tomar Lilly como um bônus.

Devido a essa bem-vinda concepção errada, eu escapei de mais interrogatório do que os outros fregueses.

Num quadro mais amplo, resolvi que era hora de eu ter uma folga.



Capítulo Seis

NO DOMINGO PELA MANHÃ EU ACORDEI PREOCUPADA.

Quando finalmente cheguei em casa na noite anterior, eu estava com muito sono para pensar muito sobre o que tinha acontecido no bar. Mas evidentemente meu subconsciente ficou remoendo novamente enquanto eu dormia. Meus olhos abriram, e embora o quarto estivesse calmo e ensolarado, eu ofegava.

Eu tive aquela sensação de pânico; que não havia se apoderado de mim ainda, mas ela estava quase ali na esquina, fisicamente e mentalmente. Você conhece a sensação? Quando você acha que a qualquer segundo o seu coração vai começar a bater forte, que sua respiração está se acumulando, que suas palmas das mãos irão começar a suar.

Sandra Pelt estava atrás de mim, e eu não sabia onde ela estava e nem o que estava tramando.

Victor quer fazer algo contra Eric e, por extensão, comigo.

110

Eu tinha certeza que eu era a loira que os quatro bandidos estavam atrás, e eu não sabia quem os enviou ou o que eles teriam feito quando me pegassem, embora eu tivesse um sentimento muito ruim sobre isso.

Eric e Pam estavam brigados, e eu estava certa que de alguma forma eu estava envolvida na disputa deles.

E eu tinha uma lista de perguntas. No topo da lista: Como é que o Sr. Cataliades sabia que eu iria precisar de ajuda naquele momento e lugar específicos? E como ele teria sabido para enviar os detetives particulares de Little Rock? Claro, se ele fosse o advogado dos Pelts, ele poderia ter sabido que eles tinham enviado Lily e Jack Leeds para investigar o desaparecimento de sua filha Debbie. Ele não teria instruído os Leeds na mesma medida, e saberia que eles poderiam lidar sozinhos em uma luta.

Será que os quatro bandidos contariam a polícia porque que eles vieram ao bar, e quem os havia indicado? E onde eles conseguiram o sangue de vampiro - o que seria um conhecimento útil, também.

Quais seriam as coisas que eu obteria da gaveta secreta que me diria sobre o meu passado?





— Esta é uma situação bem difícil, — eu disse em voz alta. Eu puxei o lençol sobre minha cabeça e examinei a casa mentalmente. Não havia ninguém além de mim. Talvez Dermot e Claude ficaram discutindo até tarde, após a grande revelação deles. Eles pareciam ter ficado em Monroe. Suspirando, eu sentei na cama, deixando o lençol cair. Não havia como me esconder dos meus problemas. O melhor que eu poderia fazer era tentar priorizar minhas crises e descobrir qual informação eu poderia coletar sobre cada um.

O problema mais importante era o que estava mais próximo do meu coração. E a solução estava bem à mão.

Eu gentilmente extraí o envelope de moldes e o saco de veludo desgastado da gaveta da mesinha de cabeceira. Além do conteúdo prático (uma lanterna, uma vela e fósforos), a gaveta guardava as lembranças estranhas da minha vida estranha. Mas hoje eu não estava interessada em nada exceto nos dois novos itens preciosos. Levei-os para a cozinha e os coloquei cuidadosamente de volta no balcão bem longe da pia eu fiz o meu café.

Enquanto a cafeteira gotejava, eu quase empurrei para trás a aba do envelope. Mas eu recuei minha mão. Eu estava com medo. Em vez disso eu fui ao encalço da minha agenda de telefones. Eu havia carregado meu celular durante a noite, então eu guardei o pequeno fio organizadamente em outro lugar - impediria qualquer funcionamento — finalmente, tomei uma respiração profunda e cutuquei o número do Sr. Cataliades. O telefone tocou três vezes.

— Este é Desmond Cataliades, — disse sua voz rica. — Estou viajando e indisponível no momento, mas se você quiser deixar uma mensagem, eu posso ligar para você de volta. Ou não.

Bem, maldição. Eu fiz uma careta para o telefone, mas ao som do tom eu obedientemente gravei uma mensagem cautelosa o qual eu esperava que fosse transmitida a minha urgente necessidade de falar com o advogado. Eu marquei Sr. Cataliades com um x — Desmond! — para fora da minha lista mental e passei para o meu segundo método de abordagem do problema de Sandra Pelt.

Sandra continuaria ininterruptamente atrás de mim até que uma das duas estivesse morta. Eu tinha uma real, verdadeira, inimiga pessoal. Era difícil acreditar que todos os membros de uma família tinham se mostrado tão detestáveis (especialmente visto que tanto Debbie como Sandra foram adotadas), mas todos os Pelts eram egoístas, obstinados, e odiosos. As meninas foram frutos de uma árvore venenosa, eu acho. Eu



precisava saber onde Sandra estava, e eu conhecia alguém que poderia ser capaz de me ajudar.

— Alô? — Amelia disse vivamente.

— Como está a vida na Big Easy³⁴? — eu perguntei.

— Sookie! Puxa, é bom ouvir a sua voz! As coisas estão indo muito bem para mim, realmente.

— Não diga?

— Bob apareceu na minha porta na semana passada, — respondeu ela.

Depois que a mentora de Amelia, Octavia, reverteu Bob de volta à sua própria forma de magreza Mórmon, Bob ficou tão zangado com Amelia que ele se afastou como — bem, como um gato escaldado. Tão logo ele se reorientou como ser humano, Bob deixou Bon Temps para localizar sua família, que havia estado em Nova Orleans durante o furacão Katrina. Evidentemente Bob tinha se acalmado sobre toda a questão sobre transformação-em-um-gato.

— Ele encontrou seus familiares?

— Bem, ele encontrou! Sua tia e seu tio, aqueles que o criou. Eles haviam conseguido um apartamento em Natchez apenas grande o suficiente para os dois, e ele poderia dizer que eles não tinham nenhuma maneira de adicioná-lo à família, assim ele percorreu um pouco por perto verificando junto aos outros membros do coven³⁵, e então ele se desviou de volta para cá. Ele conseguiu um trabalho de corte de cabelo num estabelecimento a três quadras de onde eu trabalho! Ele entrou na loja de magia e perguntou por mim em seguida. — Os membros do coven de Amelia administravam o Genuine Magic Shop no Bairro Francês. — Fiquei surpresa ao vê-lo. Mas muito feliz. — Ela estava praticamente ronronando na última frase, e eu calculei que Bob tinha entrado no cômodo. — Ele diz ei, Sookie.

— Ei de volta para ele. Ouça, Amelia, eu odeio interferir no sonho de amor juvenil, mas eu tenho um favor a pedir.

³⁴ *Termo/apelido de Nova Orleans. Diz a lenda que o primeiro uso do Big Easy teve a ver com o fato de que havia muitas maneiras de um bom músico ganhar a vida em Nova Orleans, por razão da rica herança musical e pela cidade ser tão aberta e apoiar artistas musicais.*

³⁵ *Nome dado a um grupo de bruxos(as), que se unem num laço mágico, físico e emocional, sob o objetivo de louvar a Deusa e o Deus, tendo em comum um juramento de fidelidade à Arte e ao grupo. Tradicionalmente, ele abriga o máximo de 13 pessoas.*





— Manda.

— Eu preciso descobrir onde está alguém.

— Catálogo telefônico?

— Rá rá. Não é tão simples. Sandra Pelt está fora da cadeia e me caçando, literalmente. O bar foi atacado com uma bomba incendiária, e ontem quatro valentões drogados vieram para me pegar, e eu acho que Sandra pode estar por trás de ambas as coisas. Quero dizer, quantos inimigos eu posso ter?

Ouvi Amelia tomar um longo suspiro. — Não responda, — eu disse apressadamente. — Então, ela falhou por duas vezes, e eu estou com medo de que logo ela irá pegar o ritmo e mandar alguém aqui para a casa. Eu estarei sozinha, e isso não vai acabar bem para mim.

— Por que ela não começou por aí?

— Eu finalmente compreendi que eu deveria ter perguntado isso a mim mesma há poucos dias atrás. Você acha que suas proteções ainda estão ativas?

— Ah... com certeza. Elas estão muito bem como deveriam estar. — Amelia simplesmente emitiu um ruído oculto de satisfação. Ela tinha muito orgulho das suas habilidades de bruxa, igualmente como deveria ser.

— Sério? Quero dizer, pense nisso. Você não tem vindo aqui... caramba, há quase três meses. — Amelia tinha guardado suas coisas no carro na primeira semana de março.

— Verdade. Mas eu as reforcei antes de partir.

— Elas funcionam mesmo quando você não estiver por perto. — Eu queria ter certeza. A minha vida dependia disso.

— Elas vão por um tempo. Afinal, eu ficava fora da casa por horas todos os dias e a deixava protegida. Mas eu tenho que renová-las, ou elas irão desaparecer. Sabe, eu ganhei três dias sucessivos onde não tenho que trabalhar. Eu acho que aparecerei por aí e verificarei a situação.

— Isso seria um grande alívio, apesar de eu odiar te incomodar.

— Não, sem problema. Talvez eu e Bob tenhamos uma longa viagem de carro. Irei perguntar a alguns outros membros do coven como eles encontram pessoas. Nós podemos cuidar das proteções e tentar encontrar uma cadela.



— Você acha que Bob estará disposto a voltar aqui? — Bob tinha passado quase toda a sua estada em minha casa em forma de felino, então eu estava incerta.

— Mas eu posso perguntar a ele. Ao menos você teve notícias minhas, eu estou chegando.

— Muito obrigada. — Eu não tinha percebido que meus músculos estavam tão tensos até que eles começaram a relaxar. Amelia disse que estava chegando.

Eu me perguntava por que eu não me sentia segura com os meus dois caras fae por perto. Eles eram meus parentes, e embora me sentisse feliz e relaxada quando eles estavam na casa, eu confiava mais em Amelia.

No lado prático, eu nunca sabia quando Claude e Dermot estavam realmente debaixo do meu teto. Eles estavam passando mais e mais noites em Monroe.

Eu teria que colocar Amelia e Bob no quarto do outro lado do corredor afastado do meu, pois os caras estavam ocupando o andar de cima. A cama do meu antigo quarto era estreita, mas nem Bob nem Amelia eram pessoas grandes.

Isso tudo era apenas trabalho para ocupar minha cabeça. Enchi uma caneca de café e peguei o envelope e o saco. Sentei-me A e na mesa da cozinha com os objetos na minha frente. Eu tive um terrível impulso de abrir a lata de lixo e abandoná-los nela selados, o conhecimento deles não esclarecido. Mas isso não era algo que você faria. Você abriria as coisas cujo propósito era para serem abertas.

Abri a aba e inclinei o envelope. A noiva com uma saia decorada com babados na foto me fitava suavemente enquanto uma carta amarelada deslizou para fora. Parecia empoeirada de alguma forma, como se os anos no sótão tivessem saturado as fissuras microscópicas do papel. Suspirei e fechei meus olhos, me preparando. Em seguida eu desdobrei o papel e olhei para a letra da minha avó.

Foi inesperadamente doloroso vê-la: pontiaguda e condensada, mal escrita e acentuada, mas era a letra dela, da minha avó. Eu tinha lido, Deus sabe quantas coisas ela havia escrito em nossa vida conjunta: listas de compras, instruções, receitas, até mesmo algumas notas pessoais. Havia um pacote deles ainda na minha penteadeira.

Sookie, eu estou tão orgulhosa de você se diplomar no colegial. Eu queria que sua mãe e pai estivessem aqui pra te ver em seu capelo e beca.



Sookie, por favor, arruma seu quarto, eu não posso passar o aspirador se eu não consigo ver o chão.

Sookie, Jason vai te pegar depois do treino de softball, eu tenho que ir um encontro do Clube de Jardinagem.

Eu tinha certeza de que esta carta seria diferente. Eu estava certa. Ela começou formalmente.

Querida Sookie,

Eu acho que você vai encontrar essa carta, senão alguém vai. Não tem nenhum outro lugar que eu posso deixar a carta, e quando eu achar que você tá pronta eu vou lhe dizer onde eu coloquei ela.

Lágrimas rolaram de meus olhos. Ela havia sido assassinada antes que acreditasse que eu estava pronta. Talvez eu nunca estivesse pronta.

Você sabe que eu amava seu avô mais que tudo.

Eu pensei que eu soubesse disso. Eles tinham um casamento sólido... eu supunha. As evidências sugerem que poderia não ter sido o caso.

115

Mas eu queria tanto, mas tanto ter crianças. Eu senti se eu tivesse crianças minha vida seria perfeita. Eu não sabia que pedir a Deus por uma vida perfeita era uma coisa idiota de fazer. Eu tenho tentado além da minha capacidade resistir. Deus estava me castigando pelo meu egoísmo, eu acho.

Ele era tão bonito. Mas eu sabia quando eu vi que ele não era uma pessoa real. Ele me contou mais tarde que ele era parte humano, mas eu nunca vi tanto humanidade nele. Seu avô tinha saído para Baton Rouge, depois de uma longa viagem. Mais tarde naquela manhã, tivemos uma tempestade que derrubou um grande pinheiro em cima da entrada de carro por isso ela ficou bloqueada. Eu tava tentando serrar o pinheiro e aí o seu avô seria capaz de trazer o caminhão de volta pra a entrada de carro. Eu parei um pouquinho pra ir pro quintal pra ver se as roupas no varal tavam secas, e ele saiu da mata. Quando ele me ajudou mover a árvore - bem, ele moveu tudo sozinho - eu falei Obrigada, é claro. Eu não sei se você sabe disso,





mas se você falar Obrigada pra um deles você fica comprometida. Não sei por que, aquilo é só boas maneiras.

A propósito Claudine havia mencionado isso quando eu a encontrei pela primeira vez, mas eu acreditei quanto ela me contou que aquilo era simplesmente uma coisa de etiqueta de fadas. Cuidadosa sobre minha maneiras, eu tentei ter a certeza de nunca agradecer explicitamente Niall, mesmo quando nós tínhamos trocado presentes no Natal. (Havia adotado cada pedaço de autocontrole que eu tinha para não dizer “Obrigada.” Eu havia dito, “Oh, você pensou em mim! Eu sei que irei gostar,” e apertava meus lábios ao mesmo tempo.) Mas, Claude... eu estive perto dele muitas vezes, eu sabia que o tinha agradecido por tirar o lixo ou me passar o sal. Merda!

Em todo caso, eu perguntei pra ele se ele queria uma bebida e ele estava com sede, e eu estava tão solitária e eu queria um bebê. Seu avô e eu tínhamos sido casado há cinco anos naquela altura e sem um sinal de um bebê a caminhar. Eu percebi que algo tava errado, de qualquer forma nós não descobrimos que mais tarde quando o médico disse que tinha caxumba... bom. Pobre Mitchell. Não era culpa dele, foi a doença. Eu apenas lhe disse que era um milagre que nós tínhamos tido os dois, nós não precisamos de cinco ou seis que ele esperava. Ele nunca mesmo se mostrou pra mim curioso sobre isso. Ele tinha tanta certeza que eu nunca tinha estado com outro alguém. Foram brasas de fogo na minha cabeça. Ruim o bastante que eu fiz isso uma vez, mas dois anos depois Fintan voltou e eu fiz aquilo de novo, e aquelas não foram as únicas vezes. Era tão estranho. Às vezes eu achava que eu sentia o cheiro dele! Eu dava meia-volta e o cheiro era Mitchell. Mas tendo seu pai e Linda valeu a culpa. Eu amava eles tanto, e eu espero que não foi o meu pecado que fez os dois morrer tão jovem.

Pelo menos Linda tinha Hadley, onde quer que ela possa estar, e pelo menos Corbett tinha você e Jason. Vendo vocês crescer tem sido uma benção e um privilégio. Eu amo vocês dois mais do que eu posso dizer.

Bem, eu tenho escrito por muito tempo. Eu te amo, querida. Agora eu tenho que te falar sobre o amigo de seu avô. Ele era um homem negro de cabeça boa, grande de verdade, falava muito pomposo. Ele disse que era um tipo de nosso patrocinador,



como uma espécie de padrinho, mas eu não confiava nele além do que eu poderia confiar. Ele não parecia um homem de Deus. Ele chegou inesperadamente depois que Corbett e Linda nasceram. Depois que vocês dois vieram comigo, eu pensei que talvez ele pudesse fazer uma visita novamente. Sem dúvida, ele apareceu de repente, uma vez enquanto eu tava cuidando do Jason, e uma vez enquanto eu tava cuidando de você, quando vocês eram bebês de berço. Ele deu a cada um de vocês um presente, ele disse, mas nesse caso não foi um que eu poderia colocar na conta bancária, que teria sido útil quando vocês vieram morar comigo.

Então ele veio por mais uma vez, há alguns anos atrás. Ele me deu essa coisa verde. Ele disse que as fadas dão isso uns aos outros quando estão apaixonados, e Fintan tinha dado a ele pra trazer aqui para mim se Fintan morresse antes de mim. Tem um feitiço nele, ele disse. Você não vai precisar usá-lo, espero eu, disse ele. Mas se você usar, ele disse para lembrar que era uma coisa uma única vez, não como uma lâmpada, como na história, com um monte de desejos.

Ele chamou essa coisa de cluviel dor, e me mostrou como soletrar.

Então eu acho que Fintan está morto, ainda que eu estivesse com medo de perguntar ao homem qualquer pergunta. Eu não vi Fintan desde depois que seu pai e Linda nasceram. Ele segurou os dois e depois saiu. Ele disse que não poderia voltar nunca, que era muito perigoso pra mim e pra crianças, que seus inimigos iriam segui-lo aqui se ele continuasse visitando, mesmo que ele viesse disfarçado. Eu acho que ele tava dizendo que ele vinha disfarçado antes, e aquilo me preocupou. E por que ele tem inimigos? Eu acho que as fadas nem sempre se dão bem, exatamente como as pessoas. Pra dizer a verdade, eu se sentindo cada vez pior sobre seu avô cada vez que eu via Fintan, então quando ele disse que tava indo para sempre, foi mais ou menos um alívio. Eu ainda me sinto muito culpada, mas quando me lembro criando seu pai e Linda eu fico tão feliz



que eu tinha eles, e criar você e Jason tem sido uma alegria pra mim.

Em todo caso, esta carta é sua agora já que eu estou te deixando a casa e o cluviel de dor. Pode não parecer justo que Jason não recebeu nada mágico, mas o amigo do seu avô disse que Fintan tinha visto tanto de você, e você era a única que deveria ser preparada. Eu acho que desejo que você não precisaria saber nada disso. Eu sempre me perguntei se o problema veio por você ser um pouco fada, mas depois, como é que Jason não foi a mesma coisa? Ou o seu pai e Linda, no que diz respeito ao assunto? Talvez você ser capaz de “saber coisas” simplesmente aconteceu. Eu gostaria de poder ter curado assim você poderia ter tido uma vida normal, mas temos que receber o que Deus nos dá, e você tem sido muito forte lidando com isso.

Por favor, tenha cuidado. Eu espero que você não esteja furiosa comigo, ou pensando o pior de mim. Todos os filhos de Deus são pecadores. Pelo menos o meu pecado levou a vida pra você, Jason e Hadley.

Adele Hale Stackhouse (vovó)

Havia tanta coisa para pensar que eu não sabia por onde começar.

Eu estava ao mesmo tempo estupefata, assustada, curiosa e confusa. Antes que eu pudesse me deter, eu peguei minha outra relíquia, o saco de veludo gasto. Eu afrouxei o cordão, que se desintegrou em meus dedos. Abri o saco e deixei a coisa dura de dentro — o cluviel dor, o presente do meu avô fada — cair na minha palma da mão.

Eu o amei instantaneamente.

Era um verde claro leitoso, adornado em ouro. Era como uma das caixinhas para rapé da loja de antiguidades, mas nada em Splendide tinha esta beleza. Eu não podia ver nenhum fragmento, nenhuma dobradiça, nada; ele não estalou para abrir quando eu pressionei suavemente e girei a tampa — e havia lá definitivamente uma tampa, adornada em ouro. Hmmm. A caixa redonda não estava pronta para conceder o seu segredo.

Sem problemas. Talvez eu tivesse que fazer alguma pesquisa. Eu coloquei o objeto para o lado e sentei com as mãos cruzadas sobre a mesa, fitando para o espaço. Minha cabeça estava abarrotada com pensamentos.





Vovó obviamente estava muito sentimental quando escreveu a carta. Se o nosso “padrinho” tinha dado à vovó mais informações sobre este presente, de modo idêntico ela ignorou de mencioná-las ou simplesmente ela não se lembrava de mais nada. Eu desejei saber quando ela tinha se forçado a registrar por escrito esta confissão. Obviamente, ela escreveu depois que a tia Linda morreu, o que aconteceu quando vovó estava na casa dos seus setenta anos. A origem do amigo do meu avô - eu tenho total certeza que reconheci a descrição. Certamente o “padrinho” era Sr. Cataliades, advogado demônio. Eu sabia que devia ter custado muito para ela dizer — por escrito — que ela teve relações sexuais com outro alguém que não seu marido. Minha avó foi uma pessoa forte, e ela também foi uma cristã devota. Tal confissão deve tê-la assombrado.

Ela poderia ter julgado a si mesma, mas agora que eu superei o choque de enxergar a minha avó como uma mulher, eu não a julgaria. Quem eu era para atirar pedras? O pregador havia me dito que todos os pecados são iguais aos olhos de Deus, mas eu não podia deixar de sentir (por exemplo) que um molestador de criança era pior do que uma pessoa que trapaceou seu imposto de renda ou uma mulher solitária que tinha tido sexo não permitido porque ela queria um bebê. Eu estava provavelmente errada, porque, além disso, nós não deveríamos supostamente ser exigentes na escolha de quais regras obedecer, mas essa era o modo como eu me sentia.

Enfieei meus pensamentos confusos de volta em um canto da minha cabeça e peguei a dor cluviel novamente. Tocar sua lisura era puro prazer, como a felicidade que eu senti quando eu abracei meu bisavô - senão mais ou menos duzentas vezes. A dor cluviel era do tamanho de dois biscoitos Oreo empilhados. Esfreguei-o contra minha bochecha e senti vontade de ronronar.

Você tem que ter uma palavra mágica para abri-lo?

— Abracadabra, — eu disse. — Por favor e obrigado.

Não, não funcionou, mais eu me senti como uma idiota. — Abre-te Sésamo, — eu sussurrei. — Alakazam. — Não.

Mas o pensamento de magia me deu uma ideia. Eu enviei um e-mail para Amelia, e foi uma mensagem difícil de formular. Eu sei que e-mail não é totalmente seguro, mas eu também não tinha nenhuma razão para pensar que alguém considerasse que algumas das minhas mensagens tinham alguma importância. Eu escrevi: “Eu odeio pedir, mas além de fazer aquela pesquisa sobre a ligação de sangue para mim, você poderia descobrir algo sobre uma coisa de fada? Iniciais c.d.?” Isso foi tão sutil quanto eu poderia conseguir.



Então eu voltei para a minha admiração do cluviel dor. Será que você tem que ser fada pura para abri-lo? Não, isso não poderia ser o caso. Tinha sido um presente para a minha avó, presumivelmente para usar em caso de extrema necessidade, e ela era completamente humana.

Eu desejei que ele não tivesse estado longe no sótão quando ela foi atacada. Toda hora que eu me lembrava como ela tinha sido descartada no chão da cozinha como sobra, encharcada em seu próprio sangue, me sentia tanto triste quanto furiosa. Talvez se ela tivesse tido tempo para buscar a dor cluviel, poderia ter se salvado.

E com esse pensamento, eu fiquei farta. Eu devolvi a dor cluviel ao seu saco de veludo, e devolvi a carta da vovó ao envelope de moldes. Eu fiquei tanto chateada quanto eu poderia lidar por um tempo.

Era preciso esconder estes itens. Infelizmente, o excelente refúgio anterior tinha sido removido para uma loja em Shreveport.

Talvez eu deva ligar para Sam. Ele poderia colocar a carta e a dor cluviel no cofre do Merlotte's. Mas considerando os ataques no bar, não seria o melhor lugar para guardar algo que eu estimava. Eu poderia dirigir até Shreveport e usar minha chave para entrar na casa de Eric para encontrar algum lugar lá. Na verdade, era altamente possível que Eric tivesse um cofre, também, e nunca teve a oportunidade para mostrá-lo para mim. Depois que eu ponderei, aquilo também não pareceu ser uma boa ideia.

Perguntei-me se o meu desejo de manter os itens aqui era simplesmente porque eu não queria estar separada da dor cluviel. Eu dei de ombros. Não importa de que modo a convicção entrou em minha cabeça, eu tinha certeza que a casa era o lugar mais seguro, pelo menos por agora. Talvez eu pudesse colocar a lisa caixa verde dentro do buraco de dormir para vampiros no armário do meu quarto de hóspedes... mas aquilo não era muito mais do que uma caixa vazia, e se Eric precisar passar o dia lá?

Após torturar meu cérebro, eu coloquei o envelope de moldes dentro da caixa de artigos de papel que não foram examinados no sótão. Esses não seriam interessantes para ninguém além de mim. A dor cluviel foi um pouco mais difícil de esconder, pelo menos parcialmente porque eu manteria o ato de ter que resistir a um impulso de puxá-lo para fora do saco novamente. Essa luta me fez me sentir muito — no estilo Gollum³⁶.

³⁶ *Gollum ou Sméagol é uma personagem fictícia criada por J.R.R. Tolkien, presente em O Hobbit e O Senhor dos Anéis.*



— Meu preciosso, — eu murmurei. Será que Dermot e Claude seriam capazes de sentir a proximidade de um artigo tão notável? Não, claro que não. Ele tinha estado no sótão esse tempo todo e eles não o tinham encontrado.

E se eles vieram morar aqui na esperança de encontrá-lo? E se eles sabiam ou suspeitavam que eu tivesse uma coisa dessas? Ou (mais provável) o que aconteceria se eles ficassem aqui porque a proximidade dele os deixava felizes? Embora eu tivesse certeza de que havia furos naquela ideia, eu não poderia me livrar dela. Não foi o meu sangue de fada que os atraiu; foi a presença da dor cluviel.

Agora você está sendo paranoica, eu disse para mim mesma severamente, e eu arrisquei mais um vislumbre da superfície verde leitosa. A dor cluviel, pensei, parecia como um pó compacto em miniatura. Com essa ideia, o esconderijo veio direto até mim. Tirei a dor cluviel para fora de seu saco de veludo e o deslizei para dentro da gaveta de maquiagem da minha penteadeira. Eu abri meu estojo de pó solto e pulverizei só um pouco sobre o brilho do verde leitoso. Eu adicionei um fio de cabelo da minha escova. Rá! Fiquei satisfeita com o resultado. Como numa ideia que surge tardiamente, eu empurrei para dentro da minha gaveta de meias e cintos o esmigalhado saco de veludo. Minha razão me disse que o objeto em péssimo estado era somente um definhado saco velho, mas minhas emoções me disseram que ele era algo importante, porque a minha avó e meu avô tinham tocado nele.

Tive tantos pensamentos ricocheteando em meu cérebro que ele encerrou as atividades do dia. Depois que eu fiz um pouco de trabalho doméstico, eu assisti o campeonato intercolegial de softball³⁷ na ESPN. Eu amo softball, porque eu jogava na escola. Eu adoro observar jovens mulheres fortes de toda a América; eu amava vê-las jogar um jogo tão difícil tanto quanto elas conseguiam, em plena velocidade, sem apoio da reserva. Eu percebi enquanto estava assistindo que eu conhecia outras duas jovens mulheres assim: Sandra Pelt e Jannalynn Hopper. Havia uma lição ali, mas qual era eu não sabia.

³⁷ Jogo semelhante ao baseball, mas em que se usa uma bola maior. É maioritariamente praticado por equipes femininas.





Capítulo Sete

EU OUVI MEUS DOIS COMPANHEIROS DE CASA chegarem no domingo à noite, não muito tarde. Hooligans não era aberto aos domingos, e eu tentei não imaginar o que eles estiveram fazendo o dia todo. Eles ainda estavam dormindo quando eu fiz meu café na manhã de segunda-feira. Eu me movi pela casa tão silenciosamente como pude, me vestindo e checando meu e-mail. Amelia estava a caminho, ela disse, e adicionou enigmaticamente que tinha algo importante para me contar. Eu desejei saber se ela já havia descoberto alguma informação sobre meu “c.d.”.

Tara mandou um e-mail de grupo com uma foto anexada de sua barriga enorme, e me lembrei de que o chá de bebê que eu a estaria oferecendo seria no próximo final de semana. Caramba! Depois de um momento de pânico, eu me acalmei. Os convites foram enviados, eu comprei o presente dela e planejei a comida. Eu estava tão pronta quanto poderia estar, a não ser pelo turbilhão de limpeza de última hora.

Eu estaria trabalhando no primeiro turno hoje. Enquanto me maquiava, peguei o cluviel dor e o segurei contra meu peito. Tocá-lo parecia importante, parecia torná-lo mais vital. Minha pele o aqueceu rapidamente. Seja o que for que repouse no coração dessa coisa lisa e esverdeada parecia ter acordado. Eu me sentia mais viva, também. Tomei uma respiração profunda e trêmula e o devolvi à gaveta, mais uma vez o cobrindo com pó para fazer parecer que ele esteve lá desde sempre. Eu fechei a gaveta com algo semelhante ao arrependimento.

Senti minha avó muito próxima a mim esse dia. Eu pensei nela enquanto dirigia para o trabalho, durante minha preparação para o trabalho, e em momentos estranhos enquanto eu fazia entregas. Andy Bellefleur estava almoçando com o Xerife Dearborn. Eu fiquei um pouco surpresa por Andy ainda querer sentar no Merlotte’s novamente depois da invasão de dois dias atrás.

Mas meu novo detetive favorito parecia suficientemente feliz para estar lá, fazendo piadas com seu chefe e comendo uma salada temperada com pouca gordura. Andy estava parecendo mais magro e mais jovem nestes dias. A vida conjugal e a paternidade iminente combinavam com ele. Eu lhe perguntei como estava Halleigh.



— Ela diz que sua barriga está enorme, mas não está, — ele respondeu com um sorriso. — Acho que ela está contente pela escola estar em férias. Ela está fazendo cortinas para o quarto de bebê.

Halleigh ensina na escola primária.

— Senhora Caroline ficaria tão orgulhosa, — eu disse. A avó de Andy, Caroline Bellefleur, morreu algumas semanas atrás.

— Fico feliz que ela soube antes de partir, — ele disse. — Ei, você sabia que minha irmã também está grávida?

Eu tentei não parecer muito surpresa. Andy e Portia tiveram um casamento duplo no jardim de sua avó, e embora não tivesse sido uma surpresa ouvir que a esposa de Andy estivesse grávida, de algum modo nunca me passou pela cabeça que Portia, que era mais velha, algum dia chegaria à maternidade. Eu disse ao Andy o quão contente estava, o que era verdade.

— Você pode contar ao Bill? — Andy pediu, com um pouco de vergonha. — Eu ainda me sinto meio estranho em ligar para ele.

Meu vizinho e minha antiga paixão, Bill Compton, que aconteceu de ser um vampiro, havia finalmente contado aos Bellefleurs que ele era seu ancestral direto antes da Senhora Caroline morrer. Senhora Caroline havia reagido muito bem às assustadoras novidades, mas havia sido um pouco mais difícil para Andy, que era tanto orgulhoso quanto não apreciador de mortos-vivos. Portia tinha na verdade saído com Bill algumas vezes antes dele descobrir o parentesco — estranho, hein? Ela e seu marido absorveram suas reservas sobre seu recém-adquirido ancestral vivo, e eles haviam me surpreendido com sua dignidade em reconhecer Bill.

— Sempre fico feliz de passar boas notícias, mas ele ficaria feliz em ouvir de você.

— Eu, ah, eu ouvi dizer que ele tem uma namorada vampira?

Eu me fiz parecer alegre. — É, ela está lá há algumas semanas, — eu respondi. — Eu não conversei com ele muito sobre isso. — Tipo, nunca falei.

— Você a conhece.

— É, ela parece legal. — De fato, fui a responsável pelo encontro deles, mas isso não era algo que eu quisesse compartilhar. — Se eu o vir, contarei por você, Andy. Eu sei



que ele vai querer saber quando o bebê irá nascer. Você sabe o que você e Halleigh vão ter?

— É uma menina, — ele respondeu, e seu sorriso quase dividiu seu rosto em dois. — Nós vamos chamá-la de Caroline Compton Bellefleur.

— Ah, Andy! Isso é tão legal! — Eu estava ridiculamente contente, porque eu sabia que Bill ficaria.

Andy pareceu embaraçado. Eu podia dizer que ele ficou aliviado quando seu celular tocou.

— Ei, querida, — ele disse, tendo olhado para o identificador de chamadas antes de abrir o celular. — Como vão as coisas? — Ele sorriu enquanto escutava. — Ok, eu te levarei um milkshake, — ele disse. — Te vejo daqui a pouco.

Bud estava voltando para a mesa, e Andy olhou para a comanda e bateu uma nota de dez em cima. — Aqui está a minha parte, — ele disse. — Fique com o troco. Bud tenho que correr para casa. Halleigh precisa de mim para colocar o varão de cortina no quarto da bebê, e ela está morrendo por um milkshake de caramelo. Estarei fora por apenas dez minutos. — Ele riu para nós e saiu porta afora.

Bud reocupou seu lugar enquanto devagar pegou seu próprio dinheiro de sua velha carteira gasta.

— Halleigh tendo um, Portia tendo um, Tara tendo dois, pelo que ouvi. Sookie, você precisa começar a ter um desses pequeninos, — ele disse, e tomou um gole. — Bom chá gelado. — Ele abaixou seu copo vazio com um pequeno baque.

— Eu não preciso ter um bebê só porque as outras mulheres estão tendo, — eu disse. — Terei um quando estiver pronta.

— Bom, de modo algum você terá um se continuar saindo com aquele cadáver, — Bud disse de forma direta. — O que você acha que sua avó diria?

Eu peguei o dinheiro, girei sobre meus calcanhares e me afastei. Eu perguntei à Danielle se ela daria o troco ao Bud. Eu não queria mais falar com ele.

Estúpido, eu sei. Eu tinha que ser mais forte do que isso. E Bud só tinha falado a verdade. Claro, ele tinha a perspectiva de que todas as mulheres jovens queriam ter filhos, e ele estava me mostrando que eu estava no caminho errado. Como se eu não soubesse disso! O *que* teria minha avó dito?



Eu teria respondido sem hesitar alguns dias atrás. Agora, eu não tinha certeza. Havia tanto que eu não sabia sobre ela. Mas meu melhor palpite era de que ela teria me dito para seguir meu coração. E eu amava Eric. Enquanto eu peguei uma cesta com hambúrguer e a levei à mesa de Maxine Fortenberry (ela estava almoçando com Elmer Claire Vaudry), encontrei-me antecipando o momento na noite em que ele acordaria. Eu esperava avidamente vê-lo com uma espécie de desespero. Eu precisava do apoio da presença dele, da certeza de que ele também me amava, da conexão apaixonada que sentíamos quando tocávamos um ao outro.

Enquanto eu esperava por um pedido no balcão, eu vi Sam arrancar um cheque bancário. Perguntei-me se ele se sentia da mesma forma com Jannalynn como eu me sentia com Eric. Ele tem namorado com ela por mais tempo do que já namorou com qualquer uma desde que o conheço. Talvez, eu calculei, ele estivesse mais sério porque se organizava com o intuito de ter noites de folga, assim poderia vê-la com mais frequência, algo que ele nunca tinha feito antes. Sam sorriu para mim quando seus olhos pegaram os meus. Era certamente agradável vê-lo feliz.

Embora Jannalynn *não* fosse boa o suficiente para ele.

Eu quase bati uma mão sobre minha boca. Eu me senti tão culpada como se tivesse dito aquilo em voz alta. O relacionamento deles não era da minha conta, eu disse a mim mesma com severidade. Mas uma suave voz dentro de mim disse que Sam era meu amigo e que Jannalynn era cruel e violenta demais para fazê-lo feliz a longo prazo.

125

Jannalynn havia matado pessoas, mas eu também havia. Talvez eu a julgasse tão violenta porque às vezes ela parecia gostar de matar. A ideia de que no fundo eu pudesse ser como Jannalynn — quantas pessoas eu queria mortas? — era outro evento deprimente. Certamente o dia tinha que melhorar?

Quase sempre um pensamento fatal.

Sandra Pelt caminhou com passos largos para dentro do bar. Fazia um bom tempo desde que eu a tinha visto - e ela esteve tentando me matar àquele tempo também. Ela era uma adolescente então, e ainda não tinha chegado aos vinte anos, eu calculei; mas ela parecia um pouco mais velha, seu corpo mais maduro, e ela tinha um corte de cabelo desfiado fofo que contrastava estranhamente com a sua expressão hostil. Ela trouxe consigo uma aura de raiva. Apesar de seu corpo esguio estar apropriadamente vestido com um jeans e uma regata, uma blusa aberta que oscilava com o movimento, você podia ver a loucura em seu rosto. Ela gostava de causar danos. Você não podia olhar dentro da cabeça dela e não notar. Seus movimentos estavam irregulares com tensão, e seus olhos percorreram de uma pessoa para a outra até encontrarem os meus. Eles se acenderam





como fogos de artifício no 4 de Julho³⁸. Eu pude ver diretamente dentro de seu cérebro, e eu vi que ela tinha uma arma enfiada na parte de trás de seu jeans.

— Oh-oh, — eu disse, bem baixinho.

— O que mais eu tenho que fazer? — Sandra gritou.

A conversação por todo o bar diminuiu até silenciar. Do canto do meu olho, eu vi Sam descer sob bar. Ele não teria sucesso na hora certa.

— Eu tento te queimar, e o fogo apaga. — Ela ainda estava no volume máximo. — Eu dou sexo e drogas de graça praquelles idiotas, e mando eles pegarem você, e fracassam. Eu tento sua casa, e a magia não me deixa entrar. Eu tentei te matar vezes sem conta, e você *simplesmente não morre!*

Eu quase quis pedir desculpas.

Ao mesmo tempo, foi bom que Bud Dearborn tivesse ouvido isso tudo. Mas ele continuava encarando Sandra, sua mesa entre eles, e eu sabia que eu ficaria muito melhor se ele estivesse atrás dela. Sam começou a se mover para a sua esquerda, mas a passagem do balcão estava à sua direita, e eu não via como ele poderia passar sobre o balcão do bar e ir até por trás dela antes que ela me matasse. Mas esse não era o plano de Sam. Enquanto Sandra estava focada em mim, ele passou o bastão de madeira para Terry Bellefleur, que esteve jogando dardos com outro veterano. Terry era um pouco maluco às vezes e terrivelmente marcado com cicatrizes, mas eu sempre gostei dele e sempre me entendi bem com ele. Terry colocou sua mão no bastão, e eu fiquei feliz da jukebox³⁹ estar tocando porque cobria os pequenos sons.

Aliás, a jukebox estava tocando a velha balada de Whitney Houston, “I Will Always Love You⁴⁰,” o que era meio engraçado, na verdade.

— Por que você está sempre enviando outras pessoas para fazerem seu trabalho? — eu perguntei, para cobrir o som do avanço silencioso de Terry. — Você é algum tipo de *covarde*? Você acha que uma mulher não consegue fazer o trabalho direito?

³⁸ 4 de Julho é a data em que se comemora a independência dos Estados Unidos da América em relação à Inglaterra. É uma data muito comemorada por lá, principalmente com fogos de artifício.

³⁹ Jukebox - máquina que executa músicas dos discos escolhidos, quando nela se coloca uma ficha ou moeda; máquina de música.

⁴⁰ “Eu sempre vou te amar”.





Talvez ridicularizar Sandra não tivesse sido uma ideia tão boa, porque sua mão se lançou para trás com grande velocidade, e então a arma estava fora e apontada para mim, e então eu vi seu dedo começar a apertar num momento que parecia se estender para sempre. E depois eu vi o bastão balançar e golpear, e Sandra caiu como se alguém tivesse cortado seus fios, e havia sangue por todo lugar.

E Terry foi à loucura. Ele se encolheu, gritando, e deixou cair o bastão como se ele o queimasse. Não importava o que lhe diziam (a coisa mais comum era “CALE A BOCA, TERRY!”), ele uivava.

Eu nunca imaginei que terminaria sentada no chão embalando Terry Bellefleur em meus braços, balançando-o e murmurando para ele. Mas era onde eu estava, visto que ele parecia ficar cada vez pior quando alguém chegava perto dele. Até mesmo o pessoal da ambulância ficou nervoso quando Terry gritou para eles. Ele ainda estava encolhido sobre seus calcanhares, manchado com sangue, depois que Sandra Pelt já havia ido para o hospital em Clarice.

Eu estava em dívida com Terry, que sempre foi amável comigo mesmo quando ele estava tendo uma de suas crises. Ele tinha vindo limpar os escombros quando um incendiário colocou fogo na minha cozinha. Ele havia me oferecido um de seus filhotes. Agora ele havia danificado sua mente frágil para salvar minha vida. Conforme eu o embalava e dava tapinhas em suas costas enquanto ele chorava, eu ouvi o jorro constante das palavras que saíam dele e as poucas pessoas que restaram no Merlotte’s fazendo o seu melhor para manter uma distância decente.

— Eu fiz o que ele me disse, — Terry disse, — o homem brilhante, eu mantive o olho em Sookie e tentei tirá-la do perigo, ninguém deveria machucar Sookie, eu tentei estar atento com ela, e então hoje aquela vadia veio aqui e eu sabia que ela ia matar a Sook, eu sabia, eu nunca quis tirar sangue na minha vida novamente, mas eu não poderia a deixar machucar a garota, eu não podia, e eu nunca quis matar outra pessoa em toda minha existência, eu nunca quis.

— Ela não está morta, Terry, — eu disse, beijando-o na cabeça. — Você não matou ninguém.

— Sam me passou o bastão, — Terry disse, soando um pouco mais atento.

— Claro, porque ele não podia sair de trás do balcão naquele momento. Muito obrigada, Terry, você sempre foi um amigo para mim. Deus te abençoe por salvar minha vida.



— Sookie? Você sabia que eles queriam que eu cuidasse de você? Eles vêm ao meu trailer à noite, por meses, aquele loiro grandão e depois o brilhoso. Eles sempre queriam saber sobre você.

— Claro, — eu disse, pensando, *O quê?*

— Eles queriam saber o quê você estava fazendo e com quem você estava saindo e quem você odiava e quem amava você...

— Está certo, — eu disse. — Foi certo contar para eles.

Eric e meu bisavô, eu chutei. Pegar o mais fraco, o mais fácil de persuadir. Eu sabia que Eric mantinha alguém me espionando enquanto eu namorava Bill e enquanto eu fiquei por minha conta mais tarde. Eu chutei também que meu bisavô tinha alguma fonte de conhecimento. De qualquer forma ele pegou o nome de Eric ou descobriu Terry por conta própria, era bem do tipo de Niall usar uma ferramenta acessível, com ou sem a ferramenta quebrar durante o uso.

— Eu encontrei Elvis uma noite dessas em seu bosque, — Terry disse. Um dos paramédicos havia lhe dado uma injeção, e eu imaginei que ela estivesse começando a funcionar. — Eu soube que estava maluco então. Ele estava me falando do quanto gostava de gatos. Eu disse a ele que era uma pessoa de cachorros.

O vampiro anteriormente conhecido como Elvis não havia se transformado bem porque seu sistema estava tão saturado com drogas quando ele foi convertido por um fã fervoroso no necrotério de Memphis. Bubba, como ele preferia ser chamado agora, tinha uma preferência por sangue felino, afortunadamente para a amada Catahoula de Terry, Annie.

— Nos demos muito bem, — Terry estava dizendo, e sua voz estava ficando mais lenta e sonolenta. — Acho que é melhor eu ir para casa agora.

— Vamos levar você de volta para o trailer de Sam, — eu disse. — Lá é onde você irá acordar. — Não queria que Terry acordasse em pânico. Deus, não.

A polícia havia tomado meu testemunho, de um modo superficial, e pelo menos três pessoas ouviram Sandra falar que ela jogou a bomba incendiária no bar.

Claro, eu fiquei no bar até muito mais tarde do que eu planejei, e agora estava escuro. Eu sabia que Eric estava lá fora esperando por mim, e eu queria mais do que qualquer outra coisa me levantar e empurrar os problemas de Terry para outra pessoa, mas eu simplesmente não podia. O que ele fez por mim havia prejudicado Terry ainda



mais, e eu não tinha como pagá-lo de volta. Não me incomodou que ele estivesse mantendo um olho em mim — ok, me espionando — para Eric antes de Eric ser meu namorado, ou para meu bisavô. Não me fez mal algum. Desde que eu conhecia Terry, eu sabia que houve pressão envolvida, de uma forma ou de outra.

Sam e eu ajudamos Terry a ficar de pé, e começamos a nos mover, descendo o corredor que levava para os fundos do bar e passando pelo estacionamento dos funcionários em direção ao trailer de Sam.

— Eles prometeram que não deixariam nada acontecer com meu cachorro, — Terry murmurou. — E eles prometeram que os sonhos parariam.

— Eles mantiveram suas promessas? — eu perguntei, minha voz tão baixa quanto.

— Sim, — ele disse com gratidão. — Sem sonhos, e eu tenho meu cachorro.

Isso não parecia ser muito a se pedir. Eu devia estar furiosa com Terry, mas eu não conseguia raspar a energia emocional. Eu estava totalmente exausta.

Eric estava parado na sombra das árvores. Ele ficou para trás para que sua presença não agitasse Terry. Pela rigidez repentina no rosto de Sam, eu soube que ele estava ciente de que Eric estava lá, mas Sam não disse nada.

Nós sentamos Terry na poltrona de Sam, e quando ele caiu no sono, eu abracei Sam. — Obrigada, — eu disse.

— Pelo quê?

— Por passar o bastão para Terry.

Sam deu um passo para trás. — Foi tudo em que pude pensar em fazer. Eu não poderia saltar o bar sem alertá-la. Ela teve que ser surpreendida ou tudo estaria acabado.

— Ela é tão forte assim?

— É, — ele respondeu. — E ela está convencida de que seu mundo seria melhor se não fosse por você, pelo que parece. Fanáticos são difíceis de abater. Eles continuam surgindo.

— Você está pensando nas pessoas que estão tentando fechar o Merlotte's?

Seu sorriso ficou amargo. — Talvez eu esteja. Não posso acreditar que isto está acontecendo em nosso país, e comigo, um veterano. Nascido e criado nos EUA.



— Me sinto culpada, Sam. Algumas dessas coisas aconteceram por minha causa. A bomba incendiária... Sandra não teria feito aquilo se eu não estivesse lá. E a luta. Talvez você devesse me demitir. Eu posso trabalhar em outro lugar, você sabe.

— Você quer?

Eu não consegui ler a expressão em seu rosto, mas pelo menos não era de alívio.

— Não, claro que não.

— Então você tem um emprego. Nós somos um conjunto de fatores.

Ele sorriu, e de alguma forma não iluminou seus olhos azuis do modo como seus sorrisos geralmente faziam, mas ele quis dizer o que disse. Metamorfo ou não, cérebro emaranhado ou não, eu poderia dizer um tanto.

— Obrigada, Sam. Melhor ir ver o que a minha melhor metade quer.

— Seja lá o que Eric for para você, Sook, ele não é sua melhor metade.

Eu pausei, minha mão na maçaneta da porta, e não consegui pensar em nada para dizer sobre aquilo. Então eu simplesmente saí.

Eric estava esperando, mas não com paciência. Ele pegou meu rosto entre suas mãos grandes e o examinou sob a claridade desagradável das luzes de segurança nos cantos do bar. Índia saiu pelos fundos, nos lançou um olhar alarmado, entrou em seu carro e saiu dirigindo. Sam continuou no trailer.

— Quero que você venha morar comigo, — disse Eric. — Você pode ficar em um dos quartos de cima se quiser. Aquele que normalmente usamos. Você não tem que ficar lá em baixo no escuro comigo. Eu não quero que você fique sozinha. Eu não quero sentir seu medo mais uma vez. Deixa-me louco saber que alguém está te atacando, e eu não estou lá.

Pegamos o hábito de fazer amor no maior quarto do andar superior. (Acordar no quarto sem janelas do andar de baixo me dava ansiedade claustrofóbica.)

Agora Eric estava me oferecendo aquele quarto permanentemente. Eu sabia que isso era algo muito importante para ele, o mais importante. E era considerável para mim também. Mas uma decisão assim tão grande não poderia ser tomada em um momento em que eu estava fora de mim, e esta noite eu estava fora de mim.

— Precisamos conversar, — eu disse. — Você tem tempo?



— Hoje à noite, estou abrindo um tempo, — ele respondeu. — As fadas estão em sua casa?

Eu liguei para Claude do meu celular. Quando ele atendeu, eu consegui ouvir o barulho do Hooligans ao fundo. — Estou só checando para descobrir onde você está antes de ir para casa com Eric, — eu disse.

— Vamos ficar no clube esta noite, — Claude respondeu. — Tenha um bom divertimento com seu vampirão, Prima.

Eric me seguiu até minha casa. Ele trouxe seu carro, porque logo que soube que eu estava em perigo, ele soube o que tinha ocorrido e teve tempo para dirigir.

Servi-me de uma taça de vinho — incomum para mim — e esquentei algum sangue engarrafado no microondas para Eric. Sentamos na sala de estar. Eu coloquei minhas pernas sobre a poltrona e virei às costas contra o braço para encará-lo. Ele se inclinou em minha direção na outra ponta.

— Eric, eu sei que você não pede para as pessoas ficarem na sua casa levianamente. Então, eu quero que você saiba o quanto eu estou... comovida e lisonjeada por você ter me convidado.

Imediatamente, eu percebi que disse a coisa errada. Aquilo soava impessoal demais.

Os olhos azuis de Eric se estreitaram. — Oh, não há problema, — ele disse friamente.

— Eu não disse isso direito. — Eu respirei fundo. — Ouça, eu te amo. Eu... me sinto emocionada por você querer que vivamos juntos. — Ele pareceu mais relaxado. — Mas antes que eu me decida se quero fazer isso, precisamos esclarecer algumas coisas.

— Coisas?

— Você casou comigo para me proteger. Você contratou Terry Bellefleur para me espionar, e você o pressionou com o que ele não podia suportar, para fazê-lo concordar.

Eric disse, — Isso aconteceu antes de eu te conhecer, Sookie.

— É, eu entendo. Mas é a natureza da pressão que você aplicou a um homem cujo estado mental é tão instável. É o modo como você me fez casar contigo, sem o conhecimento do que eu estava fazendo.



— Você não teria feito de outra forma, — Eric disse. Como sempre, prático e direto ao ponto.

— Você está certo, eu não faria, — eu disse, tentando sorrir para ele. Mas não foi fácil. — E Terry não teria lhe contando coisas sobre mim, se você tivesse oferecido dinheiro para ele. Eu sei que você vê isso como um jeito esperto de fazer negócios, e eu tenho certeza que muita gente concordaria contigo.

Eric estava tentando seguir meu pensamento, mas eu podia dizer que ele não estava vendo sentido algum. Eu continuei nadando contra a corrente. — Nós dois estamos vivendo com este vínculo. Tenho certeza que às vezes você preferiria que eu não soubesse o que você está sentindo. Você iria querer que eu vivesse contigo se não tivéssemos o vínculo? Se você não sentisse toda vez que eu estivesse em perigo? Ou com raiva? Ou com medo?

— Que coisa estranha de se dizer, minha amada. — Eric tomou um gole de sua bebida, colocou-a na velha mesa de centro. — Você está dizendo que se eu não soubesse que você precisa de mim, eu não precisaria de você?

Era isso que eu estava dizendo? — Acho que não. O que eu estou tentando dizer é que eu não acho que você iria querer que eu vivesse contigo a menos que você sentisse que havia alguém lá fora para me pegar. — Isso era a mesma coisa? Jesusss, eu odiava conversas assim. Não que eu já tivesse tido uma antes.

— Que diferença isso faz? — ele perguntou, mais do que um traço de impaciência em sua voz. — Se eu quero você comigo, eu quero você. As circunstâncias não importam.

— Mas elas importam. E nós somos tão diferentes.

— O quê?

— Bem, há tantas coisas das quais você toma como certo que eu não.

Eric rolou os olhos. Um cara completo. — Tipo o quê?

Eu busquei por um exemplo. — Bem, como Appius fazendo sexo com Alexei. Não foi grande coisa para você, mesmo Alexei tendo treze anos. — O criador de Eric, Appius Livius Ocella, havia se tornado um vampiro durante a época em que os Romanos dominavam grande parte do mundo.

— Sookie, isso já era algo decidido muito antes de eu mesmo saber que tinha um irmão. No tempo de Ocella, pessoas eram praticamente consideradas adultas aos treze



anos. Eles até mesmo se casavam aos treze. Ocella nunca entendeu algumas mudanças na sociedade que vieram com os séculos. E Alexei e Ocella estão mortos agora. — Eric deu de ombros. — Havia o outro lado da moeda, lembra? Alexei usou sua juventude, sua aparência infantil para desarmar todos os vampiros e humanos ao redor dele. Até Pam era contrária a sacrificá-lo, apesar de saber o quão destrutivo ele era, o quão insano. E ela é a vampira mais implacável que eu conheço. Ele era um dreno para todos nós, sugando a vontade e a nossa força com a intensidade de sua necessidade.

E com aquela inesperada sentença poética, Eric esgotou a conversa sobre Alexei e Ocella. Todo seu rosto endureceu. Eu retornei para meu ponto principal: nossas diferenças irreconciliáveis. — E o fato de que você vai sobreviver a mim, por assim dizer, para sempre?

— Podemos cuidar disso de uma forma bem fácil.

Eu só olhei para ele.

— O quê? — Eric perguntou, quase genuinamente surpreso. — Você não quer viver para sempre? Comigo?

— Eu não sei, — eu respondi, finalmente. Eu tentei imaginar. A noite, para sempre. Sem fim. Mas com Eric!

Eu disse, — Você sabe, Eric, eu não posso... — E então eu parei de repente. Eu quase o insultei imperdoavelmente. Eu sabia que ele sentiu a onda de dúvida emanando de mim.

Eu quase disse, — Eu apenas não posso imaginar você por aí depois que eu começar a parecer velha.

Apesar de haverem mais tópicos que eu esperava incluir em nosso raro tête-à-tête, eu senti que a conversa estava à beira do Cânion do Desastre. Talvez fosse sorte que houve uma batida na porta dos fundos. Eu ouvi o carro chegando, mas minha atenção estava tão focada em minha companhia que eu não registrei seu significado.

Amelia Broadway e Bob Jessup estavam na porta dos fundos. Amelia parecia a mesma de sempre: saudável e com aparência jovem, seu cabelo castanho curto desgrenhado, sua pele e seus olhos claros. Bob, não muito mais alto que Amelia e igualmente magro, era um cara de ossatura pequena que parecia com um missionário Mórmon sexy. Seus óculos de armação preta faziam um look retrô em vez de nerd. Ele estava usando jeans, uma camisa xadrez preta e branca, e mocassins com franjas. Ele havia



sido um gato muito fofo, mas sua atração como um cara escapava de mim - ou de certa forma se mostrava apenas ocasionalmente.

Eu sorri para eles. Foi ótimo ver Amelia, e eu me senti aliviada que a conversa com Eric havia sido interrompida. Tínhamos que conversar sobre nosso futuro, mas eu tinha um sentimento assustador de que acabar aquela conversa deixaria ambos infelizes. Adia-la provavelmente não mudaria o resultado, mas nós dois já tínhamos nossa dose de problemas o bastante. — Entrem! — eu disse. — Eric está aqui, e ele ficará feliz em ver vocês dois.

Claro, isso não era verdade. Eric era completamente indiferente em ver Amelia novamente em sua vida — sua longa, longa vida — e Bob não estava nem registrado no radar de Eric.

Mas Eric sorriu (embora não um largo sorriso) e disse a eles o quão satisfeito estava por eles terem vindo me visitar — entretanto houvesse um pouco de questionamento em sua voz, já que ele não sabia por que eles estavam aqui. Não importa quão longa a conversa entre eu e Eric fosse, parecia que nunca falávamos tudo.

Com um esforço enorme, Amelia reprimiu um olhar carrancudo. Ela não era uma fã do Viking. E ela era uma emissora *muito* clara, então eu peguei aquilo com muito volume como se ela tivesse gritado em voz alta. Bob olhou para Eric com cautela, e assim que eu expliquei a situação do quarto para Amelia (claro, ela havia assumido que eles iriam para o quarto de cima), Bob desapareceu para dentro do quarto em frente ao meu com suas bagagens. Depois de alguns poucos minutos lá, ele entrou no banheiro do corredor. Bob havia ficado bom em sair de fininho quando ele era gato.

— Eric, — Amelia disse, expandindo inconscientemente. — Como estão as coisas no Fangtasia? Como está a nova gestão? — Ela não podia saber que tinha atingido um nervo. E quando os olhos de Eric se estreitaram — eu suspeitei que ele pensou que ela havia dito aquilo com o propósito de irritá-lo — Amelia estava olhando para seus dedos dos pés enquanto tocava-os com as palmas das mãos. Eu imaginei se eu conseguiria fazer isso, e então minha mente voltou para o presente momento.

— Os negócios estão indo bem, — Eric respondeu. — Victor abriu alguns novos clubes por perto.

Amelia entendeu imediatamente que esse foi um desenvolvimento péssimo, mas ela era esperta o suficiente para não dizer qualquer coisa. Honestamente, era como estar num aposento com alguém que estava gritando seus pensamentos mais íntimos. — Victor



é o cara sorridente que estava no quintal na noite da tomada de poder, certo? — ela perguntou, balançando e rodando sua cabeça de um lado para o outro.

— Sim, — Eric respondeu, um canto de sua boca se erguendo em uma aparência sarcástica. — O cara sorridente.

— Então, Sook, que problemas você tem agora? — Amelia me perguntou, evidentemente considerando que já havia sido educada demais com Eric. Ela estava pronta para mergulhar não importando qual problema eu descrevesse.

— Sim, — Eric disse, olhando para mim com um olhar severo. — Que problemas você tem agora?

— Eu só queria pedir a Amelia que reforçasse as proteções em volta da casa, — eu respondi casualmente. — Já que tanta coisa aconteceu no Merlotte's eu estava me sentindo meio insegura.

— Então ela me chamou, — Amelia disse enfaticamente.

Eric olhou de mim para Amelia. Ele pareceu muitíssimo descontente. — Mas agora que aquela vadia foi encurralada, Sookie, certamente a ameaça foi removida?

— O quê? — Amelia perguntou. Era sua vez de olhar de um rosto para o outro. — O que aconteceu esta noite, Sookie?

Eu contei a ela, brevemente. — No entanto eu ainda me sentiria melhor se você se assegurasse de que as proteções estão no lugar.

— Esta é uma das coisas que eu vim fazer, Sookie. — Por algum motivo, ela sorriu amplamente para Eric.

Bob entrou na sala e então tomou um lugar ao lado de Amelia, porém levemente atrás dela. — Aqueles filhotes não eram meus, — ele disse para mim, e Eric ficou boquiaberto. Eu raramente o via genuinamente surpreso. Isso era tudo que eu podia fazer para evitar uma risada. — Quero dizer, metamorfos não podem procriar com o animal na qual eles se transformam. Então eu não acho que eles sejam meus filhotes. Especialmente visto que — pense nisso! — eu era apenas um gato por magia, não um metamorfo geneticamente.

Amelia disse, — Querido, já falamos sobre isso. Não precisa ficar envergonhado. Era uma coisa perfeitamente natural a se fazer. Eu admito que fiquei um pouco zangada com isso, mas, você sabe... a coisa toda foi minha culpa, de qualquer maneira.



— Não se preocupe com isso, Bob. Sam já se pronunciou em sua defesa. — Eu sorri para Bob, que pareceu aliviado.

Eric decidiu ignorar essa troca. — Sookie, eu preciso voltar ao Fangtasia.

Desse jeito, nunca teríamos uma chance de dizer o que precisávamos dizer. — Ok, Eric. Diga a Pam um olá por mim, se vocês já voltaram a se falar.

— Ela é uma melhor amiga para você do que você sabe, — Eric disse sombriamente.

Eu não sabia como responder àquilo, e ele se virou tão depressa que meus olhos não puderam segui-lo. Eu ouvi a porta de seu carro bater lá fora, e então ele estava dirigindo pela entrada de carros. Não importa quantas vezes eu via, eu ainda achava incrível que vampiros pudessem se mover tão rápido.

Eu esperava ter uma chance de conversar mais com Amelia essa noite, mas ela e Bob estavam prestes a se entregarem depois de dirigir tanto. Eles haviam deixado Nova Orleans depois de um dia cheio de trabalho, Amelia na Genuine Magic Shop e Bob no Happy Cutter. Depois de quinze minutos ou mais de idas e voltas ao banheiro, à cozinha e ao carro, eles ficaram silenciosos no quarto do outro lado do corredor. Eu tirei meus sapatos, e andei até a cozinha para fechá-la.

Eu estava mesmo expelindo um suspiro de alívio no final do dia quando houve uma batida muito suave na porta dos fundos. Eu pulei como um sapo. Quem poderia ser a esta hora da noite? Eu olhei pela varanda dos fundos com muito cuidado.

Bill. Eu não o havia visto desde que sua “irmã” Judith chegou para vê-lo. Eu ponderei por um segundo, então decidi ir para fora para conversar com ele. Bill era um monte de coisas para mim: vizinho, amigo, primeiro amor. Eu não tinha medo dele.

— Sookie, — ele disse, sua fria e suave voz era relaxante como uma massagem. — Você tem visitas?

— Amelia e Bob, — eu expliquei. — Eles acabaram de chegar de Nova Orleans. As fadas não estão aqui esta noite. Eles têm ficado em Monroe na maioria das noites, ultimamente.

— Deveríamos ficar aqui fora, para não acordar seus amigos?

Era novidade para mim que nossa conversa fosse durar tanto tempo. Aparentemente, Bill não tinha vindo apenas para pedir uma xícara de sangue emprestada.





Eu sinalizei minha mão em direção à mobília da área externa, e sentamos nas cadeiras, já posicionadas em um ângulo sociável. A noite quente com seus incontáveis sons suaves fechou-se ao nosso redor como um envelope. A luz de segurança deu ao quintal estranhos padrões de escuridão e luminosidade.

Quando o silêncio durou tempo suficiente para eu perceber que estava sonolenta, eu disse, — Como estão indo as coisas em sua casa, Bill? Judith ainda está ficando contigo?

— Eu estou completamente curado do envenenamento por prata, — ele disse.

— Eu, ah, eu notei que você parece bem, — eu disse. Sua pele havia recuperado sua claridade pálida, e até mesmo seu cabelo parecia mais lustroso. — Muito melhor. Então o sangue de Judith funcionou.

— Sim. Mas agora... — ele olhou para as profundezas da floresta escura.

Oh-oh. — Ela quer continuar vivendo contigo?

— Sim, — ele respondeu, parecendo aliviado de não precisar falar abertamente. — Ela quer.

— Eu pensei que você a admirasse porque ela parece muito com sua primeira esposa. Judith me contou que foi por isso que a maluca da Lorena a transformou para mantê-lo com ela. Quero dizer, desculpa por trazer à baila coisas ruins.

— É verdade. Judith se parece com minha primeira esposa, em muitos aspectos. Seu rosto tem a mesma feição, sua voz é muito parecida com a de minha esposa. Seu cabelo é da mesma cor que minha esposa tinha quando era uma criança. E Judith foi educada muito delicadamente, como minha esposa.

— Então, eu teria adivinhado que você ficaria feliz com Judith, — eu disse.

— Mas não. — Ele soou lamentável, e manteve seus olhos nas árvores, cuidadosamente evitando olhar para meu rosto. — E de fato, esse foi o motivo de eu não chamar Judith quando eu percebi o quão doente estava. Eu tive que me separar dela na última vez em que estivemos juntos por causa de sua obsessão esmagadora por mim.

— Oh, — eu disse, minha voz muito baixa.

— Mas você fez a coisa certa, Sookie. Ela veio até mim e voluntariamente ofereceu seu sangue. Já que você a convidou sem meu conhecimento, pelo menos não me sinto culpado por usá-la. Meu erro está em deixá-la ficar depois... depois de eu ter curado.



— E por que você fez isso?

— Porque eu esperava que de alguma forma meus sentimentos por ela tivessem mudado, que eu poderia amá-la de verdade. Que me salvaria de... — Sua voz se esgotou.

Ele poderia ter terminado a frase com, “amar você.” Ou talvez, “me salvaria do débito que tenho com ela por me curar.”

Eu me senti um pouco melhor agora que sabia que ele estava feliz por estar bem, mesmo que o preço fosse lidar com Judith. E eu podia entender o quão estranho e desagradável seria ser dominado por uma hóspede que o adorava quando o sentimento não retornava. Quem era essa quem o dominava? Bem, essa seria eu. Claro, eu não tinha conhecimento de nenhum fundo emocional. Aflita pela condição de Bill, eu considerei que alguém com a linhagem dele pudesse curá-lo, e eu descobri que havia uma pessoa assim e a localizei. Eu também supus que Bill não tinha ele mesmo feito isso por algum orgulho perverso ou talvez até por causa de uma depressão suicida. Eu subestimei o desejo de viver de Bill.

— O que você planeja fazer com relação à Judith? — eu perguntei ansiosamente, temendo sua resposta.

— Ele não precisa fazer nada, — um voz silenciosa respondeu das árvores.

Eu pulei da minha cadeira como se alguém tivesse soltado alguns volts nela, e Bill teve uma grande reação. Ele virou sua cabeça e seus olhos se arregalaram.

Foi só isso, mas para um vampiro, aquilo indicava a maior surpresa.

— Judith? — eu disse.

Ela saiu do limite das árvores, longe o suficiente para eu reconhecê-la. A luz de segurança no quintal não se estendia tão longe, e eu podia justamente ter certeza de que era ela.

— Você continua partindo meu coração, Bill, — ela disse.

Eu me afastei da cadeira. Talvez eu pudesse fugir para dentro de casa. Talvez eu pudesse evitar testemunhar mais uma grande cena — porque honestamente, o dia havia sido repleto delas.

— Não, fique, Srta. Stackhouse, — Judith disse. Ela era uma mulher pequena e volumosa com um rosto doce e um cabelo abundante, e transmitia uma imagem de si mesma como se tivesse um metro e oitenta de altura.





Droga. — Vocês dois obviamente precisam conversar, — eu disse covardemente.

— Qualquer conversa com Bill sobre amor tem que incluí-la, — ela disse.

Oh... *merda*. Eu realmente não queria estar presente nessa hora. Encarei meus pés.

— Judith, pare, — Bill disse, sua voz mais calma do que nunca. — Eu vim para conversar com minha amiga, a quem não vejo há semanas.

— Eu ouvi sua conversa, — Judith disse simplesmente. — Eu te segui até aqui com o único propósito de ouvir seja lá o que você tivesse para dizer a ela. Eu sei que você não está fazendo amor com essa mulher. Eu sei que ela foi reivindicada por outro. E eu também sei que você a quer mais do que alguma vez me quis. Eu não farei sexo com um homem que tenha pena de mim. Eu não viverei com um homem que não me quer. Eu valho mais do que isso. Eu vou parar de te amar nem que isso leve o resto de minha existência. Se você ficar aqui por mais uns momentos, eu voltarei a sua casa, pegarei minhas coisas e irei embora.

Eu fiquei impressionada. Aquele foi um discurso ótimo pra cacete, e eu esperava que ela realmente quisesse dizer cada palavra. Ao mesmo tempo em que tive o pensamento, Judith se foi — *vupt!* — e Bill e eu ficamos sozinhos.

De repente ele ficou na minha frente, e colocou seus braços gelados em torno de mim. Não parecia uma traição ao Eric deixar Bill simplesmente me abraçar por um momento.

— Você fez sexo com ela? — eu perguntei, tentando soar neutra.

— Ela me salvou. Ela parecia esperar por isso. Eu senti que era a coisa certa a se fazer, — ele respondeu.

Como se Judith tivesse espirrado e ele tivesse lhe emprestado um lenço. Eu realmente não conseguia pensar em algo para dizer. Homens! Mortos ou vivos, eles conseguem ser exatamente a mesma coisa.

Eu dei um passo para trás, e ele deixou seus braços caírem instantaneamente.

— Você realmente me ama? — eu perguntei, ou como resultado de qualquer insanidade ou por pura curiosidade. — Ou nós simplesmente passamos por tanta coisa que você achou que devia algo?

Ele sorriu. — Só você diria isso. Eu te amo. Eu acho você bonita, amável e boa, e, todavia defende seus próprios interesses. Você tem muita percepção e compaixão, mas



— você não é ingênua. E descendo alguns níveis para o carnal, você tem um par de seios que deveriam vencer a Competição de Miss Seios da América, se existisse tal coisa.

— Este é um conjunto de elogios incomuns. — Eu tive dificuldade em reprimir meu próprio sorriso.

— Você é uma mulher incomum.

— Boa noite, Bill, — eu disse. Naquele momento meu celular tocou. Eu pulei alto. Havia esquecido que ele estava no meu bolso. Quando olhei para o número, era de um local que eu não reconhecia. Nenhuma ligação a essa hora da noite era coisa boa. Eu ergui um dedo para pedir ao Bill um momento, e atendi com cautela. — Alô?

— Sookie, — disse o Xerife Dearborn, — Eu pensei que você deveria saber que Sandra Pelt fugiu do hospital. Ela escapou pela janela enquanto Kenya estava falando com Dr. Tonnesen. Não quero que você se preocupe. Se você precisar que mandemos um carro até sua casa, mandaremos. Você tem alguém com você?

Fiquei tão chocada que não consegui responder por um segundo. Então eu disse, — Sim, eu tenho alguém comigo.

Os olhos escuros de Bill estavam sérios agora. Ele chegou mais perto e colocou uma mão em meu ombro.

— Quer que eu mande um carro patrulha? Eu não acho que aquela mulher maluca vá procurar por você. Acho que ela vai achar algum lugar para se esconder e se recuperar. Mas parecia a coisa certa, te contar, mesmo sendo no meio da noite.

— Definitivamente foi a coisa certa a se fazer, Xerife. Eu acho que não preciso de mais ajuda por aqui. Tenho amigos comigo. Bons amigos. — E encontrei os olhos de Bill.

Bud Dearborn disse as mesmas coisas novamente várias vezes, mas por fim eu tive que desligar e pensar acerca das implicações. Eu havia pensado que uma via dos problemas estivesse encerrada, mas estava errada. Enquanto eu estava explicando para Bill, o cansaço que havia se manifestado mais cedo começou a se espalhar sobre mim como um cobertor de cinzas. Assim que terminei de responder suas perguntas, eu mal conseguia juntar duas palavras.

— Não se preocupe, — Bill disse. — Vá para a cama. Ficarei vigiando esta noite. Já me alimentei, e não estou ocupado. Não parece uma boa noite para trabalhar, de qualquer forma. — Bill havia criado e mantinha um CD chamado *O Guia Vampiresco*, que era um catálogo dos vampiros “vivos”. Era de grande procura não apenas entre os mortos-





vivos, mas também entre os vivos, particularmente os grupos de marketing. De qualquer forma, a versão vendida ao público era limitada aos vampiros que haviam dado permissão para serem incluídos numa lista mais curta. Havia ainda vampiros que não queriam ser conhecidos como vampiros, o que parecia muito estranho para mim.

Era fácil esquecer, na cultura de hoje saturada de vampiros, que ainda havia indivíduos em período de aceitação, vampiros que não queriam ser reconhecidos pelo público em geral, vampiros que preferiam dormir na terra ou em prédios abandonados do que em uma casa ou apartamento.

E por que eu estava pensando nisso... Bem, era melhor do que pensar em Sandra Pelt.

— Obrigada, Bill, — eu disse agradecida. — Mas já te aviso, ela é cruel à enésima potência.

— Você me viu lutar, — ele disse.

— Sim. Mas você não a conhece. Ela é completamente dissimulada e não vai te dar qualquer aviso.

— Então estou alguns passos à frente, uma vez que sei disso sobre ela.

Hein? — Ok, — eu murmurei, colocando um pé na frente do outro em uma linha mais ou menos reta. — Noite, Bill.

— Noite, Sookie, — ele disse em voz baixa. — Tranque as portas.

Eu tranquei, e fui para meu quarto, coloquei minha camisola e então estava na cama, debaixo daquele cobertor cinza.



Capítulo Oito

ESCOLAS SÃO SEMPRE MAIS OU MENOS A MESMA COISA, NÃO SÃO? Há sempre o cheiro: uma mistura de giz, merenda escolar, cera para assoalho, livros. O eco das vozes das crianças, as vozes altas das professoras. A “arte” nas paredes e as decorações nas portas de cada sala. O pequeno jardim de infância de Red Ditch não era diferente.

Eu segurava a mão de Hunter enquanto Remy caminhava atrás de nós. Toda vez que eu via Hunter, ele se assemelhava um pouco mais com a minha prima Hadley, sua mãe morta. Ele tinha os olhos e os cabelos escuros dela, e seu rosto estava perdendo sua forma arredondada de bebê e ficando mais oval, como o dela.

Pobre Hadley. Ela teve uma vida difícil, em grande parte por sua própria culpa. Por fim ela encontrou o verdadeiro amor, se tornou uma vampira, e foi assassinada por causa de ciúmes. A vida de Hadley foi movimentada, porém curta. Era por isso que eu a estava substituindo, e por um momento eu me perguntei como ela se sentiria com isso.

142

Este deveria ser o trabalho dela, levar seu filho à sua primeira escola, o jardim de infância que ele frequentaria no outono. O propósito da visita era ajudar os novos alunos a se familiarizarem com a ideia da escola, com a aparência das salas, mesas e professoras.

Algumas das pessoinhas que percorriam de cabo a rabo o prédio estavam observando tudo com curiosidade, não medo. Alguns deles estavam quietos e com os olhos bem abertos. Esse era o modo como meu “sobrinho” Hunter pareceria para as outras pessoas — mas na minha cabeça Hunter estava tagarelando. Hunter era telepático, como eu. Este era o segredo que eu mais guardava. Eu queria que Hunter crescesse o mais normalmente possível. Quanto mais sobrenaturais soubessem sobre Hunter, maior a probabilidade de alguém o raptar porque os telepatas eram úteis. Certamente seria alguém suficientemente cruel para tomar uma ação tão terrível. No entanto eu não acho que Remy, seu pai, tenha ao menos considerado isso. Remy estava preocupado com a aceitação de Hunter entre os humanos em torno dele. E isso também era algo muito importante. Crianças podem ser incrivelmente cruéis quando percebem que você é diferente. Eu sabia muito bem disso.





É meio óbvio quando as pessoas estão conversando mentalmente, se você percebe as pistas. Seus rostos mudam de expressão quando olham de um para o outro, como se eles quisessem que a conversa fosse em voz alta. Então eu desviava o olhar da criança frequentemente e mantinha meu sorriso constante. Hunter era pequeno demais para aprender a esconder nossa comunicação, então eu teria que escondê-lo.

Todas essas crianças caberão em uma sala só? Ele perguntou.

— Em voz alta, — eu o lembrei calmamente. — Não, vocês serão divididos em grupos, e então você vai ficar com um grupo o dia todo, Hunter. — Eu não sabia se o jardim de infância de Red Ditch tinha o mesmo horário que as séries mais avançadas, mas eu tinha certeza que duraria até depois do almoço, de qualquer forma. — Seu pai o trará pela manhã, e alguém virá te buscar à tarde. — *Quem?* Eu desejei saber, e lembrei que Hunter estava me ouvindo. — Seu pai vai arranjar isso, — eu disse. — Olha. Esta é a Sala da Foca. Vê o grande desenho da foca? E aquela é a Sala do Pônei.

— Tem um pônei lá? — Hunter era um otimista.

— Acho que não, mas posso apostar que tem um monte de desenhos de pôneis na sala. — Todas as portas estavam abertas, e as professoras estavam dentro, sorrindo para as crianças e seus pais, fazendo o melhor para parecerem receptivas e calorosas. Algumas delas, claro, lutavam mais para parecerem assim que as outras.

A professora da Sala do Pônei, Sra. Gristede, era uma mulher suficientemente gentil, ou pelo menos foi o que ela pareceu para mim. Hunter assentiu.

Nós nos aventuramos na Sala do Cachorrinho e encontramos a Srta. O'Fallon. Estávamos de volta ao corredor depois de três minutos.

— Não na Sala do Cachorrinho, — eu disse ao Remy, falando muito baixo. — Vocês podem indicar, certo?

— Sim, podemos. Uma vez. Eu posso dizer uma sala na qual eu definitivamente não quero que meu filho fique, — ele respondeu. — A maioria das pessoas usam essa opção no caso da professora ser muito próxima à família, como uma parente, ou se as famílias têm alguma rixa.

— Não na Sala do Cachorrinho, — Hunter disse, parecendo assustado.

A Srta. O'Fallon parecia bonita por fora, mas era podre por dentro.

— O que há de errado? — Remy perguntou, sua voz num tom confidencial.



— Te conto depois, — eu murmurei. — Vamos ver mais alguma coisa.

Seguidos por Remy, visitamos as outras três salas. Todas as outras professoras pareciam legais, apesar da Sra. Boyle parecer um pouco fatigada. Seus pensamentos eram rápidos e tinham uma ponta de impaciência, e seu sorriso era um pouco rígido. Eu não disse nada ao Remy. Se ele pudesse só recusar uma professora, Srta. O'Fallon era a mais perigosa.

Voltamos para a sala da Sra. Gristede porque Hunter definitivamente gostou dos pôneis. Havia mais dois pais lá, ambos rebocando garotinhas. Eu balancei a mão de Hunter gentilmente para lembrá-lo das regras. Ele olhou para mim, e eu assenti, tentando encorajar o garoto. Ele largou minha mão e foi para a área de leitura, pegando um dos livros e virando as páginas.

— Você gosta de ler, Hunter? — Sra. Gristede perguntou.

— Eu gosto de livros. Eu não posso ler ainda. — Hunter colocou o livro de volta no lugar, e lhe dei um tapinha mental nas costas. Ele sorriu para si mesmo e pegou outro livro, este um do Dr. Seuss sobre cães.

— Posso dizer que Hunter vai ler, — disse a professora, sorrindo para Remy e para mim.

Remy se apresentou. — Eu sou o pai de Hunter, e esta é a prima de Hunter, — ele disse, inclinando sua cabeça em minha direção. — Sookie está substituindo a mãe de Hunter hoje à tarde, já que ela faleceu.

Sra. Gristede absorveu aquilo. — Bem, estou contente em ver vocês dois, — ela disse. — Hunter parece um garotinho brilhante.

Eu percebi que as meninas estavam se aproximando dele. Elas já eram amigas, eu podia dizer, e seus pais iam à igreja juntos. Eu fiz uma anotação mental para aconselhar Remy a escolher uma igreja e começar a frequentar. Hunter precisaria de todo o suporte que ele pudesse ter. As meninas também começaram a pegar livros. Hunter sorriu para a menina de cabelos pretos cortados no estilo “bob”⁴¹, olhando para ela com aquele olhar de soslaio desconfiado que as crianças usam para avaliar potenciais amigos para brincar.

⁴¹ Um estilo de corte de cabelo composto por franja reta na testa e o resto cortado a um comprimento uniforme, logo abaixo das orelhas. Numa versão mais moderna, o corte aparece na altura do queixo, com fios mais curtos atrás e franja opcional na frente.



Ela disse, — Eu gosto desse, — e apontou para *Where the Wild Things Are*⁴².

— Eu nunca li, — Hunter disse duvidosamente. Parecia um pouco assustador para ele.

— Você brinca com blocos? — A menina com rabo de cavalo marrom claro perguntou.

— Sim. — Hunter caminhou até a área de brincar acarpetada que era para construção, eu conclui, porque havia todos os tipos de blocos e quebra-cabeças ao redor. Em um minuto os três estavam construindo algo que ganhou vida em suas mentes.

Remy sorriu. Ele estava tendo esperança que todos os dias fossem assim. Claro, não seriam. Mesmo agora, Hunter estava espiando de forma duvidosa para a menina de rabo de cavalo porque ela estava ficando com raiva com a morena pegando todos os blocos de alfabeto.

Os outros pais me olharam com um pouco de curiosidade, e uma das mães perguntou, — Você não vive aqui?

— Não, — eu respondi. — Eu moro em Bon Temps. Mas Hunter quis que eu andasse por aí com ele hoje, e ele é meu primo favorito. — Eu quase o chamei de meu sobrinho, porque ele me chamava de “Tia Sookie.”

— Remy, — a mesma mulher perguntou. — Você é o sobrinho-neto de Hank Savoy, certo?

Remy fez que sim com a cabeça. — Sim, viemos para cá depois do Katrina, e ficamos, — ele disse. Ele deu de ombros. Você não podia fazer nada sobre a perda de tudo no Katrina. Ela era uma vadia.

Houve muitos apertos de mãos, e eu senti compaixão passar por Remy. Talvez a boa vontade se estendesse a Hunter.

Enquanto eles se conheciam, eu voltei para a porta da Srta. O’Fallon.

A jovem mulher estava sorrindo para duas crianças que estavam perambulando pela sua sala de aula bem decorada. Um grupo de pais estavam parados ao lado dos seus pequenos. Talvez eles estivessem entrando no clima, ou talvez fossem apenas protetores.

⁴² *Where the Wild Things Are* (Onde as coisas selvagens estão) - livro infantil lançado em 1963, escrito e ilustrado por Maurice Sendak, foi adaptado para o cinema em 2009 e teve, no Brasil, o título de “Onde Vivem os Monstros”.



Eu fui para mais perto da Srta. O'Fallon, e abri minha boca para falar. Eu teria dito, "Mantenha aquelas fantasias para si mesma. Nem mesmo pense em tais coisas quando estiver na mesma sala com as crianças." Mas pensei mais uma vez. Ela sabia que eu vim com Hunter. Ele se tornaria um alvo para suas imaginações maldosas se eu a ameaçasse? Eu não poderia estar por perto para protegê-lo. Eu não poderia impedi-la. Eu não podia pensar em uma forma de tirá-la da equação.

Ela ainda não tinha feito nada de errado aos olhos da lei e da moralidade... ainda. E daí se ela imaginava grudar a boca das crianças com fita adesiva? Ela não tinha *feito* isso. *Todos nós não fantasiamos sobre coisas horríveis que não fizemos?* Ela perguntou a si mesma, porque a resposta a fazia sentir que ela ainda estava... bem.

Ela não sabia que eu podia ouvi-la.

Eu era de alguma forma melhor que a Srta. O'Fallon? Essa pergunta horrível correu pela minha cabeça mais rápido do que se pudesse escrever as frases. Eu pensei, *É, eu não sou assustadora porque eu não quero agredir crianças. As pessoas que eu quero machucar são adultas e são assassinas.* Isso não me fez ficar melhor — mas tornou O'Fallon muito pior.

Eu a estive encarando por tempo suficiente para assustá-la. — Você quer perguntar algo sobre o currículo? — ela perguntou, finalmente, uma pequena rispidez em sua voz.

146

— Por que você se tornou professora? — eu perguntei.

— Eu achei que seria uma coisa maravilhosa ensinar aos pequeninos as primeiras coisas que eles precisam saber para progredir no mundo, — ela respondeu, como se tivesse pressionado o botão de um gravador. Ela quis dizer, *Eu tive uma professora que me torturou quando ninguém estava olhando, e eu gosto dos pequenos e indefesos.*

— Hummm, — eu murmurei. Os outros visitantes deixaram a sala, e nós ficamos sozinhas.

— Você precisa de terapia, — eu disse, calma e rapidamente. — Se você fizer o que tem na cabeça, odiará a si mesma. E você arruinará a vida de outras pessoas assim como a sua foi arruinada. Não a deixe vencer. Procure ajuda.

Ela ficou boquiaberta. — Eu não sei... Mas o quê...

— Falo sério, — eu disse, respondendo a sua próxima pergunta não mencionada. — Falo *muito* sério.





— Eu farei, — ela disse, como se as palavras fossem arrancadas de sua boca. — Eu juro, eu farei.

— Você ficará numa situação melhor, — eu disse. Eu dei a ela um pouco mais de olho no olho. Então eu deixei a Sala do Cachorrinho.

Talvez eu a tenha assustado bastante, ou a abalado o suficiente, para que ela realmente faça o que prometeu. Se não, bem, eu teria que pensar em outra tática.

— Meu trabalho aqui está feito, Gafanhoto, — eu disse a mim mesma, recebendo um olhar nervoso de um pai muito jovem. Eu sorri para ele, e depois de um pouco de hesitação, ele sorriu de volta. Eu me reuni com Remy e Hunter, e nós completamos nossa visita ao jardim de infância sem nenhum incidente maior. Hunter me lançou um olhar questionador, um olhar muito ansioso, e eu assenti. *Eu cuidei dela*, eu disse, e rezei para que fosse verdade.

Era realmente muito cedo para o jantar, mas Remy sugeriu que fôssemos ao Dairy Queen pagar um sorvete para Hunter, eu concordei. Hunter estava meio ansioso, meio excitado depois da expedição pela escola. Eu tentei acalmá-lo com uma pequena conversa entre mentes. *Você pode me levar à escola no primeiro dia, Tia Sookie?* Ele perguntou, e eu tive que me preparar para responder.

Não, Hunter, esta é a tarefa do seu pai, eu disse a ele. *Mas quando o dia chegar, você me liga quando chegar em casa e me conta tudo, tá bom?*

Hunter me olhou de modo comovente. *Mas eu estou assustado.*

Eu lhe dei um olhar cético. *Você pode estar nervoso, mas todo mundo vai se sentir da mesma forma. Essa é sua oportunidade de fazer amigos, de lembrar-se de manter sua boca fechada até que você tenha tudo organizado em sua cabeça.*

Ou então eles não gostarão de mim?

Não! Eu respondi, querendo ser absolutamente clara. *Eles não te entenderão. Há uma grande diferença.*

Você gosta de mim?

— Seu pequeno velhaco, você sabe que eu gosto de você, — eu respondi, sorrindo para ele e esfregando seu cabelo para trás. Eu espiei para Remy, parado na fila do caixa para pedir nossos Blizzards⁴³. Ele acenou para mim e fez uma careta para Hunter. Remy

⁴³ <http://collegecandy.files.wordpress.com/2008/10/07/blizzards.jpg>



estava fazendo um grande esforço para levar tudo na esportiva. Ele estava ficando cada vez melhor em seu papel de pai de uma criança excepcional.

Eu imaginei que ele poderia descansar em doze anos, aproximadamente.

Você sabe que seu pai te ama, e você sabe que ele quer o melhor para você, eu disse.

Ele quer que eu seja como todas as outras crianças, Hunter disse, meio triste, meio ressentido.

Ele quer que você seja feliz. E ele sabe que quanto mais pessoas souberem do dom que você tem, mais chances existem de você não ser feliz. Eu sei que não é justo te dizer que você deve guardar um segredo. Mas este é o único segredo que você deve guardar. Se alguém falar com você sobre isso, conte ao seu pai ou me liga. Se você acha que alguém é estranho, conte ao seu pai. Se alguém tentar encostar um dedo em você, você conta.

Eu o assustei agora. Mas ele engoliu em seco e disse, *Eu sei sobre isso de tocar.*

Você é um garoto esperto, e você terá muitos amigos. Esta é só uma coisa sobre você que eles não precisam saber.

Porque é ruim? O rosto de Hunter parecia incomodado e desesperado.

Droga, não! Eu disse, insultada. *Não há nada de errado contigo, camarada. Mas você sabe que o que somos é diferente, e as pessoas nem sempre entendem a diferença.*

Fim do sermão. Eu lhe dei um beijo na bochecha.

— Hunter, traga-nos alguns guardanapos, — eu disse no modo normal, enquanto Remy ergueu a bandeja de plástico com nossos Blizzards. Eu peguei um com lascas de chocolate, e minha boca estava salivando quando ele distribuiu os guardanapos e as pzinhas em nossos copos separados cheios de uma delícia pecaminosa.

Uma jovem mulher com cabelos pretos na altura do queixo entrou no restaurante, nos localizou, e acenou de forma incerta.

— Olhe, garotão, é Erin, — Remy disse.

— Ei, Erin! — Hunter acenou de volta com entusiasmo, sua mão se movendo como um pequeno metrônomo.

Erin se aproximou, ainda parecendo estar incerta de ser bem-vinda.



— Oi, — ela disse, olhando para todos na mesa. — Sr. Hunter, meu senhor, é bom vê-lo nesta linda tarde! — Hunter sorriu para ela. Ele gostou de ser chamado de “Sr. Hunter.” Erin tinha bochechas redondas fofas, e seus olhos amendoados tinham um marrom profundo.

— Está é minha Tia Sookie! — Hunter disse com orgulho.

— Sookie, está é Erin, — Remy disse. Eu podia dizer por seus pensamentos que ele gostava da jovem mulher mais do que um pouco.

— Erin, eu já ouvi muito sobre você, — eu disse. — É legal ter um rosto para associar com o nome. Hunter quis que eu me juntasse a ele para circular pelas salas do jardim de infância.

— E como foi? — Erin perguntou, genuinamente interessada.

Hunter começou a contar para ela, e Remy pulou uma cadeira para que Erin pudesse sentar.

Tivemos um bom divertimento depois disso. Hunter parecia realmente gostar de Erin, e Erin sentia o mesmo. Erin também estava *completamente* interessada no pai de Hunter, e Remy estava a ponto de ficar louco por ela. Em suma, não era uma tarde ruim para ler mentes, eu calculei.

Hunter disse, — Srta. Erin, Tia Sookie disse que ela não pode ir comigo ao primeiro dia de aula. Você iria?

Erin ficou tanto surpresa como contente. — Se seu pai achar que tudo bem, e se eu puder sair do trabalho, — ela respondeu, tomando o cuidado de colocar algumas condições no caso de Remy ter alguma objeção... ou se eles parassem de namorar até o final de agosto. — Foi tão doce de a sua parte pedir.

Enquanto Remy levou Hunter ao toalete masculino, Erin e eu fomos deixadas para observar uma à outra com curiosidade.

— Há quanto tempo você e Remy estão se vendo? — eu perguntei. Isso parecia seguro o suficiente.

— Só um mês, — ela respondeu. — Eu gosto do Remy, e acho que podíamos ter alguma coisa, mas é cedo demais para dizer. Eu não quero que Hunter comece a depender de mim no caso disso não der certo. Além do mais... — Ela hesitou por um longo minuto. — Eu entendo que Kristen Duchesne pensava que havia algo de errado com Hunter. Ela





contou isso pra todo mundo. Mas eu realmente me importo com aquele garotinho. — A dúvida estava clara em seus olhos.

— Ele é diferente, — eu disse, — mas não há nada de errado com ele. Ele não é um doente mental, ele não tem uma dificuldade de aprendizagem, e ele não está possuído pelo diabo. — Eu estava sorrindo, só um pouco, quando eu cheguei ao fim da sentença.

— Eu nunca vi nenhum sinal disso, — ela concordou. Ela também estava sorrindo. — No entanto, eu acho que não vi o panorama geral.

Eu não contaria o segredo de Hunter a ela. — Ele precisa de amor e cuidados especiais, — eu disse. — Ele nunca teve uma mãe, e eu tenho certeza que ter alguém estável em sua vida, preenchendo esse papel, ajudaria.

— E essa não será você. — Ela disse aquilo meio que como uma pergunta.

— Não, — eu disse, aliviada por ter a chance de acabar com o mal-entendido. — Não serei eu. Remy parece ser um cara legal, mas eu estou saindo com outra pessoa. — Eu peguei mais uma colherada de chocolate e açúcar.

Erin olhou para seu copo de Pepsi, pensando consigo mesma. Claro, eu estava pensando todo o tempo junto com ela. Ela nunca gostou de Kristen e não pensou muito na capacidade mental dela. Ela gostava de Remy, cada vez mais. E ela amava Hunter. — Ok, — ela disse, alcançando uma conclusão interna. — Ok.

Ela olhou para mim e assentiu. Eu assenti de volta. Parecia que havíamos chegado a um entendimento. Quando os homens voltaram de sua viagem ao banheiro, eu disse tchau a eles.

— Ah, espera, Remy, você pode sair comigo por um minuto, se Erin não se importar de manter um olho em Hunter?

— Eu adoraria, — ela disse. Eu abracei Hunter novamente, lhe dei um tapinha nas costas e um sorriso enquanto me movia até a porta.

Remy me seguiu, uma expressão apreensiva em seu rosto. Ficamos um pouco longe da porta.

— Você sabe que Hadley deixou o resto de seus bens para mim, — eu disse. Isso esteve me sobrecarregando.

— O advogado me disse. — O rosto de Remy não estava entregando nada, mas é óbvio que eu tinha outros métodos. Ele estava completamente calmo.





— Você não está irado?

— Não, eu não quero nada de Hadley.

— Mas para Hunter... sua faculdade. Não havia muito dinheiro, mas havia boas joias, e eu poderia vendê-las.

— Eu tenho um fundo para iniciar a faculdade dele, — Remy disse. — Uma de minhas tias-avós diz que deixará tudo que ela tem para ele já que não teve filhos. Hadley transformou minha vida num inferno, e ela nem ao menos se importou em fazer planos para Hunter. Eu não quero.

— Com toda certeza ela não esperava morrer jovem... Na verdade, ela não esperava morrer *nunca*, — eu disse. — É minha convicção que ela não colocou Hunter em seu testamento porque não queria que ninguém soubesse sobre ele e que o procurassem para usá-lo como um refém para que ela se comportasse.

— Espero que este seja o caso, — Remy disse. — Quero dizer, espero que ela tenha pensado nele. Mas pegar o dinheiro dela, sabendo o que ela virou, como ela o conseguiu... isso me deixa enojado.

— Tudo bem, — eu disse. — Se você pensar melhor e mudar de ideia, me ligue amanhã à noite! Nunca se sabe quando eu posso cair em uma farra de ganância ou colocar aquelas joias na mesa em um dos cassinos.

Ele sorriu, um pouco. — Você é uma boa mulher, — ele disse, e voltou para sua namorada e seu filho.

Eu comecei a viagem de volta para casa com uma consciência limpa e um coração mais feliz.

Eu trabalhei metade do primeiro turno naquele dia (Holly pegou minha metade e seu próprio turno), então eu estava livre. Eu pensei em dar mais uma olhada na carta de vovó. A visita do Sr. Cataliades quando éramos bebês, o cluviel dor, as decepções com o amante de vovó... Porque certamente enquanto vovó acreditava que *sentia o cheiro* de Fintan quando via seu marido, ela estava vendo Fintan disfarçado. Isso era difícil de absorver.

Amelia e Bob estavam ocupados lançando feitiços quando eu voltei. Eles estavam caminhando em volta do perímetro da casa em direções opostas, entoando cânticos e espalhando incenso como os padres da Igreja Católica.



Há alguns dias eu percebi que era bom demais que eu vivesse no campo.

Eu não queria quebrar a concentração deles, então me afastei para os bosques. Eu desejei saber onde o portal ficava, se eu poderia reconhecê-lo. “Um lugar tênue,” Dermot havia dito que era assim. Eu podia localizar um lugar tênue? Pelo menos eu sabia a direção geral, e eu comecei para o leste.

Era uma tarde quente, e eu comecei a suar no minuto que comecei a fazer meu caminho pelos bosques. O sol avançava pelos galhos em milhares de padrões, e os pássaros e besouros faziam milhares de ruídos que deixavam o bosque tudo menos quieto. Não demoraria até que a noite se aproximasse e a luz se rompesse e inclinasse, tornando os passos incertos. Os pássaros caíam em silêncio, e as criaturas da noite fariam sua própria harmonia.

Eu escolhi meu caminho pela vegetação rasteira, pensando na noite anterior. Eu imaginei se Judith havia embalado todas as suas coisas e partido, como ela disse que faria. Perguntei-me se Bill se sentia sozinho agora que ela tinha ido embora. Eu presumi que nada e nem ninguém havia aparecido inesperadamente em meu quintal na noite anterior, já que eu havia dormido durante as horas de escuridão até o amanhecer.

Então tudo o quê eu tinha para matutar era quando Sandra Pelt tentaria me matar novamente. Assim que eu comecei a suspeitar que estar sozinha no bosque não era uma boa ideia, eu entrei em uma pequena clareira com cerca de 400 metros, ou menos, um pouco a sudeste da minha porta dos fundos.

Eu tinha certeza de que este era um lugar tênue, essa pequena clareira. Em primeiro lugar, não havia nenhum motivo para ser transparente que eu pudesse ver. Havia grama selvagem crescendo espessamente, mas não havia arbustos, nada que ultrapassasse minhas panturrilhas. Sem videiras estiradas em toda área, sem galhos caídos.

Antes de eu sair do meio das árvores, eu dei uma examinada bem cuidadosa no chão. A última coisa que eu precisava era ser pega em algum tipo de armadilha de fada. Mas eu não conseguia ver nada de extraordinário, exceto talvez... uma leve movimentação no ar. Bem no meio da clareira. O ponto estranho — se eu estivesse enxergando direito — pairava na altura dos meus joelhos. Tinha a forma de um pequeno e irregular círculo, talvez 38 cm de diâmetro. E apenas naquele ponto, o ar parecia distorcido, um pouco como uma ilusão de calor. Era mesmo quente? Eu me perguntei.



Ajoelhei-me nas ervas daninhas que ficavam mais ou menos um braço de distância do ar vacilante. Eu arranquei um longo talo de grama e muito nervosa cutuquei a área distorcida com ele.

Eu o larguei, e ele desapareceu. Eu arranquei meus dedos de lá e gani com surpresa.

Eu tinha verificado algo. Não tinha certeza do quê. Se eu tivesse duvidado da palavra de Claude, aqui estaria a prova de que ele estava me falando a verdade. Muito cuidadosamente, me movi um pouco mais perto do trecho oscilante. — Oi, Niall, — eu disse. — Se você estiver ouvindo, se você estiver aí. Eu sinto sua falta.

Claro, não veio nenhuma resposta.

— Eu tenho um monte de problemas, mas suponho que você tenha também, — eu disse, não querendo soar chorona. — Eu não sei como o mundo das fadas se encaixa neste mundo. Vocês estão todos ao nosso redor, mas invisíveis? Ou vocês têm todo um outro mundo, como Atlântida⁴⁴?— Essa era uma conversa muito frágil e unilateral. — Bem, é melhor eu voltar para casa antes que fique escuro. Se você precisar de mim, venha me ver. Sinto sua falta, — eu disse mais uma vez.

Nada continuou a acontecer.

153

Sentindo-me satisfeita por ter encontrado o ponto fino e desapontada porque nada havia mudado como resultado, eu fiz meu caminho de volta pelo bosque até a casa. Bob e Amelia tinham terminado suas ações mágicas no quintal, e Bob havia acendido a grelha. Ele e Amelia fariam bifés. Apesar de eu ter tomado sorvete com Remy e Hunter, eu não podia recusar um bife grelhado mergulhado no tempero secreto de Bob. Amelia estava cortando batatas para envolvê-las em papel alumínio e levá-las à grelha também. Eu estava tão alegre quanto um palhaço. Eu me ofereci para cozinhar um pouco de abóbora recurvada.

A casa parecia mais feliz. E segura.

Enquanto comíamos, Amelia nos contou histórias engraçadas sobre trabalhar na Genuine Magic Shop, e Bob relaxou o suficiente para imitar alguns de seus colegas estranhos do salão de beleza unissex em que ele trabalhava. A cabeleireira que Bob substituiu se tornou tão desencorajada pelas complicações da vida pós-Katrina em Nova

⁴⁴ Diz a lenda que Atlântida era uma ilha que foi destruída por um terremoto ou por um tsunami. Ela foi mencionada pela primeira vez por Platão há cerca de 2.600 mil anos, que disse que ela desapareceu 9.000 mil anos antes de sua época.





Orleans que pegou seu carro e se mandou para Miami. Bob conseguiu o trabalho por ser a primeira pessoa qualificada a entrar pela porta depois da outra ter saído. Em resposta a minha pergunta se aquilo foi apenas coincidência, Bob apenas sorriu. De vez em quando, eu via um reflexo do que Amelia se fascinava em Bob, que normalmente parecia com um vendedor de enciclopédia magrelo de cabelo áspero. Eu lhe contei sobre Immanuel e meu corte de cabelo de emergência, e ele disse que Immanuel tinha feito um trabalho maravilhoso.

— Então, o trabalho sobre as proteções está terminado? — eu perguntei ansiosamente, tentando soar casual com a mudança de assunto.

— Pode apostar, — Amelia respondeu, parecendo orgulhosa. Ela cortou outro pedaço do bife. — Estão até melhores agora. Um dragão não poderia passar por elas. Ninguém que saiba dos danos que poderá causar fará isso.

— Então se um dragão fosse amigável... — eu disse, meio que provocando, e ela me bateu com o garfo.

— Não existem essas coisas, pelo que eu sei, — Amelia disse. — Claro, eu nunca vi um.

— Claro. — Eu não sabia se devia me sentir curiosa ou aliviada.

Bob disse, — Amelia tem uma surpresa para você.

— Ah? — Eu tentei parecer mais relaxada do que me sentia.

— Eu encontrei a cura, — ela disse, meio orgulhosa e meio envergonhada. — Quero dizer, você me pediu para fazer isso quando eu parti. Eu continuei procurando por um modo de quebrar o laço de sangue. Eu encontrei.

— Como? — Eu me mexi para esconder o quão nervosa eu estava.

— Primeiro eu perguntei a Octavia. Ela não sabia, porque ela não se especializou em magia vampírica, mas ela mandou um e-mail para alguns velhos amigos em outros covens, e eles procuraram. Tudo levou tempo, e houve alguns becos sem saída, mas eventualmente eu surgi com um feitiço que não termina na morte de um dos... ligados.

— Estou impressionada, — eu disse, o que era absolutamente verdade.

— Eu deveria lançar o feitiço hoje à noite?

— Você quer dizer... agora?





— Sim, depois do jantar. — Amelia pareceu um pouco menos feliz porque ela não estava recebendo a resposta que esperava. Bob estava olhando de Amelia para mim, e ele também parecia cheio de dúvidas. Ele assumiu que eu ficaria tanto alegre quanto efusiva, e essa não foi a reação que ele estava vendo.

— Eu não sei. — Eu abaixei meu garfo. — Isso não machucaria Eric?

— Como se alguma coisa pudesse machucar um vampiro tão antigo, — ela respondeu. — Honestamente, Sook, por que você está se preocupando com ele...

— Eu o amo, — eu disse. Ambos me encararam.

— De verdade? — Amelia perguntou em voz baixa.

— Eu te contei isso antes de você partir, Amelia.

— Acho que eu simplesmente não quis acreditar em você. Tem certeza de que se sentirá do mesmo jeito quando o vínculo estiver dissolvido?

— Isso é o que eu quero descobrir.

Ela assentiu com a cabeça. — Você precisa saber. E você precisa estar livre dele.

O sol tinha acabado de se pôr, e eu podia sentir Eric levantando. Sua presença estava comigo como uma sombra: familiar, irritante, reconfortante, intrusiva. Tudo isso de uma vez.

— Se você estiver pronta, faça isso agora, — eu disse. — Antes que eu perca toda a coragem.

— Na verdade esta é uma boa hora do dia para fazer isto, — ela disse. — Pôr do sol. Fim do dia. Término, em geral. Faz sentido. — Amelia se apressou para o quarto. Ela voltou em alguns minutos com um envelope e três vidros pequenos: potes de geleia em uma bandeja cromada, do tipo que uma garçonete de um restaurante coloca na mesa no café da manhã. Os potes estavam pela metade com uma mistura de ervas. Amelia agora estava usando um avental. Eu podia ver que havia objetos em um dos bolsos.

— Certo, — ela disse, e entregou o envelope para Bob, que tirou um papel e lhe deu uma rápida olhada, uma franzida de sobrancelhas no seu rosto estreito.

— Lá fora no quintal, — ele sugeriu, e nós três deixamos a cozinha, cruzamos a varanda dos fundos, e descemos para o quintal, sentindo o cheiro da carne novamente quando passamos pela minha velha grelha. Amelia me posicionou em um lugar, Bob em



outro, e então posicionou os potes de geleia também. Bob e eu tínhamos um no chão atrás de nós, e havia um no lugar onde ela deveria ficar. Formamos um triângulo. Eu não fiz perguntas. De qualquer forma, eu provavelmente não teria acreditado nas respostas.

Ela me deu uma caixa de fósforos e entregou outra para Bob também. Ela manteve uma terceira para si. — Quando eu disser, ateiem fogo em suas ervas. Então caminhem em sentido anti-horário ao redor de seu vidro três vezes, — ela disse. — Pare em seu lugar novamente depois da terceira vez. Então diremos algumas palavras - Bob, você as tem em sua cabeça? Sookie precisará do papel.

Bob olhou para as palavras novamente, assentiu, e me passou o papel. Eu só conseguia ler o script por causa da luz de segurança, porque a noite estava se aproximando rápido agora que o sol se foi.

— Prontos? — Amelia perguntou categoricamente. Ela parecia mais velha e mais séria ao crepúsculo.

Assenti, imaginando se eu estava sendo sincera.

Bob disse, — Sim.

— Então virem-se e acendam seu fogo, — Amelia disse, e como um robô eu fiz o que foi dito. Eu estava morrendo de medo, e não tinha certeza do por quê. Isso era o que eu precisava fazer. Meu fósforo foi aceso e eu o atirei no pote de geleia. As ervas entraram em chamas com um cheiro forte, e então nós três ficamos de pé novamente e nos movemos em sentido anti-horário.

Isso era uma coisa ruim para uma Cristã fazer? Provavelmente. Por outro lado, nunca me ocorreu perguntar a um ministro Metodista se ele já fez um ritual adequado para romper um laço de sangue entre uma mulher e um vampiro.

E quando giramos em torno de três vezes e paramos novamente, Amelia puxou uma bola de fios de lã vermelha de seu avental. Ela segurou uma ponta e passou a bola para Bob. Ele separou algum de acordo com uma medida, pegou e então passou a bola para mim. Eu fiz o mesmo e devolvi a bola para Amelia, porque esse parecia o plano. Eu segurei o fio com uma mão e o papel com a outra. Isso foi mais atarefado do que eu achei que fosse ser. Amelia da mesma forma tinha uma tesoura, e ela extraiu aquilo de um bolso também.

Amelia, que esteve entoando o tempo todo, apontou para mim e então para Bob, para indicar que nós devíamos nos juntar a ela. Eu olhei para o papel, tomei meu rumo através das palavras que não faziam sentido para mim, e então acabou.



Permanecemos em silêncio, e as pequenas chamas nos potes morreram, e a noite começou pra valer.

— Corte, — Amelia disse, me estendendo a tesoura. — E com vontade.

Sentindo-me um pouco ridícula e muito assustada, mas certa do que eu precisava fazer, eu cortei o fio vermelho.

E perdi Eric.

Ele não estava lá.

Amelia enrolou o fio cortado e o entregou para mim. Para minha surpresa, ela estava sorrindo; ela parecia ameaçadora e triunfante. Eu peguei a extensão do fio automaticamente de sua mão, todos os meus sentidos se estendendo para buscar Eric. Nada.

Eu senti um ataque de pânico. Não estava completamente puro: havia algum alívio misturado, o que eu esperava. E havia tristeza. Assim que eu tivesse certeza de que ele estava bem, de que não foi machucado, eu saberia que ia relaxar e sentir a bonança do sucesso do feitiço.

Na casa, meu telefone tocou, e eu corri a toda velocidade para a porta dos fundos.

— Você está aí? — ele disse. — Você está aí, você está bem?

— Eric, — eu disse, minha respiração saindo num grande suspiro rasgado. — Oh, eu estou tão feliz que você esteja bem! Você está, não está?

— O que você fez?

— Amelia encontrou um jeito de quebrar o laço.

Houve um longo silêncio. Antes, eu saberia se Eric estava ansioso, furioso, ou pensativo. Agora, eu nem podia imaginar. Finalmente, ele falou.

— Sookie, o casamento te dá alguma proteção, mas o vínculo é o que é importante.

— O quê?

— Você me ouviu. Eu estou com tanta raiva de você. — Ele realmente quis dizer isso.

— Venha aqui, — eu disse.



— Não. Se eu ver Amelia, quebrarei o pescoço dela. — Ele quis dizer isso também.
— Ela sempre quis que você se livrasse de mim.

— Mas... — eu comecei, não sabendo como terminar a frase.

— Eu a verei quando conseguir me controlar, — ele disse. E desligou.



Capítulo Nove

EU DEVERIA TER PREVISTO ISSO, falei para mim mesma pela décima, ou vigésima vez. Me precipitei em algo para o qual eu deveria ter me preparado. No mínimo, eu deveria ter ligado para o Eric e lhe alertado sobre o que estava prestes a acontecer. Mas eu tive medo de que ele me persuadisse a não ir em frente, e eu tinha que saber qual era o meu verdadeiro sentimento por ele.

Nesse momento, o verdadeiro sentimento de Eric por mim era raiva. Ele estava muito puto da vida. Por um lado, eu não o culpava. Nós supostamente estávamos apaixonados, e isso significava que deveríamos consultar um ao outro, certo? Por outro lado, eu poderia contar nos dedos todas as vezes que Eric havia me consultado para alguma coisa. Em uma mão só. Assim, em outros momentos, eu o censurava por sua reação. É claro que ele não teria me deixado fazer aquilo, e eu nunca teria sabido algo que eu precisava saber.

E então eu fiquei mentalmente pulando de um lado para o outro enquanto recuperava a consciência decidindo se eu tinha feito a coisa certa.

Mas eu estava praticamente chateada e preocupada de forma contínua, não importando em qual lado eu estava no momento.

Bob e Amelia tiveram uma troca de ideias no quarto deles e, como resultado, eles decidiram ficar mais um dia para “ver o que acontecia”. Eu poderia dizer que Amelia estava preocupada. Ela achava que deveria ter facilitado a ideia um pouco mais devagar antes de me encorajar a tomar a iniciativa. Bob achava que nós duas estávamos sendo bobas, mas ele era muito esperto para não falar nada. No entanto, ele não podia evitar de pensar assim, e embora não fosse um emissor tão claro como Amelia, eu podia ouvi-lo.

Eu fui trabalhar no dia seguinte, mas eu estava tão distraída e miserável, e o bar estava tão tranquilo, que Sam me disse para ir para casa mais cedo. India gentilmente me deu um tapinha no ombro, e me disse para não esquentar, um conceito que eu tinha uma enorme dificuldade de entender.

Naquela noite, Eric veio uma hora depois do anoitecer. Ele veio dirigindo, então teríamos um aviso. Eu esperava que ele viesse, e eu estava muito segura de que ele tinha



se acalmado o suficiente. Logo após o jantar, eu perguntei a Amelia e Bob se eles gostariam de ir ao cinema em Clarice.

— Tem certeza que você ficará bem? — Perguntou Amelia. — Porque nós estamos prontos para ficar contigo se você achar que ele ainda está zangado. — Se ela esteve satisfeita antes, havia desaparecido agora.

— Eu não sei como ele se sente, — eu disse, e ainda estava um pouco tonta com essa ideia. — Mas eu realmente acho que ele virá essa noite. Provavelmente vai ser melhor se vocês não estiverem aqui para deixá-lo mais furioso.

Bob se arrepiou um pouco com aquilo, mas Amelia concordou com compreensão. — Eu espero que você ainda pense em mim como sua amiga, — ela disse, e pela primeira vez eu não antecipei seus pensamentos, — Quero dizer, eu acho que ferrei contigo, mas essa não foi minha intenção. Eu pretendia libertá-la.

— Eu entendo, e ainda penso em você como uma das minhas melhores amigas, — eu disse da maneira mais tranquilizadora que eu consegui. Se eu fui influenciável para seguir os impulsos de Amelia, então isso era problema meu.

Eu fiquei sentada sozinha na minha varanda da frente naquele tipo de humor sombrio onde você lembra de todos os seus erros e nenhuma das suas boas decisões quando eu vi os faróis do carro de Eric surgindo na entrada para carros.

160

Eu não esperava que ele fosse hesitar quando saiu do carro.

— Você ainda está com raiva? — Eu perguntei, tentando não chorar. Eu seria covarde se chorasse, e estava exigindo de mim alguma dureza à minha firmeza de caráter.

— Você ainda me ama? — ele perguntou.

— Você primeiro. — Infantil.

— Eu não estou com raiva, — ele disse. — Pelo menos, não mais. Pelo menos, não agora. Eu deveria ter te encorajado a encontrar uma maneira de quebrar o vínculo, e, na verdade, nós temos um ritual para isso. Eu deveria ter te oferecido. Mas eu tive medo que sem ele seríamos separados, seja porque você não iria querer ser arrastada para os meus problemas ou porque Victor descobriria que você estaria vulnerável. Se ele optar por ignorar nosso casamento, sem o vínculo eu não vou saber quando você estiver em perigo.

— Eu deveria ter perguntado o que você achava, ou pelo menos te avisado o que nós iríamos fazer, — eu disse. Respirei profundamente. — Eu ainda amo você,





inteiramente por mim mesma.

E ele estava na varanda comigo, e então estava me erguendo e me beijando, meus lábios, meu pescoço, meus ombros. Ele afastou meus pés do chão e me levantou alto o suficiente para que sua boca pudesse encontrar meus seios através do meu sutiã e da camiseta.

Eu dei um gritinho e balancei minhas pernas até prendê-las ao redor dele. Eu rocei contra ele o mais forte que eu pude. Eric amava a posição do macaco⁴⁵.

Ele disse, — Eu vou rasgar suas roupas.

— Ok.

E ele era tão bom quanto suas palavras.

Após alguns excitantes minutos, ele disse, — Eu estou rasgando a minha também.

— Certo, — eu murmurei, antes de morder o lóbulo da sua orelha. Ele rosnou. Não havia nada de civilizado no sexo com Eric.

Eu ouvi mais rasgões, e então não havia nada entre mim e ele. Ele estava dentro de mim, fundo dentro de mim, e cambaleou para trás parando no balanço da varanda, que começou a se movimentar para trás e para frente de forma irregular. Após um momento de surpresa nós começamos a trabalhar com esse movimento. Isso continuou sem parar até que eu pude sentir o aumento da tensão, a sensação de quase lá da liberação iminente.

— Mais *forte*, — eu disse com urgência. — Vai, vai, vai...

— Isso... é... forte... o bastante?

E eu gritei bem alto, minha cabeça caindo para trás.

— Venha, Eric, — eu disse, enquanto meus tremores ainda ondulavam através de mim. — *Venha!* — E me movi mais rápido do que eu imaginava ser capaz.

— Sookie! — Ele arfou, e me deu uma última enorme estocada seguida por um som que eu poderia ter pensado que era dor primitiva ainda que eu não conhecesse melhor.

Foi magnífico, exaustivo e perfeitamente excelente.

⁴⁵ *Kama Sutra*. Posição sexual onde o casal une os troncos e ficam “cara a cara”. Variação em pé ou sentado.



Ficamos no balanço por pelo menos 30 minutos, nos recuperando, nos acalmando, um segurando o outro. Eu estava tão feliz e relaxada que eu não queria me mover, mas é claro que eu precisava entrar para me banhar e vestir algumas roupas que não tivessem as costuras arrancadas à força. Eric só tinha detonado o botão do seu jeans, e ele poderia mantê-lo fechado com o cinto, o que ele conseguiu desatar antes que a gente chegasse ao estágio da rasgação. Seu zíper ainda era utilizável.

Enquanto eu me arrumava, ele esquentou um pouco de sangue, preparou uma compressa de gelo e um copo de chá gelado para mim. Ele próprio aplicou a compressa enquanto eu descansava no sofá. Eu pensei, *eu estava certa em quebrar o laço*. E foi um alívio não saber como Eric estava se sentindo, embora ao mesmo tempo eu estivesse com medo de que tivesse algo errado com o meu alívio.

Por alguns minutos, conversamos sobre pequenas coisas. Ele escovou meu cabelo, que estava em um terrível emaranhado, e eu escovei o dele. (Macacos procuravam cristais de sal um no outro, eu acreditava. Nós arrumávamos um ao outro). Quando eu deixei seu cabelo todo liso e brilhante ele colocou minhas pernas sobre o seu colo. Sua mão corria para cima e para baixo, da bainha do meu short até meus dedos dos pés, de novo e de novo.

— Victor te disse alguma coisa? — Eu não estava ansiosa para reabrir a conversa sobre o que eu tinha feito, embora tivéssemos aberto nosso encontro com relação sexual.

— Não sobre o vínculo, então ele ainda não sabe. Ele teria estado no telefone instantaneamente. — Eric apoiou sua cabeça contra o encosto do sofá, seus olhos azuis a meio mastro. Relaxamento pós-coito.

Isso era um alívio. — Como está Miriam? Ela se recuperou?

— Ela se recuperou das drogas que Victor deu a ela, mas está com o corpo doente. Pam está tão perto do desespero como eu nunca a tinha visto.

— Será que o relacionamento delas começou devagar? Porque eu não tive o menor sinal até que Immanuel me contasse sobre.

— Pam geralmente não se importa com ninguém da forma como ela se importa com Miriam, — ele disse. Sua cabeça girou lentamente, e seus olhos encontraram os meus. — Eu só descobri quando ela pediu uma folga no clube para visitar Miriam no hospital. E ela deu sangue para a garota, também, que é a única razão para Miriam sobreviver por tanto tempo.

— Sangue de vampiro não pode curá-la?





— Nosso sangue é bom para curar feridas abertas, — respondeu Eric. — Para doenças, ele pode oferecer alívio, mas raramente uma cura.

— Eu me pergunto, por quê?

Eric deu de ombros. — Tenho certeza que um dos seus cientistas devem ter uma teoria, mas eu não. E já que algumas pessoas ficam loucas quando tomam nosso sangue, o risco é considerável. Eu era mais feliz quando as propriedades do nosso sangue eram secretas, mas suponho que isso não poderia ficar escondido por muito tempo. Victor certamente não está preocupado com a sobrevivência de Miriam ou com o fato de que Pam nunca pediu para criar uma criança antes. Depois de todos esses anos de serviço, Pam merece que o seu direito seja reconhecido.

— Victor não está deixando Pam transformar Miriam por pura perversidade?

Eric concordou. — Ele tem uma desculpa furada acerca da existência de muitos vampiros em minha jurisdição, quando na verdade meus números estão baixos. A verdade é que Victor vai nos bloquear da maneira que ele puder por quanto tempo ele puder, na esperança de que eu faça algo bastante imprudente para garantir que eu seja removido como xerife, ou morto.

— Certamente Felipe não deixaria isso acontecer.

Eric ergueu-me para o seu colo e me segurou contra o seu peito frio. Sua camisa ainda estava aberta. — Felipe sentenciaria em favor de Pam se estivesse nas mãos dele, mas eu tenho certeza de que ele quer ficar fora da situação, se puder. É o que eu faria. Ele instalou Red Rita no Arkansas e ela nunca governou, ele sabe que Victor está aborrecido por ter sido nomeado como regente em vez de rei da Louisiana, e ele está ocupando a si mesmo em Las Vegas, administrando-o com uma equipe reduzida já que enviou pessoas para os dois novos estados. Consolidar um império tão grande é algo que não é feito há centenas de anos — e na última vez que foi feito, a população era apenas uma fração do que é hoje.

— Então Felipe ainda está no controle completo de Nevada?

— Sim. Por ora.

— Isso soa meio sinistro.

— Quando os líderes estão se espalhando, os tubarões ficam em volta para ver se conseguem tirar uma mordida.



Desagradável imagem mental.

— Que tubarões? Alguém que nós conhecemos?

Eric desviou o olhar. — Dois outros monarcas em Zeus. A Rainha de Oklahoma, por exemplo. E o Rei do Arizona. — Os vampiros repartiram a América em quatro territórios, todos nomeados de acordo com as religiões antigas. Pretencioso, não? Eu vivia no Território Amun⁴⁶ no reino da Louisiana.

— Eu queria que você fosse só um vampiro comum, — eu disse completamente de repente. — Eu queria que você não fosse um xerife, ou qualquer outra coisa.

— Você quer dizer que queria que eu fosse como Bill?

Ai! — Não, porque ele não é comum, também, — eu retruquei. — Ele reuniu todo aquele banco de dados, e aprendeu sozinho tudo sobre computadores. Ele meio que se reinventou. Eu acho que quis dizer que queria que você fosse mais como... Maxwell.

Maxwell era um empresário. Vestia ternos. Ele se voltou para o seu dever no clube sem muito entusiasmo, e mostrava suas presas aos turistas sem o drama que eles esperavam. Ele era chato, e todo formal, embora de vez em quando eu tivesse um palpite de que sua vida pessoal fosse exótica.

164

No entanto, digamos que eu não estava interessada em descobrir mais sobre isso.

Eric revirou os olhos para mim. — Claro, eu sou tão parecido com Maxwell. Deixe-me começar a carregar uma calculadora de bolso comigo, e colocar as pessoas para dormir com coisas como ‘anuidades variáveis’, ou seja lá sobre que diabos ele fala.

— Eu entendi seu propósito, Sr. Sutileza, — eu disse. A compressa de gelo já tinha dado resultado, e eu a tirei do meu ‘palácio de prazer’ e a coloquei sobre a mesa.

Essa foi a conversa mais descontraída que algum dia nós já tivemos.

— Vê, isso não é divertido? — Eu perguntei, tentando fazer com que Eric admitisse que eu fiz a coisa certa, embora da maneira errada.

— Sim, muito divertido. Até Victor te sequestrar, te drenar até ficar seca e então dizer, ‘Mas, Eric, ela não estava mais vinculada contigo, então eu não achei que você ainda a queria’ E depois ele irá transformá-la contra a sua vontade, e eu terei que assistir você sofrer por estar ligada a ele para o resto da sua vida. E da minha.

⁴⁶ Amun, Amon ou Ámon, deus de mitologia egípcia, visto como rei dos deuses e como força criadora de vida.





— Você realmente sabe como fazer uma garota se sentir especial, — eu disse.

— Eu te amo, — ele disse, como se estivesse se lembrando de um fato doloroso. — E essa situação com Pam tem que acabar. Se essa garota Miriam morrer, Pam pode decidir ir embora, e eu não serei capaz de impedi-la. Na verdade, eu não deveria. Embora ela seja muito útil.

— Você é afeiçoado a ela, — eu disse — Vamos, Eric. Você a ama. Ela é sua criança.

— Sim, eu sou muito afeiçoado a Pam, — ele disse. — Eu fiz uma notável escolha. Você foi minha outra notável escolha.

— Essa foi uma das coisas mais bonitas que alguém já me disse, — eu disse a ele, engasgando um pouco.

— Não chore! — Ele agitou suas mãos na frente dele como se impedisse minhas lágrimas.

Engoli o choro. — Então, você tem um plano a respeito de Victor? — Eu usei a borda da camisa de Eric para enxugar os meus olhos.

Eric parecia sombrio. Bem, mais sombrio. — Toda vez que eu faço um, eu dou de cara com um obstáculo tão grande que eu tenho que descartar o plano. Victor é muito bom em se auto proteger. Talvez eu tenha que atacá-lo abertamente. Se eu matá-lo, se eu ganhar, então eu terei que ir a julgamento.

Eu tremi. — Eric, se você lutar com Victor sozinho, desarmado, em um aposento vazio, qual o resultado que você acha que seria?

— Ele é muito bom — Eric respondeu. E isso foi tudo que ele disse.

— Ele pode vencer? — Eu perguntei, testando a ideia em voz alta.

— Sim, — Eric respondeu. Ele encontrou meus olhos. — E o que aconteceria contigo e Pam depois...

— Eu não estou tentando ignorar o fato de que você estaria morto, o que seria a coisa mais importante para mim nesse cenário, — eu disse. — Mas estou me perguntando por que ele faria tanta questão de machucar a mim e Pam depois. Qual seria o objetivo?

— O objetivo seria a lição que ele daria aos outros vampiros que podem estar pensando em tentar derrubá-lo, — os olhos de Eric estavam focados no consolo da lareira,





lotado com as fotos da família Stackhouse. Ele não queria olhar para o meu rosto quando disse o que ia me dizer a seguir. — Heidi me contou isso dois anos atrás, quando Victor ainda era xerife em Nevada, em Reno... um novo vampiro chamado Chico o respondeu grosseiramente. O pai de Chico estava morto, mas a mãe dele ainda vivia, e para dizer a verdade tinha se casado outra vez e teve outros filhos. Victor a sequestrou. Para corrigir os modos de Chico, Victor cortou a língua de sua mãe enquanto ele assistia. E fez Chico comê-la.

Tinha tanta coisa perturbadora naquilo, que eu tive dificuldade de pensar a respeito. — Vampiros não podem comer, — eu disse. — O quê...?

— Chico ficou violentamente doente, de fato vomitou sangue, — respondeu Eric. Ele ainda não olhava nos meus olhos. — Ele ficou muito fraco para se mover. Enquanto ele estava deitado no chão, sua mãe sangrou até morrer. Ele não conseguiu rastejar até ela para dar seu sangue e salvá-la.

— Heidi contou voluntariamente essa história?

— Sim. Eu a perguntei por que ela estava tão satisfeita de ter sido enviada para a Área Cinco.

Heidi, uma vampira que era especialista em rastreamento, tinha se tornado parte da equipe de Eric por cortesia de Victor. É claro que ela foi supostamente para espionar Eric, e já que aquilo não era um segredo, ninguém pareceu se importar. Eu não conhecia Heidi bem, mas eu sabia que ela tinha um filho vivo, um viciado em drogas em Reno, então eu não fiquei de modo algum surpresa dela ter levado a lição de Victor a sério. Aprender isso motivaria, sem dúvida, qualquer vampiro com parentes vivos ou qualquer ente querido humano, a temer Victor. Mas eles também o detestavam e queriam vê-lo morto — e este era o aspecto que Victor não havia pensado, imaginei, quando ele ensinou aquela lição.

— Ou Victor é míope ou super arrogante, — concluí em voz alta, e Eric concordou

— Talvez ambos, — disse ele.

— Como você se sentiu quando ouviu essa história? — Perguntei.

— Eu... não quero que isso aconteça contigo, — ele respondeu, com uma expressão confusa. — O que você está procurando, Sookie? Qual resposta eu deveria te dar?

Embora eu soubesse que era fútil — eu sabia que estava latindo para a árvore



errada — eu estava procurando por repugnância moral. Estava procurando por “Eu *nunca* seria tão cruel com uma mulher e seu filho.”

Ao mesmo tempo eu estava querendo que um vampiro de mil anos de idade ficasse sentido pela morte de uma mulher humana que ele nem conhecia — uma morte que ele não poderia ter evitado — eu sabia que era louco, errado, e mau que eu mesma estivesse conspirando para matar Victor. Sua ausência levada a cabo era o que eu mais queria. Eu não tinha dúvidas de que se Pam ligasse para dizer que um cofre tinha caído em cima de Victor, eu dançaria de alegria.

— Tudo bem, — eu respondi. — Não tem importância.

Eric me deu um olhar sombrio. Ele não podia ver a profundidade da minha tristeza — não agora, não quando o laço tinha sido quebrado. Mas ele certamente me conhecia bem o suficiente para ver que eu não estava contente. Obriguei-me a recorrer ao problema à mão. — Você sabe com quem você tem que falar, — eu disse. — Lembra da noite em que fomos ao Vampire’s Kiss, aquele garçom que me avisou sobre o sangue de fada só por um olhar e um pensamento.

Eric fez que sim com a cabeça.

— Eu odeio arrastá-lo para mais longe. Mas não vejo outra escolha para nós. Nós temos que fazer isso com tudo que temos, ou vamos cair.

— Às vezes, — disse Eric, — você me surpreende.

— Às vezes, — e nem sempre de uma maneira boa — me surpreendo comigo mesma.

Eric e eu dirigimos para o Vampire’s Kiss de novo. O estacionamento estava lotado, talvez não tanto quanto tinha sido na nossa visita anterior. Nós estacionamos atrás do clube. Se Victor realmente estivesse no clube essa noite, não haveria razão para ele checar o estacionamento dos empregados, e não havia nenhuma razão para ele se lembrar qual era o meu carro. Enquanto esperávamos, eu recebi uma mensagem de Amelia dizendo que eles tinham voltado para casa, e perguntando como eu estava.

“Tô bem,” eu enviei de volta. “Nós estamos bem. C&D aí?”

“Sim,” ela respondeu. “Fungando na varanda, não sei por quê. Fadas! Pegou suas chaves?”

Eu disse a ela que sim, mas eu não tinha certeza se iria para casa essa noite. Nós



estávamos um pouco mais perto de Shreveport do que de Bon Temps, e eu precisava levar Eric para casa a menos que ele voasse. Mas seu carro estaria... Oh, bem, por isso que ele sempre tinha um empregado diurno.

— Você já substituiu Bobby? — Perguntei. Eu odiava trazer um assunto delicado à tona, mas eu queria saber.

— Sim, — respondeu Eric. — Eu contratei um homem dois dias atrás. Ele foi altamente recomendado.

— Por quem?

Houve um silêncio. Eu olhei para o meu docinho, instantaneamente curiosa. Pela minha vida, eu não conseguia entender porque esse seria um assunto crítico.

— Por Bubba, — respondeu Eric.

Eu pude sentir um sorriso espalhando pelo meu rosto. — Ele voltou! Onde ele está se acomodando?

— Neste momento, ele está residindo comigo, — respondeu Eric. — Quando ele perguntou por Bobby, eu tive que contar a ele o que tinha acontecido. Na noite seguinte, Bubba me trouxe essa pessoa. Ele é receptivo ao ensino, suponho.

168

— Você não parece muito entusiasmado.

— Ele é um Lobis, — disse Eric, e eu imediatamente entendi sua atitude. Os Lobis e os vampiros realmente não se dão bem. Você pensaria que como os dois maiores grupos sobrenaturais eles poderiam formar uma aliança, mas isso não acontecia. Ele são capazes de cooperar em alguns projetos mutuamente benéficos por um curto período, mas depois disso eles voltavam à desconfiança e à antipatia.

— Fale-me sobre ele, — eu disse, — Isto é, seu assistente. — Nós não tínhamos nada para fazer, e ultimamente não tínhamos muito tempo para um bate-papo.

— Ele é um homem negro, — disse Eric, como se estivesse dizendo que o seu novo assistente tinha olhos castanhos. Eric poderia lembrar, vivamente, do primeiro homem que ele já viu... séculos atrás. — Ele é um lobis solitário, sem filiações. Alcide já fez propostas sobre a adesão dele à alcateia Dente Comprido, mas eu não acho que ele esteja interessado, e é claro que agora que ele pegou esse trabalho comigo, eles não estarão mais tão ansioso em tê-lo.

— E esse é o cara que você contratou? Um Lobis, a quem você não confia e tem





que treinar? Um cara que automaticamente vai irritar Alcide e a alcateia Dente Comprido?

— Ele tem um atributo considerável, — Eric respondeu.

— Bom! E qual é?

— Ele consegue manter a boca fechada. E ele odeia Victor, — Eric respondeu.

Aquilo fez uma enorme diferença. — Por que? — Perguntei. — Eu presumo que ele tenha uma boa razão.

— Eu não sei qual é ainda.

— Mas você está convencido de que ele não está executando qualquer urucubaca aprimorada em dobro? Que Victor espertamente não percebeu que você contratou alguém que o detesta, para que ele prepare esse sujeito e o atire sobre você?

— Estou convencido, — respondeu Eric. — Mas eu quero que você se reúna com ele um pouquinho amanhã.

— Se eu puder dormir um pouco, — disse, bocejando com a boca aberta o suficiente para que meus maxilares estivessem em perigo de rachar. Eram quase duas da madrugada e nós vimos sinais de que o bar estava fechando, mas a maioria dos carros dos empregados ainda estavam esperando pelos seus donos. — Oh, Eric, ali está ele! — Eu reconheci com dificuldade o garçom chamado Colton porque ele estava usando bermuda cargo cáqui, sandálias de dedo, e uma camisa verde com uma estampa que eu não pude discernir. Eu meio que senti falta da tanga. Liguei meu carro depois que Colton fez o mesmo e, quando ele saiu do estacionamento, esperei um momento discreto para segui-lo. Ele virou à direita na estrada de acesso e dirigiu para oeste, na direção de Shreveport. Porém, não foi tão longe. Ele saiu da interestadual em Haughton.

— Estamos parecendo extremamente visíveis, — respondi.

— Nós precisamos falar com ele.

— Então, vamos desistir da descrição, hein?

Eric respondeu, — Sim. — Ele não soou muito feliz com isso, mas nós não tínhamos muitas escolhas.



O carro de Colton, um Dodge Charger⁴⁷ que já teve dias melhores, virou num caminho estreito de uma estrada estreita. Ele parou em frente a um trailer de um tamanho razoável.

Ele saiu e parou ao lado do carro. Sua mão estava abaixada ao seu lado, e eu estava bem certa de que naquela mão tinha uma arma.

— Me deixe sair primeiro, — eu falei, enquanto estacionava ao lado do homem.

Antes que Eric pudesse argumentar, eu abri a porta do carro e chamei, — Colton! É a Sookie Stackhouse. Você sabe quem eu sou! Estou me levantando agora, e não estou armada.

— Vá devagar. — Sua voz estava cautelosa, e eu não o culpava.

— Só para você saber, Eric Northman está comigo, mas ele ainda está no carro.

— Bom.

Minhas mãos apontaram para o céu, eu pisei para fora do carro para que ele pudesse dar uma boa olhada em mim. A luz da varanda da frente do trailer era tudo que ele tinha para ver, mas ele me deu uma varredura completa. Enquanto ele tentava me revistar com os olhos, a porta do trailer se abriu e uma moça saiu na varanda.

170

— Colton, o que está acontecendo? — Ela perguntou em uma voz nasalada com um sotaque bem “caipira”

— Nós temos companhia. Não se preocupe com isso, — disse ele automaticamente.

— Quem é ela?

— A mulher Stackhouse.

— Sookie? — A voz soou surpresa.

— É, — eu respondi. — Eu te conheço? Eu não consigo ver você muito bem.

— Sou Audrina Loomis, — ela disse. — Você lembra? Eu saí por um tempo com seu irmão na escola.

Assim como a metade das garotas de Bon Temps, então aquilo não limitou minha

⁴⁷ <http://parachoquescromados.files.wordpress.com/2010/05/02-dodge-charger-rt-440-1969.jpg>





memória. — Faz um tempo, — eu disse cuidadosamente.

— Ele ainda está solteiro?

— É, — eu respondi. — Oh, a propósito, meu namorado pode sair agora? — Uma vez que estamos todos sendo amigáveis aqui.

— Quem é ele?

— Seu nome é Eric; ele é um vampiro.

— Maneiro. Claro, vamos dar uma olhada, — Audrina pareceu ser um pouco mais imprudente que Colton. Por outro lado, Colton tinha me avisado sobre o sangue de fada.

Eric saiu do meu carro e houve um momento de silêncio impressionado enquanto Audrina absorvia a magnificência de Eric.

— Bem, *ok*, — disse Audrina, limpando sua garganta como se de repente ela tivesse ficado seca. — Vocês dois querem entrar e nos contar o que estão fazendo aqui?

— Você acha que é inteligente? — Colton perguntou a ela.

— Ele já poderia ter nos matado umas seis vezes. — Audrina não era tão estúpida quanto parecia.

171

Quando estávamos todos no trailer, Eric e eu nos sentamos no sofá que tinha sido coberto com uma velha colcha de chenile e com várias molas cruciais faltando, eu dei uma boa olhada em Audrina. Suas raízes estavam escuras. O resto do cabelo na altura dos ombros era loiro platinado. Ela vestia uma camisola que realmente não foi planejada para dormir. Era vermelha e muito transparente. Ela esteve esperando por Colton com muito mais do que conversa em mente.

Agora que eu não estava distraída por uma tanga de couro e seus olhos surpreendentes, Colton era um cara muito mais normal. Alguns homens simplesmente não conseguem irradiar atração sexual a menos que tirem as roupas, e Colton era um homem assim. Mas seus olhos eram definitivamente incomuns, e eles praticamente estavam me dando um tratamento laser agora, apesar de não ser de um modo sexy.

— Não temos sangue, — disse Audrina. — Desculpe. — Ela não me ofereceu nada para beber. Fazia isso de propósito, seu cérebro me disse. Não queria que aquilo parecesse uma ocasião social de forma alguma.

Ok.





— Eric e eu queremos saber por que você nos avisou, — falei a Colton. E queria saber por que pensei nele quando Eric me contou a história de Chico e sua mãe.

— Ouvi falar de você, — ele respondeu. — Heidi me contou.

— Você e Heidi são amigos? — Eric estava atento a Colton, mas distribuiu um de seus melhores sorrisos para Audrina.

— É, — Colton respondeu. — Trabalhei para Felipe num clube em Reno. Eu conhecia Heidi de lá.

— Você se mudou de Reno para trabalhar num emprego de salário baixo na Louisiana? — Aquilo não fazia qualquer sentido.

— Audrina era daqui e queria tentar viver aqui novamente, — Colton explicou. — A avó dela mora no trailer estrada abaixo e ela é bem frágil. — Audrina trabalha no Vic's Redneck Roadhouse durante o dia como escriturária. Eu trabalho à noite no Vampire's Kiss. E o custo de vida é bem mais barato aqui. Mas você tem razão, existe mais história envolvida. — Ele fitou a namorada.

— Viemos por uma razão, — disse Audrina. — Colton é irmão de Chico.

Eric e eu levamos um segundo para entender aquilo. — Então era sua mãe, — falei ao rapaz. — Eu sinto muito. — Embora não tenha ouvido muito da história, o nome foi suficiente para acordar meu cérebro.

— Sim, era a minha mãe, — disse Colton. Ele nos lançou um olhar completamente inexpressivo. — Meu irmão Chico é um imbecil que não pensou duas vezes em se tornar vampiro. Ele renunciou à sua vida como algum idiota insignificante faria uma tatuagem. "É maneiro, vamos fazer!" E então continuou sendo um imbecil, falando merda para Victor, não entendendo. *Não percebendo*. — Colton colocou sua cabeça entre suas mãos e a sacudiu de um lado para o outro. — Até aquela noite. Então ele percebeu. Mas nossa mãe estava morta. E Chico desejou que fosse ele, mas nunca vai ser.

— E como pode Victor não saber quem é você, não ficar desconfiado?

— Chico tinha um pai diferente, então tinha um sobrenome diferente, — respondeu Audrina, dando ao Colton tempo para se recuperar. — E Chico não era um sujeito do tipo família. Ele saiu de casa há dez anos. Só ligava para a mãe uma vez a cada dois meses, nunca foi vê-los. Mas foi o bastante para dar ao Victor a brilhante ideia de



fazer Chico lembrar que ele não assinou um contrato com o California Angels⁴⁸.

— Mais com o Hell's Angels⁴⁹. — Disse Colton, endireitando-se.

Se a comparação incomodou Eric, ele não revelou. Eu tinha certeza que não foi a pior coisa que ele ouviu. — Então, graças à empregada de Victor, — Eric começou, — você soube sobre minha Sookie. E soube como avisá-la quando Victor ia nos envenenar.

Colton pareceu zangado. *Não devia ter feito*, ele pensou.

— Sim, você fez o que devia fazer, — eu disse, talvez um pouco ressentida. — Somos pessoas também.

— Você é, — disse Eric, lendo a expressão de Colton tão claramente quanto eu li seus pensamentos. — Mas Pam e eu não somos. Colton, eu quero lhe agradecer pelo aviso, e quero recompensá-lo. O que posso fazer por você?

— Você pode matar Victor, — respondeu Colton imediatamente.

— Que interessante. É exatamente o que eu quero fazer. — Disse Eric.

⁴⁸ Time da liga americana de baseball.

⁴⁹ O Hells Angels Motorcycle Club (HAMC) é uma gangue de motociclistas, também qualificados como moto clube e um sindicato do crime organizado cujos membros tipicamente pilotam motocicletas Harley-Davidson.





Capítulo Dez

COMO TENTATIVA PARA DECLARAÇÕES DRAMÁTICAS, Eric causou um forte impacto. Ambos, Audrina e Colton, ficaram tensos. Mas eu já havia montado nesse pônei antes.

Eu estufei minhas bochechas com irritação e desviei o olhar.

— Você está entediada, minha amada? — Eric perguntou com uma voz que poderia ter instruído estalactites de gelo⁵⁰ algo sobre o frio.

— Nós estamos falando nisso há meses. — Isso pode ter sido um *pouco* exagerado, mas não muito. — Tudo o que fazemos é falar sobre ameaças. Se vamos fazer alguma coisa ruim, vamos fazer então — e não falar até a morte! Você acha que ele não sabe que está na nossa lista de alvos? Você acha que ele não está nos esperando tentar? — (Aparentemente, esse era um discurso que eu estava mantendo em segredo por muito tempo) — Você acha que ele não está fazendo toda essa merda para você e para Pam, para te provocar a fazer algo e então ele teria uma justificativa para te atingir em cheio? Ele só ganha com essa situação!

Eric olhou para mim como se eu tivesse me transformado em uma cabra. Audrina e Colton estavam boquiabertos.

Eric começou a dizer alguma coisa, mas em seguida fechou a boca. Eu não fazia ideia se ele iria gritar comigo ou sair silenciosamente.

— Então, qual é a sua solução? — ele perguntou, sua voz calma e firme. — Você tem um plano?

— Vamos nos encontrar com Pam amanhã à noite, — eu respondi. — Ela deve estar nisso. — Também, me daria um tempo para pensar em alguma coisa, de modo que eu não me envergonharia.

— Certo, — ele disse. — Colton, Audrina. Vocês têm certeza de que querem se

⁵⁰ Durante o dia quando o sol bate na neve sobre os tetos das casas - apesar dos raios serem fracos no inverno - a tendência é que se derreta a neve, mas com o frio rigoroso, a água que escorre logo se transforma em gelo.
http://g.api.no/obscura/www.eub.no/708x708r/02431/1234942636000_Istapper_2_2431907708x708r.jpg



arriscar?

— Sem dúvida, — Colton respondeu. — Audie, amor, você não precisa fazer isso.

Audrina bufou. — Tarde demais, amigo! Todo mundo no trabalho sabe que vivemos juntos. Se você se rebelar, eu estarei morta de qualquer jeito. Minha única chance é participar para que possamos fazer essa coisa direito.

Gosto de mulheres práticas. Eu a olhei por fora e por dentro. Voltei com sinceridade. No entanto, eu estaria sendo ingênua se não visse que seria extremamente prático se Audrina fosse até Victor e se virasse contra nós. Esse seria o curso mais prático de todos. — Como saberemos se você não vai estar no telefone no minuto em que sairmos do trailer? — Eu perguntei, decidindo ser igualmente franca.

— Como vou saber se você não vai fazer o mesmo? — Audrina retrucou. — Colton lhe fez um favor te deixando saber sobre o sangue de fada. Ele acreditou no que Heidi disse sobre você. E, suponho que você queira viver tanto quanto a gente.

— Sobrevivência é meu nome do meio. Vejo vocês amanhã à noite na minha casa, — eu disse. Eu havia escrito algumas instruções em uma lista antiga de supermercado. Já que minha casa era isolada e protegida, nós teríamos, pelo menos, alguns avisos se alguém estivesse seguindo Eric e Pam ou Colton e Audrina.

Essa foi uma noite longa, e eu estava bocejando forte o suficiente para quebrar meu maxilar. Eu deixei Eric nos conduzir para Shreveport, já que estávamos mais perto da casa dele do que da minha. Eu estava tão sonolenta (e dolorida) que mais uma sessão de sexo estava fora de questão, ao menos que Eric tenha, de repente, desenvolvido um interesse por necrofilia. Ele riu quando eu lhe disse isso.

— Não, eu gosto de você viva e quente, e se mexendo, — ele disse e beijou meu pescoço no seu lugar preferido, aquele que sempre me faz estremecer. — Eu acho que consigo acordá-la suficientemente, — ele disse. Confiança é atraente, mas eu ainda não conseguia concentrar nenhuma energia. Bocejei de novo e ele riu. — Estou indo encontrar Pam e trazê-la para o encontro. Eu deveria perguntar sobre sua amiga Miriam, também. Pela manhã, Sookie, vá para casa quando acordar. Eu vou deixar um recado para Mustapha sobre o carro.

— Quem?

— O nome do meu novo homem para o dia é Mustapha Khan.

— Sério?



Eric assentiu. — Muita atitude, — ele disse. — Esteja avisada.

— Ok. Acho que vou ficar no quarto do andar de cima, já que eu vou ter que acordar, — eu disse. Eu estava parada na porta do maior quarto no andar térreo, o quarto que Eric queria que eu me mudasse. O quarto que Eric usava foi em tempos passados uma sala de jogos abandonada no andar inferior. Eric tinha começado a fazer algumas obras para deixar a parede mais sólida e ele contava com a proteção de uma porta muito pesada, daquelas que a chave dava duas voltas, para trancar a escada. Eu me sentia um pouco claustrofóbica para passar a noite lá, embora, há alguns minutos atrás, eu teria feito isso se eu soubesse que poderia dormir até tarde. O quarto de cima tinha persianas e cortinas pesadas, instaladas para deixar o quarto à prova de luz para hóspedes vampiros, mas deixei as cortinas abertas fazendo com que o quarto ficasse tolerável.

Depois da catastrófica visita do criador de Eric, Appius, e de seu “filho” Alexei, eu imaginei que ainda poderia ver sangue por todos os lados quando eu cheguei à casa de Eric; e sentir o cheiro também. Mas um decorador com um grande orçamento trocou os tapetes e a repintou. Agora era difícil dizer que alguma violência havia acontecido, e a casa tinha um cheiro de torta de nozes. Aquela fragrância caseira estava misturada com o cheiro seco dos vampiros, um cheiro nada desagradável.

Eu tranquei a porta do quarto depois que Eric saiu (na teoria de que: *nunca se sabe*) e tomei uma rápida ducha. Eu guardava uma camisola aqui, algo mais legal do que minha típica camiseta de dormir. Achei que tivesse ouvido a voz de Pam na sala enquanto eu relaxava no excelente colchão. Tateei ao redor da gaveta da mesa de cabeceira e encontrei meu relógio e minha caixa de lenços de papel e os coloquei à mão.

Essa foi a última coisa que me lembrei por algumas horas. Eu sonhei com Eric, Pam e Amelia; eles estavam em uma casa que estava pegando fogo, e eu tinha que tirá-los de lá ou eles seriam queimados. Não precisava de um psicanalista para descobrir aquele sonho. Eu só me perguntei por que eu coloquei Amelia na casa. Se os sonhos fossem mais parecidos com a realidade, Amelia poderia ter começado o incêndio ela mesma em algum acidente estranho.

Cambaleei da casa às oito horas da manhã, tendo tido talvez cinco horas de sono. Eu senti que foi não o bastante. Eu parei no Hardee's⁵¹ e comi um sanduíche⁵² e tomei uma xícara de café. Meu dia ficou um pouco mais claro depois disso. Um pouco.

⁵¹ Cadeia de restaurantes, localizados principalmente nas regiões Sul e Centro-Oeste dos Estados Unidos.

⁵² Sausage biscuit - um sanduíche pequeno que é servido no café da manhã nos restaurantes de fast food e delicatessen. Tipicamente são feitos com carnes frias, ovos e queijos.





Além de uma picape novinha estacionada em frente ao carro de Eric, minha casa parecia sonolenta e normal na luz morna da manhã. Estava um dia deslumbrantemente claro. As flores desabrochando em torno dos degraus da frente levantaram suas faces para o sol da manhã. Eu dirigi em volta da casa, me perguntando quem estava se hospedando e em que cama estava.

Os carros de Amelia e de Claude estavam na área de cascalho da porta traseira, deixando espaço apenas o suficiente para o meu carro. Eu achei muito estranho andar pela minha casa quando já havia muitas pessoas dentro dela. Ninguém estava se mexendo ainda, de certa forma para o meu alívio. Comecei a fazer uma jarra de café e fui para o meu quarto trocar de roupa.

Havia alguém na minha cama.

— Com licença? — eu disse.

Alcide Herveaux se sentou. Ele estava sem camisa. O resto dele eu não consegui ver sob o lençol.

— Isso é muito bizarro porra, — eu disse, montando em uma crescente onde de raiva. — Vamos ter uma explicação.

Alcide soltou aquele sorriso leve, que era muito bonito, uma expressão errada para estar exibindo caso esteja deitado na minha cama sem me perguntar primeiro. Ele parecia pensativo e envergonhado, o que era muito mais apropriado.

— Você quebrou o laço com Eric, — o líder da alcateia de Shreveport disse. — Eu estive errado com relação à escolha do momento adequado e em cada única ocasião em que poderíamos estar juntos. Dessa vez eu não pretendia perder minha oportunidade. — Com o olhar firme, ele esperou pela minha reação.

Eu desmoronei na velha cadeira florida no canto. Eu costumo jogar minhas roupas descartadas nela durante a noite. Alcide havia jogado as dele lá, também. Esperava que minha bunda tivesse conseguido amassar a camisa dele e que as rugas nunca mais saíssem dela.

— Então, quem o deixou entrar? — eu perguntei. Ele devia ter boas intenções comigo senão as proteções da casa não o deixariam entrar, ou Amelia teria me dito. Mas, apenas naquele momento, eu não me importei.

— Seu primo, a fada. O que ele faz, exatamente?



— Ele é um stripper, — eu respondi, simplificando demais no calor do momento. Eu não estava prevenida que essa seria uma grande notícia até ver o rosto de Alcide. — Então, o quê, você decidiu ir para minha cama e me seduzir quando eu entrasse? Depois de eu ter passado a noite na casa do meu namorado? Depois de ter feito sexo com ele que poderia entrar para o Guinness Book?

Oh, Deus, de onde *veio* isso?

Alcide estava rindo agora. Ele não parecia conseguir evitar. Eu relaxei, por que emaranhados como os cérebros dos Lobis são, eu pude ver que ele estava rindo de si mesmo.

— Isso não me pareceu ser uma boa ideia, também, — ele disse francamente. — Mas Jannalynn achou que seria como um atalho, e nós poderíamos atraí-la para a alcateia.

Hein? Isso explicava muita coisa. — Você fez isso seguindo o conselho de Jannalynn? Jannalynn só queria que eu me sentisse desconfortável, — eu disse.

— Sério? O que ela tem contra você? Digo, porque ela iria querer fazer isso? Especialmente depois que ela deve ter percebido que significaria me deixar desconfortável também.

Ele sendo o chefe dela e tudo, e basicamente o centro do universo de Jannalynn. Eu entendi o que ele quis dizer, e concordei com sua avaliação sobre Jannalynn. Porém, na minha opinião, Alcide não estava desconfortável *o bastante*. Eu estava convencida que ele esperava que, se sentasse em minha cama e me parecesse despenteado e bonito, eu poderia reconsiderar. Mas, olhando bem, não era o suficiente para mim. Fiquei me perguntando quando Alcide havia se tornado o tipo de cara que acharia que isso fosse funcionar.

— Ela está saindo com Sam há algum tempo, — eu disse. — Você sabe disso, certo? Eu fui a um casamento da família de Sam com ele e, eu acho que ela esperava ir.

— Então, Sam não é tão apaixonado por Jannalynn como ela é por ele?

Eu estendi minha mão e a balancei para lá e para cá. — Ele gosta muito dela. Mas ele é mais velho e mais cauteloso. — Porque nós estávamos sentados em meu quarto discutindo sobre isso? — Então, Alcide, você acha que pode se vestir e ir para casa agora? — Eu olhei para meu relógio. Eric tinha me deixado um recado para dizer que era para Mustapha Khan estar aqui às dez, apenas uma hora a partir de agora. Já que ele era um lobo solitário, não ia querer ter um encontro com Alcide.



— Eu ainda ficaria feliz se você se juntasse a mim, — ele disse, e soou tanto sincero quanto automaticamente dissimulado.

— É sempre legal ser desejada. E você é muito gato, com certeza. — Eu tentei não soar como se eu tivesse jogado essa depois de ter pensado melhor. — Mas eu continuo namorando com Eric, com laço ou sem laço. Além disso, você tentou me galantear usando um caminho completamente errado, agradeça a Jannalynn. Em todo caso, quem te disse que não estávamos mais vinculados?

Alcide deslizou para fora da cama e estendeu a mão para suas roupas. Levantei-me e as entreguei para ele, mantendo meus olhos fixos nos dele. Ele vestia uma roupa íntima do tipo monoquíni⁵³. Manaquíni⁵⁴? Enquanto ele dava de ombros dentro de sua camisa, ele disse — Sua amiga Amelia. Ela e o namorado foram ao Hair of the Dog tomar uma bebida na noite passada. Eu tinha certeza que já a conhecia, então comecei a conversar com eles. Quando ela ouviu meu nome, soube que você e eu tínhamos boas relações. Ela se tornou uma tagarela.

Falar demais era uma das falhas de Amelia. Eu comecei a ter suspeitas tenebrosas. — Amelia sabia que você iria fazer isso? — Eu perguntei, balançando as mãos para a cama desarrumada.

— Eu a segui e ao seu namorado na volta até aqui, — Alcide respondeu, o que não foi exatamente uma negação. — Eles se consultaram com seu primo — o stripper. Claude? Ele achou que me ter aqui esperando por você seria uma ideia muito boa. Na verdade, eu acho que ele teria se juntado a nós por cinquenta centavos. — Alcide fez uma pausa enquanto fechava sua calça para levantar uma sobrancelha.

Eu tentei não deixar meu desgosto se apresentar. — Esse Claude! Que piadista! — Eu disse com um sorriso feroz. Nunca me senti menos entretida. — Alcide, eu acho que Jannalynn estava tendo uma grande piada às minhas custas. Amelia precisa manter meus assuntos em silêncio e, eu acho que Claude só queria ver o que aconteceria. Ele é assim. Além disso, você é um Lobis bem aparentado, as mulheres ficam todas penduradas em você, oh, tu és o grande líder da alcateia! — Eu dei um soco forte de brincadeira em seu

⁵³ Peça de roupa de banho feminina composta apenas com a parte inferior de um biquíni (topless). Rudi Gernreich, designer de moda, projetou em 1964 o primeiro monokini.

<http://newimageshake.com/images/Countries/gernreich-monokini.jpg>

Em 1985, Gernreich revelou o pubikini, um maiô na forma de uma tira de tecido minúscula que cobria os seios e insinuava expor os pêlos pubianos, por razão do seu formato em V.

http://www.eurosau.de/shop_cfg/eurosau/10329-jetzt.jpg

⁵⁴ Talvez Alcide esteja usando uma sunga de praia ou uma cueca parecida com sunga de praia bem pequena e Sookie trocou “mono” por “mana” - man, ou seja, biquíni masculino.

<http://patilima.files.wordpress.com/2008/06/biquini.jpg>





ombro — mais ou menos — e eu o vi hesitar um pouco. Talvez eu fosse mais forte com os meus parentes fadas em volta de mim.

Alcide disse, — Eu vou dirigir de volta para Shreveport, então. Mas me coloque no seu cartão de dança⁵⁵, Sookie. Eu ainda quero uma chance com você. — Ele me deu um grande sorriso branco.

— Ainda não encontrou um xamã para sua alcateia?

Ele estava afivelando o cinto e seus dedos congelaram. — Você acha que é por isso que te quero?

— Eu achei que poderia ter algo a ver com isso, — eu respondi, minha voz seca. Possuir um xamã para a alcateia havia saído de moda nesses tempos modernos, mas a alcateia Dente Comprido estava tentando encontrar um. Alcide havia me induzido a tomar uma das drogas que os xamãs tomam para acentuar suas visões, e tinha sido tanto profundamente assustador como estranhamente fortalecedor. Eu nunca mais quis fazer aquilo de novo. Eu havia gostado muito.

— Nós precisamos de um xamã, — Alcide admitiu. — E você fez um bom trabalho naquela noite. Obviamente você tem a aptidão para o trabalho. — Credulidade e um pobre julgamento devem ser pré-requisitos. — Mas você está errada se pensa que essa é a única razão por qual eu gostaria que tivéssemos um relacionamento.

— Fico contente em ouvir isso, porque caso contrário eu não acreditaria muito em você, — eu disse. Esse diálogo afetou completamente minha boa natureza. — Deixe-me enfatizar que eu não gostei do jeito como você me abordou e eu não estou entusiasmada com a conduta que você substituiu desde que se tornou o líder da alcateia.

Alcide ficou verdadeiramente estupefato. — Eu *tive* que mudar, — ele disse. — Eu não tenho certeza do que você quer dizer.

— Você está por demais acostumado a ser o rei de todo mundo, — eu disse. — Mas eu não estou aqui para te julgar ou dizer que você deveria mudar porque essa é só a *minha* opinião. Deus sabe como eu mesma já passei por mudanças e, tenho certeza que algumas delas não causaram qualquer benefício ao meu caráter.

— Você não gosta mesmo de mim. — Ele soou quase desanimado, mas com uma

⁵⁵ Um cartão de dança é usado por uma mulher para registrar os nomes dos cavalheiros com quem ela pretende dançar em cada dança sucessiva em um baile formal. Parece ter se originado no século 18. Como expressão, é uma metáfora que significa "encontrar algum tempo para gastar comigo". Entre os polígamos, o cartão de dança de uma pessoa é o seu conjunto de parceiros romântico-sexuais.



ponta de incredulidade que reforçava meu sentimento.

— Não muito mais.

— Então eu fiz papel de bobo. — Agora ele ficou um pouco irritado. Bem, junte-se ao clube.

— Uma emboscada não é o caminho para o meu coração. Ou para qualquer outra parte de mim.

Alcide saiu sem dar uma palavra. Ele não estava escutando até eu ter dito a mesma coisa de várias maneiras diferentes. Talvez, essa fosse a chave? Dizer as coisas três vezes?

Eu observei sua picape em seu caminho de volta para a estrada, para ter certeza de que ele realmente estava partindo. Olhei para o meu relógio de novo. Ainda não era nove e meia. Eu mudei os lençóis da minha cama com velocidade relâmpago, enchendo as roupas de cama removidas dentro da máquina de lavar e a ligando (eu não poderia imaginar a reação de Eric no momento em que ele subisse na cama comigo e descobrisse que ela estava cheirando como Alcide Herveaux.). Eu optei por usar esses minutos restantes antes de Mustapha Khan chegar para fazer algumas preparações necessárias ao invés de acordar Amelia ou Claude e espancá-los. Enquanto eu escovava meus cabelos e os puxava em um rabo de cavalo, eu ouvi o som de uma moto na entrada para carros.

Mustapha Khan, lobisomem solitário e pontual. Tinha um pequeno passageiro grudado nele. Observei pela janela da frente enquanto ele impulsionou a Harley e vagueou pela porta da frente para bater. Sua companhia ficou na moto.

Eu abri a porta e olhei para cima. Khan tinha cerca de 1,83 cm de altura com a cabeça completamente raspada, deixando uma barba que parecia musgo. Ele estava usando óculos escuros tentando ter uma aparência de “Blade”, eu imaginei. Ele era da cor marrom-dourado de um biscoito com pedaços de chocolate. Quando ele tirou os óculos, eu vi que seus olhos poderiam ser pedaços de chocolate escuro. E essa era a única coisa remotamente doce sobre ele. Respirei fundo e inalei o cheiro de algo selvagem. Ouvi meus parentes fadas descendo as escadas atrás de mim.

— Sr.Khan? — Eu disse educadamente. — Por favor, entre. Sou Sookie Stackhouse, e esses dois rapazes são Dermot e Claude. — Pela expressão ávida de Claude, eu não tinha sido a única a pensar sobre os biscoitos com pedaços de chocolate. Dermot só olhou desconfiado.

Mustapha Khan deu uma olhada neles e os ignorou, o que mostrava que ele não



era tão perspicaz quanto parecia ser. Ou talvez somente não achava que eles fossem pertinentes em sua missão.

— Estou aqui para pegar o carro de Eric, — ele disse.

— Você poderia entrar por um minuto? Eu fiz café.

— Ah, que bom, — Dermot murmurou e se dirigiu para a cozinha. Eu o ouvi conversando com alguém e deduzi que Amelia e/ou Bob estavam cambaleando ao redor. Bom. Queria ter uma palavrinha com minha amiga Amelia.

— Eu não bebo café, — Mustapha disse. — Eu não tomo estimulantes de qualquer tipo.

— Então, gostaria de um copo d'água?

— Não, eu gostaria de voltar para Shreveport. Eu tenho uma longa lista de coisas para fazer para o Sr. Alto e Poderoso Cara Morto.

— Como é que você aceitou o emprego se pensa tão pequeno do Eric?

— Ele não é ruim, para um vampiro, — Mustapha disse de má vontade. — Bubba é legal, também. O resto deles? — Ele cuspiu. Sutil, mas peguei sua intenção.

— Quem é o seu amigo? — eu perguntei, inclinando minha cabeça para a Harley.

— Você quer saber demais, — ele disse.

— Ahã. — Olhei bem para ele sem recuar.

— Venha aqui um minuto, Warren, — Mustapha o chamou, e o homem pequeno pulou da Harley e se aproximou.

Warren provou ter mais ou menos 1,70 cm, pálido e sardento, faltando-lhe alguns dentes. Mas quando ele tirou seus óculos, seus olhos eram claros e resolutos, e eu não vi nenhuma marca de presa em seu pescoço.

— Senhora, — ele disse educadamente.

Eu me reintroduzi. Interessante que Mustapha tivesse um amigo real, um amigo que ele não queria que ninguém soubesse (bem, eu) sobre. Enquanto Warren e eu ficamos trocando comentários sobre o clima, o musculoso Lobis estava tendo dificuldades para reprimir sua impaciência. Claude se afastou, desinteressado em Warren e perdendo a esperança de se interessar por Mustapha.





— Warren, há quanto tempo você vive em Shreveport?

— Ah, meu Deus, eu moro lá a minha vida inteira, — Warren respondeu. — Exceto quando eu fui para o exército. Claro, estive no exército por quinze anos.

Fácil tirar informações de Warren, mas Eric queria que eu investigasse Mustapha. Até agora, o cover de Blade não estava cooperando. Parados na porta não era uma boa maneira de ter uma conversa relaxante. Hum, bom. — Então, você e Mustapha se conhecem há muito tempo?

— Poucos meses, — Warren disse olhando para o homem mais alto.

— Vinte perguntas, acabou? — Mustapha perguntou.

Eu toquei seu braço, que era como tocar um galho de carvalho. — KeShawn Johnson, — eu disse ponderadamente, depois de vasculhar um pouco sua cabeça. — Porque você mudou seu nome?

Ele endureceu e sua boca ficou carrancuda. — Eu tive que me reinventar, — ele respondeu. — Não sou escravo de um mau hábito que foi chamado KeShawn. Eu sou Mustapha Khan e sou meu próprio homem. Sou dono de mim mesmo.

— Sem problemas, — eu disse, fazendo o meu melhor para soar agradável. — Prazer em conhecê-lo, Mustapha. Que você e Warren façam uma viagem segura de volta para Shreveport.

Eu havia aprendido muito hoje. Se Mustapha Khan iria ficar por perto de Eric por um tempo, eu aos poucos captaria muitos vislumbres de sua cabeça para juntar as partes. Por estranho que pareça, me senti melhor depois de ter conhecido Warren. Eu tinha certeza que Warren teve alguns momentos difíceis e talvez tenha feito coisas difíceis, mas também acreditei que em seu coração ele era um homem de confiança. Suspeitei que o mesmo pudesse ser verdadeiro para Mustapha.

Eu estava disposta a esperar para ver.

Bubba gostou dele, mas isso não era necessariamente uma recomendação. Afinal, Bubba bebia sangue de gato.

Afastei-me da porta, me preparando para enfrentar meu próximo conjunto de problemas. Na cozinha, eu encontrei Claude e Dermot cozinhando. Dermot havia achado um cilindro de pãezinhos Pillsbury⁵⁶ no congelador, abriu a lata e os colocou numa

⁵⁶ <http://rocksinmydryer.typepad.com/photos/uncategorized/biscuit1.jpg>





assadeira. O forno tinha até pré-aquecido. Claude estava fritando ovos, o que era uma coisa surpreendente. Amelia estava pegando pratos e Bob estava pondo a mesa.

Eu odiava ter que interromper uma cena doméstica.

— Amelia, — eu disse. Ela estava suspeitamente muito focada nos pratos. Ela ergueu os olhos tão rapidamente como se tivesse ouvido o disparo da minha espingarda. Eu encontrei os olhos dela.

Culpada, culpada, culpada. — Claude, — eu disse ainda mais acentuado, e ele me espiou por cima do seu ombro e sorriu. Não havia culpa ali. Dermot e Bob simplesmente olharam resignados.

— Amelia, você contou meus assuntos a um lobisomem, — eu disse. — Não um lobisomem qualquer, mas para o líder da alcateia de Shreveport. E eu estou certa que você fez isso de propósito.

Amelia ficou vermelha. — Sookie, pensei que com o laço quebrado, talvez você quisesse que alguém soubesse sobre isso, e você falou sobre Alcide, então quando eu o encontrei, pensei...

— Você foi até lá de propósito para ter certeza que ele soubesse, — eu disse inflexivelmente. — Senão, porque escolheu aquele bar com tantos outros bares por aí? — Bob pareceu como se fosse começar a falar, e eu levantei meu dedo indicador e o apontei para ele. Ele se apaziguou. — Você me disse que vocês iriam ao cinema em Clarice. Não para o bar dos lobisomens na direção oposta. — Tendo terminado com Amelia, virei-me para o outro culpado.

— Claude, — eu disse novamente, e suas costas enrijeceram, embora ele continuasse cozinhando os ovos. — Você deixou alguém entrar na casa, na minha casa, sem eu estar aqui, e deu permissão a ele para ficar na minha cama. Isso é indesculpável. Porque você faria uma coisa dessas comigo?

Claude removeu cuidadosamente a frigideira do fogo, desligando-o. — Ele parecia ser um cara legal, — Claude respondeu, — e eu pensei que você poderia gostar de fazer amor com algo que tivesse pulsação pra variar.

Eu realmente senti um estalo dentro de mim. — Ok, — eu disse em alto e bom som. — Escutem. Eu vou para o meu quarto. Vocês todos comam o que cozinharam e depois arrumem tudo e vão embora. Todos vocês. — Amelia começou a chorar, mas eu não iria suavizar minha postura. Eu estava regamente puta da vida. Olhei para o relógio na parede. — Em quarenta e cinco minutos eu quero essa casa vazia.





Fui para o meu quarto, batendo a porta com quietude requintada. Deitei na minha cama com um livro e tentei ler. Depois de poucos minutos houve uma batida na porta. Eu ignorei. Eu tinha que ser firme. As pessoas que estavam na minha casa fizeram coisas que positivamente sabiam e que não deveriam ter feito, e eles precisavam saber que eu não iria tolerar tal interferência, não importa quão bem intencionados (Amelia) ou simplesmente maliciosos (Claude). Enterrei as mãos no meu rosto. Era difícil manter esse nível de indignação, especialmente visto que eu não estava acostumada a isso — mas eu sabia que seria muito ruim deixar que meu impulso covarde escancarasse a porta e deixasse todos eles ficarem.

Quando eu tentei me imaginar fazendo isso, pareceu tão errado e mau que eu soube verdadeiramente que os queria fora da minha casa.

Eu estava tão feliz em ver Amelia. Eu estava tão agradecida que ela esteve disposta a se precipitar de Nova Orleans para fazer reparos mágicos para minha proteção.

E eu estava tão assustada que ela tinha de fato encontrado um jeito de quebrar o vínculo que eu me deixei ser levada às pressas em fazê-lo na prática. Eu devia ter ligado para o Eric primeiro, o avisado. Não há desculpa por tê-lo feito tão brutalmente, exceto se eu tivesse certeza que ele iria falar comigo como resultado. Aquilo foi da mesma forma tão péssimo, quanto ter me deixado persuadir a tomar as drogas dos xamãs no encontro com a alcateia do Alcide.

185

Essas duas decisões foram minha culpa. Elas foram erros que eu havia cometido.

Mas esse impulso da Amelia de tentar manipular minha vida amorosa foi malvado. Eu era uma mulher adulta e havia merecido o direito de fazer minhas próprias decisões sobre com quem eu gostaria de ficar. Eu queria continuar amiga de Amelia para sempre, mas não se ela estava se intrometendo para manipular eventos na tentativa de tentar transformar minha vida em uma outra que ela gostava mais.

E Claude estava jogando um tipo de jogo próprio, um truque astuto e travesso. Não gostei disso, tampouco. Não, ele precisava ir.

Quando os quarenta e cinco minutos se passaram e eu sai do meu quarto, fiquei um pouco surpresa de ver que eles realmente fizeram o que eu pedi. Meus hóspedes tinham ido embora... exceto Dermot.

Meu tio-avô estava sentado nos degraus da escada dos fundos, com sua bolsa esportiva de viagem perto dele. Ele não tentou chamar atenção para si em nenhum momento, e eu supus que ele ficaria sentado ali até eu abrir a porta traseira para sair para



trabalhar se não tivesse me ocorrido de ir para a varanda dos fundos para mudar os lençóis da máquina de lavar para a secadora.

— Porque você está aqui? — perguntei com a voz mais neutra que eu poderia criar.

— Me desculpe, — ele respondeu, palavras que tinham feito muita falta até agora.

Ainda que um nó dentro de mim tivesse relaxado quando ele disse aquelas palavras mágicas, eu não fiquei totalmente conquistada. — Porque você deixou Claude fazer aquilo? — eu perguntei. Eu estava segurando a porta aberta, obrigando-o a girar e olhar para falar comigo. Ele se levantou e me encarou.

— Eu não achei que o que ele estava fazendo era certo. Eu não achei que você poderia querer Alcide quando parece estar tão ligada ao vampiro, e eu não achei que o resultado seria bom para você ou para qualquer um deles. Mas Claude é voluntarioso e obstinado. Eu não tinha a energia necessária para argumentar com ele.

— Porque não? — Essa parecia uma pergunta óbvia para mim, mas surpreendeu Dermot. Ele olhou para longe, por cima das flores, dos arbustos e do gramado.

Após uma pausa pensativa, meu tio-avô respondeu, — Eu não me importava muito sobre nada desde que Niall me encantou. Bem, desde que você e Claude quebraram o encantamento, mais precisamente. Eu não consigo conquistar qualquer sentido de propósito, do que eu quero fazer com o resto da minha vida. Claude tem um propósito. Mesmo que não tivesse, acho que ele teria contentamento. Claude é muito humano em sua natureza. — Depois, ele pareceu estarecido, talvez concretizando que com o meu humor de pôr-as-coisas-em-ordem, eu encontraria na opinião dele uma boa razão para mandá-lo pegar a estrada junto com os outros.

— Qual é o propósito de Claude? — eu perguntei, porque parecia ser um detalhe muito interessante. — Não que eu não queira mais falar sobre você, eu quero, mas eu achei que a ideia de Claude com uma agenda muito interessante. — Para não dizer alarmante.

— Eu já trai um amigo, — ele disse. Depois de um momento, percebi que ele estava se referindo a mim. — Eu não quero trair outro.

Agora eu fiquei ainda mais preocupada com os planos de Claude. No entanto, essa questão teria que esperar. — Porque você acha que está sentindo essa inércia? — eu perguntei, voltando ao tópico em questão.

— Porque eu não tenho fidelidade. Desde que Niall teve a certeza de que eu tinha



sido removido do país das fadas... desde que eu perambulei por aí feito louco por tanto tempo... eu não me sinto parte do clã do céu, e o clã da água não me receberia ainda que eu me aliasse com eles. Enquanto eu estiver amaldiçoado, — ele acrescentou rapidamente. — Mas eu não sou humano, e eu não me sinto como um. Eu realmente não consigo me passar por um homem por mais que alguns minutos. As outras fadas no Holligans... elas só estão unidas por acidente. — Dermot balançou sua cabeça dourada. Embora seu cabelo fosse mais longo do que o do Jason, na altura dos ombros para cobrir suas orelhas, ele nunca pareceu mais com o meu irmão. — Eu não me sinto mais como uma fada. Eu me sinto...

— Como um estranho numa terra estranha, — eu disse.

Ele deu de ombros. — Talvez sim.

— Você ainda quer trabalhar no sótão?

Ele expirou um longo e lento suspiro. E me olhou de soslaio. — Sim, muito. Eu posso... fazer só isso?"

Eu entrei em casa e peguei minhas chaves do carro e meu esconderijo secreto de dinheiro. Vovó havia sido um grande crente em manter um esconderijo secreto. O meu tinha sido escondido na parte interna do bolso com zíper da minha jaqueta impermeável de inverno, atrás do meu armário. — Você pode levar meu carro para a Home Depot⁵⁷, em Clarice, — eu disse. — Aqui. Você pode dirigir, não pode?

— Ah, sim, — ele respondeu, olhando do dinheiro para as chaves ansiosamente. — Sim, eu até tenho uma carteira de motorista.

— Como a conseguiu? — eu perguntei absolutamente surpresa.

— Eu fui até a repartição pública um dia, enquanto Claude estava ocupado, — ele respondeu. — Eu fui capaz de fazê-los pensar que estavam vendo os documentos certos. Eu tive magia suficiente para aquilo. Responder as perguntas do teste foi fácil. Eu havia assistido Claude, então dirigir levando o examinador oficial não foi tão difícil, também.

Desejei saber se muitos motoristas na estrada que tinham feito a mesma coisa. Isso explicaria muito. — Ok. Por favor, tome cuidado Dermot. Ah, você conhece dinheiro?

— Sim, a secretária de Claude me ensinou. Eu posso contar e sei o que moedas são

⁵⁷ A Home Depot, Inc. é uma companhia varejista norte-americana que vende produtos para o lar (embora não venda móveis) e construção civil. A companhia está preparando sua chegada ao Brasil para o segundo semestre de 2011.



também.

Não é que você é o garotão, eu pensei, mas teria sido indelicado dizer. Ele realmente tinha se adaptado surpreendentemente bem para uma fada motorista-insano-por-magia.

— Ok, — eu disse. — Divirta-se, não gaste todo o meu dinheiro e esteja de volta em uma hora porque eu tenho que ir trabalhar. Sam disse que eu poderia chegar mais tarde hoje, mas eu não quero abusar.

Dermot disse — Você não vai se arrepender, Sobrinha. — Ele abriu a porta da cozinha para jogar sua bolsa de ginástica dentro de casa, pulou os degraus e entrou no meu carro olhando para o painel cuidadosamente.

— Espero que não, — eu disse para mim mesma enquanto ele colocava o cinto e partia (lentamente, graças a Deus). — Eu sinceramente espero que não.

Meus hóspedes que partiram não se sentiram obrigados a lavar a louça. Eu não poderia dizer que fiquei realmente surpresa. Eu comecei a trabalhar e limpei as bancadas depois.

A cozinha impecável me fez sentir que eu estava progredindo.

Enquanto eu tirava meus lençóis, quentes da secadora, disse para mim mesma que eu estava fazendo o certo. Eu gostaria de poder dizer que não pensava em Amelia, me sentir inteiramente pesarosa mais uma vez, decidir novamente que eu havia feito a coisa certa.

Dermot voltou dentro da margem de uma hora. Ele estava tão feliz e animado como eu nunca o tinha visto antes. Eu não havia percebido o quanto depressivo Dermot estava até vê-lo realmente iluminado, com um propósito. Ele havia alugado uma lixadeira e comprado tintas, lonas de plástico, fita azul, raspadores, pincéis, rolos e uma bandeja de pintura. Eu tive que lembrá-lo que ele precisa comer alguma coisa antes de começar a trabalhar e, tive que lembrá-lo também que eu teria que sair para trabalhar em um futuro não tão distante.

Além disso, haveria a reunião de cúpula aqui em casa. — Dermot, há algum amigo com quem você possa ficar esta noite? — eu perguntei cautelosamente. — Eric, Pam e dois humanos virão para cá quando eu sair do trabalho. Somos uma espécie de comitê de planejamento e temos trabalho para fazer. Você sabe como é entre você e vampiros.

— Eu não tenho que ir a nenhum lugar com outras pessoas, — Dermot disse surpreso. — Eu posso ficar nos bosques. É um bom lugar para mim. O céu noturno é tão



bom quanto o céu diurno, no que me diz respeito.

Eu pensei em Bubba. — É possível que Eric possa ter posto um vampiro na floresta para vigiar a casa esta noite, — eu expliquei. — Portanto, você poderia ficar em algum outro bosque meio longe daqui? — Eu me senti péssima em colocar tantas restrições, mas ele era o único que quis ficar.

— Suponho que sim, — ele respondeu, numa voz que tentou ser tolerante e prestativa. — Eu amo essa casa, — ele acrescentou. — Há algo surpreendentemente familiar nela.

E vê-lo sorrir enquanto olhava ao redor da antiga casa, eu fiquei mais do que nunca certa de que a presença invisível do cluviel dor era a razão pela qual meus dois parentes fadas tinham vindo para ficar comigo, ao invés do meu pequeno traço de fada no sangue. Eu estava disposta a admitir que Claude acreditava que meu sangue de fada era a atração. Embora eu soubesse que ele tinha um lado maduro, eu também tinha quase certeza que se ele descobrisse que eu tinha um artefato de fada valioso, aquele que poderia realizar seu desejo mais ardente — ser permitido à passagem para o país das fadas — ele derrubaria a casa para procurá-lo. Senti instintivamente que eu não iria querer estar entre Claude e o cluviel dor. E, embora eu tenha sentido algo mais ingênuo e genuíno em Dermot, eu não estava disposta a confiar nele.

189

— Estou contente que esteja feliz aqui, — eu disse para o meu tio-avô. — E boa sorte com o projeto do sótão. — Eu não precisaria de outro quarto lá em cima agora que Claude havia ido embora, mas tomei uma rápida decisão em manter Dermot ocupado na tarefa. — Se você me der licença, vou me arrumar para o trabalho. Você pode lixar o chão. — Ele havia me dito que esse seria seu ponto de partida. Eu não fazia ideia se essa era a ordem certa ou não, mas eu estava satisfeita em deixar isso para ele. Afinal de contas, considerando o estado do sótão antes dele e Claude me ajudarem a limpar, qualquer trabalho que ele fizesse ali seria uma melhora. Certifiquei-me para ter certeza de que Dermot teria uma máscara enquanto ele usava a lixadeira. Eu sabia muito disso por causa dos programas de melhorias de casas, na TV.

Jason chegou inesperadamente da sua pausa para o almoço enquanto eu estava colocando a maquiagem. Sai do meu quarto para encontrá-lo inspecionando todo o material que Dermot comprou na Home Depot. — O que você está fazendo? — ele perguntou ao seu gêmeo próximo. Jason obviamente tinha sentimentos ambíguos sobre Dermot, mas eu tinha observado que ele ficava muito mais descontraído perto de nosso tio-avô quando Claude não estava. Interessante. Eles subiram as escadas juntos para olharem o sótão vazio. Dermot falando por todo o caminho.





Embora eu estivesse seriamente atrasada, fiz alguns sanduíches para Dermot e Jason, coloquei os pratos na mesa da cozinha com dois copos com gelo e duas Coca-Colas enquanto eu corria para colocar meu uniforme do Merlotte's. Quando sai, eles estavam à mesa tendo uma conversa animada. Eu não havia dormido o suficiente, tive que deixar minha casa limpa para os visitantes e eu não havia tido muito sucesso com o Mustapha ou com seu amigo. Mas ver Jason e Dermot tagarelando sobre reboco, técnica de pintura com spray e janelas resistentes às intempéries, de alguma forma me fez sentir que o mundo estava em algum tipo de equilíbrio.



Capítulo Onze

DEVIDO AO FATO DE QUE O MERLOTTE'S estava quase vazio, meu atraso não foi um problema. Na verdade, Sam estava tão preocupado que eu não tive certeza se ele notou. Sua distração me fez sentir um pouco melhor. Eu desejei saber se Jannalynn inventou para Sam algum tipo de lorota para disfarçar sua malícia, no caso de me queixar com ele sobre ela empurrando outro homem em minha cama. Sam não parecia ter qualquer ideia de que Jannalynn tinha feito o seu melhor para me envergonhar ao ter aconselhado seu chefe a brincar de esconde-esconde com meus lençóis.

De qualquer forma era fácil estar zangada com Jannalynn, quando eu pensei nisso, porque eu não gostava dela e Alcide deveria ter se informado melhor a aceitar tal mau conselho. Se Alcide foi estúpido por dar credibilidade à ideia dela, Jannalynn foi mesquinha por ter concebido aquilo em primeiro lugar. Eu entendi que éramos inimigas agora. Era meu dia de concretizações desagradáveis.

Sam estava absorvido em revisar os livros contábeis. Quando eu vi claro em seus pensamentos que ele estava tentando descobrir como poderia conseguir pagar a conta com o nosso distribuidor de cerveja, conclui que hoje ele tinha mais problemas do que poderia lidar. Ele não precisava saber que sua namorada tinha me envergonhado.

Quanto mais eu pensava, mais eu percebia que isso era entre Jannalynn e eu, não importa o quanto eu poderia ser tentada a informar Sam sobre o verdadeiro caráter da sua namorada. Senti-me mais inteligente assim como uma pessoa melhor depois que induzi isso diretamente na minha cabeça, e me movi energicamente com comida e bebidas, com um sorriso e uma palavra agradável durante todo o turno. Eu tive algumas boas gorjetas em consequência.

Eu trabalhei até tarde para completar o meu horário, e que foi bom porque Holly ficaria no final do turno. Passava das seis quando entrei no escritório para pegar minha bolsa. Sam estava curvado em sua mesa, parecendo bastante desolado. — Você precisa falar alguma coisa? — Eu ofereci.

— Com você? Eu acho que você já sabe tudo o que eu estou pensando, — ele respondeu, mas não como se aquilo o incomodasse. — O bar está em uma crise, Sook. Esta é a pior dificuldade que eu alguma vez já passei.





Eu não conseguia pensar em nada para dizer que não fosse completamente banal e praticamente falso. *Alguma coisa sempre aparece. Sempre parece mais escuro antes do amanhecer. Quando Deus fecha uma porta, ele abre uma janela. Todas as coisas acontecem por uma razão. Em cada vida um pouco de chuva deve cair. O que não nos mata nos torna mais fortes.* No final das contas, eu apenas me curvei e lhe dei um beijo na bochecha. — Me liga se precisar de mim, — eu disse, e sai para o carro me sentindo preocupada. Eu coloquei meu subconsciente para trabalhar em um plano para ajudar Sam.

Eu adorava o verão, mas às vezes eu odiava o horário de verão. Embora eu tivesse trabalhado até tarde e estivesse indo para casa, ainda estava gritante a luz do sol e ficaria talvez por mais uma hora e meia. Mesmo depois que o anoitecer cair, quando Eric e Pam puderem vir para minha casa, ainda teria que esperar por Colton sair do trabalho.

Quando entrei em meu carro, notei que havia uma possibilidade de ficar escuro mais cedo do que o habitual. Uma massa de sinistras nuvens escuras se agitava para o oeste... nuvens escuras de verdade, se movendo rapidamente. O dia não iria terminar tão belamente e com muita luz como havia começado. Eu tinha justamente acabado de lembrar-me da minha avó dizendo, “Em cada vida um pouco de chuva deve cair.” Me perguntei se eu tinha sido profética.

Eu não tenho medo de tempestades. Jason teve uma vez um cachorro que corria escada acima para se esconder debaixo da cama dele toda vez que ouvia um estalo de trovão. Eu sorri para a lembrança. Minha avó não aprovava cães em casa, mas ela não tinha sido capaz de manter Rocky fora. Ele sempre encontrava um jeito quando o tempo ficava ruim, embora esse jeito tivesse menos a ver com a habilidade do cachorro em comparação com o coração mole de Jason. Aquilo era uma coisa boa a respeito do meu irmão, ele sempre foi gentil com os animais. *E agora ele é um*, eu pensei. *Pelo menos uma vez por mês.* Eu não sabia o que pensar sobre isso. Enquanto eu estava olhando para o céu, as nuvens tinham se movido para mais perto, e eu precisava chegar em casa e ter certeza que meus hóspedes que partiram tinham deixado todas as janelas fechadas.

Apesar da minha ansiedade, depois que eu olhei para o meu medidor de combustível, percebi que tinha que abastecer o carro. Enquanto a bomba estava trabalhando, saí de baixo do toldo no Grabbit Kwik para olhar para cima. O céu estava ameaçador, e eu me perguntei se estávamos sob um alerta de tornado. Eu gostaria de ter ouvido o Weather Channel essa manhã.

O vento aumentou, e pedaços de lixo chicotearam através do estacionamento. O ar estava tão pesado e úmido que cheirava a pavimento. Quando a bomba de gasolina parou, eu fiquei contente de pendurar a pistola da mangueira e subir no carro. Eu vi Tara





passando, e ela deu uma olhada na minha direção e acenou. Pensei em seu chá de bebê que está para acontecer e nos seus bebês que são iminentes, com um pouco de culpa. Embora eu tivesse deixado tudo preparado para o chá de bebê, eu não havia pensado nele durante toda a semana, e ele aconteceria em apenas dois dias! Certamente, eu não deveria estar concentrada no evento social em vez de uma trama de assassinato?

Era um momento quando minha vida parecia... complexa. Algumas gotas de chuva caíram sobre meu pára-brisa quando eu sai do estacionamento. Eu esperava que tivesse leite suficiente para o café da manhã, porque não tinha certeza se verifiquei antes de sair de casa. Eu tenho algum sangue engarrafado para oferecer aos vampiros? Só para garantir, eu parei na Piggly Wiggly⁵⁸ e peguei alguns. Peguei um pouco de leite, também. E um pouco de bacon. Eu não comia um sanduíche de bacon há tempos, e Terry Bellefleur me trouxe alguns tomates frescos pela manhã.

Eu atirei meus sacos plásticos dentro do banco da frente do carro e mergulhei atrás deles, porque a chuva de forma precipitada bateu intensamente. A parte de trás da minha camiseta ficou molhada, e meu rabo de cavalo caído no meu pescoço encharcado. Alcancei o banco de trás e puxei meu guarda-chuva para frente. Era um velho que minha vó usava para cobrir a cabeça quando ela ia me ver jogar softball, e quando olhei para as desbotadas listras pretas, verdes e de cor de cereja, senti um sorriso no meu rosto.

Dirigi para casa devagar e cuidadosamente. A chuva tamborilava no carro e saltava para o pavimento como britadeiras minúsculas. Meus faróis deram a impressão de reduzirem consideravelmente na chuva e escuridão. Olhei para o relógio do painel. Já eram mais de sete. É claro que eu tinha tempo de sobra antes do Comitê para Assassinar Victor se reunir, mas seria um alívio simplesmente chegar em casa. Eu estimei a breve corrida que eu teria que fazer do carro para a casa. Se Dermot já tivesse saído, ele teria deixado a porta da varanda dos fundos trancada. Eu estaria completamente exposta à chuva enquanto eu me atrapalhasse com as chaves e com os meus dois sacos pesados de leite e sangue. Não pela primeira ou última vez, pensei em gastar minhas economias - do dinheiro do espólio de Claudine e o de menor valor da herança de Hadley (Remy não tinha ligado, então eu tive que assumir que ele quis dizer que realmente não queria o dinheiro dela), para providenciar um abrigo de carro anexo a casa.

Eu estava pensando em como eu teria que situar tal estrutura, e imaginando o quanto seria necessário para construí-la, à medida que eu parei atrás da casa. Pobre Dermot! Ao pedir-lhe para sair esta noite eu o sentenciei a um miserável espaço de tempo molhado no bosque. Pelo menos, eu supus que ele pensou que deveria estar miserável.

⁵⁸ Piggly Wiggly é uma cadeia de supermercados em funcionamento nas regiões Centro-Oeste e Sul dos Estados Unidos.





Fadas tinham um parâmetro totalmente diferente do que eu tinha. Eu poderia ter-lhe emprestado meu carro, e ele poderia ter dirigido até o Jason, talvez.

Eu espreitei através do pára-brisa, esperando ver uma luz na cozinha sinalizando a presença de Dermot.

Mas a porta para a varanda dos fundos estava entreaberta sobre os degraus. Eu não conseguia ver muito bem através da escuridão para dizer se a porta da casa também estava aberta.

Minha primeira reação foi de indignação. *Isso é tão descuidado por parte de Dermot,* pensei. *Talvez eu devesse ter dito que ele teria que partir, também.* Mas depois pensei novamente. Dermot nunca tinha sido tão descuidado, e não havia nenhuma razão para pensar que ele seria hoje. Em vez de estar irritada, talvez eu devesse estar preocupada.

Talvez eu devesse ouvir a campainha de alarme ressoando longe na minha cabeça.

Você sabe o que seria inteligente? Dar marcha à ré no carro e dar o fora daqui. Eu arranquei minha contemplação para longe daquela ameaçadora porta aberta.

Eletrizada, eu joguei o carro em marcha à ré e recuei. Eu coloquei o carro em movimento e virei o volante para sair como foguete da entrada para carros.

Do bosque uma árvore jovem de tamanho considerável caiu no cascalho, e eu pisei nos freios com força total.

Eu conhecia uma armadilha quando eu via uma.

Eu virei o carro e abri a minha porta. Enquanto me arrastava para fora, uma figura se inclinou para o lado das árvores e correu em minha direção. A única arma à mão era o litro de leite na jarra de plástico, e eu agarrei as alças do saco plástico e o balancei alto. Para meu espanto, me conectei, e a jarra explodiu, e jorrou leite por toda parte. Absurdamente, eu tive um lampejo de fúria contra o desperdício, e em seguida eu estava correndo para as árvores, meus pés escorregando na grama molhada. Graças a Deus que eu usava tênis. Corri pela minha vida. Ele podia estar afastado, mas ele não continuaria afastado, e talvez houvesse mais de um. Eu estava certa, pois peguei um movimento rápido na minha visão periférica.

Eu não sabia se os agressores intencionavam me matar, mas eles não iam me convidar para jogar Monopólio.





Eu fiquei encharcada de chuva em poucos segundos e da água que eu golpeava dos arbustos à medida que eu tropeçava através do bosque. Se eu sobrevivesse a isso, eu jurei, eu começaria a correr na pista da escola secundária de novo, porque meu fôlego estava condensado dentro e fora dos meus pulmões. A vegetação de verão estava abundante, e as vinhas serpenteavam por toda parte. Eu não caí, mas era só uma questão de tempo.

Eu tentava me esforçar para pensar — o que seria uma coisa boa — mas eu parecia estar possuída por uma mentalidade de coelho. Correr e se esconder, correr e se esconder. Se eu fosse raptada por lobis, estava tudo acabado, porque eles poderiam me perseguir através do bosque num esfregar de olhos, mesmo que eles estivessem em forma humana, embora o temporal pudesse diminuir a velocidade deles.

Não poderia ser vampiros, o sol não havia se posto.

Fadas teriam sido muito mais sutis.

Humanos, então. Lancei-me em torno das bordas do cemitério, uma vez que seria muito fácil me identificar em terreno aberto.

Ouvi barulho no bosque atrás de mim, e me dirigi para o único outro santuário que poderia me oferecer um bom esconderijo. A casa de Bill. Eu não teria tempo suficiente para subir em uma árvore. Parecia que eu tinha saltado para fora do meu carro há uma hora. Minha bolsa, meu celular! Por que não agarrei meu celular? Eu podia visualizar minha bolsa acomodada no banco do carro. Merda.

Agora eu estava correndo em aclave, então eu estava perto. Fiz uma pausa no enorme carvalho antigo, cerca de nove metros da varanda da frente, e espreitei ao redor. Lá estava a casa de Bill, escura e silenciosa na chuva torrencial. Quando Judith esteve na residência, um dia eu deixei minha cópia da chave de Bill em sua caixa de correio. Tinha somente parecido certo. Mas naquela noite ele deixou um recado na minha secretária eletrônica me dizendo onde estava a chave reserva. Nós nunca falamos um com o outro uma palavra sobre aquilo.

Atirei-me para dentro da varanda, encontrando a chave adesivada sob o encosto do braço da cadeira externa de madeira, e abri a porta da frente. Minhas mãos estavam tão trêmulas que foi incrível eu não deixar a chave cair e alcançar corretamente a direção da fechadura na primeira vez. Eu estava prestes a pôr os pés quando eu pensei, *Pegadas*.



Eu deixaria pegadas molhadas por toda parte ao caminhar pela casa. Eu anunciaria a minha localização como um anúncio especial de vendas da Kmart⁵⁹. Agachada perto da grade ao redor da varanda tirei minhas roupas e sapatos, e os soltei para trás dos abundantes arbustos de azaleias que cercavam a casa. Eu apertei meu rabo de cavalo. Sacudi-me rapidamente como um cachorro, para me livrar da maior quantidade de água tanto quanto eu poderia. Então entrei na escuridão silenciosa da antiga casa dos Comptons. Apesar de eu não ter tido tempo para ponderar, me senti decididamente estranha estar parada nua no vestibulo.

Eu olhei para os meus pés. Um estava respingado de água. Eu esfreguei meu pé sobre o outro e dei um grande passo para o corredor desgastado situado no vestibulo que conduzia para a cozinha. Eu nem sequer olhei para a sala de estar (que Bill às vezes chamava de saleta), ou me aventurei na sala de jantar.

Bill nunca havia me dito exatamente onde ele dormia durante o dia. Compreendia que tal parte do conhecimento era um segredo vampiresco enorme. Mas eu sou razoavelmente alerta, e eu tive um tempo para descobrir o local quando estávamos namorando. Embora eu tivesse certeza que havia mais de um lugar igualmente secreto, um canto em algum lugar sob a despensa na cozinha. Ele reformou a cozinha e instalou uma jacuzzi para criar uma espécie de área de spa em vez de um lugar para cozinhar — que ele não precisava — mas ele havia deixado um pequeno comodo separado intacto. Eu não sabia se tinha sido uma despensa ou um quarto de empregada. Abri a nova porta com venezianas e entrei, fechando-a atrás de mim. Hoje, as prateleiras estranhamente altas continham apenas algumas embalagens com seis garrafas de sangue e uma chave de fenda. Bati no chão, na parede. No meu pânico, e no barulho da tempestade lá fora, eu não poderia detectar qualquer diferença no som. Eu disse, — Bill, deixe-me entrar. Onde você estiver, deixe-me entrar, — como uma personagem de uma história sombria de fantasmas.

Eu não ouvi nada, naturalmente, apesar de eu ter escutado por alguns segundos em silêncio absoluto. Nós não compartilhamos sangue há um longo tempo, e ainda era dia, mas não seria por muito tempo.

Besteira, pensei. Então, avistei uma linha fina nas placas, junto à soleira da porta. Olhei atentamente e percebi que a linha fina continuava ao redor das bordas. Eu não tive tempo para examinar mais de perto. Meu coração batia com um som surdo, por puro instinto e desespero eu trespassei a chave de fenda na linha e a usei como alavanca. Havia um buraco, e nele eu mergulhei, levando comigo a chave de fenda e fechei a escotilha atrás de mim. Eu percebi que as prateleiras deviam ser altas para permitir que a porta balançasse. Eu não sabia onde estavam escondidas as dobradiças e eu não me importei.

⁵⁹ É uma cadeia de lojas de departamento de desconto.





Por um longo, longo momento eu fiquei simplesmente sentada nua e ofegante num amontoado de terra embalada, tentando não me revelar. Eu não havia me movido tão rápido, por tanto tempo, desde... desde a última vez que eu estava fugindo de alguém que queria me matar.

Eu pensei, *eu tenho que mudar meu estilo de vida*. Não era a primeira vez que eu pensei que, pela primeira vez eu resolveria encontrar um caminho mais seguro para viver.

De qualquer forma essa não era ocasião para reflexão profunda. Era hora de rezar para quem quer que seja que tinha arremessado árvore em cima da minha entrada para carros, que esse mesmo “quem quer que seja” não me encontrasse nessa casa completamente nua e indefesa, me escondendo no subsolo com... Onde estava Bill? É claro, estava muito escuro com a escotilha fechada, e uma vez que não havia qualquer luz acesa na casa, nada atravessaria o contorno da abertura por causa da porta da despensa e o dia escuro de chuva. Eu tateei ao redor no escuro à procura de meu anfitrião involuntário. Talvez ele estivesse em outro esconderijo? Fiquei surpresa em como aquilo era um espaço grande. Enquanto eu procurava, eu tive tempo para imaginar todo o tipo de insetos. Cobras. Quando você está completamente pelada, você não gosta da ideia de coisas tocando áreas que raramente encontra o solo descoberto. Eu engatinhei e bati de leve, e de vez em quando saltava conforme eu sentia (ou imaginava) pezinhos na minha pele.

Finalmente eu localizei Bill em um canto. Ele ainda estava morto, claro. Um pouco mais para meu espanto, meus dedos me informaram que ele estava nu, também. Certamente aquilo era prático. Por que deixar suas roupas sujas? Eu sabia que ele dormia do lado de fora dessa forma quando era necessário. Fiquei tão aliviada por fazer contato com ele que eu realmente não me importei se ele estava vestido.

Tentei calcular quanto tempo havia tomado a viagem inteira de volta do Merlotte's, há quanto tempo eu tinha corrido pelo bosque. Minha melhor estimativa era que eu tinha cerca de trinta ou quarenta e cinco minutos antes de Bill acordar.

Agachei-me sobre ele, segurando a chave de fenda, escutando com toda força para capturar qualquer som que eu podia. Podia ser que eles — os misteriosos “Eles” — não localizariam minhas pegadas aqui, ou minhas roupas. Se minha sorte fosse consistente, é claro que se eles localizassem as roupas e os sapatos, e soubessem que significava que eu tinha entrado na casa, eles entrariam, também.

Abstive-me um pouco da repulsa pelo fato de eu ter corrido para o homem mais próximo por proteção. No entanto, me consolei, não foi tanto pelos músculos dele que eu quis o abrigo da sua casa. Quer dizer que tudo bem, certo? Eu não estava muito preocupada com o politicamente correto no momento. Sobrevivência estava mais no topo





da minha lista. E Bill não estava exatamente à minha disposição, assumindo que ele esteja disposto...

— Sookie? — ele murmurou.

— Bill, graças a Deus você está acordado.

— Você está sem roupa.

Confie em um homem que mencione isso primeiro. — Totalmente, e eu vou lhe dizer por que —

— Não posso levantar ainda, — ele disse. — Deve estar... nublado?

— Tem razão, grande tempestade, escuro como o inferno lá fora, e há pessoas —

— Tá, mais tarde. — E ele estava desligado de novo.

Merda! Então me agachei perto do corpo dele e escutei. Eu tinha deixado a porta da frente destrancada? É claro que eu tinha. E no segundo que eu fiquei ciente, eu ouvi em cima uma tábua do assoalho ranger. Eles estavam na casa.

— ... sem pingos, — disse uma voz, provavelmente do vestibulo. Comecei a rastejar até a porta da escotilha para que eu pudesse ouvir... mas eu hesitei. Havia pelo menos uma chance de que se eles encontrassem a escotilha e a sacudissem para abrir, eles ainda não veriam Bill e eu. Estávamos afastados num canto, e era um espaço muito grande. Talvez tivesse sido uma espécie de adega, algo próximo de uma adega que você poderia chegar em um lugar que tinha um nível de lençol freático alto.

— É, mas a porta estava aberta. Ela deve ter entrado aqui. — Era uma voz nasalada, e era um pouco mais fechada do que devia ter sido.

— E ela voou sobre o chão, sem deixar pegadas? Chovendo tão forte como está lá fora? — A voz sarcástica era um pouco mais profunda.

— Nós não sabemos o que ela é. — Cara nasalado.

— Não é uma vampira, Kelvin. Nós sabemos disso.

Kelvin disse, — Talvez ela seja uma mulher-pássaro ou algo assim, Hod.

— Mulher-pássaro? — O bufar de incredulidade ecoou na casa escura. Hod sabia ser realmente sarcástico.



— Você viu as orelhas daquele cara? Aquilo foi inacreditável. Você não pode excluir nada, atualmente, — Kelvin avisou seu amigo.

Orelhas? Eles estavam falando sobre Dermot. O que eles fizeram com ele? Eu estava envergonhada. Esta foi a primeira vez que eu pensei que poderia ter sobrevivido ao meu tio-avô.

— Tá, e? Ele deve ser um daqueles ligados em ficção científica. — Hod não soou como se ele estivesse prestando muita atenção ao que Kelvin estava dizendo. Ouvi armários abrindo e fechando. De jeito nenhum eu poderia ter ficado em qualquer um desses lugares.

— Não, cara, eu tenho certeza que elas eram reais. Sem cicatrizes ou qualquer coisa. Talvez eu devesse ter tirado uma.

Tirado uma? Eu tremi.

Kelvin, que estava mais perto da despensa que Hod, acrescentou, — Eu estou indo para o andar superior, investigar os quartos lá em cima. — Eu ouvi o som de suas botas diminuírem, ouvi o rangido longínquo da escada, seus passos abafados pela superfície atapetada. Muito vagamente, eu segui alguns de seus movimentos no segundo andar. Eu soube quando ele ficou diretamente acima de mim, no cômodo que eu percebi que era o quarto principal, onde eu tinha dormido quando eu estava namorando Bill.

Enquanto Kelvin se afastou, Hod vagou para lá e para cá, mas para mim ele não parecia muito determinado.

— Certo... não há ninguém aqui, — anunciou Kelvin quando ele voltou para a cozinha antiga. — Gostaria de saber por que há uma jacuzzi na casa?

— Há um carro lá fora, — disse Hod com ponderação. Sua voz estava muito mais próxima, bem na frente da porta da despensa aberta. Ele estava pensando em voltar para Shreveport e tomar um banho quente, colocar roupas secas, talvez fazer sexo com sua esposa. Eca. Alguns detalhes além da conta junto com aquilo. Kelvin era mais prosaico. Ele queria receber o pagamento, então ele queria me entregar. Para quem? Droga, ele não estava pensando nisso. Meu coração ficou apertado, embora eu tivesse jurado que o coração já estava debaixo dos dedos dos meus pés. Meus pés descalços. Fiquei contente, pois eu havia pintado minhas unhas recentemente. Irrelevante!

Uma linha de luz brilhante apareceu de repente no fino contorno da escotilha ou alçapão ou o que quer que Bill chame aquilo. A luz havia sido ligada na despensa. Eu



fiquei imóvel como um rato, tentando respirar superficialmente e silenciosamente. Eu pensei o quão péssimo Bill se sentiria se eles me matassem bem ao lado dele. Irrelevante!

Ele ficaria péssimo, no entanto.

Eu ouvi um rangido e percebi que um dos homens estava parado logo acima de mim. Se eu pudesse ter como desligar minha mente, eu desligaria. Eu estava tão consciente da vida nas mentes de outras pessoas que eu tinha dificuldade em acreditar que alguém podia ignorar um cérebro consciente, especialmente um tão agitado quanto o meu.

— Só tem sangue aqui, — disse Hod, tão perto que surpreendida dei um solavanco. — Do tipo de garrafa. Ei, Kelvin, esta casa deve pertencer a um vampiro!

— Não faz diferença nenhuma já que ele não está acordado. Ou ela. Ei, você já teve uma vampira?

— Não, e não quero ter. Eu não gosto de comer pessoas mortas. Naturalmente, algumas noites, Marge não fica muito melhor.

Kelvin riu. — É melhor não a deixar ouvir você dizer isso, mano.

Hod também riu. — Sem risco de acontecer.

E ele saiu da despensa. Não desligou a luz, idiota inútil! Evidentemente não era uma preocupação de Hod o fato de que Bill poderia saber que alguém esteve aqui. Então ele era realmente estúpido.

E então Bill acordou. Desta vez, ele ficou um pouco mais alerta, e no segundo em que eu senti seu movimento, me agachei em cima dele e coloquei minha mão sobre sua boca. Seus músculos contraíram, e eu tive tempo para pensar *Oh, não!* antes que ele me cheirasse, me conhecesse. — Sookie? — ele disse, mas não no volume máximo.

— Você ouviu alguma coisa? — disse Hod acima de mim.

Um longo momento dinâmico, escutando silêncio. — Shh, — eu respirei, direto no ouvido de Bill.

Uma mão fria subiu e desceu pela minha perna. Eu quase podia sentir — novamente — a surpresa de Bill quando ele percebeu que eu estava nua... novamente. E eu soube no instante o fato de que ele tinha ouvido uma voz acima de sua cabeça penetrando sua consciência.



Bill estava colocando tudo aquilo junto. Eu não sabia no que ele estava pensando, mas ele sabia que nós estávamos em apuros. Ele também sabia que havia uma mulher desnuda em cima dele, e outra coisa se contraiu. Ao mesmo tempo irritada e entretida, eu tive que prender meus lábios fechados numa risadinha. Irrelevante!

E então Bill dormiu de novo.

Será que o maldito sol nunca se poria? Suas voltas e reviravoltas estavam me deixando louca. Era como namorar alguém com perda de memória de curto prazo.

E eu tinha esquecido de ouvir e ficar aterrorizada.

— Não, eu não ouvi nada, — disse Kelvin.

Fiquei deitada em cima do meu anfitrião involuntário como se estivesse deitada em cima de uma almofada fria, dura e com pêlos.

E uma ereção. Para o que parecia ser pela décima vez, Bill tinha acordado.

Eu extingui um fôlego silencioso. Desta vez Bill estava completamente acordado. Ele colocou seus braços em volta de mim, mas ele foi cortês o suficiente para não se mover ou explorar, pelo menos por ora. Nós dois estávamos ouvindo, ele já tinha ouvido Kelvin falar.

201

Finalmente, a dupla de passos atravessou o piso de madeira, e ouvimos a porta da frente abrir e fechar. Eu sucumbi em alívio. Os braços de Bill estavam apertados e ele girou sobre mim ficando por cima.

— É Natal? — ele perguntou, pressionado contra mim. — Você é um presente adiantado?

Eu ri, mas ainda me mantinha imóvel. — Me desculpe a intromissão, Bill, — eu disse, muito baixo. — Mas eles estavam atrás de mim. — Expliquei-lhe muito brevemente, tendo o cuidado de dizer a ele onde minhas roupas estavam e por que estavam ali. Eu podia sentir seu peito levantar um pouco, e eu soube que ele estava rindo silenciosamente. — Estou realmente preocupada com Dermot, — eu disse. Eu estava falando quase num sussurro, o que tornava a escuridão curiosamente íntima, para não falar da grande área de pele que estávamos compartilhando.

— Você tem estado aqui em baixo há um tempo, — ele disse, sua voz a um nível normal.

— Sim.





— Eu vou sair para garantir se eles já partiram, já que você não vai me deixar ‘abrir’ mais cedo, — Bill disse, e levei um minuto para entender. Peguei-me sorrindo na escuridão. Bill gentilmente se desprendeu de mim, e eu vi a sua brancura movendo-se silenciosamente através da escuridão. Depois de um segundo prestando atenção, ele abriu a escotilha. A luz elétrica irritante inundou para baixo. Foi um contraste tão grande que eu tive que fechar meus olhos para deixar eles se ajustarem. Pelo tempo que eles se ajustaram, Bill tinha deslizado para fora da casa.

Eu não ouvi nada, não importa com quão empenho eu ouvia. Eu cansei de esperar — eu senti como se ficasse agachada sobre a terra exposta para sempre — e eu me arrastei para fora da escotilha com muito menos graça e muito mais ruído do que Bill. Eu desliguei as luzes que Hod e Kelvin tinham deixado ligadas, porque a luz pelo menos em parte me fazia sentir cerca de duas vezes mais nua. Eu espreitei com cuidado para fora de uma janela na sala de jantar. No escuro era difícil ter certeza, mas eu pensei que as árvores não estavam mais se debatendo com o vento. A chuva continuava sem esmorecer. Eu vi um raio para o norte. Eu não vi sequestradores ou corpos ou qualquer coisa que não pertencessem à paisagem encharcada.

Bill parecia não estar com nenhuma pressa de voltar para me dizer o que estava acontecendo. A antiga mesa de jantar estava coberta com uma espécie de xale com franja, e eu a puxei para fora da mesa e me enrolei nela. Eu esperava que não fosse algum tipo de herança dos Comptons. Ele tinha buracos e um grande padrão floral, então eu não fiquei tão terrivelmente preocupada.

— Sookie, — disse Bill à minhas costas, e gritei e pulei.

— Você poderia, por favor, não fazer isso? — Eu disse. — Eu tive surpresas ruins o suficiente por hoje.

— Desculpe, — ele disse. Ele tinha um pano de prato na mão e estava esfregando seu cabelo. — Eu entrei pela porta dos fundos. — Ele ainda estava nu, mas me sentiria ridícula por fazer qualquer tipo de menção por causa disso. Eu tinha visto Bill nu antes muitas vezes. Ele ficou me olhando de cima para baixo, uma espécie de expressão perplexa em seu rosto. — Sookie, você está usando o xale espanhol da minha tia Edwina? — ele perguntou.

— Oh, eu sinto muito, — eu respondi. — Realmente, Bill. Ele estava ali, e eu estava com frio e úmida e senti vontade de querer estar coberta. Eu peço desculpas. — Pensei em desembrulhá-lo e entregá-lo, mas reconsiderarei no mesmo instante.



— Fica melhor em você do que sobre a mesa, — disse ele. — Além disso, possui furos. Você está pronta para ir até sua casa para descobrir o que aconteceu com seu tio-avô? E onde estão suas roupas? Certamente... Aqueles homens despiram as roupas? Eles possuíram... Você está ferida?

— Não, não, — eu disse apressadamente. — Eu te disse que eu tive que me desfazer das minhas roupas para que eles não vissem os pingos. Elas estão na frente atrás dos arbustos. Eu não poderia deixá-las à vista, é claro.

— Certo, — disse Bill. Ele parecia muito pensativo. — Se eu não a conhecesse melhor, pensaria que — e me perdoe se eu ofender — que você inventou todo este cenário como desculpa por querer dormir comigo novamente.

— Ah. Quer dizer, você quase pôde imaginar que eu inventei esta história de modo que eu pudesse aparecer nua e em necessidade de ajuda, a donzela em perigo, precisando do fortão e igualmente nu vampiro Bill para me salvar dos sequestradores do mal?

Ele fez que sim com a cabeça, parecendo um pouco embaraçado.

— Eu desejo ter bastante tempo livre para não fazer nada de útil e pensar em coisas assim. — Eu admirava a mente que podia conceber tal caminho tortuoso para conseguir o que queria. — Eu acho que simplesmente bater à sua porta e parecer solitária provavelmente me levaria aonde eu queria estar, se esse fosse o meu objetivo. Ou eu poderia apenas dizer, ‘O que você acha de... garotão?’ Eu não acho que eu preciso estar nua e em perigo para te deixar libidinoso. Certo?

— Você está absolutamente certa, — ele respondeu, e estava sorrindo um pouco. — E a qualquer hora que você quiser tentar um desses outros truques, eu ficaria feliz em fazer o meu papel. Devo pedir desculpas novamente?

Eu sorri de volta. — Não precisa. Eu suponho que você não tenha capas de chuva?

Claro que ele não tinha, mas tinha um guarda-chuva. Em pouco tempo ele havia buscado minhas roupas atrás dos arbustos. Enquanto eu os torcia e os pus na sua secadora, ele subiu correndo as escadas para seu quarto, que ele nunca tinha dormido, para vestir calça jeans e uma regata — muito pobre, para Bill.

Minhas roupas iriam levar muito tempo para secar, então vestida com o xale espanhol da tia Edwina e protegida por um guarda-chuva azul de Bill, eu entrei em seu carro. Ele saiu para a Estrada Hummingbird até a minha casa. Colocando o carro no estacionamento, Bill pulou para remover o tronco de árvore da entrada para carros tão





facilmente como se ele fosse um palito de dente. Nós retomamos o nosso caminho para a casa, parando perto do meu pobre carro, a porta do motorista ainda estava aberta na chuva. O interior estava encharcado, mas os meus pretensos seqüestradores não tinham feito nada nele. A chave ainda estava na ignição, minha bolsa ainda estava no banco da frente junto com os demais mantimentos.

Bill olhou a jarra plástica de leite quebrada, e me perguntei em qual eu havia atingido, Hod ou Kelvin.

Nós dois alcançamos a porta dos fundos, mas enquanto eu ainda estava reunindo o meu saco de supermercado e minha bolsa, Bill estava fora e dentro da casa. Eu tive um segundo de qualidade para considerar sobre de que maneira eu estava me preparando para secar totalmente meu carro antes de me manter concentrada na próxima crise. Pensei no que havia acontecido com Cait a fada, e a preocupação com o estofamento do carro saiu da minha cabeça com velocidade gratificante.

Eu pisei na minha casa desajeitadamente. Eu estava tendo problemas para me arranjar com o meu embrulho, o guarda-chuva, minha bolsa, o saco contendo o sangue engarrafado, e meus pés descalços. Eu podia ouvir Bill se movendo pela casa, e eu soube quando ele descobriu alguma coisa, porque ele chamou, — Sookie! — numa voz urgente.

Dermot estava inconsciente no chão do sótão perto da lixadeira que ele tinha alugado, que estava do seu lado e desligada. Ele havia caído para frente, assim eu percebi por que ele estava de costas para a porta com a lixadeira em movimento quando eles entraram na casa. Quando ele percebeu que não estava sozinho e desligou a lixadeira, tinha sido tarde demais. Seu cabelo estava coagulado com sangue, e a ferida parecia horrível. Eles estavam carregando pelo menos uma arma, então.

Bill estava curvado rijamente sobre a figura imóvel. Sem virar para mim ele disse, — Eu não posso dar a ele o meu sangue, — como se eu tivesse exigido.

— Eu sei, — eu disse, surpresa. — Ele é fada. — Eu circundei para ajoelhar no outro lado de Dermot. Eu estava em uma posição para ver o rosto de Bill.

— Afaste-se, — eu disse. — Afaste-se. Vá para baixo agora. — O cheiro do sangue de fada, intoxicante para um vampiro, deve ter parecido para Bill como se ele tivesse enchido o sótão.

— Eu poderia apenas lambar para limpar, — disse Bill, seus olhos escuros fixos na ferida com anseio.



— Não, você não iria parar. Afaste-se, Bill! Saia! — Mas seu rosto afundou mais baixo, mais perto da cabeça de Dermot. Eu puxei para longe e esbofetei Bill tão forte quanto eu poderia.

— Você tem que ir, — eu disse, mas eu queria muito pedir desculpas que me fez tremer. O olhar no rosto de Bill estava horrível. Raiva, desejo, a luta pelo autocontrole...

— Estou com tanta fome, — ele sussurrou, seus olhos me engolindo. — Alimente-me, Sookie.

Por um segundo, eu estava certa que a hora da má opção estava sobre mim. A pior opção seria deixar Bill morder Dermot. A seguinte pior seria deixar Bill me morder, porque com o cheiro inebriante de fadas no ar eu não tinha certeza se ele seria capaz de parar a tempo. Enquanto tudo aquilo passava pela minha mente, Bill estava lutando para dominar a si mesmo. Ele conseguiu... mas apenas pelo mais fino dos fios.

— Eu vou verificar para ver se eles partiram, — ele disse, saltando para a escada. Mesmo que seu corpo estivesse em guerra consigo. Evidentemente, cada instinto seu estava lhe dizendo para beber sangue de alguma forma, de alguma maneira, dos dois saborosos doadores tentadores à mão, enquanto sua mente estava lhe dizendo para ficar bem longe antes que algo terrível acontecesse. Se eu tivesse uma pessoa reserva por perto, eu não tenho certeza se eu não teria jogado ela para Bill, eu me senti muito triste por ele.

205

Mas ele conseguiu descer as escadas, e eu ouvi a porta bater atrás dele. No caso dele perder o controle, corri escada abaixo para trancar as duas portas traseiras assim pelo menos eu teria um pequeno aviso se ele voltasse. Olhei pela janela da sala de estar para ter certeza que a porta da frente estava trancada, como eu a tinha deixado. Sim. Antes que eu retornasse lá em cima até Dermot, fui buscar minha espingarda do meu armário da frente.

Ela ainda estava lá, e eu me deixei saborear um momento de alívio. Tive sorte que os homens não a haviam roubado. Sua busca deve ter sido superficial. Tenho certeza que eles teriam visto algo tão valioso como a arma se eles não tivessem estado à procura de algo muito maior — eu.

Com a Benelli na minha mão eu me senti muito melhor, e eu agarrei o kit de primeiros socorros para fazer uso dele. Eu andei pesadamente pelas escadas para ajoelhar novamente pelo meu tio-avô. Eu estava ficando extremamente aborrecida de lidar com o xale enorme, que desenrolava nos momentos mais inconvenientes. Gostaria de saber de maneira resumida como as mulheres indianas improvisavam, mas eu simplesmente não podia não ter pressa para vestir até eu ter ajudado Dermot.



Com um chumaço de lenços estéreis, eu limpei o sangue da cabeça dele assim eu poderia inspecionar os danos. Parecia ruim, mas eu tinha previsto aquilo; golpes na cabeça sempre são ruins. Pelo menos esta não estava de qualquer modo sangrando mais em grande quantidade. Enquanto eu trabalhava na cabeça de Dermot, eu estava tendo um feroz debate interno sobre chamar uma ambulância. Eu não tinha certeza de que a equipe da ambulância seria capaz de entrar sem a interferência de Hod e Kelvin — não, isso poderia ser uma preocupação. Bill e eu chegamos até aqui sem sermos interrompidos.

Mais importante, eu não tinha certeza se a fisiologia das fadas era compatível com as técnicas médicas humanas — o suficiente para que humanos e fadas pudessem cruzar raças, eu sabia, o que deduzi que os primeiros socorros humano daria certo, mas ainda assim... Dermot gemeu e rolou sobre suas costas. Coloquei uma toalha sob a sua cabeça na hora certa. Ele fez uma careta.

— Sookie, — disse ele. — Por que você está vestindo uma toalha de mesa?



Capítulo Doze

— VOCÊ TEM SUAS DUAS ORELHAS, — Eu o assegurei, sentindo uma onda de alívio tão forte que eu quase cai. Toquei levemente as pontas assim ele poderia ter certeza.

— Por que eu não teria? — Dermot ficou confuso, e considerando a quantidade de sangramento que ele teve, eu estava certa de que era compreensível. — Quem me atacou?

Olhei para ele e não consegui decidir o que fazer. Eu tive que fazer um sacrifício. Liguei para Claude.

— Telefone do Claude, — disse uma voz profunda que eu descobri como pertencente ao Bellenos, o elfo.

— Bellenos é Sookie. Não sei se você lembra-se de mim, mas eu estive aí outro dia com meu amigo Sam?

— Sim, — ele respondeu.

— A situação é a seguinte. Alguém atacou Dermot, ele está machucado, e eu preciso saber se há algo que eu deveria ou não fazer com um fae ferido. Nada além do que você faria para um humano.

— Quem o machucou? — A voz de Bellenos ficou mais atenta.

— Dois caras humanos que forçaram a entrada da casa para me levar. Eu não estava aqui, mas Dermot estava, tinha uma máquina funcionando, ele não pôde ouvir muito bem, e parece que eles o teriam atingido na cabeça. Eu não sei com o que.

— O sangramento parou? — ele perguntou, e eu podia ouvir a voz de Claude no fundo.

— Sim, está coagulado.

Houve um burburinho de vozes enquanto Bellenos se consultava com várias pessoas, ou pelo menos foi o que soou parecido.



— Estou chegando, — Bellenos disse por fim. — Claude me disse que ele não é bem-vindo em sua casa agora, então eu estou indo em seu lugar. Vai ser bom sair deste edifício. Sem outros humanos por perto além de você? Eu não posso permitir.

— Ninguém além de mim, pelo menos por ora.

— Eu estarei aí em breve.

Relatei esta informação para Dermot, que pareceu simplesmente intrigado. Ele me disse algumas vezes que não entendia por que estava no chão, e eu comecei a ficar preocupada. Pelo menos ele parecia contente em continuar ali.

— Sookie! — Antes de ter começado a chover, Dermot havia aberto as janelas por causa do lixamento. Eu podia ouvir Bill claramente.

Arrastei-me até a janela com a minha oscilante franja.

— Como ele está? — Bill perguntou, permanecendo bem longe. — Como posso ajudar?

— Você tem sido maravilhoso, — eu falei, querendo dizer isso. — Um dos fae de Monroe está vindo, Bill, então é melhor você voltar para sua casa. Quando minha roupa secar, você poderia apenas deixá-la nos degraus da minha escada dos fundos um dia desses quando não estiver chovendo? Ou você pode só deixá-la na sua varanda da frente, eu posso apanhá-la a qualquer hora.

— Eu sinto que falhei contigo, — ele disse.

— Como assim? Você me deu um lugar para me esconder; você limpou minha entrada para carros; você inspecionou o lado de fora da casa para que assim ninguém pudesse me emboscar de novo.

— Eu não os matei, — ele disse. — Eu gostaria.

Não me senti de modo algum nem mesmo arrepiada por parte da sua confissão. Eu estava me acostumando com pronunciamentos drásticos. — Ei, não se preocupe com isso, — eu o assegurei. — Alguém irá, se eles continuarem fazendo coisas como esta.

— Você tem alguma ideia de quem os contratou?

— Eu temo que não. — Eu realmente lamentava aquilo. — Eles iam me amarrar em algum veículo e me levar para algum lugar. — Eu não tinha visto o veículo em seus pensamentos, então aquela parte ficou pouco clara.





— Onde o carro deles estava estacionado?

— Não sei. Eu nunca vi um. — Eu não tive exatamente tempo para pensar naquilo.

Bill olhou para mim com saudades. — Eu me sinto inútil, Sookie. Eu sei que você precisa de ajuda para ele descer as escadas. Mas não me atrevo tentar me aproximar dele novamente.

Bill virou a cabeça com uma rapidez que me fez piscar. Então ele se foi.

— Estou aqui, — gritou uma voz pela porta dos fundos. — Eu sou Bellenos o elfo, vampiro. Diga a Sookie que eu estou aqui para ver meu amigo Dermot.

— Um elfo. Eu não vejo um de vocês há mais de cem anos, — ouvi a voz de Bill, muito mais tênue.

— E você não vai ver novamente por outros cem, — a voz profunda de Bellenos respondeu. — Não restaram muitos de nós.

Desci as escadas novamente, tão rápido quanto eu podia sem quebrar meu pescoço. Abri a porta de trás e cruzei a varanda para destrancar a porta. Eu podia ver ambos, o elfo e o vampiro, através do vidro.

— Já que você está aqui, eu seguirei meu caminho, — disse Bill. — Eu não posso ser de alguma ajuda. — Ele estava no quintal. A implacável luz de segurança montada no poste o fez parecer mais branco que o branco, verdadeiramente alienígena. A chuva estava só gotejando agora, mas o ar cheirava com abundante umidade. Eu não acho que iria parar por muito tempo.

— Intoxicação por fadas? — Bellenos perguntou. Ele estava pálido demais, mas ninguém poderia ser mais desbotado do que um vampiro. As sardas marrons claras de Bellenos pareciam pequenas sombras em seu rosto, seu cabelo liso parecia um ruivo ainda mais escuro. — Elfos cheiram diferente das fadas.

— Sim, você cheiram, — respondeu Bill, e eu podia ouvir o desgosto em sua voz. O cheiro de Bellenos parecia repelir pelo menos um vampiro. Talvez eu pudesse lixar algumas células da pele de Bellenos para espalhar sobre meu tio-avô assim eu poderia manter vampiros do outro lado. Oh, Deus, o que eu vou fazer sobre o encontro com Eric e Pam?

— Vocês dois ficarão trocando saudações educadas? — Eu gritei. — Porque Dermot pode necessitar de alguma ajuda.



Bill desapareceu no bosque, e eu abri a porta para o elfo. Ele sorriu para mim, e foi difícil não se contorcer quando vi o longo, dente pontudo.

— Entre, — eu disse, embora eu soubesse que ele poderia entrar sem ser convidado.

Conforme eu o conduzi através da cozinha, ele ficou olhando em volta com alguma curiosidade. Eu suspendi minha rastejadora manta para precedê-lo no andar de cima, e eu desejei que Bellenos não estivesse recebendo muito de uma visualização completa. Quando chegamos ao sótão, antes que eu pudesse dizer qualquer coisa o elfo ficou de joelhos ao lado de Dermot. Após uma análise rápida, Bellenos rolou a fada para o lado para examinar a ferida. Os olhos castanhos curiosamente inclinados estavam atentos no seu amigo ferido.

Bem, ele pode ter espiado um pouco para meus ombros nus.

Mais que um pouco.

— Você precisa se cobrir, — disse Bellenos de forma direta. — Isso é muita pele humana para mim.

Ok, eu tinha interpretado aquilo totalmente errado, para meu constrangimento. Assim como Bill foi repellido pelo cheiro de Bellenos, Bellenos foi repellido pela minha visão.

— Eu ficarei contente por colocar roupas de verdade agora que há alguém para ficar com Dermot.

— Bom, — Bellenos disse.

Tão brusco como Claude poderia ser, Bellenos o tinha superado. Era na verdade quase divertido. Pedi para Bellenos transportar Dermot até o quarto de hóspedes no andar térreo, e eu os precedi para certificar que o quarto estivesse ok. Depois de uma olhada superficial para garantir que a colcha estivesse estendida sobre os lençóis, me movi para um lado para Bellenos, que carregava Dermot tão facilmente como se ele fosse uma criança, embora Dermot fosse certamente menos manobrável na escadaria estreita.

Enquanto Bellenos arrumava Dermot na cama, me movi depressa para dentro do meu quarto para me vestir. Eu não te posso dizer que foi um alívio desatar o xale de franjas e florido e vestir um jeans (não shorts, em deferência à aversão de Bellenos de pele humana). Estava quente demais para sequer pensar em uma camisa de mangas longas, mas meus ombros ofensivos foram devidamente cobertos com uma camiseta listrada.





Dermot estava inteiramente consciente quando retornei para vê-lo. Bellenos estava ajoelhado ao lado da cama, acariciando os cabelos dourados de Dermot e falando com ele numa língua que eu não conhecia. Meu tio-avô estava alerta e lúcido. Meu coração se acalmou em um ritmo mais feliz até mesmo quando Dermot sorriu para mim, embora fosse uma sombra de seu sorriso habitual.

— Eles não a machucaram, — disse ele, obviamente aliviado. — Até aqui, sobrinha, parece que morar contigo é mais perigoso do que ficar com a minha própria espécie.

— Sinto muito, — eu disse, sentando na beira da cama e tomando sua mão. — Eu não sei como eles conseguiram entrar na casa com as proteções instaladas. Pessoas que pretendem me prejudicar hipoteticamente não são capazes de entrar, estando eu aqui ou não.

Apesar de sua perda de sangue, Dermot ruborizou. — Isso seria minha culpa.

— O quê? — Fiquei olhando para ele. — Por quê?

— Era magia humana, — ele respondeu, não encontrando meus olhos. — Sua amiga bruxinha, ela é bastante boa para uma humana, mas a magia fae é muito, muito melhor. Então eu desconstruí os feitiços dela, e planejei colocar meu próprio em torno de sua casa logo assim que eu terminasse de lixar o chão.

Eu realmente não conseguia pensar em uma coisa para dizer.

Houve um pequeno momento de silêncio desagradável.

— É melhor cuidarmos da sua cabeça, — eu disse rapidamente. Limpei um pouco mais e untei a ferida com Neosporin. Eu certamente não iria tentar costurá-la, porém me pareceu que alguém deveria. Quando eu mencionei pontos, ambos os fae pareceram absolutamente enojados com a ideia. Eu coloquei algumas bandagens em borboleta sobre a ferida para mantê-la fechada. Eu calculei que era o melhor que podia fazer.

— Agora eu vou tratá-lo, — disse Bellenos, e eu fiquei satisfeita por saber que ele pretendia fazer algo mais ativo do que carregar Dermot pelas escadas até a cama. Não que isso não tinha sido uma ajuda, mas eu esperava um pouco mais, de alguma forma. — É claro que o sangue de quem lhe prejudicou seria melhor, e talvez possamos fazer algo sobre isso, mas por ora...

— O que você vai fazer? — Eu esperava que pudesse assistir e aprender.



— Vou respirar dentro dele, — respondeu Bellenos, como se eu fosse uma idiota por não saber disso. Meu espanto o assustou. Ele deu de ombros, como se eu fosse muito ignorante para as palavras. — Você pode assistir se quiser. — Ele olhou para Dermot, que concordou, então recuou.

Bellenos se esticou na cama ao lado de Dermot e o beijou.

Eu certamente nunca pensei em curar um ferimento na cabeça desse jeito. Se a minha falta de conhecimento dos jeitos fae havia sido uma surpresa para ele, isso foi uma surpresa para mim.

Depois de um segundo eu entendi que apesar das suas bocas estarem juntas, o elfo estava respirando o ar em seus próprios pulmões para dentro de Dermot. Depois de descolar para absorver outra golfada de ar, Bellenos repetiu o procedimento.

Tentei imaginar um médico humano tratando um paciente desta forma. Processo! Embora eu pudesse dizer que não era sexual — bem, não abertamente — isso foi um tanto pessoal para mim. Esta poderia ser uma boa hora para limpar. Eu recolhi os lenços estéreis usados e ataduras para lançar na lata de lixo da cozinha, e enquanto fiquei sozinha, eu levei um tempo para ter raiva.

É, magia fae provavelmente era poderosa, *quando você a usava*. Os feitiços de Amelia podem ter sido humanos e, portanto inferiores, *mas eles estavam instalados para me proteger*. Até Dermot tê-los retirado... e me deixado com nada. — Burro, — eu murmurei, e esfreguei o balcão com bastante pressão para matar os germes pela força. Aquilo foi quase tão louco quanto eu poderia entender, já que a lógica de superioridade equivocada de Dermot tinha terminado em atrair sobre si um grave ferimento na cabeça.

— Ele está descansando e curando. Muito em breve, ele e eu teremos coisas que devemos fazer, — disse Bellenos. Ele entrou na cozinha, atrás de mim, sem a minha percepção, tanto quanto uma mudança do ar. Ele realmente gostou de me assistir pular. Ele gargalhou, o que foi esquisito, porque ele riu com sua boca aberta como se estivesse ofegante. Seu riso era mais um “heeheehee” sufocado do que uma gargalhada humana.

— Ele é capaz de se mover? — Fiquei encantada, mas surpresa.

— Sim, — respondeu Bellenos. — Além disso, ele me disse que você terá vampiros chegando mais tarde, e ele precisará estar em outro lugar, de qualquer maneira.

Pelo menos Bellenos não me reprovou por esperar os convidados vampiros, e ele também não me pediu para cancelar os meus planos para ajudar na lesão de Dermot.



Eu tinha considerado ligar para o celular de Eric para adiar nossa reunião. Mas eu pensei que era perfeitamente possível que Hod e Kelvin fossem partes integrantes da mesma disputa, se bem que uma parte desajeitada.

— Espere aqui um minuto, por favor, — eu disse educadamente, e eu fui conversar com Dermot. Ele estava encostado na cama, e eu reservei um segundo para agradecer Amelia por fazê-la antes de partir, embora eu precisasse mudar os lençóis, mas eu poderia fazer isso no meu tempo livre — ok, ocasião para parar de fazer notas de organização doméstica, uma vez que Dermot estava parecendo completamente abatido e corajoso. Quando me sentei perto dele, ele me agarrou num abraço surpreendentemente forte. Eu devolvi o abraço com afeição.

— Eu sinto muito que aconteceu isso contigo, — eu disse. Eu contornei toda a questão da proteção. — Você tem certeza que quer ir para Monroe? Eles irão cuidar de você de verdade? Posso cancelar a coisa para hoje à noite. Eu ficaria feliz em cuidar de você.

Dermot ficou em silêncio por um momento. Eu podia sentir a respiração dele em meus braços, e o cheiro de sua pele me rodeava. Naturalmente ele não cheirava como Jason, embora pudessem ter sido gêmeos.

— Obrigado por não ter chutado meu traseiro, — ele disse. — Vê, eu já domino a fala humana moderna. — Ele conseguiu dar um sorriso verdadeiro. — Eu vou te ver mais tarde. Bellenos e eu temos uma missão para ser concluída.

— Você precisa ir com calma. Você foi severamente ferido. Como está se sentindo?

— Melhor a cada momento. Bellenos compartilhou sua respiração comigo, e eu estou animado acerca da caça.

Ok, eu não entendi muito bem aquilo, mas se ele estava satisfeito, eu fiquei satisfeita. Antes que eu pudesse lhe fazer perguntas, ele disse, — Eu falhei com você com respeito às proteções, e eu não parei os intrusos. Enquanto eu estive deitado lá, eu temi que eles tivessem encontrado você.

— Você não deveria ter se preocupado comigo, — eu disse, e fui sincera, embora eu tivesse certeza que ele tinha agradecido. — Escondi-me lá no Bill e eles não me encontraram.

Enquanto Dermot e eu estávamos abraçados, um abraço que estava durando um pouquinho demais, eu podia ouvir Bellenos lá fora. Ele estava circulando pela casa na chuva (que tinha começado novamente) e na escuridão, e sua voz subia e caía. Eu só



consegui pegar trechos do que ele estava dizendo, mas era em outra língua e o seu significado se dispersou em mim. Dermot pareceu satisfeito, e isso foi reconfortante.

— Eu vou fazer isso por você, — disse Dermot, liberando-me gentilmente.

— Não há necessidade, — eu disse. — Eu estou bem, e já que você não tem nenhum dano permanente, vamos apenas dizer que foi uma experiência de aprendizagem. — Como tal, não se apaga proteções sem colocar novas.

Dermot se pôs de pé, e ele aparentava estar muito estável. Seus olhos estavam brilhando. Ele parecia... animado, como se estivesse indo para uma festa de aniversário ou algo assim.

— Você não precisa de uma capa de chuva? — Eu sugeri.

Dermot gargalhou, colocou suas mãos sobre os meus ombros, e me beijou. Meu coração pulou em estado de choque, mas eu reconheci a postura. Ele estava respirando dentro de mim.

Por alguns segundos eu pensei que eu seria estrangulada ou sufocada, mas de alguma forma eu não fui, e depois acabou.

Ele sorriu para mim e então se foi. Ouvi as portas traseiras baterem depois dele, e eu virei para a janela para ver um borrão à medida que ele e Bellenos desapareceram no bosque escuro.

Eu não conseguia pensar em nada para fazer depois de uma crise como aquela. Eu tirei o sangue do chão no sótão, coloquei o xale na pia da cozinha para deixar de molho com um pouco de Woolite⁶⁰, e mudei os lençóis no quarto de hóspedes.

Depois disso eu tomei um banho. Eu precisava lavar o cheiro de fadas de cima de mim antes que Eric e Pam chegassem aqui. Além de que, depois de ter sido encharcada com chuva, meu cabelo era só uma massa de sujeira. Eu me vesti — de novo — e sentei por um minuto ou dois na sala de estar, para assistir o Weather Channel enfatizando a grande tempestade.

A próxima coisa de que eu tive conhecimento, eu estava acordando com areia na minha boca. O Weather Channel ainda estava ligado, e Eric e Pam estavam batendo na porta da frente.

⁶⁰ Detergente para lavar roupas. <http://www.woolite.com/img/packs.png>





Eu cambaleei de um lado a outro para destrancá-la, tão dolorida como se alguém tivesse me chutado enquanto eu dormia. Eu estava sentindo o resultado de minha corrida desesperada através da chuva.

— O que aconteceu? — Eric perguntou, segurando meus ombros e me dando uma olhada estreita.

Pam estava farejando o ar, sua cabeça loira atirada para trás dramaticamente. Ela me deu um sorriso de lado. — Ooooh, quem tem se divertido... Espera... Um elfo, uma fada, e Bill?

— Você está tomando aulas de rastreamento com Heidi? — Eu perguntei fraca.

— Na realidade, eu estou, — respondeu ela. — Há uma arte de desenhar no ar para provar isso, já que nós não precisamos mais respirar.

Eric ainda estava esperando, e não pacientemente.

Lembrei-me que havia comprado para eles certa quantidade de sangue engarrafado, e eu fui para a cozinha para aquecê-lo com os dois vampiros seguindo atrás. Enquanto eu fiquei cuidando da parte da hospitalidade da noite, dei-lhes a versão Reader's Digest⁶¹ da minha aventura.

215

Alguém bateu na porta dos fundos.

O ar se tornou elétrico. Pam deslizou através da porta para a varanda, a destrancou, saindo para a porta dos fundos. — Sim? — Eu a ouvi dizer.

Houve uma resposta abafada numa voz profunda. Bellenos.

— Sookie, você está sendo solicitada! — Pam gritou. Ela parecia muito entretida com algo.

Eu fiquei curiosa à medida que eu saí na varanda, Eric bem atrás de mim.

— Oh, ela ficará tão impressionada, — Pam estava dizendo, soando tão satisfeita como eu soava quando alguém me trazia alguns produtos frescos da sua horta.

— Que consideração da sua parte. — Ela deu passagem para que eu pudesse apreciar meu presente.

Jesus Cristo, Pastor da Judéia.

⁶¹ Reader's Digest, revista americana que publica versões resumidas de artigos variados de diferentes fontes.





Meu tio-avô Dermot e Bellenos estavam parados na chuva gotejante, cada um segurando uma cabeça decepada.

Deixe-me apenas dizer aqui que, normalmente, eu tenho um estômago muito forte, mas a chuva não era a única coisa que estava pingando, e as cabeças estavam com as faces voltadas para frente então eu peguei uma boa olhada em cada uma delas. A visão me dominou de uma forma muito drástica. Virei-me e corri para o meu banheiro, batendo a porta atrás de mim. Esforcei-me para vomitar e vomitei e ofeguei até ter recuperado um pouco do meu equilíbrio. Naturalmente, eu precisava escovar meus dentes, lavar meu rosto e pentear meu cabelo depois de perder tudo do meu estômago... embora não tivesse sido muito, porque eu simplesmente não conseguia me lembrar por quanto tempo a comida permaneceu desde que eu havia comido. Eu tive um biscoito no café da manhã... Oh. Não é de admirar que eu estivesse nauseada. Eu não havia comido nada desde então. Eu sou uma garota que gosta de suas refeições, portanto isso não foi uma tática de perda de peso. Eu somente estive muito ocupada colidindo de crise em crise. Prossiga com a Dieta Sookie Stackhouse Fuga Tensa da Morte! Corra por sua vida, e atrase as refeições, também! Exercício acrescido de inanição.

Pam e Eric estavam esperando na cozinha.

— Eles partiram, — disse Pam, segurando uma garrafa de sangue em um brinde. — Eles ficaram pesarosos, isso foi demais para sua sensibilidade humana. Estou supondo que você não quer manter os troféus?

Eu senti uma necessidade de me defender, mas me refreei de volta. Recusei-me a ter vergonha de ficar enjoada depois de ver algo tão horrível. Eu tinha visto uma cabeça desprendida de um vampiro, mas não tinha tido o toque medonho. Eu tomei uma respiração profunda. — Não, eu não quero manter as cabeças. Kelvin e Hod descansem em paz.

— Esses eram seus nomes? Isso irá ajudar a descobrir quem os contratou, — disse Pam, parecendo satisfeita.

— Hã. Onde eles estão? — Eu perguntei, tentando não parecer muito ansiosa.

— Você quer dizer o seu tio-avô e seu amigo elfo, ou você quer dizer as cabeças, ou os corpos? — Eric perguntou.

— Ambos. Todos os três. — Peguei para mim um pouco de gelo e coloquei um pouco de Coca-Cola Diet sobre ele. Há anos pessoas me dizem que bebidas gasosas resolvem o seu estômago. Eu estava na expectativa de que eles estivessem certos.



— Dermot e Bellenos partiram para Monroe. Dermot começou a untar sua ferida com o sangue de seus inimigos, o que é uma tradição no meio dos fae. Bellenos, é claro, teve que arrancar fora as cabeças, o que é uma tradição élfica. Consequentemente ambos estavam muito felizes.

— Fico feliz por eles, — eu disse automaticamente, e pensei, *que diabos eu estou dizendo?* — Eu deveria contar ao Bill. Eu me pergunto se eles encontraram o carro?

— Eles encontraram o quadriciclo, — respondeu Pam. — Acho que eles tiveram uma excelente diversão conduzindo-o. — Pam parecia invejosa.

Eu fui quase capaz de sorrir, imaginando aquilo. — Então, os corpos?

— Eles já foram cuidados, — respondeu Eric. — Embora eu pense que os dois levaram as cabeças de volta para Monroe para mostrar aos outros fae. Mas eles vão destruí-las lá.

— Oh, — disse Pam de repente, e saltou. — Dermot deixou seus documentos. — Ela voltou com duas carteiras molhadas e algumas bugigangas amontoadas em suas mãos. Eu estendi uma toalha de cozinha sobre a mesa, e ela jogou os itens nela. Eu tentei não notar as partes com manchas de sangue no documento. Abri a carteira de couro primeiro e extraí uma carteira de motorista. — Hod Mayfield, — eu disse. — De Clarice. Ele tinha 24 anos. — Puxei uma foto de uma mulher, presumivelmente a Marge que eles tinham falado a respeito. Ela era definitivamente de tamanho grande, e estava usando seu cabelo escuro para cima num estilo fofo no alto da cabeça que era o que se pode chamar de antiquado. Seu sorriso era aberto e doce.

Sem fotos de crianças, graças a Deus.

Uma licença de caçador, alguns recibos, um cartão de plano de saúde. — Isso significa que ele tinha um emprego regular, — eu disse para os vampiros, que nunca precisaram de hospitalização ou seguro de vida. E Hod tinha 300 dólares.

— Puxa, — eu disse. — Isso parece uma fortuna. — Tudo em novinhas notas de vinte, também.

— Alguns de nossos funcionários não têm uma conta corrente, — disse Pam. — Eles recebem seus salários em dinheiro toda vez e vivem de um regime de caixa.

— É, eu conheço pessoas que fazem isso também. — Terry Bellefleur, por exemplo, que acreditava que os bancos eram administrados por um cartel comunista. — Mas esse dinheiro é todo em notas de vinte, direto da máquina. Pode ser uma recompensa.



Kelvin revelou-se um Mayfield, também. Primo, irmão? Kelvin também era de Clarice. Ele era mais velho, 27 anos. Sua carteira continha fotos de crianças, três delas. Merda. Sem comentários, eu coloquei as fotos da escola com os outros itens. Kelvin também tinha um preservativo, um cartão de bebida grátis para Vic's Redneck Roadhouse, e um cartão de uma oficina de lanternagem de automóveis. Algumas notas de dólares gastas, e os mesmos 300 dólares em notas novas que Hod tivera.

Estes eram caras que eu poderia ter passado por dezenas de vezes quando eu estive fazendo compras em Clarice. Eu poderia ter jogado softball contra suas irmãs ou esposas. Eu os poderia ter servido bebidas no Merlotte's. O que eles estavam fazendo tentando me sequestrar? — Eu acho que eles poderiam ter me capturado no quadriciclo através dos bosques até Clarice, — eu disse em voz alta. — Mas o que eles teriam feito comigo em seguida? Eu pensei que um deles... Através de seus pensamentos eu peguei um vislumbre de uma ideia sobre uma mala de carro. — Ele só tinha sido fugaz, mas eu estremeci. Eu estive em uma mala de carro antes, e não tinha terminado bem para mim. Essa era uma lembrança que eu bloqueava firmemente.

Possivelmente Eric estava pensando sobre o mesmo acontecimento porque ele espiou pela janela para a casa de Bill. — Quem você acha que os enviou, Sookie? — ele perguntou, e fez um esforço enorme para manter sua voz calma e paciente.

— Eu com certeza não pude questioná-los para descobrir, — eu murmurei, e Pam riu.

Juntei meus pensamentos, como tal eles estavam. O nevoeiro da minha soneca de duas horas tinha finalmente se retirado, e eu tentei dar algum sentido aos estranhos acontecimentos da noite. — Se Kelvin e Hod eram de Shreveport, eu acho que Sandra Pelt os contratou depois que ela fugiu do hospital, — eu disse. — Ela não se importa em acabar com a vida dos outros, nem um pouco. Tenho certeza que ela contratou os caras que vieram ao bar no sábado passado. E eu também estou certa de que ela é a mesma pessoa que jogou a bomba incendiária no Merlotte's antes disso.

— Nós tivemos procurando por ela em Shreveport, mas ninguém a identificou, — disse Eric.

— Então, o objetivo dessa Sandra, — Pam disse, puxando seus pálidos cabelos lisos para trás de seus ombros para trançá-los, — é destruir você, seu local de trabalho, e qualquer outra coisa que ficar no caminho dela.

— Soa mais ou menos isso. Mas evidentemente ela não está por trás disso. Eu tenho muitos inimigos.





— Encantador, — disse Pam.

— Como está sua amiga? — Eu perguntei. — Desculpe-me, eu não perguntei antes.

Pam me deu um olhar de modo direto. — Ela vai morrer em breve, — ela respondeu. — Estou ficando sem opções, e eu estou ficando sem esperança de que o processo possa ser legítimo.

O celular de Eric tocou, e ele se levantou para caminhar no vestíbulo para aceitar a ligação. — Sim? — ele disse bruscamente. Em seguida, sua voz mudou. — Sua Majestade, — disse ele, e ele caminhou rapidamente para a sala de estar para que eu não pudesse ouvir. Eu não teria pensado muito sobre aquilo se eu não tivesse visto o rosto de Pam. Ela estava olhando para mim, e sua expressão era claramente de... piedade.

— O quê? — Eu perguntei, os cabelos na minha nuca subindo. — O que foi? Se ele disse ‘Sua Majestade,’ que dizer que é Felipe ligando, hein? Que deve ser bom... certo?

— Eu não posso te dizer, — ela respondeu. — Ele me mataria. Ele nem mesmo quer que você saiba que há algo para saber, se você conseguir assimilar o que eu estou reprimindo.

— Pam. Diga-me.

— Eu não posso, — ela repetiu. — Você precisa procurar por si mesma, Sookie.

Olhei para ela com intensidade feroz. Eu não poderia forçar sua boca para abrir, e eu não teria força para segurá-la na mesa da cozinha e exigir os fatos dela.

Em que ponto eu poderia buscar o entendimento? Ok, Pam gostava de mim. As únicas pessoas que ela gostava mais eram Eric e sua Miriam. Se havia algo que ela não poderia me dizer, tinha que estar associado com Eric. Se Eric fosse humano, eu teria pensado que ele tinha alguma doença terrível. Se Eric tivesse perdido todas as suas ações no mercado de valores ou em algum tipo de desastre financeiro, Pam sabia que dinheiro não era a minha preocupação dominante. Qual era a única coisa que eu valorizava?

Seu amor.

Eric tinha outra pessoa.

Levantei-me sem saber que eu estava de pé, a cadeira caiu com um estrondo no chão atrás de mim. Eu queria alcançar dentro do cérebro de Pam e arrancar os detalhes.





Agora eu entendi muito claramente por que Eric tinha tentado atingi-la neste mesmo cômodo na noite que ela trouxe Immanuel. Ela quis me dizer em seguida e ele a proibiu de falar.

Alarmado com o barulho da cadeira batendo violentamente no chão, Eric veio correndo para a cozinha, o celular ainda apoiado na sua orelha. Eu estava com meus punhos cerrados, olhando furiosa para ele. Meu coração estava saltando em volta de meu peito como um sapo em uma assadeira.

— Perdoe-me, — ele disse ao celular. — Há uma crise. Retornarei sua ligação mais tarde. — Ele bateu desligando o celular. — Pam, — ele disse. — Estou muito bravo contigo. Estou seriamente bravo contigo. Saia desta casa agora e permaneça muda.

Com uma postura que eu nunca tinha visto antes, curvada e humilhada, Pam se afastou de cima da cadeira e saiu pela porta dos fundos. Perguntei-me se ela ia ver Bubba no bosque. Ou Bill. Ou talvez houvesse fadas. Ou mais alguns sequestradores. Um maníaco homicida! Você nunca sabia o que ia encontrar no meu bosque.

Eu não disse uma palavra. Esperei. Eu senti como se meus olhos estivessem atirando chamas.

— Eu te amo, — ele disse.

Esperei.

— Meu criador, Appius Livius Ocella — o morto Appius Livius Ocella — esteve em processo de promover uma união para mim antes de morrer, — disse Eric. — Ele a mencionou durante sua estada, mas eu não imaginei que o processo fosse tão longe até o ponto que foi quando ele morreu. Eu pensei que poderia ignorá-lo. Que sua morte o cancelaria completamente.

Esperei. Eu não conseguia ler seu rosto, e sem o laço, eu só podia ver que ele estava cobrindo sua emoção com um rosto inflexível.

— Isso não é muito mais feito, ainda que costumasse ser a norma. Criadores usavam para encontrar casamentos para seus filhos. Eles recebiam uma gratificação se fosse uma união vantajosa, se cada metade pudesse fornecer algo que o outro carecia. Era principalmente um acordo de negócios.

Levantei minhas sobrancelhas. No único casamento vampírico que eu testemunhei, houve abundância de evidência de paixão física, embora eu tivesse dito que o casal não passaria todo o seu tempo juntos.





Eric parecia envergonhado, uma expressão que eu nunca pensei ver em seu rosto.

— É claro, tem que ser consumado, — ele disse.

Esperei pelo golpe de misericórdia. Talvez o chão se abrisse e o engolissem primeiro. Não aconteceu.

— Eu teria que colocá-la fora do caminho, — admitiu. — Não é socialmente aceitável, ter uma esposa humana e uma esposa vampira. Especialmente se a esposa for a Rainha de Oklahoma. A esposa vampira deve ser a única. — Ele desviou o olhar, seu rosto rígido com um ressentimento que ele nunca havia expressado antes. — Eu sei que você tem sempre insistido que não era minha verdadeira esposa, então tudo indica que não seria tão difícil para você.

Difícil como o inferno.

Ele olhou para meu rosto como se estivesse lendo um mapa. — Embora eu acredite que seja, — ele disse suavemente. — Sookie, eu te juro que desde que eu recebi a carta, eu tenho feito tudo que posso para parar isso. Tenho pleiteado que a morte de Ocella deveria cancelar o acordo; eu tenho dito que estou feliz onde estou; tenho até posto em evidência nosso casamento como um obstáculo. E do mesmo modo meu regente, Victor, poderia alegar que os seus desejos substituem os de Ocella, e que eu sou muito útil para ele para deixar o estado.

221

— Oh, não, — Encontrei-me finalmente capaz de falar, embora somente num sussurro.

— Oh, sim, — disse Eric amargamente. — Eu tenho apelado ao Felipe, mas não tive notícias dele. Oklahoma é uma das governantes de olho em seu trono. Ele pode querer aplacá-la. Nesse meio tempo, ela me liga toda semana, me oferecendo uma parte do seu reino se eu me envolver com ela.

— Portanto, ela se encontrou com você cara a cara. — Minha voz ficou um pouco mais forte.

— Sim, — disse ele. — Ela esteve na cúpula em Rhodes para fazer um acordo com o Rei do Tennessee sobre uma troca de prisioneiros.

Eu me lembrava dela? Quando eu estiver mais calma, eu poderei. Teve várias rainhas lá, e não houve uma única feia entre elas. Havia mil perguntas se aglomerando para sair da minha cabeça e da minha boca, mas eu preendi meus lábios fechados. Este não era o momento para falar, apenas para ouvir.





Eu acreditei que esse acordo não tinha sido ideia dele. E agora entendi o que Appius havia me dito quando ele estava prestes a morrer. Ele me disse que eu nunca ficaria com Eric. Ele morreu feliz com aquilo, arranjado tal união lucrativa para seu filho amado, uma que levaria Eric para longe da humana simplória que ele amava. Se ele tivesse estado na minha frente, eu teria matado Appius novamente e gostado disso.

No meio desta melancolia, e enquanto Eric estava dizendo tudo de novo, um rosto branco espreitou na janela da cozinha. Eric conseguiu ver do meu rosto que algo estava atrás dele, e ele se virou tão rápido que eu não o vi se mover. Para meu alívio, o rosto era familiar.

— Deixe-o entrar, — eu disse, e Eric foi para a porta dos fundos.

Bubba estava na cozinha um segundo depois, curvando-se para beijar minha mão. — Ei, dama bonita, — ele disse, sorrindo de alegria para mim. Bubba tinha um dos rostos mais reconhecíveis no mundo, embora seu auge tenha sido 50 anos antes.

— É bom te ver, — eu disse, e eu quis dizer aquilo. Bubba tinha alguns maus hábitos, porque ele era um vampiro péssimo; ele esteve muito embebido em drogas quando foi convertido, e a centelha de vida tinha quase sido extinta. Dois segundos depois, teria sido tarde demais. Mas um atendente do necrotério, em Memphis, um vampiro, ficou tão estupefato ao vê-lo que ele converteu o Rei. Àquele tempo, os vampiros eram criaturas secretas da noite, não capa de todas as outras revistas do jeito que são agora. Sob o nome de “Bubba” ele passava de pessoa a pessoa de reino em reino, incumbido com tarefas simples para fazer ganhando seu sustento, e de vez em quando em noites memoráveis, ele sentia falta de cantar. Ele gostava muito de Bill, menos afeiçoado ao Eric, mas Bubba entendia o protocolo bem o suficiente para ser educado.

— Senhorita Pam está lá fora, — disse Bubba, olhando de soslaio para Eric. — Você e o Sr. Eric estão indo bem aqui?

Abençoado seja seu coração, ele suspeitou que Eric estivesse me machucando, e ele entrou para verificar. Bubba tinha razão; Eric estava me machucando, mas não fisicamente. Eu me senti como se estivesse parada na beira de um precipício, evitando por pouco dar o passo para fora da borda. Eu estava muito entorpecida, mas não iria durar.

Neste momento interessante uma batida na porta da frente anunciou a chegada de (eu esperava) Audrina e Colton, nossos co-conspiradores. Fui até a porta, os dois vampiros atrás de mim. Sentindo-me absolutamente segura ao fazê-lo, abri a porta da frente. Com certeza, o casal humano estava de pé na varanda esperando, e cada um deles estava



tomado por um encharcamento, Pam carrancuda. O cabelo reto loiro de Pam estava mais escuro com chuva e pendurado como rabo de rato.

Ela parecia como pudesse cuspir pregos.

— Por favor, entrem, — eu disse educadamente. — E você, também, Pam. — Afinal de contas, era a minha casa e ela era minha amiga. — Nós precisamos colocar nossas cabeças para pensar juntas. — Pensei acrescentando, — Embora não literalmente, — quando eu tive um lampejo das cabeças de Hod e Kelvin, mas Audrina e Colton já pareciam muito assustados. Uma coisa era contar vantagem no trailer deles completamente sozinhos. Outra coisa era se reunir com pessoas desesperadas e aterrorizantes em uma casa solitária dentro de bosques.

Quando me afastei para levá-los para a cozinha, eu decidi pôr para fora algumas bebidas, um balde de gelo, e talvez uma tigela de batatas fritas e patê.

Era hora de começar esta festa de assassinato.

Pensarei sobre outras mortes mais tarde.





Capítulo Treze

AUDRINA E COLTON OBVIAMENTE NÃO CONSEGUIAM decidir o que era mais incrível: o perigo de uma encharcada e bonita (porém ameaçadora) Pam ou a ruína da glória que era Bubba. Eles aguardavam Eric, mas Bubba foi uma completa surpresa.

Eles estavam extasiados. Entretanto lhes murmurei na nossa passagem por dentro da sala de estar que não o chamasse pelo seu nome real, eu não sabia se eles teriam autocontrole suficiente. Afortunadamente para todos nós, eles tiveram. Bubba realmente, realmente, não gostava de ser lembrado da sua vida passada. Ele tinha que estar em um extraordinário humor para cantar.

Espera. Rá! Finalmente, eu tive uma ideia prática.

Todos eles se sentaram ao redor da mesa. Concentrada em imaginar meu plano, eu servi os refrescos e puxei uma cadeira para Bubba. Eu tive uma percepção flutuante, surreal. Eu ingenuamente não podia pensar na colisão e no incêndio, eu tinha que justamente experienciar. Eu tinha que pensar neste momento e neste propósito.

Pam sentou-se atrás de Eric então eles não encontrariam os olhos um do outro. Ambos pareciam miseráveis, e este era um semblante que eu raramente via um dos dois exibirem. Não ficava bem neles. Eu me sentia de certa forma culpada pela brecha entre eles, embora certamente não fosse minha culpa. Ou era? Eu corri esse pensamento pela minha mente. Não, não era.

Eric propôs que ele infiltrasse seus vampiros disfarçados no Vampire's Kiss uma noite, e que eles esperassem até que o clube estivesse quase fechando e a multidão estivesse pequena. Então atacariamos. E, claro, matariamos todos eles.

Se Victor não fosse um empregado de Felipe, rei de três estados, o plano de Eric teria sido viável, apesar de existirem alguns pontos bem fracos. Mas certamente matar um bando de vampiros irritaria muito Felipe, e eu realmente não o poderia culpar.

Audrina tinha um plano também, envolvendo descobrir o lugar onde Victor dormia e apanhando-o enquanto ele estivesse desligado para o dia. Uau, esse era novo e original. De qualquer forma, era um clássico por uma razão. Victor estaria indefeso.



— Exceto que não sabemos onde ele dorme, — eu disse, tentando deslizar a objeção de lá sem parecer metida.

— Eu sei, — Audrina disse orgulhosamente. — Ele dorme em uma grande mansão de pedra. Fica atrás da rodovia Parish entre Musgrave e Toniton. Há apenas um caminho isolado, e só. Não há árvores ao redor da casa. Tem apenas grama.

— Uau. — Eu fiquei impressionada. — Como você o localizou?

— Eu conheço o cara que corta a grama, — ela respondeu. Ela sorriu para mim. — Dusty Kolinchek, lembra-se dele?

— Claro, — eu disse, sentindo um impulso de interesse. O pai de Dusty era dono de uma frota — ok, uma pequena frota — de cortadores de grama motorizados e aparadores de relva, e todo verão um grupo de garotos do Ensino Médio de Bon Temps conseguiam seu dinheiro trabalhando para o Sr. Kolinchek. Dusty herdaria o império de cortadores de grama, pelo que diziam.

— Ele diz que a casa fica quase vazia durante o dia porque Victor é paranóico quanto a ter alguém lá dentro enquanto dorme. Há apenas dois guardas lá, Dixie e Dixon Mayhew, e eles são algum tipo de metamorfos.

— Eu os conheço, — eu disse. — Eles são homens-panteras. Eles são bons. — Os gêmeos Mayhew eram valentões e profissionais. — Eles devem estar precisando de dinheiro para trabalhar para um vampiro. — Agora que minha cunhada estava morta e Calvin Norris havia se casado com Tanya Grissom, eu não via mais tantos homens-pantera com frequência. Calvin não ia muito ao bar, e parecia que Jason via seus ex-aparentados somente durante a lua cheia, quando ele se tornava um deles... de um modo limitado, já que ele foi mordido, e não nascido, como um deles.

— Então talvez eu possa subornar os Mayhews se eles estão assim tão necessitados, — Eric disse. — Você não precisaria matá-los então. Menos bagunça. Mas vocês humanos terão que fazer o serviço, sendo que eu e Pam estaremos deitados para o dia.

— Teríamos que procurar pela casa, porque eu aposto que os Mayhews não sabem exatamente onde ele dorme, — eu disse. — Embora eu tenha certeza que talvez eles tenham uma boa ideia. — Só o cheiro do vampiro deveria ajudar os de dupla natureza a localizarem a zona onde Victor dormia, mas parecia meio deselegante falar isso em voz alta.



Pam meio que balançou sua mão. Eric deu meia volta, pegando o movimento com o canto do olho. — O quê? — ele disse. — Ah, você pode falar.

Pam pareceu aliviada. Ela disse, — Eu acho que será uma boa hora quando ele deixar o clube pela manhã. Sua atenção estará em quem quer que seja que ele se alimentará, e poderíamos ser capazes de atacar na mesma hora.

Estes foram todos planos muito óbvios, e talvez fossem tanto sua força quanto sua fraqueza. Eles eram simples. E isso significava que eram previsíveis. O plano de Eric era o mais sangrento, claro. Haveria certamente perda de vidas. O plano de Audrina e Colton era o mais humano, uma vez que dependia de um ataque diurno. O plano de Pam era possivelmente o melhor, já que era um ataque noturno, mas não em uma área muito povoada, embora a saída do clube fosse tão obviamente o ponto mais fraco que eu tinha certeza que quaisquer que sejam os vampiros que Victor usar como guarda-costas — talvez os gostosos Antonio e Luis? — estariam extra vigilantes em tal momento.

— Eu tenho um plano, — eu disse.

Foi como se eu tivesse repentinamente levantado e desprendido meu sutiã. Todos olharam para mim simultaneamente, com uma combinação de surpresa e ceticismo. Eu diria que a maior parte do ceticismo vinha de Audrina e Colton, que mal me conheciam. Bubba estava sentado em um banco mais alto ao lado do balcão, bebericando um TrueBlood com um ar insatisfeito. Ele pareceu contente quando eu apontei para ele e disse, — *Ele é o caminho.*

Eu expus minha ideia, tentando soar muito confiante, e quando eu terminei, eles começaram a tentar apontar defeitos nele. E Bubba ficou relutante, pelo menos no começo.

Por fim, Bubba disse que faria se o Sr. Bill dissesse que era uma boa ideia. Eu liguei para Bill. Ele veio até minha casa como um flash, e o olhar que ele me deu quando eu o deixei entrar me disse que ele estava gostando de lembrar-se da forma como me mostrei enrolada em uma toalha de mesa. Ou mesmo antes de eu ter encontrado a toalha de mesa. Com esforço, eu engoli minha confusão e expliquei tudo a ele. E depois de alguns enfeites que foram acrescentados, ele concordou.

Passamos pela ordem dos eventos de novo e de novo, tentando levar em conta todas as possibilidades. Às três e meia da manhã, todos havíamos concordado. Eu estava tão cansada que dormiria em pé, e Audrina e Colton mal foram capazes de conter seus bocejos. Pam, que esteve saindo da sala para periodicamente ligar para Immanuel, precedeu Eric na saída pela porta. Ela estava ansiosa para ir ao hospital. Bill e Bubba saíram para a casa de Bill, onde Bubba passaria o dia. Eu fiquei sozinha com Eric.





Olhamos um para o outro, ambos embaraçados. Eu tentei me colocar em seu lugar, sentir o que ele sentia, mas eu simplesmente não consegui fazer isso. Eu não poderia imaginar que, digamos, minha avó tivesse decidido com quem eu deveria me casar e então falecesse, esperando que eu levasse sua vontade adiante. Eu não conseguia me imaginar seguindo instruções do além-túmulo, deixar minha casa e ir para um lugar novo com pessoas que eu não conhecia, fazer sexo com um estranho, simplesmente porque alguém queria que eu o fizesse.

Mesmo, uma pequena voz disse dentro de mim, se o estranho fosse bonito, rico e politicamente astuto?

Não, eu disse decididamente a mim mesma. Nem assim.

— Você pode colocar-se no meu lugar? — Eric perguntou, entrando em meus pensamentos. Nós nos conhecíamos muito bem, sem o laço de sangue. Ele pegou minha mão e a segurou entre as suas mãos geladas.

— Não, na verdade, eu não consigo, — eu respondi, tão imparcialmente quanto eu podia. — Eu tenho tentado. Mas eu não estou acostumada a este tipo de manipulação a longa distância. Mesmo depois da morte, Appius está controlando você, e eu não consigo me imaginar nessa situação.

— Americanos, — Eric disse, e eu não consegui decidir se ele disse aquilo com admiração ou com uma suave irritação.

— Não apenas americanos, Eric.

— Eu me sinto muito velho.

— Você é muito conservador. — Ele era à moda antiga.

— Eu não posso ignorar um documento assinado, — ele disse, quase com raiva. — Ele fez um acordo para mim, e eu fui à encomenda dele. Ele me criou.

O que eu podia dizer, frente àquela convicção? — Estou tão feliz que ele tenha morrido, — eu disse ao Eric, não me importando que minha amargura estivesse estampada em meu rosto. Eric pareceu triste, ou pelo menos pesaroso, mas não havia mais nada para dizer. Eric não mencionou passar o resto da noite comigo, o que foi esperto da sua parte.

Depois que ele saiu, eu comecei a checar todas as portas e janelas da casa. Já que muitas pessoas entraram e saíram naquele dia e noite, parecia uma boa ideia. Eu não



fiquei muito surpresa ao ver Bill no meu quintal quando eu estava fechando a janela sobre a pia na cozinha.

Apesar dele não me chamar, eu levei meu corpo cansado para fora.

— O que Eric fez para você? — ele perguntou.

Eu condensei a situação em algumas sentenças.

— Que dilema, — Bill disse, não completamente descontente.

— Então você se sentiria do mesmo jeito que Eric?

Em uma repetição assustadora, Bill pegou minha mão assim como Eric tinha feito antes. — Apius não apenas já havia iniciado as negociações, então presumivelmente existem alguns papéis engavetados, mas eu também teria que dar alguma consideração aos desejos de minha criadora — tanto quanto odeio reconhecer isso. Você não tem ideia de quão forte é o vínculo. Os anos passados com o criador são os mais importantes na existência de um vampiro. Em relação à aversão que eu tinha de Lorena, tenho que admitir que ela fez o melhor para me ensinar a ser um vampiro eficaz. Olhando para a vida dela agora — Judith e eu conversamos sobre isso, claro — Lorena traiu seu próprio criador, e então teve anos e anos para se arrepender. A culpa a deixou louca, nós achamos.

228

Bem, eu fiquei contente que Bill e Judith chegaram a conversar sobre os momentos legais dos velhos tempos com a Mamãe Lorena — assassina, prostituta, torturadora. Eu na verdade não podia manter a acusação de prostituta contra ela, sendo que não havia muitas formas para uma mulher sozinha construir sua vida nos velhos tempos, mesmo uma mulher vampira. Mas o resto — não importam quais foram suas circunstâncias, não importa o quão difícil sua vida foi antes e depois de sua primeira morte, Lorena foi uma piranha do mal. Eu puxei minha mão das de Bill.

— Boa noite, — eu disse. — Estou atrasada para dormir.

— Você está brava comigo?

— Não exatamente, — eu respondi. — Só estou cansada e triste.

— Eu te amo, — Bill disse incontrolavelmente, como se ele esperasse que aquelas palavras mágicas fossem me curar. Mas ele sabia que não.

— Isso é o que todos vocês dizem, — eu respondi. — Mas não parece me deixar mais feliz. — Eu não sabia se eu tive uma opinião válida ou se estava apenas sentindo autopiedade, mas era muito tarde da noite — não, muito cedo pela manhã — para ter a





clareza de mente para decidir isso. Alguns minutos depois, eu rastejei até a cama em uma casa vazia, e estar sozinha parecia muito bom.

Acordei ao meio-dia de sexta-feira com dois pensamentos urgentes. O primeiro foi, *Dermot renovou minhas proteções?* E o segundo foi, *Ai meu Deus, o chá de bebê é amanhã!*

Depois de um pouco de café e de me vestir, eu liguei para o Hooligans. Bellenos atendeu.

— Oi, — eu disse. — Posso falar com Dermot? Ele está melhor?

— Ele está bem, — Bellenos respondeu. — Mas ele está a caminho de sua casa.

— Ah, bom! Ouça, talvez você saiba disso... ele renovou as proteções de minha casa, ou eu estou desprotegida?

— Deus me livre você estar com uma fada desprotegida, — Bellenos respondeu, tentando soar sério.

— Sem duplo sentido!

— Ok, ok, — ele disse, e eu podia dizer que ele estava fazendo brotar aquele sorriso de dentes afiados. — Eu mesmo coloquei proteção em volta de sua casa, e te asseguro que ela estará segura.

— Obrigada, Bellenos, — eu disse, mas eu não estava completamente feliz em saber que alguém em quem eu confiava tão pouco como Bellenos tinha ficado a cargo de minha segurança.

— De nada. Apesar de suas dúvidas, eu não quero que nada aconteça contigo.

— É bom saber disso, — eu disse, mantendo toda expressão longe de minha voz.

Bellenos riu. — Se você ficar solitária demais lá no bosque, você sempre pode me ligar, — ele disse.

— Hummm, — eu disse. — Obrigada. — O elfo estava tentando me seduzir? Isso não fazia sentido. Era mais como se ele quisesse me comer, e não do modo divertido.

Talvez fosse melhor não saber. Eu imaginei como Dermot estava vindo para cá mas não o bastante para ligar para Bellenos novamente.

Tranquilizada pelo retorno de Dermot, eu estudei minha lista de preparações para o chá de bebê. Eu pediria a Maxine Fortenberry para fazer o ponche, porque o dela era



famoso. Eu pegaria o bolo na padaria. Eu não teria que trabalhar hoje ou amanhã, o que significava uma grande perda de gorjetas, mas isto estava se tornando realmente conveniente. Então minha lista de afazeres era algo como: Hoje, completar todos os preparativos para o chá de bebê. Hoje à noite, matar Victor. Amanhã, os convidados chegarão para o chá.

Enquanto isso, como qualquer anfitriã principiante, eu ficaria limpando tudo o tempo todo. Minha sala de estar continuava abaixo da média já que as coisas do sótão estiveram ali, e eu comecei de cima para baixo: tirei o pó das fotografias, em seguida os móveis, depois os rodapés. Então passei o aspirador. Eu trabalhei no corredor, visitando meu quarto, o quarto de hóspedes, e o banheiro do corredor. Eu peguei uma garrafa de produto de limpeza multiuso com esguicho e ataquei todas as superfícies da cozinha. Eu estava esfregando o chão quando eu vi Dermot no quintal. Ele tinha voltado em um Chevy compacto e batido.

— Onde você conseguiu o carro? — eu gritei pela varanda dos fundos.

— Eu comprei, — ele respondeu orgulhosamente.

Eu esperava que ele não tivesse usado o encantamento das fadas ou algo assim. Eu estava assustada por perguntar. — Deixe-me ver sua cabeça, — eu disse, quando ele entrou na casa. Eu olhei para a parte traseira de seu crânio onde o corte havia sido feito. Uma linha fina e branca, só isso. — Incrível, — eu disse. — Como você se sente?

230

— Melhor do que ontem. Estou pronto para voltar ao trabalho. — Ele entrou na sala de estar. — Você está limpando, — ele disse. — Há uma ocasião especial?

— Sim, — eu respondi, me dando um tapinha na testa. — Perdão por ter esquecido de te contar. Eu darei um chá de bebê à Tara Thornton — Tara du Rone — amanhã. Ela está esperando gêmeos, segundo Claude. Ah, ela confirmou.

— Posso vir? — ele perguntou.

— Tudo bem por mim, — eu respondi, pega de surpresa. A maioria dos caras humanos preferiria ter as unhas dos pés pintadas do que vir a tal tipo de festa. — Você será o único homem aqui, mas eu suponho que isso não te incomodará?

— Parece ótimo, — ele respondeu, sorrindo um belo sorriso.

— Você terá de manter suas orelhas cobertas e ouvir cerca de um milhão de comentários sobre como você se parece com Jason, — eu disse. — Teremos que explicar sobre você.





— Só diga a elas que eu sou seu tio-avô. — Ele disse.

Por um momento divertido, eu previ simplesmente fazer aquilo. Eu tive que desistir, embora com algum pesar. — Você parece jovem demais para ser meu tio-avô, e todos aqui conhecem minha árvore genealógica. A parte humana dela, — eu adicionei apressadamente. — Mas pensarei em algo.

Enquanto eu aspirava o pó, Dermot olhou para a grande caixa de fotos e a menor de material impresso que ainda não havia tido a chance de ser examinado. Ele parecia fascinado com as fotos. — Nós não usamos essa tecnologia, — ele disse.

Eu sentei ao lado dele quando afastei o aspirador. Eu tentei arrumar as fotos em ordem cronológica, mas esta foi uma tarefa rápida, e eu tinha certeza de que teria que refazê-la.

As fotos na frente da caixa eram muito velhas. Pessoas sentadas cerimoniosas em grupos, suas costas rígidas, seus rostos também. Ainda que nas costas estivessem classificadas, estavam em uma caligrafia manuscrita, formal, comprida e fina. A maioria dos homens tinham barba ou bigode, e eles usavam chapéus e ternos. As mulheres estavam confinadas em mangas longas e saias, e a postura delas era incrível.

Gradualmente enquanto a família Stackhouse se modificava com o tempo, as fotos foram ficando com menos pose, mais espontâneas. As roupas se transformaram junto com as atitudes. Cor começou a tingir rostos e paisagens. Dermot parecia genuinamente interessado, então eu expliquei o motivo de algumas das fotografias mais recentes. Uma era de um homem muito velho segurando um bebê embrulhado em manta rosa. — Esta sou eu e um de meus bisavôs; ele morreu quando eu era bem pequeninha, — eu disse. — Aquele é ele e sua esposa quando eles tinham cinquenta anos. E está é minha avó Adele e seu marido.

— Não, — Dermot disse. — Este é meu irmão Fintan.

— Não, este é meu avô Mitchell. Olhe para ele.

— Ele é seu avô. Seu verdadeiro avô. Fintan.

— Como você sabe?

— Ele se fez passar fisicamente como o marido de Adele, mas eu posso te dizer que este é meu irmão. Ele era meu gêmeo, acima de tudo, apesar de não sermos completamente idênticos. Olhe para os pés dele. Seus pés são menores que os do homem que casou com Adele. Fintan sempre foi assim descuidado.



Eu espalhei todas as fotos de Vovó e Vovô Stackhouse. Fintan estava mais ou menos num terço delas. Eu suspeitei pela carta dela que Fintan esteve mais presente do que ela imaginava, mas isso era assustador. Em cada foto de Fintan como Mitchell, ele estava sorrindo amplamente.

— Ela não sabia disso, com certeza, — eu disse. Dermot pareceu duvidoso. E eu tinha que admitir para mim mesma de que ela tivesse suspeitado. Estava lá, na sua carta.

— Ele estava pregando uma de suas peças, — Dermot disse afetuosamente. — Fintan era um grande cara para piadas.

— Mas... — eu hesitei, sem certeza de como colocaria em uma frase o que eu queria dizer. — Você entendeu isso errado mesmo? — eu perguntei. — Você entende que ele a estava enganando em vários níveis diferentes?

— Ela concordou em ser amante dele, — Dermot respondeu. — Ele gostava muito dela. Que diferença isso faz?

— Faz muita diferença, — eu respondi. — Se ela pensava que estava com um homem enquanto estava com outro, isso é uma decepção enorme.

— Mas uma decepção inocente, seguramente? Apesar de tudo, até mesmo você assume que ela amava os dois homens, que fazia sexo com os dois voluntariamente. Então, — ele perguntou novamente, — que diferença isso faz?

Eu o encarei duvidosamente. Não importa como ela se sentia a respeito do seu marido ou do seu amante, eu ainda achava que havia um problema moral aqui. De fato, eu sabia que havia. Dermot não parecia capaz de distinguir isso. Eu imaginei se meu bisavô teria concordado comigo ou com Dermot. Eu tinha um profundo sentimento de que eu sabia.

— Melhor eu voltar ao trabalho, — eu disse, com um sorriso apertado. — Tenho que esfregar a cozinha. Você vai voltar ao trabalho no sótão?

Ele assentiu entusiasticamente. — Eu amo o maquinário, — ele disse.

— Por favor, feche a porta do sótão, depois, porque eu tirei o pó aqui em baixo e não quero ter que fazer isso de novo antes de amanhã à tarde.

— Claro, Sookie.

Dermot subiu as escadas assobiando. Era um tom que eu nunca tinha ouvido antes, pelo que parecia.



Eu recolhi as fotos, mantendo separadas àquelas que Dermot havia identificado como sendo de seu irmão. Eu estava considerando fazer uma pequena fogueira com elas. No sótão, a lixa começou a fazer barulho. Eu olhei para o teto como se eu pudesse ver Dermot pelas tábuas. Então eu me sacudi e voltei ao trabalho, mas em um ânimo abstrato e inquieto.

Quando eu estava parada em pé numa escadinha pendurando uma placa de BEM-VINDO BEBÊ na luminária, eu lembrei que tinha que passar a toalha de mesa de minha bisavó. Eu odeio passar roupa, mas tinha que ser feito, e melhor hoje do que amanhã. Quando a escadinha foi posta de lado, eu abri a tábua de passar roupas — havia uma construída na antiga cozinha — e comecei a trabalhar. A toalha de mesa não estava mais exatamente branca. Havia envelhecido até ficar em uma cor marfim. Eu logo a fiz ficar lisa e bonita, e tocá-la me lembrava de grandes ocasiões do passado. Eu havia visto hoje fotos que incluíam este exato pedaço de tecido; estive na mesa da cozinha ou no velho aparador para Ações de Graças, Natais e chás para casamentos e aniversários. Eu amava minha família, e eu amava estas memórias. Eu só sentia muito não haverem muitos de nós para recordá-las.

E eu estava ciente de outra verdade, outra coisa real. Eu percebi que realmente não gostava do senso de humor fada que produzira uma mentira como resultado de algumas daquelas memórias.

Às três horas daquela tarde, a casa estava tão próxima de pronta quanto eu podia deixá-la. O aparador estava coberto com a toalha de mesa, os pratos de papel e guardanapos estavam posicionados, os garfos e colheres de plástico. Eu poli um prato fundo de prata e uma pequena bandeja para os palitos de queijo, que eu havia feito e congelado algumas semanas atrás. Eu corri os olhos pela minha lista de afazeres. Eu estava tão pronta quanto eu poderia estar.

Se eu não sobrevivesse a esta noite, eu temia que o chá de bebê fosse um fracasso. Eu tinha que assumir que minhas amigas ficariam chocadas demais para continuarem com o chá se eu fosse assassinada. Só para garantir, eu deixei notas detalhadas sobre a localização de tudo que ainda não estava pronto. Eu até mesmo deixei meu presente para os bebês à vista, combinando com cestos de vime que poderiam ser usados como berços em viagens. Eram decorados com grandes laços de tecidos finos de algodão e preenchidos com coisas úteis. Eu tinha acumulado os itens para as cestas de presente que estavam em promoção, um pouco de cada vez. Mamadeiras, um termômetro para bebês, alguns brinquedos, cueiros, alguns álbuns de fotos, babadores, um pacote de fraldas de pano para uso geral. Era estranho pensar que eu poderia não estar por perto para ver os bebês crescerem.



Eu também me senti estranha por pagar pelo chá que não tinha sido uma trabalhadeira financeira, graças ao dinheiro em minha poupança.

De repente, eu tive uma ideia maravilhosa. Que foram duas em dois dias. Tão logo que a organizei em minha cabeça, eu estava em meu carro em direção à cidade. Senti-me estranha ao entrar no Merlotte's no meu dia de folga. Sam pareceu surpreso, porém contente em me ver. Ele estava em seu escritório com uma pilha de contas na sua frente.

Eu coloquei outro pedaço de papel sobre sua mesa. Ele olhou para ele. — O que é isso? — ele disse em uma voz baixa.

— Você sabe o que é isso. Não me venha com essa, Sam Merlotte. Você precisa de dinheiro. Eu tenho dinheiro. Você coloca isto na sua conta hoje. Você usa para ajudar o bar até que as coisas estejam melhores.

— Não posso aceitar, Sookie. — Ele não encontrou meus olhos.

— O diabo que não pode, Sam. Olhe para mim.

Finalmente, ele olhou.

— Não estou brincando. Você vai colocá-lo no banco hoje, — eu disse. — E se qualquer coisa acontecer comigo, você pode reembolsar minha propriedade em, digamos, cinco anos.

— Por que aconteceria alguma coisa com você? — O rosto de Sam escureceu.

— Nada vai acontecer. Estou só dizendo. É irresponsável emprestar dinheiro sem fazer acordos de devolução. Estou ligando para meu advogado e contando a ele tudo isso, e ele redigirá um documento. Mas agora, neste mesmo minuto, você vai ao banco.

Sam desviou o olhar. Eu podia sentir as emoções o envolvendo. Sinceramente, era ótimo fazer algo legal por ele. Ele tinha feito tantas coisas legais por mim. Ele disse, — Tudo bem. — Eu podia dizer que isso foi difícil para ele, como seria para quase todo homem, mas ele sabia que esta era a coisa inteligente a se fazer, e ele sabia que não era caridade.



— É uma oferta de amor⁶², — eu disse, sorrindo para ele. — Como a que recolhemos na igreja no último domingo. — Aquela oferta de amor havia sido para os missionários em Uganda, e esta era para o Bar Merlotte's.

— Eu acredito nisso, — ele disse, e encontrou meus olhos.

Eu mantive meu sorriso, mas comecei a me sentir um pouco constrangida. — Eu devo ir me aprontar, — eu disse.

— Para quê? — Suas sobrancelhas vermelhas se uniram.

— O chá de bebê de Tara, — eu respondi. — É uma festa antiquada apenas para as garotas, então você não foi convidado.

— Tentarei conter meu sofrimento, — ele disse. Ele não se moveu.

— Você está se levantando para ir ao banco? — eu perguntei docemente.

— Ah, é, levantando agora. — Ele saiu da cadeira e passou pelo corredor para deixar as garçonetes saberem que ele estava saindo para uma rápida incumbência. Entrei em meu carro na mesma hora em que ele entrou em sua caminhonete. Eu não sabia em relação ao Sam, mas eu estava me sentindo realmente bem.

235

Eu parei no meu advogado para lhe contar o que eu tinha feito. Este seria meu advogado humano local, não o Sr. Cataliades. De quem, por sinal, eu não havia mais ouvido falar.

Eu entrei na casa de Maxine para pegar o ponche, a agradei profusamente, deixei com ela uma lista de coisas que eu faria e tinha feito para a disposição das coisas no chá (para sua perplexidade), e levei as forminhas de gelo de volta para minha casa para colocar no pequeno freezer da minha varanda dos fundos. Eu tinha as ginger ale⁶³ preparadas no balcão para misturar com os sucos congelados.

Eu estava tão preparada quanto podia para o chá de bebê.

Agora eu tinha que me aprontar para matar Victor.

⁶² Prática das igrejas protestantes. O significado da "oferta de amor" é uma contribuição para apoiar financeiramente evangelistas, músicos, outros oradores convidados de uma igreja e etc. Acredita-se que é uma contribuição de caridade por ser um meio de compensar legitimamente pessoas envolvidas com seu ministério.

⁶³ Ginger Ale é um refrigerante comum nos EUA, Canadá e Inglaterra feito à base de gengibre.
<http://www.adclassix.com/images/66canadadry.jpg>





Capítulo Quatorze

SAM LIGOU ENQUANTO ME MAQUIAVA.

— Oi, Sam — eu disse. — Você levou o cheque ao banco, não?

— Sim — ele respondeu. — Já que você me falou um milhão de vezes. Sem problema lá. Estou ligando para te dizer que acabei de receber um telefonema muito estranho da sua amiga Amelia. Ela disse que estava ligando para mim porque você não iria querer falar com ela. Disse que era sobre aquela coisa que você encontrou. Ela deu uma olhada. O cluviel dor? — Ele soou muito cuidadoso.

— Sim?

— Ela não quis falar sobre isso no telefone comigo, mas disse para você verificar seu e-mail com urgência. Disse que você frequentemente se esquece de fazer isso. Parecia achar que você não atenderia ao telefone se soubesse pelo identificador de chamadas que era ela do outro lado da linha.

236

— Vou dar uma olhada em meu e-mail agora mesmo.

— Sookie?

— Sim?

— Você está bem?

Quase certamente que não. — Claro, Sam. Obrigada por ter ficado no lugar da secretária eletrônica.

— Sem problema.

Amelia certamente descobriu como chamar minha atenção. Tirei o cluviel dor da gaveta e levei comigo até a pequena escrivaninha na sala de estar onde coloquei o computador. Sim, eu tinha um monte de correspondência.

A maioria era lixo, mas havia um de Amelia, com certeza, e um do Sr. Cataliades, que chegou dois dias antes. Pegou-me de surpresa.





Eu estava tão curiosa que abri a mensagem dele primeiro. Embora não tenha sido breve, ele foi direto ao ponto.

Srta. Stackhouse,

Recebi sua mensagem em minha secretária eletrônica. Tenho viajado para que certos indivíduos não possam me encontrar. Eu tenho muitos amigos, mas também muitos inimigos. Estou observando-a rigorosamente, mas espero que não de modo intrusivo. Você é a única pessoa que conheço que possui tantos inimigos quanto eu. Fiz o melhor que pude para mantê-la um passo a frente daquela cria do inferno Sandra Pelt. No entanto, ela ainda não está morta. Cuidado.

Acredito que você não sabia que eu fui um grande amigo de seu avô, Fintan. Conheci sua avó, embora não muito bem. De fato, conheci seu pai e a irmã, e seu irmão Jason, apesar de que ele nunca lembrará já que era tão pequeno. Assim como você, quando a vi pela primeira vez.

Todos eles foram decepções, exceto você.

Penso que deve ter encontrado o cluviel dor, já que arranquei o termo da cabeça da Srta. Amelia quando a vi na loja. Não sei onde sua avó o escondeu, só sei que ela ganhou um, porque eu lhe dei. Se você o descobriu, eu a aconselho a ter muito cuidado quanto ao seu uso. Pense uma, duas, três vezes antes de gastar sua energia. Você pode mudar o mundo, sabe. Qualquer série de eventos que você alterar com magia pode ter repercussões inesperadas na história. Entrarei em contato novamente quando puder, e talvez passe aí para explicar mais detalhadamente. Os melhores votos por sua sobrevivência.

Desmond Cataliades, advogado de justiça, seu padrinho.

Como diria Pam, “Foda um zumbi”. O Sr. Cataliades, de fato, era meu padrinho, o estranho moreno que visitou Vovó. O que significava aquilo? E ele disse que leu a mente de Amelia. Ele era telepata também? Aquilo não era uma coincidência e tanto? Tive a sensação de que existia muito a saber sobre isso, e embora ele tenha apenas me avisado sobre Sandra Pelt e o uso do cluviel dor, tive a nítida impressão de que ele estava abrindo caminho para a Grande Conversa Ruim. Reli a mensagem mais duas vezes com a



esperança de extrair algum pedaço sólido de informação sobre o cluviel dor, mas tive que concluir que eu não tinha nada.

Abri o e-mail de Amelia, não sem uma profunda sensação de desconfiança e um resíduo de indignação. O cérebro dela encontrava-se aberto para a colheita, aparentemente.

Amelia tinha um bocado de informação em sua cabeça ao meu respeito e sobre minhas atividades. Embora isso não fosse exatamente culpa dela, resolvi não contar-lhe mais segredos.

Sookie,

Desculpe-me por tudo. Você sabe que eu não penso antes de agir, e não fiz isso dessa vez. Só queria que fosse tão feliz como eu sou com Bob, acho, e não pensei em como você se sentiria. Estava tentando controlar sua vida. De novo, me desculpe.

Depois que voltamos para casa, fiz mais alguma pesquisa e descobri o cluviel dor. Eu suponho que um de seus parentes fadas deve ter falado a respeito? Não havia um na terra por centenas de anos. São símbolos de amor das fadas e levam um ano para serem fabricados, pelo menos. O cluviel dor concede um desejo ao amado. Acho que é por isso que é tão romântico. O desejo tem que ser pessoal. Não pode ser usado para a paz mundial, o fim da fome ou algo global assim. Mas em esfera individual, aparentemente, esta magia é tão potente que realmente pode mudar uma vida de forma drástica. Se alguém dá um cluviel dor ao ser amado, é um gesto realmente sério. Não são como flores ou doces. É mais ao nível de um colar de diamantes ou um iate, se jóias ou barcos tivessem poderes mágicos. Eu não sei por que você precisa saber a respeito dos símbolos de amor das fadas, mas se viu um, viu algo incrível. Acho que os fae não conseguem mais produzi-los.

Espero que algum dia você possa me perdoar, e talvez então eu ouça a história.

Amelia.



Percorri com o dedo sobre a suavidade daquele objeto perigosíssimo que eu tinha em mãos, e estremei.

Alerta, alerta e mais algum alerta.

Fiquei sentada na escrivaninha por mais alguns minutos, perdida em pensamentos. Quanto mais eu conhecia a natureza das fadas, menos confiava nelas. Ponto. Inclusive Claude e Dermot (e especialmente Niall, meu bisavô; parecia que eu estava sempre prestes a lembrar de algo sobre ele, algo realmente traiçoeiro). Sacudi a cabeça com impaciência. Não era hora de me preocupar com isso.

Embora eu tenha protelado em admitir tanto quanto possível, eu tinha que encarar fatos desagradáveis. O Sr. Cataliades, através da sua amizade com meu avô biológico, teve mais a ver com minha vida do que eu jamais havia imaginado, e ele estava revelando aquilo somente agora por razões que eu não conseguia compreender. Quando conheci o advogado demônio, ele nem tinha piscado em reconhecimento.

De algum modo, tudo estava interligado, e se somava à profunda desconfiança a respeito de meus parentes fadas. Eu acreditava que Claude, Dermot, Fintan e Niall me amaram tanto quanto podiam (para Claude, seria uma quantidade bem pequena, porque ele amava a si mesmo mais do que tudo). Mas eu não sentia que era um amor saudável. Embora o adjetivo tenha me feito estremecer e pensar em Wonder Bread⁶⁴ era o único que se encaixava.

Como uma espécie de conclusão para meu crescente entendimento da natureza das fadas, eu não duvidava mais da palavra de minha avó. Ao contrário, eu acreditava que Fintan amou minha avó Adele mais do que ela jamais concretizou e, de fato, ele a adorou além dos limites da imaginação humana. Ele esteve com ela com muito mais frequência do que ela soube, às vezes sob a aparência do marido para estar em sua presença. Ele tirou fotos de família com ela; observou-a em seus afazeres diários; provavelmente (estremecimento!) fez sexo com ela, disfarçado de Mitchell. Onde meu verdadeiro avô esteve enquanto tudo isso acontecia? Ele ainda ficou presente em seu corpo, mas inconsciente? Esperava que não, mas eu nunca saberia. Não tinha certeza se realmente queria saber.

Por causa de sua devoção, Fintan deu à minha avó um cluiel dor. Talvez pudesse ter salvado a sua vida, mas eu não acreditava que ela tivesse alguma vez pensado em usá-lo. Talvez sua fé tenha excluído uma crença sincera no poder de um objeto mágico.

⁶⁴ Marca de pão de fôrma. No original "wholesome love" - amor saudável, diz respeito ao slogan do produto. http://upload.wikimedia.org/wikipedia/en/f/f3/Wonder_Bread.JPG



Vovó guardou sua carta de confissão e o cluviel dor na gaveta oculta, anos atrás, para mantê-los seguros aos olhos curiosos dos dois netos que ela estava criando. Eu tinha certeza que, depois que escondeu os itens que a faziam se sentir tão culpada, ela quase se esqueceu deles. Imaginei que o alívio de descarregar a memória de si própria foi tão importante, que ela parou de se preocupar completamente. Deve ter parecido estranho, em contraste com as dificuldades diárias de ser uma viúva criando dois netos.

Talvez (conjeturei) de vez em quando ela pensasse, *Eu realmente devia contar a Sookie onde estão aquelas coisas*. Mas, é claro, ela sempre achou que teria mais tempo. Nós sempre achamos.

Examinei o objeto liso em minha mão. Tentei imaginar as coisas que poderia fazer com ele. Supostamente devia conceder um desejo, um desejo para alguém que se amasse. Já que eu amava Eric, provavelmente poderia desejar que Victor morresse, o que definitivamente beneficiaria meu amado. Pareceu terrível para mim, usar um símbolo de amor para matar alguém, favorecendo Eric ou não. A ideia que veio à mente fez meus olhos se arregalarem. Eu podia tirar a telepatia de Hunter! Ele poderia crescer normal! Eu poderia neutralizar o involuntário e pesado dom do filho abandonado de Hadley.

Aquilo pareceu uma ideia fabulosa. Fiquei encantada por trinta segundos. Então, claro, a dúvida surgiu. Era certo mudar tanto a vida de alguém simplesmente porque eu teria a possibilidade? Por outro lado, era certo deixar Hunter sofrer em seu caminho para uma infância difícil?

Eu podia mudar *a mim mesma*.

Era uma ideia tão chocante que quase me fez perder os sentidos. Neste instante eu simplesmente não conseguia pensar a respeito. Tinha que me preparar para a Operação Victor.

Após trinta minutos, estava pronta para ir.

Dirigi até o Fangtasia, tentando manter minha mente vazia e o meu espírito feroz (Esvaziar minha mente talvez fosse fácil demais. Aprendi tanta coisa nos últimos dias que eu mal sabia quem eu era mais. E isso me deixou bem zangada, então ferocidade foi fácil também). Acompanhei cantando cada música no rádio e, pela razão de eu ter uma voz terrível, estava contente por estar sozinha. Pam não consegue cantar também. Eu estava pensando muito nela enquanto dirigia, desejando saber se sua Miriam estava viva ou morta, triste por minha melhor amiga vampira. Pam era tão durona, forte e implacável que eu nunca havia considerado seus sentimentos mais delicados até os últimos dias.



Talvez fosse por isso que Eric escolheu Pam quando quis um filho; ele sentiu que eles tinham interesses em comum.

Eu não tinha dúvida que Eric me amasse, assim como sabia que Pam amava sua adoentada Miriam. Mas, eu não sabia se Eric me amava o suficiente para desafiar todos os planos do seu criador, o suficiente para abrir mão da ascensão de poder, status e lucro que ganharia como consorte da Rainha de Oklahoma. Eric gostaria de ser um Sooner⁶⁵? Enquanto percorria por Shreveport, me perguntei se os vampiros de Oklahoma usavam botas de cowboy e conheciam todas as canções do musical⁶⁶. Perguntei-me por que estava pensando em coisas tão idiotas quando devia me preparar para uma noite muito amarga, uma noite à qual eu poderia não sobreviver.

A julgar pelo estacionamento, o Fangtasia estava apinhado. Fui para a entrada dos funcionários e bati, usando um padrão especial. Maxwell abriu a porta, parecendo absolutamente elegante num belo terno marrom-claro acobreado. Vampiros de pele escura passam por uma mudança interessante algumas décadas depois de serem transformados. Se eles tiveram uma cor bem escura em vida, tornavam-se marrom-claros, tipo chocolate ao leite. Quem teve pele mais clara se tornava uma espécie de bege cremoso. Mas Maxwell Lee não estava morto há tanto tempo assim. Ele ainda era um dos homens mais negros que eu já vi, da cor do ébano, e seu bigode era meticuloso, como se ele o tivesse aparado com uma régua na mão. Nós nunca fomos muito chegados, mas esta noite seu sorriso estava quase maníaco de animação.

— Srta. Stackhouse, estamos tão felizes por você ficar esta noite — disse em voz alta. — Eric ficará satisfeito por vê-la tão — tão apetitosa.

Eu aceito elogios quando os recebo, e “apetitosa” não era ruim. Estava usando um vestido sem alças azul-céu com um cinto branco largo e sandálias brancas (eu sei que sapatos brancos supostamente fazem seus pés parecerem grandes, mas os meus não são, então não liguei). Meus cabelos estavam soltos. Sentia-me muito bem. Estendi um pé para que Maxwell pudesse admirar o pedicuro feito por mim mesma. Cravo Cor-de-Rosa Apimentado.

— Viçosa como uma margarida — disse Maxwell. Ele puxou seu paletó para o lado para mostrar que carregava uma arma. Lancei-lhe um grande olhar de admiração. Carregar uma arma de fogo não era a norma de um vampiro, e podia ser um pouco inesperado.

⁶⁵ A Universidade de Oklahoma tem 19 times oficiais de esportes. As equipes tanto masculinas quanto femininas são chamados de “sooners”, um apelido dado aos participantes do início da expansão territorial ou “Conquista do Oeste” que foi a tomada do território indígena de Oklahoma.

⁶⁶ Oklahoma! é um filme musical americano lançado em 1955, baseado na peça musical de mesmo nome de 1943.





Colton e Audrina chegaram em meus calcanhares. Audrina prendera seus cabelos com o que pareciam ser pauzinhos e carregava uma bolsa enorme, quase tão grande quanto a minha. Colton estava armado também, porque vestia uma jaqueta e, numa noite abafada como aquela, humanos simplesmente não usavam jaquetas se pudessem evitar. Apresentei-os para Maxwell e, após uma troca educada de palavras, eles entraram devagar pelo vestíbulo até saírem para dentro do clube.

Encontrei Eric no seu escritório, sentado atrás da mesa. Pam estava sentada sobre ela e Thalia no sofá. Ai meu Deus! Senti-me mais confiante ao ver a minúscula e antiga vampira grega. Thalia foi transformada há tanto tempo atrás que não restavam mais traços de humanidade. Ela era simplesmente uma fria máquina de matar. Ela juntou-se relutantemente aos vampiros que se revelaram, mas desprezava humanos com uma minúcia e ferocidade que a tornaram uma espécie de figura cult⁶⁷.

Um website ofereceu cinco mil dólares para o homem ou mulher que conseguisse tirar uma fotografia de Thalia sorrindo. Ninguém jamais conseguiu, mas esta noite eles poderiam. Ela sorria agora. Era aterrorizante como o inferno.

— Ele aceitou o convite — Eric disse sem preâmbulos. — Ficou apreensivo, mas não conseguiu resistir. Eu disse que ele era bem-vindo para trazer quantas pessoas desejasse de seu grupo, para que pudessem compartilhar da experiência.

242

— Era a única maneira de fazer isso — eu disse.

— Acho que você está certa — disse Pam. — Acho que ele trará apenas alguns, porque vai querer nos mostrar o quanto está confiante.

Mustapha Khan bateu à porta. Eric lhe acenou.

— Bill e Bubba estão fazendo uma parada num beco há dois quarteirões — ele disse, mal olhando para o resto de nós.

— Para quê? — Eric ficou surpreso.

— Hã... alguma coisa sobre gatos.

Todos nós desviamos o olhar, embaraçados. A tara de Bubba não era algo sobre a qual os vampiros quisessem falar.

⁶⁷ Denominação dada aos produtos da cultura popular que possuam um grupo de fãs ávidos. Geralmente, algo cult continua a ter admiradores e consumidores mesmo após não estar mais em evidência, devido à produção interrompida ou cancelada.



— Mas ele está animado? De bom humor?

— Sim, Eric. Ele está tão feliz quanto um pastor no Domingo de Páscoa. Bill o levou para dar uma volta num carro antigo, um passeio a cavalo e depois ao beco. Eles devem estar aqui na hora certa. Falei com Bill que telefonaria quando Victor chegasse.

Naquela altura, o Fangtasia seria fechado ao público. Embora o público feliz e esbanjador lá fora na pista de dança não soubesse, que esta noite, o rei do rock'n'roll cantaria novamente para o Regente da Louisiana. Quem poderia recusar um convite para tal evento?

Não o fanzoca Victor, isso com certeza. O display de papelão no Vampire's Kiss foi a grande pista. É claro que Victor tentou fazer Bubba ir ao seu próprio clube, mas eu soube que Bubba não quis ir ao Vampire's Kiss. Ele queria ficar com Bill e, se Bill dissesse que o Fangtasia era o lugar para estar, era esse que Bubba insistiria em ficar.

Ficamos sentados em silêncio, embora Fangtasia nunca ficasse realmente silencioso. Podíamos ouvir a música da área do bar, e o murmúrio de vozes. Era quase como se os clientes pudessem sentir que esta era uma noite especial, que todos eles tinham motivos para celebrar... ou fazer um último brinde antes de perecer.

Embora sentisse que me colocaria a um passo da catástrofe, eu trouxe o cluviel dor. Estava dobrado em meu cinto atrás da enorme fivela. Ele pressionava minha carne com insistência.

Mustapha Khan se posicionou contra uma parede. Ele estava absorto em sua fantasia de Blade esta noite, com óculos escuros, jaqueta de couro e um belo corte de cabelo. Perguntei-me onde estaria seu amigo Warren. Finalmente, por puro desespero atrás de uma conversa, eu perguntei.

— Warren está do lado de fora do clube, no telhado do Bed Bath & Beyond⁶⁸. — Mustapha Khan não virou o rosto para mim quando falou.

— Para quê?

— Ele é um atirador.

— Nós aperfeiçoamos um pouco sua ideia — disse Eric. — Se alguém sair pela porta, Warren cuidará dele. — Ele estava afundado em sua cadeira com os pés sobre a

⁶⁸ *Bed Bath & Beyond Inc. é uma empresa norte-americana fundada em 1971 para produtos domésticos nos EUA e Canadá com uma rede de lojas. Vendem produtos para quarto, banheiro, cozinha e sala de estar.*



mesa. Pam não tinha olhado para mim desde que entrei. De repente, me perguntei o motivo.

— Pam? — falei. Levantei e dei um passo na direção dela.

Ela sacudiu a cabeça, desviando o rosto.

Não consigo ler mentes de vampiros, mas eu não precisava. Miriam morreu hoje. Vendo a postura dos ombros de Pam, achei melhor não dizer nada. Ia contra minha natureza retomar para o meu lugar sem lhe oferecer conforto, um lenço, algumas palavras de consolo. Mas seria da natureza de Pam atacar, se eu oferecesse essas coisas.

Toquei meu cinto, onde o cluviel dor marcava forte meu estômago. Eu poderia desejar que Miriam voltasse a viver? Imaginei se isso satisfaria o requisito de que o desejo devia ser para alguém que eu amava. Eu gostava muito de Pam, mas isso não seria indireto demais?

Senti como se tivesse uma bomba amarrada em mim.

Ouvi o som tremeluzente do gongo. Eric instalou um no bar e o bartender o tocava quinze minutos antes de fechar. Eu nem sabia quem tinha assumido as tarefas do bar já que Felicia foi morta por Alexei. Talvez eu não estivesse interessada o bastante, ultimamente, pelos negócios de Eric. Por outro lado, ele mesmo estava distraído de seu interesse normal por seu pequeno reino com o comportamento predatório de Victor. Percebi que falta de conversa sobre coisas comuns era um de nossos problemas. Eu esperava que pudéssemos corrigir isso.

Levantei e segui pelo corredor até a área principal do bar. Não aguentava mais ficar sentada no escritório de Eric, não com Pam sofrendo do modo como estava.

Avistei Colton e Audrina dançando na pista minúscula, abraçados. Immanuel estava sentado no balcão do bar, e eu ocupei o banco ao lado dele. O bartender veio parar na minha frente. Era um sujeito musculoso com madeixas descendo em cascata pelas costas, colírio total. Um vampiro é claro.

— O que posso te servir, esposa de meu xerife? — ele perguntou cerimoniosamente.

— Pode me servir tônica com limão, por favor. Desculpe, não tive chance de conhecê-lo antes. Qual é o seu nome?



— Jock — ele respondeu, como se estivesse me desafiando a fazer uma piada. Eu nem sonharia com isso.

— Quando começou a trabalhar Jock?

— Vim de Reno quando a última bartender morreu — respondeu. — Trabalhei para Victor lá.

Perguntei-me para que lado Jock pularia esta noite. Interessante ver.

Eu não conhecia bem Immanuel — de fato, mal o conhecia. Mas dei um tapinha em seu ombro e perguntei se podia lhe pagar um drinque.

Ele se virou e lançou uma longa olhada em meu cabelo, finalmente acenando com aprovação. — Claro — respondeu. — Eu gostaria de outra cerveja.

— Sinto muito — falei em voz baixa, depois que pedi ao Jock que trouxesse uma cerveja para Immanuel. Imaginei onde estaria o corpo de Miriam agora; na funerária, supus.

— Agradeço — ele respondeu. Após um instante, disse: — Pam ia fazer esta noite, sem permissão. Isto é, transformar Miriam. Mas Mir só... deu um último suspiro e então se foi.

— Sua mãe e seu pai...?

Ele sacudiu a cabeça. — Éramos apenas eu e ela.

Realmente não havia nada a dizer a respeito daquilo.

— Talvez você devesse ir para casa? — sugeri. Ele não se parecia muito com um lutador para mim.

— Acho que não — respondeu.

Eu não consegui fazê-lo partir, então bebi minha tônica com limão enquanto todos os clientes humanos partiam. O bar ficou silencioso e relativamente vazio. Indira, uma das vampiras de Eric, surgiu vestindo um sári completo. Eu nunca a tinha visto antes em trajes tradicionais, e a estampa rosa e verde era realmente charmosa.

Jock lhe lançou um olhar de admiração. Thalia e Maxwell vieram dos fundos e movimentaram-se ao redor do clube junto com os funcionários humanos, ocupados limpando o lugar para a festa de mais tarde. Eu ajudei também. Era um serviço que eu estava acostumada a fazer. As mesas ao redor da pequena pista de dança e do palco foram





afastadas, e duas filas de cadeiras foram arrumadas no lugar. Maxwell trouxe uma espécie de rádio gravador. A música de Bubba. Depois que varri a pista e o palco, saí do caminho e voltei para meu banquinho no bar.

Heidi, cuja especialidade era rastreamento, entrou com os cabelos com tranças finas. Esbelta e simples, Heidi sempre carregava com ela um ar de tristeza por aí, como uma nuvem. Eu não tinha ideia do que ela faria hoje à noite quando a merda batesse no ventilador.

Enquanto Jock arrumava os suprimentos no lado dele do balcão, Colton e Audrina se aproximaram. Jock pareceu surpreso ao ver humanos que ele não conhecia. A presença deles tinha que ser explicada; eu não queria que Jock ficasse desconfiado. Falei: — Colton, Audrina, conheçam Jock. Jock, estas duas pessoas adoráveis concordaram em doar, caso Victor queira hospitalidade local. Claro, esperamos que isso não aconteça no estabelecimento, mas Eric não quer falhar em suas boas-vindas.

— Boa ideia — disse Jock, olhando Audrina apreciativamente. — Não podemos dar ao regente menos do que ele espera.

— Não. — Ou menos do que ele merece.

Quarenta e cinco minutos depois, o lugar parecia muito bem outra vez, e o último funcionário humano saiu pela porta dos fundos. Os únicos que respiravam a permanecer foram Colton, Audrina, Immanuel, Mustapha Khan e eu (definitivamente tive essa evidente sensação). Os vampiros de Shreveport que eu conhecia desde que comecei a sair com Bill tinham se reunido: Pam, Maxwell Lee, Thalia, Indira. Eu conhecia todos eles até certo ponto. Victor ficaria imediatamente alerta se todos os vampiros de Eric estivessem ali, ou se fossem todos os pesos-pesados. Então Eric chamou o pequeno ninho de Minden: Palomino, Rubio Hermosa e Parker Coburn, os exilados do Katrina. Eles entraram parecendo infelizes, mas resignados. Encostaram-se contra a parede, de mãos dadas. Era meio que adorável, mas triste também.

O jukebox foi desligado. O silêncio foi quase instantaneamente opressivo.

Embora o Fangtasia se localizasse numa área movimentada com shoppings e restaurantes, a esta hora — mesmo num final de semana — não havia muito barulho na cidade do lado de fora. Ninguém sentia vontade de conversar. Eu não sabia que tipo de pensamentos ocupavam as outras cabeças, mas estava considerando o fato de que eu podia morrer nesta mesma noite. Fiquei triste pelo chá de bebê, mas tinha arrumado as coisas do melhor jeito que pude. Fiquei triste por não ter conseguido falar com o Sr. Cataliades e ter tudo definido na minha mente, toda aquela informação nova que mal tive



tempo de assimilar. Estava feliz por ter dado o dinheiro para o Sam, e triste por não ter podido ser franca com ele sobre do por que foi necessário ser feito neste mesmo dia. Esperava que, se eu morresse, Jason se mudasse de volta para a antiga casa, se casasse com Michele e criasse os filhos lá. Minha mãe, Michelle-com-dois-L, foi completamente diferente da Michele-com-um-L de Jason, pelo menos a julgar por minhas memórias de infância, mas ambas eram similares em amar Jason. Fiquei triste por não ter dito que o amava na última vez que conversamos.

Eu estava triste sobre muitas coisas. Meus erros e crimes amontoavam-se ao meu redor.

Eric se aproximou e virou-me no banquinho para que pudesse me abraçar. — Eu desejei que você não tivesse que estar aqui — disse. Essa foi toda a conversa que poderíamos ter com Jock nos ouvindo. Debrucei-me contra o corpo frio de Eric, minha cabeça descansando em seu peito silencioso. Eu poderia nunca mais conseguir fazer isso novamente.

Pam chegou para se sentar ao lado de Immanuel. Thalia olhou de cara feia, que era sua expressão de retirada, e virou as costas para todos nós. Indira sentou-se com os olhos fechados, as dobras graciosas de seu sári fazendo-a parecer uma estátua do Pier 1⁶⁹. Heidi olhou seriamente para cada um de nós, e sua boca retraiu-se numa linha sombria. Se ela estava se preocupando com Victor, eu calculei que ficaria ao lado de Jock, mas nunca a vi falar com ele.

Maxwell aparentemente ouviu uma batida na porta dos fundos, inaudível para meus ouvidos humanos. Ele correu e voltou para dizer ao Eric que Bill e Bubba tinham chegado. Eles ficariam no escritório até o momento chegar.

Logo após disso, ouvi carros estacionando diante do clube.

— Hora do show — disse Pam e, pela primeira vez naquela noite, ela sorriu.

⁶⁹ Pier 1 Imports Inc. é uma cadeia de lojas varejistas especializadas em artigos importados de decoração e design de interiores, especialmente móveis. A cadeia opera em mais de mil lojas nos Estados Unidos, Canadá, México e Porto Rico.





Capítulo Quinze

LUIS E ANTONIO ENTRARAM PRIMEIRO. Eles estavam claramente desconfiados. Era como assistir a um programa policial na televisão; eles entraram depressa e imediatamente se separaram para flanquear a porta. Eu quase ri, e Immanuel realmente deu uma risada, o que não foi uma boa ideia. Felizmente, humanos são as últimas criaturas com quem os vampiros se preocupam quando eles estão antecipando problemas. Os dois vampiros bonitos, vestidos com jeans e camiseta ao invés de tangas de couro, rapidamente fizeram uma busca pelo clube, verificando lugares onde outros vampiros poderiam estar escondidos. Teria sido uma grave violação de etiqueta demandar revista corporal, mas você poderia dizer que eles estavam fiscalizando cada vampiro nativo por armas ou estacas. Maxwell teve que desistir de sua arma, o que ele fez sem protestar um segundo. Ele esperava por isso.

Após uma varredura completa das instalações e uma reverência para Eric, Luis colocou sua cabeça para fora para dar o sinal verde.

248

O resto da comitiva de Victor entrou em ordem de dispensabilidade: o casal de humanos com quem ele havia estado no Vampire's Kiss (Mark e Mindy), dois vampiros jovens cujos nomes eu nunca descobri, Ana Lyudmila (que parecia muito melhor fora do seu vestuário de fantasia bondage), e um vampiro que eu nunca tinha visto, um cara asiático com pele marfim e cabelos pretos puxados na cabeça num nó complicado. Ele poderia parecer incrível usando roupas tradicionais, mas ao invés disso ele usava jeans e um colete preto, sem camisa ou sapatos.

— Akiro, — Heidi disse num sussurro intimidado. Ela estava à vontade perto de mim, e a tensão causou arrepios nela também.

— Você o conhece de Nevada?

— Ah, sim, — ela respondeu. — Eu não sabia que Victor havia ligado para ele. Ele está finalmente substituindo Bruno — e Corinna também. É assim que é a boa reputação de Akiro. — Já que agora ele era oficialmente o segundo no comando, era aceitável para Akiro estar abertamente armado. Ele estava carregando uma espada, como uma outra vampira asiática que eu havia conhecido. (Reflita sobre isso, ela havia sido uma guarda-costas também). Akiro estava parado no centro do salão, consciente de que todos os olhos





estavam nele, seu rosto frio e duro, e seus olhos implacáveis.

E depois Victor fez sua entrada, resplandescente em um terno branco de três peças.

— Bom Deus Todo-Poderoso, — eu disse inexpressivamente, não ousando encontrar os olhos de ninguém. Os cachos pretos de Victor estavam cuidadosamente arrumados, e sua orelha furada ostentava um grande brinco de argola de ouro. Seus sapatos eram belamente pretos. Victor era uma visão. Era quase uma vergonha tentar destruir extraordinária beleza, e eu desejei que Victor não estivesse tão determinado a arruinar nossas vidas. Eu deixei minha bolsa no bar e abri seu zíper, assim eu teria um acesso rápido. Immanuel deslizou de seu banquinho e foi para a parede, seus olhos fixos nos recém-chegados. Heidi tomou o seu lugar enquanto Victor e sua comitiva entravam no clube.

Embora meus olhos estivessem fixos em Victor, me senti obrigada a falar com Heidi, já que eu senti que ela havia pousado ao meu lado por alguma razão. — Como está o seu filho? — eu perguntei como se pergunta quando você conhece alguém que tem um ente querido.

— Eric ofereceu para que eu o trouxesse para cá, — Heidi respondeu cuidadosamente, mantendo seus olhos nos visitantes.

— Essas são ótimas notícias, — eu disse, e eu quis dizer isso. Mais uma do nosso lado.

Nesse meio tempo, a recepção estava se movendo lentamente para frente.

— Victor, — Eric disse. Ele se moveu para frente e para o centro, deixando uma cuidadosa distância do regente. Ele foi esperto o suficiente para não dar uma calorosa recepção para Victor, uma vez que poderia haver uma grande chance de algo ruim estar prestes a acontecer. — Bem-vindo ao Fangtasia. Estamos contentes em ter uma chance de entretê-lo. — Eric fez uma reverência. O rosto de Akiro permaneceu branco, como se Eric não estivesse ali.

Ainda de pé e rodeado por Luis e Antonio, Victor inclinou sua cabeça cacheada. — Xerife, eu te apresento meu novo braço direito, Akiro, — ele disse com seu sorriso brilhante. — Akiro aceitou recentemente se transferir de Nevada para Lousiana.

Eric disse, — Eu desejo boas-vindas a um vampiro tão conhecido como Akiro na Louisiana. Tenho certeza que você será uma ótima adição no pessoal do regente. — Eric conseguia se mostrar tão impassível assim como o vampiro ao lado.



Akiro teve que reconhecer a saudação de um xerife, que era superior na cadeia alimentar, mas você poderia dizer que ele não quis. Sua reverência foi um milímetro superficial demais.

Vampiros.

Ótimo, eu pensei muito irritada. *Finalmente Victor substituiu sua tenente e seu melhor lutador. Apenas por este momento.* — Eu suponho que esse Akiro é um lutador muito bom, hein? — sussurrei para Heidi.

— Você pode dizer que sim, — Heidi respondeu secamente e se impulsionou para frente para cumprimentar seu regente. Todos os vampiros de Eric tiveram que se revezar oferecendo reverências. Jock, o novo membro da equipe de Eric, foi o último da fila. Você poderia dizer que ele estava pronto para beijar a bunda de Victor se tivesse metade de uma chance.

Mindy, com uma luxúria inoportuna, deu ao Jock um olhar esperançoso. Ela era muito burra, mas isso não significava que tinha que morrer. Me perguntei se poderia levá-la para fazer uma viagem ao banheiro feminino antes que a hora chegasse. Não. A menos que fosse ideia dela, tal manobra poderia ser uma bandeira vermelha. Olhei para os recém-chegados e tentei me fortalecer para o que estava por vir.

Isso era particularmente horrível — essa espera, esse planejamento, sabendo que eu estava prestes a fazer o meu melhor para matar aquelas pessoas na minha frente. Estava olhando para seus olhos e com a esperança de que eles estivessem mortos na próxima hora. Era assim que os soldados se sentiam? Eu não estava tão ligada como eu pensei que estaria; eu estava suspensa em uma misteriosa calma, talvez porque agora que Victor havia chegado, nada poderia parar o que estava para acontecer.

Quando Victor indicou que estava satisfeito com as saudações ao tomar a cadeira central, Eric falou para Jock trazer bebidas para todos. Todos os vampiros forasteiros esperaram que Luis bebesse de uma taça da bandeja, escolhida aleatoriamente. Depois que Luis sobreviveu por alguns minutos, todos os recém-chegados escolheram as taças e, um por um, todos tomaram alguns goles.

A atmosfera ficou muito mais confortável depois disso, porque as bebidas eram absolutamente autênticas: sangue sintético aquecido, uma marca premium.

— Você segue à lei ao pé da letra aqui no Fangtasia, — Victor observou. Ele sorriu para Eric. Mindy estava no meio dos dois, e ela estava apoiada sobre o ombro de Victor, sua Coca diet com rum na frente dela. Seu marido, Mark, à esquerda de Victor não parecia



estar se sentindo bem. Sua cor estava péssima, e ele parecia apático. Quando eu vi as marcas de presas em seu pescoço, me perguntei se Victor havia passado da conta com ele. Mindy não parecia se preocupar.

— Sim, Regente, — Eric disse. Ele sorriu de volta, atenciosamente da mesma forma, e não entrou em detalhes.

— Sua bonita esposa?

— Está presente, é claro, — Eric respondeu. — O que seria da noite sem ela? — Eric acenou em minha direção e Victor levantou sua bebida para mim em apreciação à minha aparência. Consegui parecer agradecida. — Victor, — eu disse, — estamos muito contentes que você tenha vindo essa noite. — Eu não tentei parecer mais do que “agradecida”. Victor não esperava que eu fosse tão boa em esconder meus sentimentos como Eric era, e eu não daria a ele razões para pensar diferente.

Com certeza, Eric não queria que eu estivesse ali. Ele havia deixado claro que um humano frágil não devia ficar por perto quando vampiros estivessem lutando. Em teoria, eu concordei. Eu poderia muito bem ter ficado em casa — mas eu teria me preocupado a cada segundo. A prova concludente do meu argumento era que Victor ficaria definitivamente em alerta se eu chamasse à atenção para a minha ausência, o que seria um claro sinal de que Eric estaria prestes a armar alguma coisa. Eric não pôde negar esse propósito quando eu o elaborei em nossa reunião.

Akiro se posicionou atrás da cadeira de Victor. Huuum, inadequado. Eu estava pensando no que eu poderia fazer sobre isso. Pam estava atrás da cadeira de Eric.

Quando Eric acenou para mim, sorri e fui me juntar a ele, minha bolsa sobre o meu ombro.

Colton e Audrina estavam misturados à paisagem carregando bandejas de bebidas ao redor do clube.

Para meu espanto, Heidi se ajoelhou perto da minha cadeira, sua postura indicando alerta. Eric olhou para ela, mas não fez comentário.

Heidi estava tomando uma posição, como Eric a havia ordenado, para me proteger durante o que devia ser uma vistoria delicada. Olhei para ela, mas ela não encontrou meus olhos. Sim, isso foi exatamente o que havia acontecido. Pelo menos aquilo estava encaixado no âmbito do “normal” e não necessariamente faria com que os visitantes ficassem preocupados.



— Bill, — Eric chamou. — Estamos prontos!

E Bill emergiu do corredor de trás, sorrindo — um totalmente atípico sorriso largo — levantando seu braço para apontar em direção ao corredor (tah-DAH!), anunciando a entrada de Bubba.

E que entrada foi aquela! Colocou a do Victor pra escanteio.

— OhmeuDeus, — murmurei. Bubba estava vestindo um macacão vermelho o qual alguém havia usado um Bedazzler⁷⁰; ele usava joias falsas e lantejoulas por toda parte, e seu cabelo estava arrumado em um topete surpreendente. Ele estava usando botas pretas e anéis grandes. Ele estava sorrindo aquele sorriso torto maravilhoso que fez desmaiar as mulheres de todo o mundo, e estava acenando como se houvesse milhares de nós em vez de um punhado. Bill parou em frente ao rádio gravador que Maxwell havia instalado, e quando Bubba saltou sobre o pequeno palco e agradeceu muito a todos nós, as luzes se apagaram. Bill começou a música “Kentucky Rain”.

Foi incrível. O que eu posso dizer?

Victor estava totalmente arrebatado, ou tão totalmente como alguém perpetuamente cauteloso poderia estar. Victor se inclinou para frente — Mindy e Mark esquecidos, os outros vampiros esquecidos — para absorver a experiência. Afinal de contas, ele tinha Akiro para estar alerta por ele. E Akiro estava em ação, sem dúvida. Seus olhos jamais fixados em Bubba, mas varrendo o salão. Luis e Antonio posicionaram-se perto da porta da frente, guardando as costas de Akiro, e os olhos dos guarda-costas estavam fazendo uma varredura de 180° graus do resto do clube, enquanto ele estava atrás de Victor.

Enquanto Bubba curvava-se para os aplausos, que foram tão estrondosos quanto a nossa pequena multidão conseguiu, Bill iniciou a música novamente. Dessa vez nós ouvimos “In the Ghetto”.

Lágrimas vermelhas corriam pelo rosto de Victor. Espiei por cima do meu ombro para ver que Luis e Antonio estavam extasiados. Os dois vampiros sem nome estavam parados perto de Bill, suas mãos na frente deles, assistindo ao show.

Ana Lyudmila não era muito fã de música, aparentemente. Ela parecia entediada enquanto estava sentada na ponta de um banco em uma das cabines perto da porta da frente. Eu podia vê-la sobre o ombro de Mark. Thalia, que era a metade do tamanho de

⁷⁰ BeDazzler é um eletrodoméstico que é usado para fixar strass, tachas e remendos em roupas e acessórios.
http://cache.boston.com/images/bostondirttdogs//BDD_DO_bedazzler_bdd.jpg



Ana Lyudmila, aproximou-se dela e silenciosamente ofereceu uma bandeja carregada de mais bebidas. Ana Lyudmila balançou suas mãos graciosamente, selecionou uma, e tomou um grande gole. Depois de um segundo em que sua expressão deu flashes de absoluto horror, ela se contorceu. Thalia pegou a garrafa enquanto esta caía dos dedos de Ana Lyudmila. A vampira letal e antiga silenciosamente empurrou o corpo inerte para dentro de uma cabine e virou-se para olhar o palco, de pé de modo que consegui bloquear a extensão das pernas de Ana Lyudmila. O episódio inteiro levou menos de trinta segundos. Eu não tinha ideia do que havia na bebida; alguma forma de prata líquida? Isso era possível? Esse pequeno subplano tinha sido possível às custas de um dos vampiros estar fora do campo de visão dos outros, e felizmente para nós isto tinha valido à pena.

Uma abatida. Nós queríamos remover o máximo possível antes mesmo que a briga começasse.

Palomino, cuja cabeleira platinada e a bela pele dourada a fazia se destacar, encaminhou-se casualmente para mais perto de Antonio. Ela encontrou os olhos dele e sorriu, mas teve cuidado em não exagerar.

Minha bolsa estava no chão no minúsculo espaço entre a minha cadeira e a de Eric. Mergulhei a mão para dentro de sua boca aberta e retirei uma estaca muito afiada. Apertei-a na mão à espera de Eric. Depois de um segundo apoiada em seu ombro para cobrir o movimento, eu movi com cuidado a estaca perpendicularmente para dar-lhe espaço.

Maxwell Lee, que estava parado junto à porta dos fundos do escritório, tirou seu paletó e dobrou-o cuidadosamente. Eu apreciei seu cuidado com a roupa, mas era como um sinal de que ele estava prestes a agir. Ele pareceu perceber, porque se sentou na ponta de uma cabine depois disso.

Enquanto Bubba se prendia às músicas do tipo balada, ele esteve hipnotizante, mas para seu próximo número ele escolheu “Jailhouse Rock” e, de certa forma, um traço de tristeza pareceu lavar a performance. Embora a transição para o vampirismo tivesse aliviado todas as suas enfermidades, ainda assim ele tinha morrido em péssimas condições físicas, e ainda tinha as marcas da idade. Agora que estava fazendo um número cantando e dançando, o efeito foi um pouco patético. Eu vi a pequena platéia começar a perder sua concentração com a performance.

Mudar o tom foi um erro, mas um que não poderíamos ter previsto.

Eu podia sentir o braço de Eric tenso ao meu lado, e depois com a surpreendente velocidade de uma cobra ele se inclinou para jogar Mindy Simpson à sua esquerda, seu



braço direito levantou-se, e ele o balançou para estaquear Victor no peito. Como um ataque furtivo foi perfeito. Eric teria acertado exatamente a marca se Akiro, com velocidade igualmente assustadora, não tivesse sacado sua espada e a abaixado à medida que Eric se moveu.

Mindy Simpson foi condenada a estar no lugar errado no segundo errado. A espada de Akiro golpeou o ombro dela durante sua passagem pelo braço de Eric e simplesmente o cortou de lado a lado, seus ossos e sua carne retardando a letal lâmina quase a tempo suficiente para Eric escapar.

O inferno começou.

Mindy gritou e morreu em poucos segundos, e a quantidade de sangue foi simplesmente incrível. Enquanto ela morria, várias coisas aconteceram quase simultaneamente. Como Mark ainda olhava embasbacado, Victor ficou tentando se enfiar ao lado do corpo caído e sangrento de Mindy, Akiro estava tentando soltar sua espada, e Eric estava abaixando a cabeça e avançando para frente para fugir de mais um golpe da espada. O braço de Eric estava sangrando, mas graças ao bloqueio não intencional de Mindy ainda estava funcional. Levantei-me e saltei para trás para sair do caminho, derrubando minha cadeira para o lado, e bateu direto em Luis, que estava lançando a si mesmo para frente para proteger seu mestre. Eu atrapahei a trajetória de Luis, e nós acabamos num amontoado no chão. Felizmente para mim, ele estava muito focado na parte vampiresca da briga para me considerar perigosa, e simplesmente me usou como um trampolim para saltar.

254

Não que eu tenha me sentido exatamente bem, mas não foi fatal.

Me arrastei para ser capaz de agachar e tentei calcular o que faria a seguir. Com as luzes apagadas, não era fácil determinar o que estava acontecendo. Uma dupla de lutadores perto das portas do clube mostrou-se ser Palomino e Antonio, e uma pequena figura voando pelos ares só podia ser Thalia. Ela pretendia enterrar-se nas costas de Akiro, mas ele se virou no último segundo — incrivelmente rápido — e, ao invés disso, ela bateu no seu peito, e ele cambaleou. Sua espada não era uma arma para um combate próximo, não com Thalia fazendo o seu melhor para rasgar a garganta dele com seus dentes.

Mark Simpson estava cambaleando para longe do corpo de sua esposa e da luta dos vampiros, e ele ficou dizendo, “Oh, meu Deus, Oh, meu Deus,” mais e mais. Mas ele conseguiu se esconder atrás do bar, onde agarrou uma garrafa e começou a tentar encontrar alguém para bater. Eu senti que poderia lidar com Mark Simpson e me levantei.

Colton cuidou dele antes que eu pudesse chegar lá. Ele pegou a própria garrafa de





Mark Simpson e a bateu na parte de trás da cabeça dele, que cambaleou e caiu.

Enquanto Thalia mantinha Akiro ocupado, Eric e Pam partiram para Victor. Não há nada como uma briga de bar justa. Eles formaram uma dupla contra ele.

Maxwell Lee muito precisamente estaqueou Antonio pelas costas enquanto ele estava lutando com Palomino.

Eu podia ouvir Bubba gritando de forma agitada. Eu pulei sobre o palco e peguei seu braço.

— Ei, está tudo bem, — eu disse. Muitas pessoas estavam berrando e gritando e eu não tinha certeza se ele me ouvia, mas depois de repetir aquilo por cerca de vinte vezes, ele parou a gritaria (graças a Deus!) e disse — Senhora Sookie, eu quero ir embora daqui.

— Certo, — eu disse, tentando manter minha própria voz calma e nivelada, apesar de que eu queria gritar também. — Você vê aquela porta ali? — eu apontei para a porta que levava de volta para o resto do clube, o escritório de Eric e assim por diante. — Volte para lá e espere. Você foi ótimo, simplesmente ótimo! Bill estará de volta para lá imediatamente, tenho certeza.

— Ok, — ele disse tristemente, e eu vi sua silhueta se movendo contra a luz fraca que vinha da porta aberta. Finalmente localizei Bill, que estava tomando seu caminho através dos combatentes com seus olhos no prêmio. Ele pegou Bubba pelo braço, guiando-o para a segurança, trabalho para o qual Bill foi designado. Eu estava orgulhosa de ver que Bill havia deixado um dos vampiros sem nome morto no chão, já se descamando.

Eu estava tão atenta em Bubba que eu não vi Audrina cambaleando em minha direção, suas mãos em sua garganta e o sangue escorrendo de uma ferida, até ela de fato colidir comigo — me fazendo cair de joelhos no chão. Eu não sei qual era seu objetivo — talvez ela estivesse tentando passar por mim para ir até o bar pegar uma toalha para estancar o fluxo vermelho, talvez ela só estivesse tentando fugir de seu agressor — mas ela jamais teria sucesso. Ela afundou de corpo inteiro no chão uns noventa centímetros depois de mim, e não havia nada que eu pudesse fazer por ela. Eu senti um movimento atrás de mim enquanto eu tocava o pulso dela, e eu me joguei para longe do corpo na hora certa para desviar de um golpe do barman, Jock. Ele tinha excelentes instintos de sobrevivência, indo atrás de mulheres humanas ao invés de vampiros. Indira, com seu sári ondulado ao seu redor, segurou o pesado braço de Jock e o balançou com força suficiente para fazê-lo colidir violentamente contra uma parede. Um buraco apareceu na parede e Jock oscilou para trás, instável sobre seus pés. Indira se jogou no chão, o atingiu entre suas pernas, e agarrou.



Gritando, Jock pisou e chutou, mas Indira o castrou.

Eu tinha uma nova “coisa mais horrível que eu já vi.”

O sangue jorrou de Jock, grosso e escuro, e ele olhou para baixo em choque enquanto Indira gritava vitória. Com uma súbita determinação, ele balançou seus punhos cerrados e bateu nela na parte lateral da sua cabeça. Indira voou, e foi sua vez de colidir contra a parede. Ela ficou imóvel no chão por um segundo, balançando sua cabeça como se houvesse moscas zumbindo em volta dela. Jock andou até ela, mas eu agarrei seu ombro em tempo de atrasá-lo um pouco, e no momento que ele alcançou Indira, ela reviveu o bastante para lançar-se para cima, jogando uma dobra do seu sári no rosto dele, tempo suficiente para cegá-lo enquanto pegava a estaca que eu joguei para ela e a acertar dentro do peito de Jock.

Jock, eu mal o conhecia.

Tentei fazer uma rápida avaliação.

Jock eliminado, Mark e Mindy Simpson eliminados, Ana Lyudmila eliminada, Antonio eliminado, Vampiro Inimigo Desconhecido nº 1 eliminado. Luis... Onde ele foi? Eu ouvi um tiro do lado de fora e calculei que aquilo respondeu à minha pergunta. Com toda certeza, Luis correu para dentro do clube com um ferimento no ombro esquerdo. Mustapha Khan estava esperando com uma longa faca. Luis travou uma luta furiosa apesar do ferimento de bala, e ele tinha uma arma escondida também. Ele tirou sua própria faca e marcou um corte em Mustapha, mas Immanuel chutou o joelho de Luis por trás e ele caiu. Rubio aproveitou-se do momento de fraqueza para cravar uma estaca. Embora Mustapha tivesse dito “Ah, diabos,” com grande aversão, ele se curvou com mesura para Rubio. Surpreso, Rubio reverenciou de volta.

Palomino estava tendo problemas com o Vampiro Inimigo Desconhecido nº 2, que lutava como um demônio. Talvez Palomino não fosse uma lutadora tão hábil, ou tão antiga, mas ela estava sangrando e enfraquecida. Parker, que evidentemente não foi muito de lutar, manteve-se nas costas de nº 2 e repetidamente o espetou com um picador de gelo, o que não era muito eficaz, mas obviamente irritante. Nº 2, um vampiro corpulento que havia sido transformado nos seus trinta anos, se curava para somente ser perfurado de novo. Tenho certeza que isso doeu como o inferno. Parker estava aparentemente com medo de chegar muito perto para furar o coração de nº 2. Palomino estava muito lenta por causa de seus ferimentos para imobilizá-lo. Mustapha, frustrado com a morte de Luis, empurrou Parker para o lado e decapitou nº 2 com um dramático golpe de sua faca.

Agora, Akiro e Victor eram os únicos inimigos restantes.



Ambos sabiam que eles estavam lutando por suas vidas. A boca de Pam estava manchada com sangue, mas eu não conseguia dizer se era o seu próprio sangue ou o sangue de Victor. Eu senti o cluviel dor espremido na minha cintura e pensei em tirá-lo, mas no instante seguinte Akiro conseguiu decepar o braço de Thalia. Thalia agarrou o membro enquanto caia e o usou para golpear Akiro, e Heidi pulou atrás de Akiro e esfaqueou seu pescoço.

Akiro deixou cair sua espada para arrancar a faca de seu pescoço e eu corri rapidamente para apreender a arma, assim ele não poderia recuperá-la. A espada era longa e não era pesada como eu esperava. Dei um passo para trás para deixá-la o mais longe de suas mãos tateantes, e naquele momento Victor golpeou Eric para a parede e empurrou Pam de costas, jogando seu corpo em cima dela na minha frente. Ele mordeu seu pescoço, suas mãos apertando os ombros dela para baixo.

Ela olhou para mim, seu rosto estranhamente calmo. — Faça isso, — ela disse.

— Não. — Eu poderia ferir Pam.

— Faça. — Ela estava absolutamente convincente. Suas próprias mãos voaram até o aperto de Victor por cima dos braços dele, prendendo-os para baixo.

Eric estava desconcertantemente parado, sangue escorrendo de sua cabeça, do seu braço ferido e da sua lateral. Ele havia mordido Victor pelo menos uma vez, devido a sua boca vermelha. Olhei para Pam, que estava segurando nosso inimigo com tudo o que ela tinha. Ela fez que sim com a cabeça e a virou para o lado. Ela fechou seus olhos. Desejei poder fazer o mesmo. Respirei e agitei a espada para baixo.



Capítulo Dezesseis

PAM EMPURROU VICTOR PARA LONGE e se lançou com um salto. Eu estava tão assustada que tivesse matado Pam que eu não fui suficientemente forte. Eu não tinha cortado Victor até o fim completamente, embora eu tivesse cortado a sua coluna vertebral. A espada estava cravada no osso e eu não conseguia removê-la. Horrorizada comigo mesma, com a sensação de ter dividido Victor por dentro, me movimentei para trás e cobri minha boca.

Pam puxou a espada da ferida e decapitou Victor.

— Renda-se, — Eric disse ao gravemente ferido Akiro.

Akiro balançou sua cabeça. O ferimento em sua garganta o impedia de falar.

— Tudo bem, então, — disse Eric, cansado. Ele agarrou a cabeça de Akiro e quebrou seu pescoço. O audível estalo foi profundamente repugnante. Afastei-me, meu estômago subiu e desceu enquanto eu dizia para ele sentar e calar a boca. Enquanto Akiro jazia indefeso, Eric o estaqueou.

E estava tudo acabado. Victor e todos os seus criados vampiros — e seus criados humanos, também — estavam mortos. Não bastasse a descamação dos vampiros a alterar a qualidade do ar.

Eu mergulhei numa cadeira. Na verdade, eu perdi o controle das minhas pernas e aconteceu de uma cadeira estar debaixo de mim. Thalia estava chorando por causa da dor de seu braço amputado, mas ela estava lutando arduamente contra aquela exibição de fraqueza. Indira sentou de cócoras sobre o chão parecendo exausta, mas regozijada. Maxwell Lee, Parker e Rubio tiveram ferimentos menores. Pam e Eric estavam cobertos de sangue, tanto deles quanto de Victor. Palomino caminhou lentamente até Rubio e colocou seus braços ao redor dele, puxando Parker para o abraço. Colton estava ajoelhado sobre Audrina morta, chorando.

Eu nunca quis ver outra batalha, grande ou pequena, em minha vida. Olhei para o meu amado, meu marido, e ele parecia um estranho para mim. Ele e Pam parados um diante do outro, de mãos dadas e sorrindo pelo sangue. Então sem afetação eles



desmoronaram na direção um do outro, e Pam começou a rir de um jeito esbaforido. — Está feito! — ela disse. — Está feito. Nós estamos livres.

Até Felipe de Castro cair sobre nós como uma tonelada de tijolos porque ele vai querer saber o que aconteceu com seu regente, pensei, mas eu não disse nada. A — eu não tinha certeza se eu podia. B — nós já perguntamos o que aconteceria, mas Eric era da opinião que era melhor pedir clemência a permissão.

Mustapha estava em seu celular, que era quase tão grande quanto um grilo. — Warren, não adianta você chegar, cara, — ele disse. — A ação está feita. Bom tiro. É, nós o pegamos.

Parker disse, — Xerife, estamos partindo para casa a menos que você precise de nós. — O jovem magro estava apoiando Palomino, e Rubio estava do seu outro lado. Eles estavam todos muito arrebetados de uma forma ou de outra.

— Vocês podem ir. — Eric, manchado com sangue, ainda era extremamente o soberano. — Vocês responderam meu chamado e fizeram seu trabalho. Vocês serão recompensados.

Palomino, Rubio, e Parker reciprocamente ajudaram uns aos outros em direção à porta dos fundos. A julgar pelas suas expressões, eu tinha certeza que eles esperavam que Eric não os chamasse novamente por um longo, longo período, não importando qual possa ser a recompensa.

Indira engatinhou até Thalia para acomodar o braço amputado dela ao seu ombro com força. Ela o manteve lá, sorridente. Indira era a pessoa mais feliz no bar.

— Isso irá funcionar? — Eu perguntei a Pam, indicando com a cabeça para a união braço-ombro. Pam estava limpando a espada sangrenta na roupa de Akiro. Sua garganta estava quase destruída; partes feridas se desintegram mais rapidamente do que as partes não lesadas.

— Às vezes, — respondeu ela, encolhendo os ombros. — Já que Thalia é tão antiga, há uma chance. É menos doloroso e consome menos tempo do que a regeneração.

— Thalia, eu posso pegar um pouco de sangue para você? — Eu não achava que eu nunca seria corajosa suficiente para abordar Thalia diretamente, mas eu poderia claramente levar para ela algum sangue engarrafado e ficaria contente em fazê-lo. Ela olhou para mim, com os olhos cheios de lágrimas involuntárias. Era óbvio que ela estava se forçando a ficar parada. — Não, a menos que você queira doar a si própria, —



respondeu ela em seu Inglês com forte sotaque. — Mas Eric não ficará satisfeito se eu beber de você. Immanuel dá-me um bocado?

— Tudo bem, — respondeu ele. O cabeleireiro magricela parecia mais do que um pouco confuso.

— Você tem certeza? — Eu perguntei. — Você não aparenta estar bem disposto.

— Pro inferno, sim, — Immanuel respondeu de modo não convincente. — O cara que matou a minha irmã está morto. Estou me sentindo bem.

Ele não parecia bem, mas com certeza eu tampouco parecia. Eu exprimi tanto quanto eu podia, então me sentei por perto enquanto Immanuel se curvou desajeitadamente diante da cadeira de Thalia.

A diferença na altura não ficou a favor deles. Thalia colocou seu braço bom em volta do pescoço de Immanuel e afundou suas presas sem mais alguma discussão. A expressão no rosto de Immanuel passou de triste para feliz.

Thalia era uma comedora barulhenta.

Indira se agachou ao lado dela com seu sári encharcado com sangue, pacientemente segurando o membro amputado da sua fonte. Conforme Thalia bebia, notei que o braço parecia mais e mais natural. Os dedos se arquearam. Fiquei impressionada, mas foi só mais um evento extremo durante uma noite daquelas.

Pam parecia um pouco incomodada uma vez que sua celebração de vitória com Eric havia acabado e ela viu que Immanuel estava oferecendo seu sangue para outra pessoa.

Ela perguntou ao Mustapha se ele a daria um gole, e ele deu de ombros. — É parte do trabalho, — ele disse, puxando para baixo a camiseta preta do seu pescoço. Pam parecia incrivelmente branca em contraste com Mustapha, e os dentes de Mustapha ficaram expostos em uma careta quando ela o mordeu. Ele, também, pareceu mais feliz depois de um segundo.

Eric se juntou a mim, sorridente. Eu nunca estive mais puramente satisfeita que nosso laço estivesse quebrado, porque eu não queria sentir o que ele estava sentindo, nem mesmo um pouco. Ele colocou seus braços ao meu redor, me beijou com entusiasmo, e todo odor que eu pude sentir era de sangue. Ele estava encharcado com ele. O sangue estava tomando completamente meu vestido, meus braços e meu peito.



Depois de um minuto ele recuou, franzindo a testa. — Sookie? — ele perguntou. — Você não está em júbilo?

Tentei pensar no que dizer. Senti-me como uma gigantesca hipócrita. — Eric, eu estou contente que nós não temos mais que nos preocupar com Victor. E eu sei que foi isso o que planejamos. Mas estar rodeada por pessoas mortas e partes de corpos não é minha ideia de um bom lugar para uma comemoração, e eu nunca tive menor tesão em minha vida.

Seus olhos se estreitaram. Ele não gostou de eu ter estragado sua festa. Compreensível.

E era essa a ideia, não era? Achar tudo aquilo *compreensível*. Mas eu ainda odiava, me odiava, não era também afeiçoada por todas essas pessoas. — Você precisa de um pouco de sangue, — eu disse. — Eu realmente lamento muito que você tenha ficado ferido, vá em frente e tome um pouco.

— Você está sendo uma hipócrita, e eu irei tomar sangue, — ele disse, e atacou.

Doeu. Ele não tornou aquilo confortável, uma ação quase automática para um vampiro. Lágrimas correram pelo meu rosto sem que eu quisesse. De uma maneira estranha, eu senti que a dor foi merecida, justificada — mas eu também entendi que aquilo foi um sinal de mudança no nosso relacionamento.

261

Nosso relacionamento parecia ter sido marcado por milhares sinais de mudanças.

Então Bill ficou parado no meu ombro, fitando para a boca de Eric na minha garganta. Sua expressão estava complexa: raiva, ressentimento, saudade.

Eu estava pronta para algo simples, estava pronta para parar a dor. Meus olhos encontraram Bill.

— Xerife, — disse Bill. Sua voz nunca tinha sido serena. Eric se contraiu, e eu sabia que ele tinha ouvido Bill, sabia que Eric percebeu que deveria parar. Mas ele não parou.

Agitei-me independentemente da letargia e autodepreciação, agarrei à força a orelha de Eric, e belisquei tão forte quanto eu pude.

Ele descolou com um suspiro. Sua boca estava ensanguentada.

— Bill vai me levar para casa, — eu disse. — Vamos conversar amanhã à noite. Talvez.





Eric se inclinou para me beijar, mas eu hesitei. Não com aquela boca sangrenta.

— Amanhã, — disse Eric, seus olhos examinando meu rosto. Ele se virou e gritou, — Ouçam, pessoal! Temos que começar a limpeza do bar.

Eles suspiraram como crianças ordenadas para pegarem seus brinquedos. Immanuel caminhou até Colton e o ajudou a levantar. — Você pode ficar na minha casa, — disse Immanuel. — Não é muito longe.

— Eu não vou dormir, — respondeu Colton. — Audrina está morta.

— Nós vamos passar a noite, — Immanuel disse a ele.

Os dois homens humanos deixaram Fangtasia, seus ombros caídos com exaustão e sofrimento. Gostaria de saber como eles se sentiam a respeito da sua vingança agora que ela havia sido cumprida, mas eu sabia que nunca iria perguntar-lhes. Eu poderia nunca vê-los novamente.

Bill pôs seu braço ao meu redor como se eu fosse tropeçar um pouco, e me descobri contente por ele estar ali para me ajudar. Eu sabia que não poderia dirigir sozinha. Eu encontrei minha bolsa, ainda com um par de estacas dentro, e puxei minhas chaves de um bolso interno.

— Onde Bubba foi? — eu perguntei.

— Ele gosta de ir matar o tempo no antigo Auditório Municipal, — respondeu Bill. — Costumava se apresentar lá. Ele irá cavar um buraco, dormir no chão.

Eu acenei com a cabeça. Eu estava cansada demais para dizer qualquer coisa.

Bill não falou outra vez o caminho inteiro para casa, o que foi uma bênção. Eu fitei através do para-brisa para a noite escura, desejando saber como eu me sentiria amanhã. Essa noite ocorreu um monte de assassinato, que foi tão rápido e sanguinário — como assistir a um daqueles filmes pornô com violência. Eu tinha visto alguns segundos de um dos filmes Jogos Mortais, quando eu estive na casa de Jason. Aquilo tinha sido o suficiente para mim.

Eu acreditava plenamente que Victor havia impulsionado aquela ação com sua própria intransigência. Se Felipe tivesse colocado outro alguém no comando da Louisiana, toda a catástrofe não teria ocorrido. Talvez eu pudesse culpar Felipe? Não, a questão tinha que parar por aqui.



— O que você está pensando? — Bill perguntou enquanto estávamos seguindo em minha entrada para carros.

— Eu estou pensando em responsabilidade, culpa e assassinato, — eu respondi.

Ele simplesmente assentiu. — Eu, também. Sookie, você sabe que Victor fez o seu melhor para provocar Eric.

Nós tínhamos estacionado atrás da casa, e eu virei para ele interrogativamente, minha mão na maçaneta da porta do carro.

— Sim, — disse Bill. — Ele estava fazendo o seu melhor para provocar Eric a agir, de forma que ele pudesse matar Eric sem ter que se justificar. É só por causa do melhor planejamento que Eric sobreviveu e Victor não. Eu sei que você ama Eric. — Sua voz permaneceu calma e fria na medida em que falou, e apenas as linhas em torno de seus olhos me disseram o quanto lhe custou. — Você tem que ficar contente, talvez fique amanhã, por esta situação ter acabado do jeito que teve que acabar.

Eu comprimi minha boca por um segundo enquanto eu formava minha resposta. — Eu prefiro Eric vivo a Victor, — eu disse. — É verdade.

— E você sabe que violência foi a única maneira de alcançar esse resultado.

263

Até eu poderia ver isso. Eu fiz que sim com a cabeça.

— Então, por que a crítica depois do ato? — perguntou Bill. Ele estava solicitando minha reação.

Eu deixei de lado a maçaneta da porta e girei para encará-lo. — Foi sangrento e medonho, e as pessoas sofreram, — eu respondi, surpresa com a raiva na minha voz.

— Você achou que Victor morreria sem perder sangue? Você achou que o pessoal de Victor não iria fazer o seu melhor para evitar a morte dele? Você achou que ninguém fosse morrer?

Sua voz estava tão calma e incondicional que eu não fiquei com raiva. — Bill, eu nunca acreditei em nenhuma dessas coisas. Eu não sou ingênua. Mas observar é sempre diferente do planejamento.

Repentinamente, eu fiquei cansada do tema. Tinha acontecido, estava feito, eu tinha que encontrar uma maneira de superar aquilo. — Você já conheceu a Rainha de Oklahoma, — eu perguntei a ele.





— Sim, — ele respondeu, um definitivo sinal de cautela em sua voz. — Por que você pergunta?

— Antes de morrer, Appius de certa forma deu Eric para ela.

Isso chocou Bill. — Você tem certeza?

— Sim. Ele finalmente me contou depois que Pam fez de tudo exceto cravar sua mão na bunda dele e mexer seus dedos para fazê-lo falar.

Bill se afastou, mas não antes de eu ver o sorriso que ele estava tentando suprimir. — Pam é muito determinada quando quer que Eric tome um rumo especial de ação. Eric te disse o que ele pretende fazer sobre essa situação?

— Ele está tentando sair dela, mas evidentemente Appius assinou algo. Quando Appius me disse antes de morrer que eu nunca ficaria com Eric, eu não soube o que ele quis dizer. Eu pensei que ele quis dizer que Eric não iria querer me enganar quando eu ficasse velha e enrugada, ou que teríamos brigas e romperíamos, ou que... Ah, eu não sei. Algo aconteceria para nos separar.

— E agora há algo.

— Bom... sim.

— Você sabe que ele irá se separar de você se ele se casar com a rainha? Eric certamente pode se alimentar de humanos se ele estiver casado com um membro da realeza, e ele pode até mesmo tem um humano de estimação, mas ele não poderá ter uma esposa.

— Isso é o que ele me deu a entender.

— Sookie... não faça nada precipitado.

— Eu já rompi o laço.

Após uma longa pausa, Bill disse, — Isso é uma coisa boa, porque o laço era arriscado para ambos. — Não era exatamente novidade.

— Eu meio que sinto falta da conexão, — eu confessei, — mas ao mesmo tempo é um alívio.

Bill não disse nada. Muito cuidadoso.

— Você alguma vez...? — Eu perguntei.



— Uma vez, há muito tempo, — respondeu ele. Ele não queria falar sobre isso.

— Acabou bem?

— Não, — ele respondeu. Sua voz estava desafinada e não me solicitou para continuar naquela linha de conversação. — Sookie, deixa para lá. Eu estou te dizendo isso não como um ex-namorado, mas como um amigo. Deixe Eric elaborar sua própria opinião a respeito disso. Não lhe faça perguntas. Embora não consigamos tolerar um ao outro, eu sei que Eric vai tentar o seu melhor para sair dessa situação simplesmente porque ele ama a sua liberdade. Oklahoma é muito bonita, e Eric ama a beleza, mas ele já tem isso em você.

Eu deveria estar me sentindo melhor se eu pudesse apreciar um elogio. Gostaria de saber qual era o real nome da rainha. Muitas vezes o governante era chamada pelo nome do reino que ele governava; Bill não quis dizer que o estado era bonito, mas que a mulher que governava suas criaturas da noite era.

Quando eu não respondi, Bill continuou, — Ela também tem muito poder. Isto é, ela possui territórios, subordinados, imóveis, dinheiro do petróleo. — E nós dois sabíamos que Eric amava o poder. Não o poder completo — ele nunca quis ser um rei — mas ele adorava ser capaz de ser o chefe em sua própria área de administração.

265

— Eu entendo o que é poder, — eu disse. — E eu entendo que não tenho poder. Você quer levar o carro até sua casa, ou deixá-lo aqui e atravessar o bosque?

Ele entregou as chaves para mim e disse, — Eu vou atravessar o bosque.

Não havia nada mais a ser dito.

— Obrigada, — eu disse a ele. Abri a porta da varanda, entrei, a tranquei atrás de mim. Abri a porta dos fundos e entrei, acendi a luz da cozinha. Havia um vazio tranquilo na casa, que eu imediatamente achei calmante, e os condicionadores de ar estavam fazendo o seu melhor para deixar tudo fresco.

Apesar de eu ter saído da luta no Fangtasia melhor do que qualquer um, pelo menos fisicamente, me sentia exaurida e contundida. Eu ficaria dolorida no dia seguinte. Desafivelei o cinto e coloquei de volta a dor cluviel na minha gaveta de maquiagem. Tirei o vestido manchado, fui para a varanda dos fundos para atirá-lo na máquina de lavar roupa em molho frio, entrei no chuveiro, deixei a água tão quente quanto eu poderia suportar. Quando eu me lavei completamente, eu mudei a temperatura para fria. Eu estava deliciosamente limpa e fresca quando eu saí para me secar.





Eu me perguntei se eu iria começar a chorar ou a rezar ou sentar em um canto com os olhos bem abertos o resto da noite. Mas nenhuma dessas reações se manifestou. Fui para a cama me sentindo aliviada, como se eu tivesse tido uma cirurgia bem sucedida ou uma biópsia que tivesse terminada com sucesso.

Eu pensei, conforme eu me enrolei como uma bola e me acomodei para dormir, que o fato de que eu poderia dormir esta noite era quase mais assustador do que qualquer outra coisa.



Capítulo Dezessete

TODAS AS MULHERES EM MINHA SALA DE ESTAR estavam felizes. Algumas delas estavam mais felizes do que as outras é verdade, mas nenhuma estava deprimida. Elas estavam ali para dar presentes a alguém que os merecia, e estavam felizes por Tara estar esperando gêmeos. Todos os papéis de seda amarelos, verdes, azuis e rosas estavam amontoados de um modo quase incontável, mas Tara estava ganhando um monte de coisas que ela queria e precisava.

Dermot estava ajudando discretamente com os refrescos e ensacando os papéis de presentes rasgados para manter o chão limpo. Algumas das minhas convidadas mais velhas estavam definitivamente no estágio de bamboleio, então não precisávamos de nada no chão que pudesse fazê-las escorregar. A mãe e a avó de JB estavam aqui, e sua avó tinha no mínimo setenta e cinco anos.

Quando Dermot chegou à porta dos fundos mais cedo, eu o deixei entrar e voltei para meu café sem uma palavra. Tão logo que ele esteve à porta, eu me senti melhor de forma mensurável. Talvez eu não tivesse percebido o contraste destas últimas semanas porque eu estive tão envolvida com o vínculo de sangue? Eu estive sob influência de um monte de coisas sobrenaturais. Eu não podia dizer que me sentia melhor sendo só eu mesma, mas certamente me deixou mais em contato com a realidade.

Uma vez que minhas convidadas deram uma boa olhada em Dermot e perceberam que ele parecia muito com Jason, houve muito arqueamento de sobrancelhas. Eu contei a elas que ele era um primo distante da Flórida, e eu ouvi de um monte de cérebros que as senhoras iriam consultar suas árvores genealógicas em busca de uma conexão da minha família com a Flórida.

Senti-me como eu mesma hoje. Senti-me como se estivesse fazendo o que eu deveria estar fazendo, na comunidade onde eu vivia. Eu podia nem ser a mesma pessoa que participou de um massacre na noite anterior.

Tomei um gole da minha xícara de vidro. O ponche de Maxine tinha se revelado um sucesso, o bolo que eu escolhi na padaria estava delicioso, meus palitos de queijo estavam crocantes e temperadinhos, e as nozes salgadas estavam suficientemente torradas.



Jogamos Baby Bingo⁷¹ enquanto Tara abria seus presentes, e ela enrubescia dizendo “Obrigada” mais ou menos um milhão de vezes.

Senti-me mais e mais como a velha Sookie Stackhouse enquanto o evento progredia. Eu estava cercada de pessoas que entendia, fazendo uma coisa boa.

Como uma espécie de bônus, a avó de JB me contou uma história encantadora sobre minha avó. Interpretando de modo geral, foi uma tarde boa.

Quando eu entrei na cozinha com uma bandeja cheia de pratos sujos, eu pensei, *Isso é felicidade. Ontem à noite eu não fui o meu verdadeiro eu.*

Mas havia sido. Eu sabia — mesmo enquanto pensava nisso — que eu não seria capaz de me enganar. Eu mudei para sobreviver, e estava pagando o preço pela sobrevivência. Eu tinha que estar disposta a mudar para sempre, ou tudo que me forcei a fazer seria para nada.

— Você está bem, Sookie? — Dermot perguntou, quando trazia mais copos.

— Sim, obrigada. — Eu tentei sorrir para ele mais senti que foi um esforço inútil.

Houve uma batida na porta dos fundos. Eu supus que fosse uma convidada atrasada, tentando entrar discretamente.

Sr. Cataliades estava lá parado. Ele estava vestindo um terno, como sempre, mas pela primeira vez parecia ter sido a pior escolha. Ele não parecia tão circular quanto já foi, mas estava sorrindo educadamente. Eu fiquei surpresa com sua presença e não completamente certa de querer falar com ele, mas se ele fosse o cara que podia responder grandes perguntas sobre a minha vida, eu realmente não tinha muita escolha. — Entre, — eu disse a ele, permanecendo atrás da porta e mantendo-a aberta.

— Srta. Stackhouse, — ele disse formalmente. — Obrigado por me receber.

Ele olhou para Dermot, que estava lavando os pratos cuidadosamente, orgulhoso por eu ter lhe confiado a boa porcelana de minha avó. — Jovem homem, — ele disse em reconhecimento.

Dermot virou-se e congelou. — Demônio, — ele disse. Então voltou para a pia, mas eu podia dizer que ele estava pensando furiosamente.

⁷¹ Cada equipe ou convidada recebe uma cartela que contém itens da lista de presentes do chá de bebê. Entre uma brincadeira e outra a grávida vai abrindo os presentes. Pode ser uma quantidade x (cinco por exemplo) de uma vez e aí aplica-se outra brincadeira. Enquanto isso, as convidadas vão marcando na cartela os presentes que já foram abertos. Ganha quem termina a cartela primeiro e gritar “BABY BINGO!” (Exemplo de cartela: <http://migre.me/56Z30> - em inglês.)



— Você está tendo uma ocasião social? — Sr. Cataliades me perguntou. — Posso dizer que há muitas mulheres nesta casa.

Eu não havia nem mesmo notado a cacofonia das vozes femininas flutuando pelo corredor, mas parecia como se tivesse umas sessenta mulheres na sala de estar em vez de vinte e cinco. — Sim, — eu concordei. — Tem sim. É um chá de bebê para uma amiga minha.

— Talvez eu possa sentar-me à mesa da sua cozinha e esperar acabar? — ele sugeriu. — Talvez algo para comer?

Lembrando-me das minhas boas maneiras, eu disse, — Claro, pode pegar o quanto quiser! — Eu rapidamente fiz um sanduíche de presunto, coloquei algumas batatas chips e pickles para fora e preparei um prato separado com as guloseimas da festa. Eu até o servi um copo com ponche.

Os olhos escuros do Sr. Cataliades brilharam ao ver a comida na frente dele. Podia não ser tão sofisticada quanto ao que ele estava acostumado (apesar de eu saber que ele comia ratos crus), mas ele engoliu com vontade. Dermot parecia bem, se não exatamente relaxado, por estar no mesmo cômodo que o advogado, então eu os deixei agindo de uma forma positiva e voltei para a sala de estar. A anfitriã não podia ficar longe por muito tempo; não seria educado.

Tara abriu todos os presentes. Sua assistente na loja, McKenna, havia anotado todos os presentes e quem a havia dado, e amarrou o cartão com cada presente. Cada uma estava falando sobre sua própria gravidez e parto — oh, alegria — e Tara estava respondendo perguntas sobre seu obstetra, o hospital onde ela faria o parto, que nomes eles tinham pensado para os bebês, se eles sabiam os sexos dos gêmeos, até que momento ela previa a data, e assim por diante. Gradualmente, as convidadas começaram a partir, e quando todas foram embora eu tive que evitar as ofertas sinceras de Tara, da sua sogra e também da namorada de Jason, Michelle, para ajudar com a louça. Eu disse a elas, — Não senhoras, basta deixá-las lá, este é trabalho meu, — e pude ouvir as palavras de minha avó flutuando para fora da minha boca. Isso quase me fez rir. Se não tivesse um demônio e uma fada em minha cozinha, eu poderia mesmo ter rido. Colocamos todos os presentes dentro dos carros de Tara e de sua sogra, e Michele me disse que ela e Jason fariam bagre frito no próximo fim de semana e queriam que eu fosse. Eu disse que veria, aquilo soou maravilhoso.

Foi um alívio enorme quando todas as humanas foram embora.

Eu teria me arremessado na cadeira e lido por trinta minutos ou assistido um episódio de *Jeopardy!* antes de começar a limpar tudo se eu não tivesse os dois homens esperando em minha cozinha. Em vez disso, eu tive que marchar de volta carregando mais alguns pratos e copos.



Para minha surpresa, Dermot havia saído. Eu não tinha notado seu carro passar pela entrada de carros, mas presumi que ele se misturou com todas as outras convidadas que partiram. Sr. Cataliades estava sentado na mesma cadeira, bebendo uma xícara de café. Ele havia colocado seu prato na pia. Não havia lavado, mas havia levado até lá.

— Então, — eu disse, — elas foram embora. Você não comeu Dermot, comeu?

Ele sorriu radiantemente para mim. — Não, querida Srta. Stackhouse, eu não comi. Embora eu tenha certeza de que ele seria saboroso. O sanduíche de presunto estava delicioso.

— Fico feliz que tenha gostado, — eu respondi automaticamente. — Ouça, Sr. Cataliades, eu encontrei uma carta da minha avó. Não estou certa de ter entendido nosso relacionamento corretamente, ou talvez eu apenas não tenha entendido o que significa você ser meu padrinho.

Seu sorriso se intensificou. — Apesar de eu estar com um pouco de pressa, farei tudo que puder para dissipar sua confusão.

— Ok. — Eu desejei saber o porquê dele estar com pressa, se ainda estava sendo perseguido, mas não me desviaria do assunto. — Permita-me mais ou menos repetir novamente e aí você me diz se eu entendi direito.

Ele assentiu com sua cabeça redonda.

— Você foi um bom amigo de meu avô biológico, Fintan. Irmão de Dermot.

— Sim, o gêmeo de Dermot.

— Mas você parece não gostar de Dermot.

Ele deu de ombros. — Não gosto.

Eu quase sai pela tangente nesse ponto, mas mantive minha série de pensamentos. — Então, Fintan ainda estava vivo quando Jason e eu nascemos.

Desmond Cataliades assentiu entusiasticamente. — Sim, ele estava.

— Minha avó disse em sua carta que você visitou meu pai e sua irmã, os filhos verdadeiros de Fintan.

— Eu estava aqui.

— Então, você deu a eles um presente?

— Eu tentei, mas não puderam aceitá-lo. Nem todos tiveram a centelha essencial.

Aí estava uma frase que Niall havia usado. — O que é a centelha essencial?





— Que pergunta inteligente! — disse Sr. Cataliades, observando-me como se eu fosse um macaco que tinha aberto um alçapão para recuperar uma banana. — O presente que eu dei ao meu querido amigo Fintan foi que qualquer um de seus descendentes humanos que possuíssem a centelha essencial seria capaz de ler mentes de seus companheiros humanos, como eu posso.

— Então, quando aconteceu de meu pai e tia Linda não terem a centelha, você voltou quando Jason e eu nascemos.

Ele fez que sim com a cabeça. — Ver vocês não era absolutamente necessário. Afinal de contas, o presente já havia sido dado. Mas visitando Jason e depois você, eu pude ter certeza. Eu fiquei muito animado quando te segurei, embora eu pense que sua pobre avó ficou assustada.

— Então somente eu e— eu sufoquei o nome de Hunter. Sr. Cataliades havia escrito o testamento de Hadley, e ela não havia mencionado Hunter. Era possível que ele não soubesse que Hadley teve um filho. — Só eu tenho isso até agora. E você ainda não me explicou o que é a centelha.

Ele me deu um olhar astuto como se afirmasse que tinha certeza de que não conseguiria esconder nada de mim. — A centelha essencial não é nada fácil de definir em termos do seu DNA, — ele me disse. — É uma abertura para o outro mundo. Alguns humanos literalmente não conseguem acreditar que existam criaturas em outro mundo além do nosso, criaturas que tem sentimentos, direitos, crenças e merecem viver suas próprias vidas. Humanos que nascem com a centelha essencial nascem para experimentar ou executar algo maravilhoso, algo incrível.

Eu fiz algo bem incrível na noite passada, mas certamente não foi maravilhoso... a não ser que você odiasse vampiros.

— Vovó tinha a centelha essencial, — eu disse de repente. — Então Fintan pensou que encontraria isso também em um de nós.

— Sim, apesar dele naturalmente nunca querer que eu desse a ela meu presente. — Sr. Cataliades olhou ansiosamente para a geladeira, e eu levantei para fazer outro sanduíche de presunto. Dessa vez eu fatiei um pouco de tomate fresco e coloquei em um pequeno prato, e ele empilhou cada pedaço no sanduíche e ainda conseguiu comê-lo de modo limpo. Aquilo sim foi sobrenatural.

Quando terminou metade do sanduíche, Sr. Cataliades fez uma pausa para dizer, — Fintan amava humanos, e ele amava especialmente mulheres humanas, e amava mais ainda mulheres humanas com a centelha essencial. Elas não são fáceis de encontrar. Ele adorava tanto Adele que colocou o portal no bosque para que pudesse visitá-la com mais facilidade, e temo que ele fosse travesso demais para...

E foi a vez do Sr. Cataliades parar e me olhar desconfortavelmente, medindo suas palavras.



— Ele capturava meu avô para um test drive de vez em quando, — eu disse. — Dermot reconheceu Fintan em algumas fotos de família.

— Temo que tenha sido muito impróprio da parte dele.

— Sim, — eu disse pesadamente. — Foi muito impróprio.

— Ele teve muitas esperanças quando seu pai nasceu, e eu estive aqui um dia depois para inspecioná-lo, mas ele era completamente normal, porém naturalmente atrativo e magnético, como aqueles que são parte fae são. Linda, a segunda criança, também era. E sinto muito pelo câncer, que não deveria ter acontecido. Eu culpo o ambiente por isso. Ela devia ter sido perfeitamente saudável a vida toda. Seu pai teria sido, se a horrível rivalidade entre as fadas não tivesse irrompido. Talvez se Fintan tivesse sobrevivido, a saúde de Linda tivesse permanecido com ela. — Sr. Cataliades deu de ombros. — Adele tentou contatar Fintan para perguntar se havia algo que ele pudesse fazer por Linda, mas àquela altura ele já tinha falecido.

— Pergunto-me por que ela não usou o cluviel dor para curar o câncer de tia Linda.

— Não sei, — ele disse, com aparente pesar. — Conhecendo Adele, eu imagino que ela não achou que aquilo fosse Cristão. É possível que ela nem ao menos se lembrasse de que o possuía naquela época, ou ela o estimou apenas como um símbolo de amor, nada mais. Afinal de contas, na época em que a doença de sua filha se tornou evidente, havia se passado muitos anos desde que eu lhe dei o presente em nome de Fintan.

Eu pensei bastante, tentando aparar a conversa para descobrir o que eu precisava saber. — Por que diabos você pensou que telepatia seria um presente tão bom?

Eu deixei escapar.

Pela primeira vez, ele pareceu um pouco ofendido. — Eu pensei que isso daria aos descendentes de Fintan uma vantagem sobre os seus companheiros humanos por toda a vida deles, saber o que outras pessoas estão pensando e planejando, — ele respondeu. — E já que eu sou quase completamente demônio, e tinha isso para dar, pareceu um presente esplêndido para mim. Seria maravilhoso até mesmo para uma fada! Se seu bisavô tivesse sabido que os partidários de Breandan estavam determinados a assassiná-lo, ele poderia ter oprimido a rebelião antes que ela se propagasse. Seu pai poderia ter salvado a si mesmo e à sua mãe do afogamento se soubesse que uma armadilha havia sido armada para ele.

— Mas essas coisas não aconteceram.



— As fadas puras não são telepáticas — embora às vezes possam enviar mensagens, mas não podem ouvir uma resposta — e seu pai não tinha a centelha essencial.

Esse parecia ser um tipo de conversa sem fim.

— Então tudo se resume a isso: já que vocês dois eram bons amigos, Fintan te pediu para que desse aos seus descendentes e de Adele um presente, para ser o deles — nosso — padrinho.

Sr. Cataliades sorriu. — Correto.

— Você esteve disposto a fazer isso, e acreditou que telepatia seria um magnífico presente.

— Correto novamente. Embora pareça que eu estive equivocado.

— Você esteve. E você deu esse presente de um jeito demoníaco misterioso —

— Não tão misterioso, — ele disse com raiva. — Adele e Fintan beberam, cada um, um gole do meu sangue.

Ok, eu *não* conseguia imaginar minha avó fazendo aquilo. Mas por outro lado, eu também não conseguia imaginá-la se consorciando com uma fada. Na verdade, havia se tornado óbvio que eu conhecia minha avó muito bem em alguns aspectos, mas não muito bem em outros.

— Eu coloquei no vinho e disse a ela que era de uma safra especial, — Sr. Cataliades confessou. — E era de alguma forma.

— Ok, você mentiu. Sem grande surpresa até aqui, — eu disse. Embora vovó tivesse sido muito esperta, eu tinha certeza de que ela ao menos teve suspeitas. Agitei minhas mãos no ar. Eu podia pensar nisso depois. — Sem problemas. Então depois de ambos ingerirem seu sangue, qualquer descendente deles seria telepata se também tivesse nascido com essa centelha essencial.

— Correto. — Ele sorriu tão amplamente que eu senti como se tivesse tirado um A num teste.

— E minha avó nunca usou o cluviel dor.

— Não, só pode ser usado uma vez. Um lindo presente de Fintan para Adele.

— Eu posso usá-lo para me livrar da telepatia?

— Não, minha querida, seria como desejar retirar seu baço ou seus rins. Mas é um pensamento interessante.



Então eu não poderia ajudar Hunter com ele. Nem a mim mesma. Droga.

— Posso matar alguém com ele?

— Sim, claro, se esse alguém estiver pondo em risco quem você ama. Diretamente. Você não poderia causar a morte do seu fiscal da receita... a não ser que ele estivesse ameaçando seu irmão com um machado, por assim dizer.

— Foi coincidência Hadley ter se envolvido com a rainha?

— Não realmente, porque ela foi parte fada, e como você sabe, a parte fada é muito atraente para os vampiros. Era só uma questão de tempo antes que um vampiro entrasse no bar e visse você.

— Ele foi enviado pela rainha.

— Não diga. — Cataliades não pareceu nem um pouco surpreso. — A rainha nunca me perguntou sobre o dom, e eu nunca contei a ela que era seu padrinho. Ela nunca prestou muita atenção no mundo dos fae, a menos que ela quisesse beber sangue feérico. Ela certamente nunca se importou com quem meus amigos eram ou como eu gastava meu tempo.

— Quem está atrás de você agora?

— Uma pergunta pertinente, minha cara, mas uma que não posso responder. De fato, fui capaz de senti-los se aproximando nesta última meia-hora, e eu devo partir. Eu percebi algumas proteções excelentes em sua casa, e devo lhe parabenizar. Quem as colocou?

— Bellenos. Um elfo. Ele está no clube chamado Hooligans em Monroe.

— Bellenos. — Sr. Cataliades parecia pensativo. — Ele é meu primo de quinto grau pelo lado de minha mãe, eu acho. A propósito, de jeito nenhum deixe a gentalha que está reunida no Hooligans saber que você tem um cluviel dor, porque eles a matariam por ele.

— O que você acha que eu deveria fazer com ele? — eu perguntei com curiosidade. Ele estava de pé endireitando o paletó de seu terno azul royal. Apesar de estar quente lá fora e dele ser grande, ele não estava suando quando eu o deixei entrar. — E onde está Diantha? — Sua sobrinha era tão diferente dele quanto você pode imaginar, e eu tipo que gostava dela.

— Ela está longe e segura, — ele disse sucintamente. — E quanto ao cluviel dor, eu não posso lhe aconselhar. Já fiz demais por você, aparentemente. — E assim, ele estava do lado de fora da porta dos fundos. Eu peguei um vislumbre de seu pesado corpo se movendo em uma velocidade incrível pelo quintal, e então ele simplesmente ficou fora de vista.





Bem, aquilo foi completamente incrível — e agora eu fiquei sem presunto.

Que conversa esclarecedora — de certa maneira. Agora eu sabia mais sobre meu passado. Eu sabia que minha telepatia era algum tipo de presente de chá de bebê pré-natal de Desmond Cataliades para seu amigo Fintan, a fada e minha avó. Aquela foi uma revelação incrível por si só.

Depois que terminei de pensar a respeito ou, pelo menos, após ponderar sobre aquilo tanto quanto eu pude suportar, pensei na referência do Sr. Cataliades à “gentalha” do Hooligans. Ele tinha uma opinião desfavorável sobre a reunião dos exilados. Desejei saber mais do que nunca o que os fae estavam fazendo em Monroe, sobre o que estavam tramando e planejando. Não podia ser nada bom. E eu pensei em Sandra Pelt, ainda lá fora em algum lugar e determinada a me ver morrer.

Quando minha cabeça ficou exausta, deixei minhas mãos tomarem o controle. Guardei as sobras de comida, transferindo-as das lindas travessas de servir para sacos Ziploc⁷². Eu lavei o epergne⁷³ e algumas tigelas de vidro lapidado. Eu olhei pela janela enquanto as enxaguava, e foi assim que eu vi duas listras cinza cruzando o pátio com grande velocidade. Eu não consegui identificar o que eu tinha visto, e quase chamei o centro de controle de zoonoses. Mas então eu percebi que as criaturas estavam perseguindo o advogado meio-demônio, e pela velocidade na qual estavam se movendo, eles já deviam estar longe. Além do mais, não seria esperto tentar atrair algo que se mova assim para uma jaula na traseira de uma caminhonete. Eu esperava que Sr. Cataliades estivesse usando seus tênis de correr. Não tinha checado.

275

Justamente quando terminei de limpar tudo e vesti shorts jeans desfiado e uma regata marrom, Sam ligou. Não havia sons do bar ao fundo: nada de gelo tilintando nos copos, nada de jukebox, nada de tagarelice. Ele devia estar em seu trailer. Mas era sábado, antes do anoitecer, quando o Merlotte’s começaria a ficar movimentado. Talvez ele tivesse um encontro com Jannalynn?

— Sookie, — ele disse, sua voz parecendo suspeita. Meu estômago instantaneamente deu um nó. — Você pode vir à cidade? Venha até o trailer. Alguém deixou um pacote para você no bar.

— Quem? — eu perguntei. Eu estava olhando para o espelho da sala de estar enquanto falava com Sam, e vi que eu parecia tensa e assustada.

⁷² Sacos plásticos de armazenamento reutilizável para várias finalidades, com fecho dentado protegendo alimentos contra vazamentos e a entrada de fungos e bactérias.

http://www.chow.com/assets/2009/06/wtf_ziplocB.jpg

⁷³ Prato ornamental com divisões para frutas e doces que também serve como adorno para centro de mesa.

<http://www.trendir.com/dining-entertaining/table-centerpiece-epergne.jpg>





— Eu não o conheço, — Sam respondeu. — Mas é com certeza uma caixa legal com um grande laço. Talvez você tenha um admirador secreto. — Sam enfatizou aquelas palavras, mas não de uma forma óbvia.

— Eu acho que sei quem pode ser, — eu disse, colocando um sorriso em minha voz. — Claro, Sam, eu irei. Ah, espere! Você poderia trazê-lo aqui? Eu ainda estou limpando as coisas da festa. — Aqui seria bem mais silencioso.

— Deixe-me ver, — Sam disse. Houve um silêncio enquanto ele cobriu o microfone do telefone com sua mão. Eu podia ouvir uma conversa abafada, nada específico. — Isso vai ser ótimo, — ele disse, soando como fosse qualquer coisa, exceto ótimo. — Estaremos a caminho em alguns minutos.

— Fantástico, — eu disse, genuinamente agradecida. Isso me deu um pouco de tempo para planejar uma recepção. — Vejo você depois. — Depois que eu desliguei, eu permaneci parada por um segundo organizando meus pensamentos antes de ir até o armário da frente para pegar minha espingarda. Eu a examinei para ver se estava pronta. Esperando ganhar um elemento surpresa, eu decidi me esconder no bosque. Amarrei uns tênis de corrida e saí pela porta dos fundos, feliz por ter colocado uma blusa de cor escura.

Não foi a caminhonete de Sam que entrou pela entrada de carros, foi o pequeno carro de Jannalynn. Jannalynn estava dirigindo, Sam estava no banco do passageiro ao lado dela, e mais alguém estava no banco traseiro.

Jannalynn saiu primeiro e olhou em volta. Ela podia sentir meu cheiro, sabia que eu estava por perto. Ela provavelmente podia sentir o cheiro da arma também. Ela sorriu, e foi um sorriso horrível. Ela esperava que eu atirasse na pessoa que os obrigou a vir aqui, atirasse para matar.

Claro, a pessoa apontando uma arma para eles, a pessoa no banco traseiro, era Sandra Pelt. Sandra saiu com um rifle em sua mão e apontou para o carro, permanecendo a uma distância segura. Então Sam saiu do carro. Ele estava absolutamente nervoso; eu podia dizer pela postura de seus ombros.

Sandra parecia mais velha, mais magra, e mais maluca do que há alguns dias atrás. Ela tingiu seu cabelo de preto, e suas unhas combinavam. Se ela fosse outra pessoa, eu teria piedade de seus pais mortos, da sua irmã morta, de seus problemas mentais. Mas minha pena cessou quando esse alguém apontava um rifle para pessoas com a qual eu me importava.

— Apareça, Sookie! — Sandra gritou. — Apareça! Eu te peguei agora, seu pedaço de merda!

Sam se moveu discretamente à direita de Sandra, tentando se virar para encará-la. Jannalynn, também, começou a se mover em volta do carro. Sandra, com medo de perder



o controle da situação, começou a gritar com eles. — Fiquem parados, não se movam, ou eu atiro em todo mundo! Você, vadia! Você não quer ver a cabeça dele explodir, quer? Seu pequeno namorado cãozinho?

Jannalynn balançou sua cabeça. Ela estava usando shorts também, e uma camiseta do Hair of the Dog. Tinha farinha em suas mãos. Ela e Sam estiveram cozinhando.

Eu podia deixar isso se agravar, ou podia agir. Eu estava longe demais, mas tinha que arriscar. Sem responder à Sandra, eu sai dos bosques e atirei.

O ruído de uma Benelli⁷⁴ vindo de uma direção inesperada pegou todos de surpresa. Eu vi manchas vermelhas aparecerem no braço esquerdo de Sandra e em sua bochecha, e ela cambaleou por um momento em estado de choque. Mas aquilo não impediria uma Pelt, não impediria. Sandra manejou seu rifle e mirou em mim. Sam saltou nela, mas Jannalynn chegou primeiro. Jannalynn agarrou o rifle, puxou com força das mãos de Sandra, e o arremessou para longe, e então a batalha começou. Eu nunca havia visto duas pessoas brigarem assim, e dado a minha recente experiência aquilo dizia alguma coisa.

Eu não conseguia encontrar uma forma de atirar em Sandra novamente, não com Jannalynn saindo no braço com ela. As duas mulheres tinham mais ou menos o mesmo tamanho, baixas e musculosas, mas Jannalynn nasceu para a batalha enquanto Sandra estava mais acostumada a brigas rápidas. Sam e eu circulamos em volta delas enquanto elas davam socos, mordiam, puxavam os cabelos e faziam tudo o que possivelmente podiam fazer uma contra a outra. Muitos danos foram infligidos em ambos os lados, e depois de alguns segundos a lateral do corpo de Jannalynn ficou manchada de vermelho, e o fluxo que corria da ferida causada pelo rifle de Sandra havia acelerado. Sam se enfiou entre a dupla briguenta — era como colocar a mão no ventilador — para agarrar e puxar o cabelo de Sandra, e ela gritou como uma banshee⁷⁵ e liberou um punho para socar Sam na cara. Ele se manteve agarrado ao cabelo dela, apesar de eu achar que ela tivesse quebrado o nariz dele.

Senti-me obrigada a fazer minha parte — afinal de contas, isso era culpa minha — então eu esperei minha vez. Estranhamente foi como esperar para pular corda na próxima volta como quando acontecia no pátio da escola primária. Quando vi meu momento, me lancei para dentro da zona de luta e agarrei a primeira coisa que veio em minhas mãos, o braço esquerdo de Sandra. Com seu ímpeto dominado, ela não pode acertar o soco que

⁷⁴ Benelli é uma marca de armas de fogo. <http://www.cacicentro.com/images/espingardas-semi-automaticas/12.jpg>

⁷⁵ Da mitologia celta, as banshees são as mais obscura das fadas irlandesas. O folclore irlandês diz que quando alguém avistava uma banshee sabia que seu fim estava próximo e os dias restantes de sua vida podiam ser contados pelos gritos dela, cada grito era um dia de vida e, se apenas um grito fosse ouvido, a morte chegaria naquela mesma noite.



estava mirando no rosto de Jannalynn. Ao invés disso, Jannalynn ergueu um de seus próprios pequenos punhos e arrancou a consciência de Sandra Pelt.

De repente eu estava segurando o ombro de uma mulher que havia ficado completamente mole. Eu larguei, e ela caiu no chão. Sua cabeça pendeu de uma forma estranha.

Jannalynn havia quebrado seu pescoço. Eu não sabia se Sandra estava viva ou morta.

— Foda-se, — Jannalynn disse, satisfeita. — Foda-se, foda-se, foda-se bem fodido.

— Amém, — disse Sam.

Eu explodi em lágrimas. Jannalynn parecia indignada. — Eu sei, eu sei, — eu disse desesperadamente, — mas eu vi um monte de gente sendo morta na noite passada, e mais essa pessoa foi simplesmente além da conta! Me desculpe, pessoal. — Eu acho que Sam teria me abraçado se Jannalynn não estivesse bem ali. Eu sei que ele pensou nisso. Essa era a coisa importante.

— Ela não se foi completamente, — Jannalynn disse depois de um momento de concentração na inerte Sandra, e antes que eu ou Sam pudéssemos dizer qualquer coisa, ela se ajoelhou ao lado de Sandra, cerrou seus punhos, e golpeou o crânio dela.

E foi isso.

Sam olhou do cadáver para mim. Eu não sabia o que dizer ou fazer. Tenho certeza que meu rosto refletiu aquela impotência.

— Bem, — disse Jannalynn animadamente, tirando o pó de suas mãos com o ar de alguém que finalmente concluiu uma tarefa desagradável, — o que devemos fazer com o corpo?

Talvez eu devesse instalar um crematório no meu quintal. — Deveríamos chamar o xerife? — eu perguntei, já que me senti obrigada a, pelo menos, sugerir isso.

Sam pareceu perturbado. — Mais notícias ruins para o bar, — ele respondeu. — Perdão por pensar nisso, mas eu preciso.

— Ela pegou vocês como reféns, — eu disse.

— Nós que o digamos.

Eu entendi o que Sam quis dizer.

Jannalynn disse, — Eu não acho que alguém tenha nos visto deixando o bar com ela. Ela estava abaixada no banco traseiro.





— O carro dela ainda está lá em casa, — Sam disse.

— Eu conheço um lugar onde ela nunca será encontrada, — eu me ouvi dizer, para minha própria e completa surpresa.

— Onde seria isso? — Jannalynn perguntou. Ela olhou para mim, e eu poderia dizer que nunca seríamos melhores amigas ou pintaríamos as unhas uma da outra. Ooohhh.

— Vamos jogá-la no portal, — eu disse.

— O quê? — Sam ainda estava olhando para o corpo, parecendo enjoado.

— Vamos jogá-la no portal das fadas.

Jannalynn me olhou boquiaberta. — Há fadas aqui?

— Não no momento. É difícil explicar, mas eu tenho um portal no meu bosque.

— Você é completamente... — Ela parecia não conseguir pensar em como terminar a frase. — Uma completa surpresa, — ela disse finalmente.

— Isso é o que todo mundo diz.

Já que Jannalynn ainda estava sangrando, eu me inclinei para pegar os pés de Sandra. Sam pegou seus ombros. Ele parecia ter superado o pior do choque. Ele estava respirando pela boca, uma vez que seu nariz quebrado estava obstruído. — Para onde seguimos? — ele perguntou.

— Ok, fica a mais ou menos uns quatrocentos metros naquela direção. — Movi minha cabeça na direção correta, já que minhas mãos estavam ocupadas.

Então lá fomos nós, vagarosa e desajeitadamente. O sangue havia parado de pingar, ela era leve e tudo correu bem, tanto quanto carregar um corpo pelo bosque pode correr bem. Eu disse, — Eu acho que em vez de chamar este lugar de Stackhouse, vou chamá-lo de Fazenda de Corpos.

— Como aquele lugar no Tennessee? — Jannalynn perguntou, para minha surpresa.

— Certo.

— Patricia Cornwell⁷⁶ escreveu um livro com este nome, não escreveu? — Sam perguntou, e eu quase sorri. Esse era um debate muito civilizado para ser feito sob aquela circunstância. Talvez eu ainda estivesse um pouco entorpecida por causa da noite passada,

⁷⁶ Patricia Cornwell, é uma escritora norte-americana de romances policiais. O livro em questão é o “The Body Farm” (A Fazenda de Corpos) de 1994.



ou talvez estivesse seguindo no meu processo de insensibilidade para sobreviver no mundo ao meu redor, mas eu descobri que simplesmente não me importava muito com Sandra. Os Pelts tiveram uma vingança pessoal contra mim por nenhuma boa razão por um longo tempo, e agora havia acabado.

Eu finalmente entendi algo a respeito do caos da noite passada. Não foram as mortes individuais que eu achei tão horríveis, mas o nível de violência, o completo horror de ver tanta coisa dispensada e admitida... Assim como eu achei a execução de Sandra por Jannalynn a coisa mais perturbadora no encontro de hoje. A não ser que eu estivesse enganada, Sam achou também.

Nós chegamos ao pequeno espaço aberto entre as árvores. Eu estava contente de ver a pequena distorção no ar que denunciava o portal para o mundo das fadas. Apontei silenciosamente, como se os fae pudessem me ouvir (e por tudo que eu sabia, eles podiam). Depois de um segundo ou dois, Jannalynn e Sam localizaram o que eu estava tentando mostrar para eles. Eles olharam com curiosidade, e Jannalynn foi mais longe ao colocar seu dedo dentro do portal. Seu dedo sumiu de vista, e com um uivo, ela puxou sua mão de volta. Ela ficou definitivamente aliviada por ver que seu dedo continuava no lugar.

— No três, — eu disse, e Sam assentiu. Ele se moveu do final do corpo de Sandra para a lateral, e tão facilmente como se tivéssemos praticado, nós enfiámos o cadáver para dentro do buraco mágico. Não teria funcionado se ela não fosse tão pequena.

Então nós esperamos.

O cadáver não foi cuspidos de volta. Ninguém pulou com uma espada para reclamar nossas vidas por profanar a terra dos fae. Ao invés disso, ouvimos um ranger de dentes e um latido, e todos nós congelamos, nossos olhos bem abertos e nossos braços tensos, esperando por alguma coisa sair do portal, algo com que teríamos que lutar.

Mas nada saiu. Os ruídos continuaram, e eles eram bastante ilustrativos: rasgando e despedaçando, mais ranger de dentes, e então depois de alguns sons tão perturbadores que eu nem tentarei descrever, houve silêncio. Eu presumi que não havia sobrado nada de Sandra.

Caminhamos de volta com dificuldade através do bosque até o carro. As portas estavam abertas, e a primeira coisa que Sam fez foi fechá-las para parar a campainha. Havia manchas de sangue no chão. Eu desenrolei a mangueira de jardim e abri a torneira. Sam molhou as manchas e deu uma bela enxaguada no carro de Jannalynn enquanto continuava. Num momento angustiante — *outro* momento angustiante — Jannalynn colocou o nariz quebrado de Sam no lugar, e embora ele tenha gritado e lágrimas terem brotado de seus olhos, eu sabia que seu nariz iria se curar bem.

O rifle de Sandra seria um problema maior do que o corpo havia sido. Eu não usaria o portal como um depósito de lixo, e era assim que pareceria se eu atirasse o rifle



logo depois do corpo. Depois de alguma discussão, Jannalynn e Sam decidiram atirá-lo no bosque em seu caminho de volta ao trailer de Sam, e eu acho que foi isso que eles fizeram.

Eu fui deixada sozinha em minha casa depois de dois dias realmente incríveis e horríveis. Horivelmente incríveis? Incrivelmente horríveis? Ambos.

Eu sentei em minha cozinha, um livro aberto sobre a mesa diante de mim. O sol ainda reluzia no quintal, mas as sombras estavam se desenvolvendo. Pensei no cluviel dor, do qual não tive chance de usá-lo no encontro no quintal. Eu deveria carregá-lo comigo a cada minuto do dia? Perguntei-mese as coisas cinza que estavam atrás do Sr. Cataliades já o alcançaram, e desejei saber se me sentiria triste se eles conseguissem. Perguntei-mese os vampiros deixaram o Fangtasia limpo até a hora da abertura, e me perguntei se eu ligaria para o bar para descobrir. Haveria humanos lá para atender ao telefone: Mustapha Khan, talvez seu amigo Warren.

Perguntei-mese Eric já havia conversado com Felipe sobre o desaparecimento do Regente da Louisiana. Desejei saber se Eric havia escrito para a Rainha de Oklahoma.

Talvez o telefone tocasse quando a noite caísse. Talvez não. Eu não conseguia decidir o que queria.

O que eu queria era fazer algo completamente normal.

Caminhei com os pés descalços até a sala de estar com um grande copo de chá gelado. Hora de assistir alguns de meus episódios gravados de *Jeopardy!*

Criaturas Perigosas por duzentos, alguém?

Fim

A Série Sookie Stackhouse Continua em

DEADLOCKED

TRUEBLOOD

A Série de tv baseada nas crônicas de Sookie Stackhouse



SUCK
ON
THIS.

